



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro Biomédico

Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro

Nilcéia Nascimento de Figueiredo

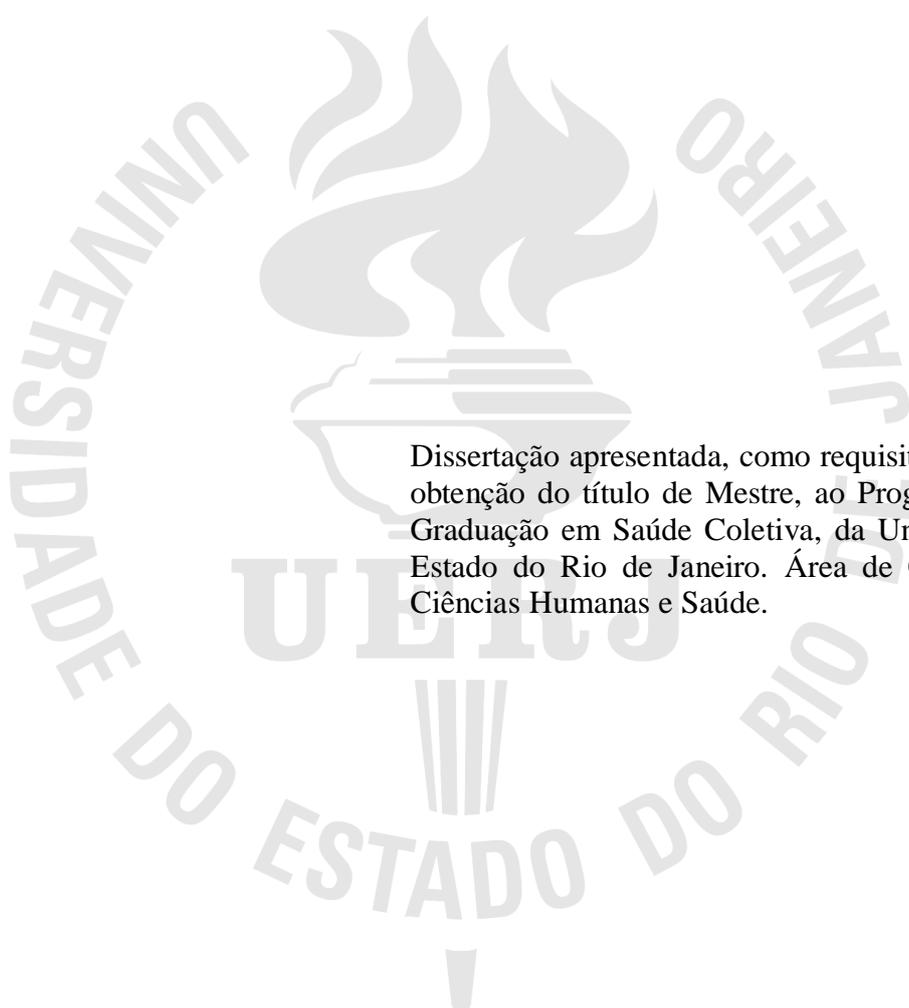
Toponímia de um corpo - Na trama fascial, a pandemia COVID-19
A mulher e suas múltiplas

Rio de Janeiro

2022

Nilcéia Nascimento de Figueiredo

Toponímia de um corpo - Na trama fascial, a pandemia COVID-19
A mulher e suas múltiplas



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Ciências Humanas e Saúde.

Orientadores: Prof. Dr. André Luis de Oliveira Mendonça
Prof. Dr. Francisco Javier Guerrero Ortega

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CB/C

F475	<p>Figueiredo, Nilcéia Nascimento de</p> <p>Toponímia de um corpo – Na trama fascial, a pandemia COVID-19. A mulher e suas múltiplas / Nilcéia Nascimento de Figueiredo. – 2022. 191 f.</p> <p>Orientadores: Prof. Dr. André Luis de Oliveira Mendonça Prof. Dr. Francisco Javier Guerrero Ortega</p> <p>Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro.</p> <p>1. Corpo humano - Aspectos sociais - Teses. 2. Corpo humano - Mulheres - Teses. 3. Mulheres - Teses. 4. Covid -19 - Aspectos sociais - Teses. 5. Pandemias - Teses. 6. Doulas - Teses. I. Mendonça, André Luis de Oliveira. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Medicina Social Hesio Cordeiro. IV. Título.</p> <p>CDU 391.6-055.2</p>
------	---

Bibliotecária: Marianna Lopes Bezerra – CRB 7 6386

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Nilcéia Nascimento de Figueiredo

Toponímia de um corpo - Na trama fascial, a pandemia COVID-19

A mulher e suas múltiplas

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de Concentração: Ciências Humanas e Saúde.

Aprovada em 8 de abril de 2022.

Orientadores: Prof. Dr. André Luis de Oliveira Mendonça

Instituto de Medicina Social - UERJ

Prof. Dr. Francisco Javier Guerrero Ortega

Instituto de Medicina Social - UERJ

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Kenneth Rochel de Camargo Jr.

Instituto de Medicina Social - UERJ

Prof.^a Dra. Valéria Ferreira Romano

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof.^a Dra. Mônica de Rezende

Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2022

DEDICATÓRIA

Àquelas e àqueles que sobreviveram à sindemia de COVID-19, e que desejam uma Reforma em si e no mundo.

AGRADECIMENTOS

Às mulheres do meu corpo, às de antes, às de agora e às que virão. Vocês são a terra onde consigo aportar, toda vez que as ondas parecem querer me empurrar para fora do corpo.

Ao meu amor, o Fofó, que de tão companheiro, precisa ser lembrado de que é substantivo e também adjetivo. Isso o faz ser mais que um homem, marido, pai das nossas filhas para mim. Com você eu pude ser um corpo múltiplo.

Às filhas Gabriela Jade e Angelina Giulia, por terem me adotado para a maternidade.

Às queridas amigas “parteiras” Adgany, Geisla, Conceição e Carmen, que estiveram mais presentes nesses dois anos do que usualmente, vocês foram essenciais.

Às irmãs e irmãos do caminho, que se fizeram família durante o mestrado: Elaine, João, Cassiana, Luanda, Camille e todas e todos a/os orientanda/os agregada/os dos Professores André Mendonça e Francisco Ortega, com quem pude fazer importantes trocas durante o processo dessa escrita.

Aos participantes dos encontros Fisioyog, edição Corpo e Mente, iniciada durante o primeiro lockdown no período da pandemia de COVID- 19. Com vocês aprendi que é possível manter um corpo presente em meio ao caos, mesmo no ambiente virtual. Em particular agradeço aos que permanecem até os dias de hoje: Val, Marcelo, Aninha e minha mana Norma.

Às mulheres que se chegaram para serem cuidadas durante esse período. Vocês foram a fonte de minha resistência.

Aos estudantes do LEAP - Laboratório de Estudos em Atenção Primária, e do LIRP - Laboratório de Investigação em Avaliação e Reabilitação Pulmonar, ambos da UFRJ. Vocês são a força, que me faz entender que eu preciso permanecer dentro da Universidade ainda que fora dela.

Ao professor Francisco Ortega, que aceitou entrar nessa jornada junto comigo, mesmo quando o trem já estava em movimento. Obrigada por aceitar nos acompanhar em um tema tão fora do escopo de sua atuação atual.

Aos componentes da banca, titulares e aos suplentes. Obrigada por acharem um lugar em suas agendas para encaixar meu “invencionário” como parte de suas leituras.

E ao Professor André Mendonça, meu “doulo” como minhas “parteiras” o reconheceram nesse processo. Um “Freiriano em Acontecência”, como costumo dizer. Obrigada por me manter atenta aos meus processos e por todas as vezes quando só com seus

silêncios, ou nos nossos gramelôs (idioma que só aos palhaços é dada a dádiva de se comunicar), você me ensinou tanto.

Se todas as políticas públicas fossem criadas no espírito do amor, não teríamos que nos preocupar com o desemprego, as pessoas em situação de rua, o fracasso de escolas em ensinar às crianças ou os vícios.

bell hooks

RESUMO

FIGUEIREDO, Nilcéia Nascimento de. *Toponímia de um corpo - Na trama fascial, a pandemia COVID-19. A mulher e suas múltiplas*. 2022. 191 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

A pandemia COVID-19 ao colocar o corpo em ameaça trouxe à baila muitos conflitos, descortinando o caráter excludente do qual fomos fundados como corpo/sociedade. A produção de milhares de corpos mortos no mundo, suscita no Brasil um plano de emergência de afastamento físico, e nos força como sociedade outros modos de existir. O corpo é provavelmente o substrato mais explorado de pertinência à vida. O modelo de estudá-lo mais usual, foi estruturado pela disciplina de Anatomia, uma coordenação descontínua entre ele e seu aprendizado. As ciências biomédicas são, portanto grandes difusoras da forma de se aprender corpo na sociedade ocidental e suas profissões o têm como objeto de sua gestão. Nesse sentido o capital simbólico de colonialidade o pressupõe de uma com-formação social desprovida de qualquer espaço para subjetividade, embora cada ser vivo aprenda sobre o corpo de uma ou de outra forma segundo o modo que a vida, ou ele a concebe. Essa pesquisa multi-situada por estudos corporais escrevíveis se propõe refletir sobre outras formas de aprender pelo corpo enquanto ele se reinventa como protagonista auto-formativo durante a síndrome produzida pela COVID-19.

Palavras-chave: Escrevivência. Transdisciplinaridade. Somaestética. Corpo-território.

Doulagem.

ABSTRACT

FIGUEIREDO, Nilcéia Nascimento de. *Toponymy of a body - In the fascial plot, the COVID-19 pandemic. The woman and her multiples*. 2022. 191 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) –Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

The COVID-19 pandemic, by putting the body under threat, brought up many conflicts, revealing the excluding character of which we were founded as a body/society. The production of thousands of dead bodies in the world, raises in Brazil an emergency plan of physical removal, and forces us as a society other ways of existing. The body is probably the most explored substrate of pertinence to life. The most usual model of studying it was structured by the discipline of Anatomy, a discontinuous coordination between him and his learning. The biomedical sciences are, therefore, great diffusers of the way of learning the body in western society and their professions have it as an object of their management. In this sense, the symbolic capital of coloniality presupposes a social conformation devoid of any space for subjectivity, although each living being learns about the body in one way or another according to the way life, or the body, conceives it. This multi-sited research by writing body studies proposes to reflect on other ways of learning through the body as it reinvents itself as a self-training protagonist during the syndemic produced by COVID-19.

Keywords: Escrivência. Transdisciplinarity. Somaesthetics. Body-territory. Doubling.

SUMÁRIO

	PRÉ-FÁSCIA	14
1	FECUNDAÇÃO	15
2.0	EMBRIOGÊNESE	17
3.0	GASTRULAÇÃO	20
3.0.1	A des-identificação que (me) nos contém	21
3.0.2	A identidade que me (nos) constitui	21
4.0.1	AXIOMA	30
4.0.2	POSTULADO	30
5.0.1	“MINHA MITOdologia”	32
5.0.2	ABREUGRAFIA	33
5.0.3	ESCREVIVÊNCIA SOBRE AS ESCRIVIVÊNCIAS	35
6.0	ECTODERMA	38
6.0.1	Travessia	39
6.0.2	Rupturas e novos aprendizados na pós-graduação em Saúde Coletiva	39
6.1.1	O que Me trouxe	44
6.1.2	Pré-ilúdio – análises e aproximações pueris de um corpo do conhecimento .	44
6.2	Foram me chamar, eu estou aqui o que que há	46
6.3.1	Versos inversos, trocas, afetos e poéticas	57
6.3.2	A língua do movimento, o texto da língua	57
6.4	Corpo enlutado	68
6.5	Vida sem atalho	70
6.5.1	<u>HIS-tória I- Descoberta a fórmula para a cura do <i>coronga</i></u>	71
6.5.2	<u>HIS-tória II – Eu deveria ter tomado Ivermectina</u>	74
6.6	Dias para lembrar	75
6.7.1	M8 – Eu odeio a palavra “peça”	80
6.7.2	Anatomia – A disciplina do corpo	80
6.8	PINC –Aprendente de Ensinagem	84
6.9	Cinedebate – M8, quando a morte socorre a vida	87
6.10	SUStentando vidas – Um ente sonoro de nossos afetos	91
7.0	MESODERMA	94
7.0.1	Corpo-território	95
7.0.2	Território do corpo	95

7.1	Corpo de mulher, um território “ex-patriado”	100
7.2	Oceano amniótico, a navegação à deriva	102
7.3	Serra do Mar – A nascente de Tietê	105
7.4	Paraguai e Doce	106
7.5	Iriri e Araguaia	107
7.6	Sarapuí, Piabanha e Jequiá	109
7.7	Dia de nascer - Içá	111
7.8	Por um sete de setembro Inter-dependente	114
7.9	Setembro para Doce, um rio dia 25	116
7.10.1	A performance como dispositivo de elaboração do “m-eu” luto Coletivo provocado pelas mortes maternas	118
7.10.2	Uma improvisação do corpo - casa	118
7.11	A seca de São Francisco – A Nascente de Diadorim	126
7.11.1	<u>1º ATO - A chegada ao sertão de Agnes num setembro pandêmico</u>	127
7.11.2	<u>A primeira fase</u>	130
7.11.3	<u>A fase latente</u>	132
7.11.4	<u>A fase ativa</u>	133
7.11.5	<u>Sala de parto 3</u>	134
7.12	Paraguai no Rio de Janeiro e Juruá na Irlanda – Nascem as crias	137
7.13	A tempo, e ainda fora dele	136
8.0	ENDODERMA	143
8.0.1	Aprendendo a “des-aprender”, driblando o hiato do tempo - O caráter pedagógico, que a pandemia de covid-19 nos propôs	144
8.0.2	Memórias como estratégia de combate à necropolítica das sensações, na formação em saúde	144
8.1	O passado do presente - Um pretérito imperfeito em eterna reforma	149
8.2	Dando LIGA ao saber da casa grande	155
8.3	Do ensino médio, á graduação – no intervalo, a informalidade da arte	156
8.4	O início do fim, estágio - O único <i>obligare</i> que desejamos desde o início	161
8.5	O corpo das sensações, uma escrita á margem do aprendizado	163
8.6	A UTI, o primeiro sub-solo	165
8.7	A Internação, o segundo sub-solo	168
8.8	Ambulatório, o térreo	170

8.9	O Caso Mariana	174
	CONSIDERAÇÕES INCONCLUSIVAS	177
	PÓS - FASCIA - PELE	179
	REFERÊNCIAS	180

PRÉ – FÁSCIA

Essa dissertação é um invencionário, sobre outros modos de re-existir. Enquanto me dou conta nessa passagem de mundo, que muitas coisas deram erradas e talvez não haja mais tempo de alterar.

Tudo aqui vai ser inacabado, porque viver é um projeto de inexatidão desmedida. Não é sobre nada novo, mas é tentar aludir ao corpo, o seu óbvio^{1 2}.

Lemos tanto o que disseram sobre nós, que é preciso amiúde reinventar. Palavras embaralhadas, entre-cruzadas, capitaneadas. Entre uma e outra frase que escrevo, respiro, tentando não me sufocar.

Me olho de fora, para ver se ainda sou eu mesma, e quando a conexão está fraca, me levo para brincar de ser corpo vivo novamente. Mesmo não sendo uma tese, só um requisito parcial para a obtenção do grau de mestre ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, me “implico” com Eco (1997, p. 41) ao escrever que uma tese de caráter experimental não pode ser feita em casa, nem o método inventado. Reconheço portanto meu corpo como a casa da experiência, e foi no exercício de me fazer brincante, que mantive nutrida a disposição de invencionar.

¹ Pausa 1 - Proponho a escuta da música *Um índio* de Caetano Veloso.
<https://www.youtube.com/watch?v=MpdP5G3cpSo>

² Moshe Feldenkrais, criador do método que leva seu próprio nome, pesquisou sobre o caráter auto formativo do corpo, através do processo de “*aprendizagem orgânica*”, o que ele chama de inexplicavelmente óbvia. “Na minha opinião, a aprendizagem que permite um maior crescimento das estruturas e de seu funcionamento é o que leva a novas e diferentes maneiras de fazer as coisas que eu já sei como fazer. Este tipo de aprendizagem aumenta a minha capacidade de escolher mais livremente. Tendo apenas um modo único de ação significa a minha escolha está limitada a simplesmente agir ou não agir.” *The Elusive Obvious* (Cupertino: Meta Publication, 1981) p.35. Tradução livre

1 FECUNDAÇÃO

A pesquisa, palavra substantiva feminina usada como código gramático para justificativa de uma produção intelectual no ambiente acadêmico, não nasce daqui desse tempo, ela nasce com minha chegada neste mundo. Embora essa afirmação possa ecoar com um possível estranhamento, estou partindo de um sentido genuinamente orgânico, que não distingue o sujeito da pesquisa, da pesquisa do sujeito.

Desde a fecundação, um movimento interno conduzido por um sistema profundamente educado e especializado, originou a partir da sexta semana, uma qualidade sensitiva de múltiplos processamentos, a somestesia³.

Esse constitutivo integral, urdido por densa trama miofascial, carrega em si memórias transmitidas pela célula embrionária, que ao sendo tornada corpo no mundo se faz em muitas outras novas memórias.

Um sistema integrado, formativo, indissociável, que me fez afetuosa por suas muitas facetas em vida. Construto empírico que me localiza numa espécie de papiro embriológico, entremeada de e por uma identidade única, mas em constante reformulação.

Nosso modelo de mundo, portanto, ao tentar produzir uma organização cognitiva por meio das ideias, construiu um plano e procedimento para desvelar o corpo. Ao fragmentá-lo em peças, artificializaram suas dimensões dando inclusive a ele, definições internamente hierarquizadas. O que seria da civilização humana, se fosse dado ao corpo se constituir dessa forma? Acho que já temos algumas respostas.

No fundo é dessa inquietude que me reitero, ao querer conjugar com o corpo, seu singular protagonismo de educador. Ousando dizer por suas múltiplas variâncias, que seu repertório de saberes localizado, é também um universo possível ao exercício de lhe conferir o direito da sua natureza formativa.

Ao chegar à graduação de fisioterapia, esse corpo já havia aprendido sê-lo no mundo de muitas outras maneiras. A imposição de um aprendizado instrumentalizado, violento e fragmentado me fez acessar através de produção de narrativas memoriais, uma espécie de

³ Uso essa qualidade sensitiva da morfogênese do sistema nervoso central, como marco inicial da gestão auto-formativa do corpo, ainda na sua fase embrionária. A somestesia é um processamento sensitivo de diferentes modalidades de tato, dor e temperatura (Martinez, 2014, p.13). Uma especialidade que se forma para uma inter-relação de mundos, antes que o corpo seja ainda capaz de se manter vivo fora do útero, e se constrói em especialização por toda vida.

auto-proteção identitária. Como eu costumava dizer pelas artes da cena e do circo, foi também nesse idioma corporal que pude atravessar “o vale da sombra da morte do corpo”.

Mesmo resistente aos especialismos, me aventurei por uma pós- formação ainda tecnicista⁴, que me trouxesse mais próxima às mulheres, reconhecendo o pouco investimento formativo sobre as suas corporalidades durante a graduação. Doutra modo, passei a acompanhar suas parições como doula⁵, uma perspectiva de ordem mais social, me re-parindo em cada nascimento.

É me mantendo no encontro com mulheres em seus processos, e junta aos estudantes de um projeto interdisciplinar das graduações de saúde na UFRJ⁶, onde me integro desde quando era estudante e agora colaboradora docente, que me refaço da urgência em construir reflex/ações continuadas mais sensíveis a fim de tornar o corpo protagonista de seu próprio aprendizado.

A excepcionalidade temporal imposta pelo estado de sindemia⁷ provocada pela SARS-CoV-2 portanto, exigiu uma corpografia⁸ pelo também território virtual. É desse lugar que reflito, enquanto habito meu corpo múltiplo de mulher como um estatuto político e transito no encontro com outros corpos, mulheres ou não, que buscam nesse tempo manterem-se vivas/os e presentificadas/os.

Será, pois, que o estatuto do acontecimento puro e do fatum que o acompanha não é o de ultrapassar todas as oposições: nem privado, nem público, nem coletivo, nem individual..., tanto mais terrível e poderoso nesta neutralidade, uma vez que é tudo ao mesmo tempo?
(DELEUZE, 2003, p.37)

⁴ Fisioterapia em Uroginecologia, proctologia e obstetrícia.

⁵ Uma profissão que está em processo de regulamentação, tendo, porém feito parte da primeira turma de uma formação com recursos públicos que se tem história em 2018 na Escola Politécnica em Saúde Joaquim Venâncio - EPSJV/FIOCRUZ.

⁶ LEAP – Laboratório de Estudos em Atenção Primária. Um projeto de iniciação científica e extensão, vinculado ao departamento de Medicina de Família e Comunidade. O projeto se constitui de experiências sensíveis de estudantes de várias graduações da saúde, com o objetivo de uma construção de sujeitos cuidadores críticos. Os temas giram no entorno das opressões, abordados pelos eixos: Corporeidade, Grupos Balints, Palhaçaria e Teatro do Oprimido, Racionalidades Médicas e Narrativas em Saúde. O espaço conta com a coordenação da Professora Valéria Ferreira Romano, tendo sido por ela iniciado desde 2014.

⁷“onde interações biológicas e sociais entre condições e estados, bem como desigualdades econômicas, deixam de limitar os danos causados pelos vírus por uma solução puramente biomédica, passando a ser uma possível abordagem mais ampla capaz de orientar integralmente uma sociedade que hoje precisa de esperança (SINGER, M. 2003, p.874)”.

⁸ A noção de corpografia ,..., procura compreender uma contorção sintática que se dá a partir daquilo que não cabe no código padrão, nem da língua, nem do número, que não pode ser representado por nenhum código digital binário: o corpo, corpo social. (DIAS, 2008) Endici- Enciclopédia Discursiva da Cidade. <https://www.labeurb.unicamp.br/endici/index.php?r=verbeta/view&id=117>

2.0 EMBRIOGÊNESE

Annemarie Mol em seu livro *The Body Multiple* (MOL, 2002) me instiga de várias ordens. Tanto por sua maneira de conversar entre o status quo das ciências e seus métodos de diversos pontos de vista, quanto por sua especificidade praxiográfica⁹, estética da escrita e editoração gráfica. Ao assumir as dificuldades de colocar no mesmo texto, perspectivas e ontologias distintas sem que suas narrativas tenham uma sobre a outra qualquer ordem de importância hierárquica, ela usou como se fossem dois livros em um: - analítico embaixo, e narrativo em cima, me convidando à sua esteira para performar. Em alguns capítulos usarei essa forma de editoração, sem porém me comprometer à sua dinâmica analítica x narrativa. Não são, portanto, todos os conteúdos dos textos apresentados dessa maneira. Construí a proposição da forma experimentando um plano de transcendência dela própria, sem um compromisso com uma autorização lógica.

Interessa-me a provocação estética/sensorial que essa editoração não usual, possa provocar no leitor, assim como a mim convocou escrever e organizar, construindo também um convite pela circularidade do texto; das camadas de saberes, e aprendizados assuntados coexistentes.

Nosso afastamento, porém, é de ordem pronominal. A pergunta de pesquisa de Mol se localiza em um corpo reconstituído de narrativas etnográficas do que é externo a ele, o corpo que nos fazem ter. Minha reflexão é sobre o corpo que somos, no exercício das suas múltiplas corporalidades, o corpo que queremos/podemos ser. Também não pretendo sua localização arquitetônica/material da pesquisa, o hospital, mas ao inverso, uma perspectiva topológica funcional ou transcendente contínua em tempo sindêmico, enquanto corporífico os papéis de onde o meu corpo se propõe narrar. Assim mesmo com divergências de ordem “pronominais”, possuímos mais aproximações que afastamentos, já que me arrisco pela proposição de ontologias e perspectivismos¹⁰ em acontecimento no texto, que assume um convite a/o leitora/o navegar de acordo com seu desejo e ou guiado por uma curiosidade, ou ainda um desconforto, sinestésica/o.

⁹ A autora explora as maneiras pelas quais a medicina se sintoniza, interage com e molda seus objetos em suas várias e variadas práticas.

¹⁰ Para Mol ao colocar o mesmo “assunto” sob várias perspectivas, se dá um corpo, uma matéria, fisicalidade “ao objeto”, não só interpretações onde esse fique só no “reino do significado”. Já as ontologias, segundo sua percepção, trazem as coisas à existência, tudo de uma vez, entrelaçado, tudo em tensão, e se a realidade é múltipla, também é política. (MOL, 2002, p.7) Tradução livre.

Busquei me manter fiel ao processo, desejando circunscrever na lauda um corpo anti-anatômico, sem dissociá-lo de seus próprios sentidos de existir. Essa foi a forma coerente que me manteve em atenção, para juntar os papéis de mim, e rascunhar parte da vida sem privá-la de estar nela incluída. Não teria sentido fazer de outra forma, ou então a forma se fez pelo sentido...

A reunião das partes está ancorada em quatro núcleos principais. A primeira vou chamar de Gastrulação, fazendo um paralelo à embriologia, quando determinadas células de um polo se multiplicam e migram, numa movimentação que gera uma fenda dobrável, que dará origem ao tubo do sistema digestório. Enquanto paralelamente estão sendo formados os folhetos germinativos: ectoderma, mesoderma e endoderma – uma orientação pedagógica na organização dos conteúdos. A segunda, terceira e quarta, seguirão o desenvolvimento do embrião e seus anexos, que diferente da concepção organizacional biológica, vai transitar pelo texto em uma temporalidade alegórica perceptual.

A Gastrulação propõe uma aproximação referente aos conceitos ampliados pela lupa no “olho do furacão”; uma proposição nuclear conceitual do “todo” escrito. O Ectoderma, é uma formulação do sistema nervoso e das cavidades profundas, boca, nariz e anus, e ainda forma o invólucro epidérmico, “amaciando e cobrindo a carne” quando não havia sequer perspectiva vacinal. Calibrando a medida de preparação para suportar a digestão e jogar fora todo o excesso e o que já não servia para nutrir. Uma circulação pelas práticas formativas e formadoras, quando só era possível habitar acoplamentos virtuais; a educadora; a educanda; a estudante de pós-graduação; a profissional de saúde..., a sobrevivente das “PICs” - Práticas Integrativas Cibernéticas...

O Mesoderma é um entreato, o lugar da morte das fronteiras que separam o simbólico, a realidade, a imaginação, ou a expressão do etéreo. Onde os pontos perdidos em meio ao ambiente regulado para se aprender, tem na própria ressurreição da vida, a vida conquistada para além de si. Uma ética corporal, guiada pelas dores e superações em composição com as estruturas ósseas, musculares, e toda circulação e reprodução da seiva – o sangue que nutre e redime. As mulheres e seus territórios, nossas guias transcendentais do gerar e parir.

O Endoderma, uma etapa mais interior; sistemas organizados pela junção das células, onde o digestório, e o respiratório já estão prontos para transitar o corpo para fora dele mesmo. Nessa sessão a história da formação celular - família, escola e universidade. O passado do presente, um pretérito imperfeito que segue em eterna reforma...

Ciente que a reconstituição desse papiro se deu em meio à um processo de apoptoses e clivagens conceituais, gêneses e êxodos provocados por um período singular do meu ser mulher no mundo, em dias profundamente dramáticos, parte do meu exercício, de querer uma escrita mais leve, pode se ter perdido nas lembranças de dias tão difíceis. Porém deixo aqui registrado meu intento de fazê-la, e meu comprometimento de tocar em pontos tão dolorosos e caros, com leveza poética, ainda que a Palavra da qual me faço pertença, em si, seja mais afiada que qualquer espada de dois gumes¹¹ e de fato possa ter um efeito de desnudamento incorporado.

¹¹ Referência ao livro de Hebreus 4:12

3.0 GASTRULAÇÃO



3.0.1 A des-identificação que (me) nos contém

Rio de Janeiro, 6- 03- 2020

Era uma sexta, eu estava esbarrotada de novas falas, uma espécie de ritual de iniciação na vida acadêmica irrompeu naquela semana meus dias, que de rotineiro não tinham nada, mas que agora precisava ainda contemplar outros muitos fazeres. Tive dúvida em ir ainda ao último dia, era o dia da “aula inaugural”, um horário concorrente à defesa de uma tese de ex-orientador.

Eu que nunca tinha estado em uma apresentação de tese escolhi ouvir sobre o que tinha de certa forma me inflamado, narrativas, e ainda poderia dar um abraço afetuoso de gratidão a quem contribuiu para essa nova vida. Cheguei um pouco atrasada, quinze minutos após a hora marcada, que era nove. Na portaria da talvez mais científica instituição que eu conheça, sou abordada pela “segurança” que espera que eu tenha um documento, afinal, quem eu era? O que eu

3.0.2 A identidade que me (nos) constitui

“Hay en el colonialismo una función muy peculiar para las palabras: ellas no designan, sino que encubren.” Po eso la descolonización no puede ser sólo un pensamiento o una retórica, porque las palabras suelen desentenderse de las prácticas.
(CUSICANQUI, 2010, p. 6)

Os estudos pós-coloniais têm trazido para o corpo a interlocução de sua razão. Decerto que há na palavra, na escrita, na produção intelectual uma voz potente que denuncia, convoca, convida a muitas reflexões. Mas é na prática, onde as palavras se dissolvem que podemos experienciar a coerência. Nomear o corpo pelo artifício da razão talvez nos mantenha privados de deixar que ele se diga por seus múltiplos sentidos.

Ao reconstruir a história da Bolívia, pela lente da sociologia da imagem, que Silvia Cusicanqui escancara a construção colonialista contemporânea. A autora denuncia o jogo proposto entre associação das imagens contrapondo a textos e suas análises, construídas por uma pedagogia deslocada de um corpo que não se produz de sentido, fora de

estaria fazendo ali, sem documentos, sem celular. Até aquele momento, não me tinha dado conta do estrago que um assalto à mão armada, sofrido há 16 dias anteriores me fizera. Eu estava ali querendo entrar pela porta de trás do “castelo da ciência”, dizendo que ia assistir à defesa de uma tese de doutorado, só com o meu corpo como álibi.

Ninguém parecia acreditar, nem eu, que estava sendo impedida de entrar em uma instituição pública, por não conseguir provar quem eu era. A mocinha, então me perguntou se eu não conhecia alguém que trabalhasse lá, lembrei-me de uns nomes, mas o único possível de contactar era de uma funcionária que descobrimos com uma ligação para seu setor, estar de licença.

Sentei, em uma cadeira que estava ligada a outras três e decidi esperar, não sei por quem, mas talvez houvesse outra forma de encontrar uma realidade porque o que parecia estar acontecendo era pura ficção. Nessa hora olho para minhas mãos e reparo que estão descascando. Até um momento atrás eu pensei que com tanto rigor, talvez pudesse se ter acesso ao banco de digitais, mas naquele momento percebo que nem minhas digitais escaparam ilesas.

suas bases comunitárias. Ao desenhar sua própria identidade ela se desloca do caráter híbrido e multicultural construídos intelectualmente, numa versão exotizante e permeada de uma nova ordem de colonização, a da produção dos objetos/produtos que formam um novo cânon do discurso científico social:

“ el pensamiento postcolonial”.

(CUSICANQUI, 2010, p.68)

Doutro modo, a semelhança da profusão de origens corporais bolivianas e brasileiras, me parecem pertinentes à discussão proposta inicialmente ao acionar meu corpo como um múltiplo na pesquisa.

Ao se identificar como “ch’ixi”, cor produzida por uma justaposição que possui várias conotações, Cusicanqui propõe a possibilidade da convivência de múltiplas diferenças culturais, sem que estas se tenham que fundir. Ao contrário, se antagonizam ou se complementam de forma conscienciosa, co-existindo sem que isso lhe imponha optar por uma só ascendência e ou origem “classial”.

Tratemos a identidade como um atributo do corpo, que em sua genealogia simbólica produz um documento homônimo, uma cédula que nos faz existir enquanto cidadão pertencente a um corpo político. Doutro modo, a educação é o lema da indispensável

A mocinha perguntadora da portaria, constrangida, faz algumas abordagens discretas ao segurança que está fardado, atrás de uma porta lateral ao balcão. Até aquele momento, o que era sabido, é que eu teria de ser justificada por alguém conhecido que ligaria para a segurança geral e daria meu nome. Deixo claro que a meu ver, além de ser uma mulher com a cabeça raspada, nada me parecia localizar com alguém que não pudesse responder por si. Nesse sentido, me olhei por várias vezes, procurando pistas que me fazia parecer alguém que não podia responder por si...

Enquanto por duas horas, esperei naquele constrangimento, impedida do direito de circular livremente dentro do país, da cidade que nasci da instituição que circulei por pelo menos nove meses no ano passado fazendo uma formação, várias cenas desenharam minha memória:

- Enxerguei as pessoas que tinham perdido tudo nas enchentes dos dias anteriores aqui mesmo no Rio, pensei nos milhares de refugiados que chegam sem nada nas fronteiras de países como indigentes, nos que como eu foram assaltados e não podem sequer dizer quem são, nos que nem registro de nascimento possuem...

existência e mantém os atributos de civilização constituinte dessa identidade, de modo a nos agregar outras camadas ao longo da existência ou mesmo na inexistência. Essa construção em parte se dá pelas relações silenciosas, e o afastamento e ou ausência de uma experiência corporal sensível mesmo diante dos temas mais racionais, produzem corpos dominados e dominadores reprodutores da escrita, do discurso, da ordem...

bell hooks (2013, p.36), escreve sobre o partilhar narrativas das próprias experiências, como possibilidade de integralizar presença ao corpo. Sua objeção se respalda no sentido de que ao

ofertar suas histórias de vida, ligando as narrativas confessionais aos conteúdos acadêmicos, a mantém em risco diante dos alunos e isso os encoraja também à partilha.

Enquanto constatamos que a palavra é um campo de força podemos convocar quem a tange, com uma suavidade que pode nos propor também a emancipação dela:

É adorável brincar com as palavras, criá-las, grafá-las e muito difícil pensar sem a existência delas. Mas as nomeações como norma de humanidade, aquelas nomeações que visam desqualificar as inimagináveis potências humanas, não podem servir a um projeto de emancipação demasiadamente humano.

(QUEIROZ, 2018, p.18)

A memória da delegacia suja que na noite do assalto me tomou o resto da energia madrugada adentro, veio a tona, como se ali eu revisitasse esse lugar, de ter que lembrar cada bem que foi tirado, o tipo de arma, a cara do sujeito, e ainda ouvir quase um mantra social por dias e dias seguintes : - ainda bem que não aconteceu nada, foram só bens materiais... Parece que decoramos uma frase de efeito porque o mal sempre pode ser maior, mas perder a liberdade e o direito de ir e vir também é uma espécie de morte. E agora não bastasse o tormento, de ter que trocar chaves, ir ao Detran que estive de recesso, cancelar os cartões de banco, ficar sem todas as memórias afetivas e documentos registrados no celular e não poder provar quem sou, me leva a ser também punida. Afinal, o segurança disse que ele mesmo já fora assaltado, no entanto...

Enquanto isso a vida corria normalmente, a tese era defendida, as pessoas entravam e saíam, a portaria cumpria seu papel de existir: - encontrar alguém no meio daquela multidão que transitava, sem lenço e sem documento, EU... Ainda naquela mesma semana, eu havia perguntado para um professor do programa que eu estava iniciando: - Para quem estamos escrevendo? Alimentamos as bases de dados aumentamos conceitos de produção,

Penso no exercício concreto do se deixar ir com a palavra, como forma de deixar escapar a dureza que ela nos constituiu. Uma dessas desqualificações nomeadas que nos induzem ao embrutecimento é a tal “humanização”: - como substantivar um ato adjetivo que só pode ser da humana natureza?

Mas é na relação que os equívocos acontecem, é no encontro dos corpos que não se reconhecem, ou que não se afetam. Talvez seja o hábito de não se reconhecer a si próprio que encarna no outro essa identidade construída na separação, na desconfiança, na desqualificação. Ou o poder da palavra que se transcreve do

exercício forjado de um possível combate do intelecto, herança da identidade que nos quiseram dar:

...caricaturas de occidente que viven de la ventriloquía de conceptos y teorías, de corrientes académicas y visiones del mundo copiadas del norte o tributarias de los centros de poder hegemónicos.
(CUSICANQUI, 2010, p. 73)

Há um duplo desejo que Grada Kilomba (2019, p.28) constrói em sua escrita, o de se opor àquele lugar de “outridade” e o de inventar a nós mesmos de (modo) novo. Só um corpo insubmisso pode se abrir para o ato relacional onde se torna visível e invisível, sem estar enrijecido e fixado por uma ideia que o aprisiona. A armadilha do entendimento,

e esses escritos que se alojam nas bibliotecas, servem às pessoas? “Como faremos a ciência se tornar acessível a “qualquer” um”, quando ninguém é um qualquer?

Eu esperava algo, nem sei o que, enquanto assistia toda gente passar. O ônibus trazendo funcionários e estudantes fazia com que entrasse, em alguns momentos, um maior fluxo de pessoas. Alternadamente crianças com seus males, mulheres trans, pessoas doentes ou não, identificadas por justificativas patológicas, rompiam a porta da “faixa de gaza” e adentravam para preencher prováveis “n(s)” das pesquisas, e tomar seus coquetéis e vacinas.

Surge um rosto conhecido, não me lembro de onde. Me imagino em um campo de refugiados buscando algo familiar. Nesse momento me dou conta que nem o fato de ser humana, ou mulher, ou brasileira, ou carioca, ou simplesmente gente, me serve para nada se não tenho uma credencial, afinal como disse Adolf Eichmann, no famoso julgamento do último funcionário do Horror nazista; estou diante de pessoas que *só cumprem ordens!* A banalidade do Mal toma minha memória com frases soltas, por longos minutos, a face que me é familiar é de um professor que eu acabara de conhecer nos corredores da “minha semana de iniciação”, de quem nem consigo dizer o nome. Um “EI”, foi suficiente para lhe captar a atenção enquanto lhe conto o acontecido, ele mostra sua credencial, ouve as instruções pelos guardas e diz que irá pedir sua conhecida para ligar a portaria e dizer meu nome. Um visgo de esperança renasce em mim, os dois jovens que intercalam o balcão nada dizem, mas suas expressões são de que algo possa acontecer. Até que a moça pergunta novamente, agora ao segurança que ficava do outro lado da porta, e ele diz que

da dominação da palavra que subjuga; até o que é subjetivo para sê-lo precisa se deixar ir, escarpar. É dessa “representação” inexata, diante dos dilemas éticos geográficos de ser mulher do corpo onde co-habita entrelaços da opacidade, sonoridade e materialidade da língua que me exercito desconstruir entre as palavras e os fazeres de uma escrita vulnerável e distinta.

Que seja assumida a minha condição “ch’ixi” brasileira, diante de um cenário pandêmico onde o sentido ficcional da produção acadêmica, se possa refazer aludindo aos corpos de identidades livres sobreviventes algum ritmo que se permita *bailar*. Entendendo *bailar* como o sentindo da experiência Larrosiana, combinada com Isabelle Stengers (2016): “Uma ciência triste é

Ninguém ligou... Nessa hora, minha desconfiança aumenta, tenho a impressão de alguém que só cumpre ordens, tenha também o poder de transformá-la segundo sua própria vontade. Concomitantemente, num ato de quase tempo único, o discurso muda e fico sabendo que a pessoa (funcionário) que me colocaria para dentro, deveria vir até a recepção. Já não desconfio de que a moça a quem o professor pediu um favor, tenha deixado de ligar. Ela certamente não poderia abandonar uma banca e descer para cumprir a nova regra im-posta, por um suposto alguém chefe da segurança que se comunicava via telefone.

De tempo em tempo, sou inquirida como um looping:¹²

- Mas você vai fazer o que?

- Sem alterar a voz, tomo uma respiração calma e digo, vou assistir a uma defesa de tese, na sala 602 da ENSP, e digo o nome do candidato a doutor..

- Você não pode pedir para ele, ou alguém vir aqui?

A essa altura eu já devia ter respondido pelo menos seis vezes a mesma pergunta...

aquela em que não se dança”.

Refazendo tudo
Refazenda
Refazenda toda
Guariroba

GILBERTO GIL, 1975

Ainda hoje, descascada a realidade das desigualdades produzidas por um sistema de mundo fundamentado na expropriação de identidades nativas, nos submetemos a escrever para inglês, gringo, juruá, doutô., ver. O estigma de sujeito universal, que precisa produzir

ciência para o mundo. De que e para qual mundo estamos falando, ao equalizar nossas identidades aos saberes e sabores enquanto somos alvo de estudos dos próprios colonizadores modernizando suas réguas sociais que agora nos caracterizam como “os povos do sul”? Será que nosso primitivismo intelectual agora certificado como *estudos dos povos do sul*¹³, universalizarão nossos “sujeitos de pesquisa”? A latinidade de uma América africana, já era apontada pela intelectual negra

¹² Pausa – proponho a escuta da música refazenda - <https://www.youtube.com/watch?v=Y820C1hpgao>

¹³ Termo usado por Boaventura dos Santos pela primeira vez em 1995. Segundo o autor, uma epistemologia do Sul assenta em três orientações: aprender que existe o Sul; aprender a ir para o Sul; aprender a partir do Sul e com o Sul.

Dessa vez, surge outro rosto conhecido, era uma moça que estava saindo... Não sabia exatamente de onde a conhecia, mas ela me cumprimentou, estava correndo, ia embora “fazer uma supervisão”. Acompanhei-a até o lado de fora da “guarita” que a essa hora eu já ocupara por longas uma hora e quarenta minutos. Perguntei se ela trabalhava ou estudava ali, numa coincidência estava descendo da defesa da sala da tese que eu queria assistir, mas estava tendo que ir embora mais cedo. Sem que eu soubesse, ela ligou para um amigo comum, e disse que eu estava na portaria...

Foi uma surpresa vê-lo, e perguntei: “- Como soube que eu estava aqui?”

Ele disse: - Vim te buscar! Nessa hora soube o nome da moça, muito pertinente a sua aparência física. Ele fala com a mocinha do balcão, com o moço fardado, e chega outro moço fardado, e alguém do outro lado da linha telefônica diz que o documento dele não vale para me autorizar a entrar, pois o setor que ele trabalha é terceirizado... A essa altura eu lhe digo: - sobe, porque senão nem eu nem você, vou ficar por aqui esperando, nem sei bem o que...

A moça da portaria já afundada em constrangimento me oferece água, e não aceito. Não por chateação ou uma espécie de rejeição, mas porque nessa hora, já não dava conta de saber se havia sede, e se houvesse, qual era sua importância. Ela pede desculpas, eu digo que sabia que “ela só estava cumprindo ordens”...

brasileira Lélia Gonzalez nos anos 80, que inaugurou o termo Amefrica Ladina (GONZALEZ, 88, p. 69), referindo-se ao continente formado por influências indígenas e africanas, além da ibérica. Sua objeção definia o sintoma da neurose brasileira, que ainda hoje tem dificuldade em se reconhecer pela cédula de identidade “ch’ixi”, numa perspectiva pós colonial no contexto da diáspora negra quanto no extermínio da população indígena, o apagamento dessas culturas e os efeitos do racismo, colonialismo e imperialismo dessa geopolítica

constitutiva de uma latina construção histórica “amefricana”. Pouco reconhecida ainda no Brasil, como uma importante voz intelectual, Lélia desnuda como efeito das artimanhas, o recalçamento, essa negação da pertença, também como uma amarra colonial à produção de conhecimento.

Em uma visita ao Brasil em 2019 a estadunidense Angela Davis, fala inclusive sobre a necessidade dos brasileiros em reconhecer a obra de Lelia:

“Por que vocês precisam buscar uma referência nos Estados Unidos? Eu aprendo mais com Lélia Gonzalez do que vocês comigo”.
(DAVIS, 2019)

Virei uma “espécie exótica” a ser espiada. Percebo, que aquele grupo de funcionários provavelmente também terceirizados, que cuidam da segurança do castelo da ciência, já haviam assimilado o fato de que “espécies exóticas”, além de poder causar algum tipo de desordem no ‘ambiente regulado’, merecem também muita observação, afinal qual seria a reação quando exposta ao estresse, a algum tipo de constrangimento... Eu sim me sentia agora um objeto não identificado, sem nenhum sentido de insistir em permanecer, para assistir alguém que estava virando doutor.

Na quase hora final, faltava cerca de uns 30 minutos para terminar a defesa, um senhor negro dentro de um corpo meio envergado, pois a bota parecia pesá-lo demais as pernas, sentou ao meu lado. Tirou o boné de seu uniforme, numa espécie de educação rara em um ato leve não condizente ao peso de seu uniforme, e me perguntou:

- A senhora sabe a sala?

Respondi já sem esperança:

- Sala 602 da ENSP, mas o senhor pode ficar tranquilo, porque eu já estou indo, aliás estou indo desde o princípio, embora não entenda o que eu posso oferecer de perigo para todos.

Ele saiu, parece que, resignado em um silêncio que lhe curvou um pouco mais de sua coluna já cansada de carregar um colete à prova de balas e se foi. Eu então me levantei, e pensando que pudesse ainda trazer algum desconforto burocrático para uma

Davis, que possui uma extensa produção intelectual sobre os direitos da mulher, contra a discriminação social e racial nos Estados Unidos parece também nos alertar sobre essa desvalorização identitária da nossa construção intelectual.

Para Lélia, o racismo latino-americano é alimentado pelo desejo da eficácia que o branqueamento produz, que foi internalizado com uma negação não só da própria raça, mas também da própria

cultura (GONZALEZ, 1988a, p. 73).

(‘Amefricanity’) são, de fato, democráticas; exatamente porque o próprio termo nos permite ultrapassar as limitações de caráter territorial, lingüístico e ideológico, abrindo novas perspectivas para um entendimento mais profundo dessa parte do mundo onde ela se manifesta: A AMÉRICA [...]. Para além do seu caráter puramente geográfico, a categoria de Amefricanidade incorpora todo um processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas).

(GONZALEZ, 1988a, p. 76-77)

criatura tão dócil, me dirigi ao balcão para me despedir. A mocinha me pede desculpas, eu digo: - não tem de quê e enquanto me despeço, chegam dois funcionários munidos de pelo menos dois crachás cada um, juntos do senhor, que vou chamar de “Com-Paixão” e me resgatam, sem parecer acreditarem no episódio subo para os trinta minutos finais. Era hora do intervalo, dou um abraço no quase futuro doutor, e de gosto o final, quase sem gosto, das últimas falas. E no meio de tudo isso o moço da banca, cita o meu nome, como fora “de” uma íntima amiga. Logo eu, que o conheci outro dia, em um desses corredores da ciência.

Sem medo de falar de sua origem, chora como um menino, em um ato de descortinar sua identidade/coragem, me convida a fazer o mesmo.

Agora faz pra mim sentido ter me deixado dissolver, enquanto não tomava a decisão de me render ao impedimento. Só entrei “identificada” pelo grande coração do negro “Com-Paixão” fantasiado de segurança, e ainda vi um moço gente disfarçado de doutor chorar na banca de uma das recâmaras do castelo da ciência...

Há esperança nas frestas, onde se pode des - identificar que qualquer um não é um qualquer, então?!

Minha primeira vez em uma defesa de tese, em minha defesa.

4.0.1 AXIOMA

A educação colonialista que institucionalizou a pessoa a partir de modelos fundantes de suas ciências garantiu o paradigma de mantê-la recortada, desidentificada e submissa dentro de suas fronteiras. Tanto a opacidade, quanto os excessivos determinantes propostos por cada um desses modelos, articulam uma forma de agenciar os sujeitos da pessoa e manter seus corpos e coisas fiéis às suas teorias.

Em uma cátedra da Unesco sobre a Erradicação do Racismo na Educação Superior em 5 de outubro de 2020, Sandra Benites uma mulher Guarani Nhandewa ao ser perguntada sobre o que fazer para descolonizar ou decolonizar a universidade, disse:

“Eu não entendo o que está sendo dito, então vou explicar a partir do meu entendimento. Quando fui para a Universidade, fui para um encontro de conversa, para a escuta do outro, da diversidade. Um encontro de conversa é para fortalecer dentro do seu corpo, ouvindo o que desconhecemos não para andar igual, isso não

4.0.2 POSTULADO

A pressão pela ruptura com certos teóricos apontados como hegemônicos, por suas origens sociais europeias branco/patriarcais, tornou uma vigilância científica objetificada, pertencente à teoria de Bourdieu que localiza a auto-etnografia, como método científico das ciências sociais, “ressaltando a necessidade do controle reflexivo no andamento da prática sobre a própria prática, fazendo com que esta seja também um objeto de análise” (KENNE, 2018). Se para Bourdieu, a objetividade apenas pode ser garantida

na pesquisa sociológica diante do controle reflexivo presente na “auto-objetividade” (PETERS, 2017), ao nos colocar nesta vigilância, temo mais uma vez subjugar meu corpo/aprendiz. Muitos paradigmas para um corpo de passagem, em um território flutuante quase imaterial, que não precisa se manter pertença a algum tipo de circunscrição corporal como modo de manutenção da vida.

Ao ler o clássico livro de Umberto Eco, uma bula com indicações e contraindicações sobre como escrever uma tese, tomei a “cons-ciência”

significa apagar o outro, mas respeitar fortalecer, incluir no nosso grupo mesmo o diferente e equilibrar o encontro. Eu acredito que a Universidade deveria fazer esse encontro de conversa, escutar, compreender trajetórias, as várias origens, os vários conhecimentos”.

Na contextualização de Dalgalarrodo (2019) , quando inverte a lógica em sua tese Anatomia Imaginária, deduz-se que: “o saber científico constrói uma imaginação sobre o corpo que define alguns aspectos da nossa relação com esse”. Nesse sentido é necessário “sub-verter” por outras formas de se aprender. Treinar modos que se proponham tornar as relações calcificadas e excludentes re-produzidas menos normativa do: “é assim mesmo”; “todo mundo passa por isso”; “é dessa forma que se faz pesquisa”...

As práticas formativas que propõem o corpo como aprendizado do conhecimento por ele advindo, podem ser um exercício que nos aproxime de uma educação menos colonizadora, fragmentada e excludente.

doutrinária da instituição pesquisa. Embora essa construção não seja arbitrária, ela nos atravessa e nos fez parte dela. Livros, artigos, dissertações, monografias que tive que ler ou me leram em algum momento da vida, também me constituíram escrita. Se vamos romper, temos que fender a nós mesmos, pois somos a única parte da pesquisa que em constante transformação, modifica. “Será bom que encare o problema de como tratar cientificamente a sua experiência (ECO, 2007), conselho para o pesquisador que esteja mergulhado em uma experiência político-social”.

Dentro de uma perspectiva contra colonial, é impossível postular qualquer coisa fora da experiência, portanto ao meu corpo colonizado re-existir, ele é parte da consciência político-social me fazendo o próprio problema que Eco provavelmente não tenha jamais levado em consideração.

Não é o fato isolado de conter a escrita dentro de referenciais chamados contra hegemônicos que me faria corpo/texto contra-colonial, até porque pesquisadores que discutem a estética da imagem quanto da escrita, reconhecem que o racismo colonialista

5.0.1 “MINHA MITOdologia”

Howard Becker ao escrever sobre métodos sociológicos, fala que problemas surgidos durante o próprio trabalho pressionam sociólogos abandonarem questões importantes, problemas de pesquisa, “até que criemos métodos suficientemente rigorosos, ou enfrentados de maneira que se baseiam na intuição e outros dons que não podem ser transmitidos”(BECKER, 1999, p.34). Ao escrever extensivamente sobre estilos e metodologias da escrita sociológica, e considerar dom e intuição como solução teleológica de rigor para uma escrita científica, Becker me convida ao exercício libertário onde o ato de escrever possa nascer de um corpo livre. Carolina Maria de Jesus soube disso por sua própria intuição e dom, ao anunciar que escreveria seu livro sobre a favela aos seus vizinhos (JESUS, 1960, p.17). A autora percorre muitos mundos, numa performance que reúne poesia, narrativa, auto etnografia, enquanto desfia uma série de conceitos sociológicos e político-sociais.

permeou as dimensões tanto estrutural quanto a ideológica/simbólica do nosso aprendizado (ROSEMBERG, 2003). Desse modo prefiro acionar a política nhomongueta, oguata porã rã – dialogar, caminhar juntos, sem que ao somar os conhecimentos, signifique oguero va joeko – modificar o mundo do outro (BENITES, 2015). Talvez dessa forma eu consiga transpor o simbólico inconsciente exercitando uma progressão desestruturante.

Há corte e cortes profundos
Em sua pele em seu pelo
Há sulcos em sua face
Que são caminhos do mundo
São mapas indecifráveis
Em cartografia antiga
Precisas de um pirata
De boa pirataria
Que te arranques da selvageria
E te coloque, mais uma vez,
Diante do mundo
Mulher.

(NASCIMENTO, 2015, p. 31)

...Eu fiz uma reforma em mim. Quero tratar as pessoas que eu conheço com mais atenção.
Quero enviar um sorriso amável as crianças e aos operários.
(JESUS, 1960, p.25)

Escrevivência é um conceito cunhado pela escritora Conceição Evaristo (2020) propõe a cumplicidade do ato de escrever com a vivência do narrador, ao mesmo tempo em que esse apresenta a história do outro também pertença a sua coletividade. É um método suficiente e rigoroso para preencher a lacuna apontada por Becker como capaz ou enfrentado baseado na intuição e outros dons. Escrevivência vai além do que o autor desejou enquanto lacuna metodológica a ser preenchida, é dom e intuição que também pode ser através do corpo, transmitidos.

5.0.2 ABREUGRAFIA

A literatura menor, um conceito estético criado por Deleuze e Guatarri, me convida construir uma espécie de ponte ritual de passagem em cima de mundo constitutivo de certa produção acadêmica em meio a uma pandemia. Para esses autores a literatura menor está ligada à desterritorialização da língua, a uma língua que uma minoria constrói.

Já que dizem que a mulher fala muito, que suas muitas línguas possam corpofrasear.

Eu quero me dedicar a criar confusões
de prosódia
E uma profusão de paródias
Que encurtem dores
E furem cores como camaleões
CAETANO VELOSO

Nesse sentido, propus-me a “escrita de mim” como ato de resistência e subversão de memória, que me fizesse transpor os sentidos de que reaprender não significa subjugar a crença de que a língua menor historicizada do meu corpo, agora fosse algo descartável. Entendendo-se língua, por linguagem de quem diz, encarnação auto-oral, reconhecendo porém as limitações da palavra que por maior dedicação e esforço e transposição de gêneros escriturários variados se arrisca de uma hipossuficiência do dizer.

As escrituras foram organizadas a partir de uma perspectiva corporal, tendo a experiência de uma construção sociológica enquanto mulher brasileira em uma pós-graduação na Saúde Coletiva, durante uma crise sanitária mundial. O corpo como dimensão, instrumento de cultivo e construtor de seu próprio aprendizado, se propôs estar integrado à escrita. Enquanto escrevo, porém, entro em contato com vários dilemas éticos, já que não premeditei os encontros dos quais irei narrar sob o direito de ser também registro de voz da/o outra/o.

Guardei a identidade de cada um/a, embora em plena confiança de que se tivesse pedido autorização para escrever sob o veio da minha memória, ainda estaria consciente de uma auto-ficção, o que não faz da/o outra/o de nenhum modo, um objeto de pesquisa. Não premeditei nenhum cenário, ou criei qualquer ambiente que eu pudesse me aproveitar para a escrita, ao contrário, a escrita foi convocada pela presença memorial de um corpo transcendente, que nasce no encontro e tem a potência e a vulnerabilidade de um acontecimento único. Nesse sentido, todas as transcrições de áudios e ou textos compartilhados do whatsapp, foram partilhas em respostas a mobilizações coletivas, onde eu era também e ou estava “sujeita” da - à história.

Precisei revisitar, além da memória escriturada, imaginação, auto-ficção, brincadeiras, por toda ameaça que a sarscovid-19 nos gerou como sociedade, para além de uma delimitação geográfica, numa ecologia sistêmica de mundo da qual talvez nunca tivéssemos uma consciência tão corporal de perda de território neste século e no passado. Afinal, não se trata de uma ruptura só de nação x língua, se trata de um rompimento, uma desterritorialização global, uma ameaça aos signos e significados culturados por certa localização de *habitus*,

sinais distintivos que constituem o corpo como produto de uma fabricação propriamente cultural segundo Bourdieu (2014, p.248).

Aos poucos, a temporalidade como estabelecimento de memória de um mundo em complexa desintegração, que situa a consciente perda de fundamento de alguma materialidade corporificada, vem sendo diluída em uma grafologia para além do escrever laudas. Um ato que se faz em contínua rotina de-composição memorial entre passado e presente, sendo o futuro só localizado no imediato espaço fisiológico de continuar respirando no momento seguinte.

5.0.3 ESCREVIVÊNCIA SOBRE AS ESCREVIVÊNCIAS

No segundo semestre de 2019, me inscrevi em duas disciplinas do programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva, do Instituto de Medicina Social. Porém só me consegui manter presente em uma delas, principalmente porque era ofertada ao final da tarde e início da noite, fora do horário “comercial”. Sob o título de “Enegrecer a Saúde”, a dinâmica, circularidade e os assuntos coerentes com questões enraizadas e silenciadas no ambiente acadêmico, me fizeram conhecer uma face acessível que incluía a relevância do encontro, o estado de presença, a circularidade da fala como premissa do aprendizado.

Fiz uma aproximação sensitiva afetuosa, com as rodas que a Iniciação Científica, promovidas pelos pesquisadores do grupo que eu frequentava, e quase toda/os tinham passado pela pós-graduação neste mesmo instituto. Mas algo me fez querer permanecer, de fato a liberdade de ser incluída, mesmo quando fui completamente discordante sobre os signos e significados de um vídeo, trazido na aula para discutir racismo. Não tinha quase nenhuma leitura sobre os textos que circulavam, mas um letramento de quase uma vida por outras linguagens. Tinha acabado de fazer uma disciplina sobre “O poder de Agir da Arte” na pós-graduação em Dança da UFRJ, e os conceitos teóricos muito frescos em minha memória, sobre as articulações políticas presentes na Arte.

Que bom ter tido esse “preparatório” para dias de muita solidão acadêmica, que se tornaram dois longos anos de encontros virtuais. Porém foram a/os companheira/os que pude ter nessa aproximação, “corpos concretos” essenciais para a continuidade deste aprendizado. Além de me apresentarem seus dilemas e inquietações, me fizeram também apresentar os meus. Não tive a energia de ler todo conteúdo que faziam circular, mas os escritos de suas vidas acentuaram minha apreciação pela escrita e me vi escrevendo para viver.

Falei muitas vezes que não sabia escrever, já que Conceição Evaristo, tem seu modo singular de nos manter atentas em sua tessitura textual, por gerações à fio. Porém à medida que me urdia com palavras pulantes de meu corpo, a fim de não perder o “fio da minha história”, percebi a grandiosidade “mitodológica” para além da forma, mais no processo elementar de identificação, essencial a uma construção viva e coletiva. Escrevia, e antes que meu juízo atordoado pelo sistema de críticas impressos

na memória de um aprendizado regulado, produto de um ensino opressor, me tomasse da coragem em me desnudar, enviava o texto por email para meu “des-orientador”. Eu o disse que faria, como exercício para mim mesma, e que ele não precisava retornar. Até que fui tomando confiança, e já não mandava todos os textos, exercitando o meu próprio movimento de auto-leitura.

Quando ao final, quis descartar muitas partes do texto, achando que já se tornara obsoleto, visto que se tratava de minhas memórias, percebi a importância de não anular quem somos. Lembrei-me da curiosidade que eu tinha, em saber quem eram as pessoas que produziam artigos científicos. O quanto me intrigava ver as mulheres cientistas só por um recorte de suas vidas; será que elas nasceram tão especiais que se podiam ser ou fazer só uma “coisa”?! Os dramas recentes das e dos estudantes, tão parecidos com todos os que eu passei e ainda passo.

Mais em especial, foram os corpos de encontro de duas mulheres que atendi, depois de um longo período de reclusão de 18 meses da assistência presencial ambulatorial¹⁴, que me fizeram repensar deixar sangrar a lauda. A primeira, que trabalhou na lavoura por toda vida, e com a idade que teria minha mãe se estivesse viva, me abordou dizendo: “ *você que vai me tratar?! Estou feliz por você ser mulher..., você é resposta de oração* ”. E a segunda, trabalhou por toda vida “*em casa de família*” como me disse, e tinha seu corpo negro, grifado para além das marcas do trabalho pesado, extensas abordagens cirúrgicas, registros em “caixa alta”. Também contemporânea da minha mãe, estava tão intimidada que se desviava dos meus olhos, enquanto eu lhe dirigia o cuidado. Porém aos poucos enquanto lhe toco o corpo, em um cuidado continuado, se abre para dividir histórias tão próximas às que eu também vivi, e já acha assunto pra prostrar em plena liberdade. Tenho a impressão com suas perguntas, que nunca puderam se dizer de assuntos tão íntimos, para não serem julgadas. Ou será que acharam que só elas passaram por tantas opressões na vida?!

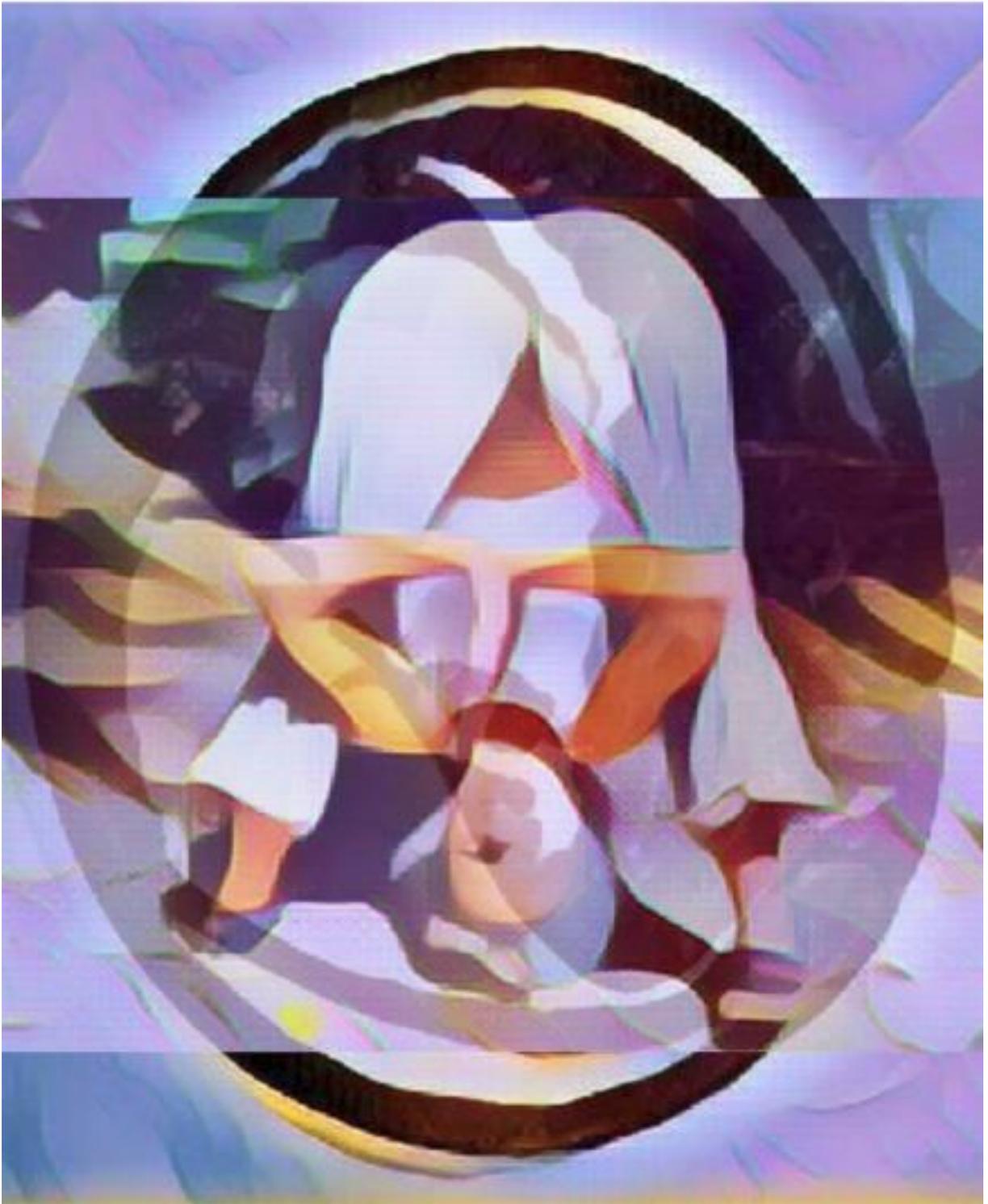
Elas me fazem saber que o silenciamento ao qual somos submetidas, nos faz temer o “testemunho”, a escrita, o corpo nu diante de tantas improbidades. A responsabilidade de, para além do cuidado, ser resposta para estar com mulheres tão abusadas pela vida, me fizeram rever o desejo do “ventre/escrita” livre. Voltei ao lixo das minhas memórias, mesmo quando a escrita científica usual me convida des-habitar meu eu, e me tornar uma “terceira” pessoa, a fim de ter uma aparência culta e objetiva.

¹⁴ Entre março de 2020 e setembro de 2021, estive reclusa atendendo presencialmente somente partos e atendimentos domiciliares muito pontuais de urgência.

Ainda que para isso, tenha que refazer o caminho, e juntar de volta todos os papéis que a vida me convidou rasgar, e aos que possam parecer em si, rascunhos de um tempo tão promíscuo, ainda há de serem os que me fazem coerentes com quem me tornei.

Por isso, talvez, ao circular pelo texto, pode parecer que a cronologia não faça sentido, ou ainda as camadas embriológicas poderiam trocar de lugar, ou então a ambiguidade possa circular nas resoluções éticas sobre o que venha a ser uma escrita científica contra hegemônica, ou ainda na profusão étnica racial. De todo jeito, esse trabalho tem em seus poros a continuidade do que eu desejei desde o início, estar presente de corpo inteiro, assim como desejo a cada um/a que se encontre também, por aqui escrevívda/o.

6.0 ECTODERMA



6.0.1 Travessia

Quase de um dia para o outro, sem muito acreditar, fomos convidada/os ao confinamento. Um país tropical, de grandes dimensões e realidades distintas nas diversas capitais, acostumado a se embolar em transportes públicos, que parecem ter sido planejados para uma menor capacidade para sempre, é quase obrigado, coagido a parar, afinal não somos melhores que “todo” o mundo...

Tão logo iniciam os casos, como se o vírus já pudesse estar por aqui adormecido, uma determinação de sua ativação começa a cumprir a ordem como uma bomba relógio programada. As questões começam ganhar reflexões, ora por sensacionalistas, ora por triunfalistas, e o viés, que antes era uma urdidura só da pesquisa científica em seu campo fechado de discussão, passa ser o trilho mais capaz de levar e trazer milhares de informações “des-encontradas”. Como boas e bons brasileira/os, que já passaram “muitas e boas”, muita/o “positiva/os”, um comportamento talvez promovido pela exposição excessiva a catástrofes sociais, a onda parecia chegar só por algumas gotículas, empurradas pela disputa entre um quase jogo de quem apostava que parecia sair imune novamente, só que dessa vez não.

6.0.2 Rupturas e novos aprendizados na pós graduação em Saúde Coletiva

Dos grandes desafios de manutenção da vida, era também o investimento cognitivo em algo que fosse relevante, e ainda mantivesse o sentido de existir. Tivemos uma semana de acolhimento presencial, e na seguinte, as medidas sanitárias de isolamento foram instituídas. Enquanto alguns professores mantinham encontros, antes mesmo de que o período letivo fosse definido como iniciado no novo modo virtual, meus olhos corriam pela bibliografia... O que o estado sindêmico fazia ainda ampliar as

lentes de conteúdos que já deveriam ser expostos ao nocaute, a essa altura da vida. As e os estudantes tentavam de alguma forma encontrar vínculos, que nos fizessem permanecer. Grande parte do alunado, porém, se dividia entre a responsabilidade acadêmica, e uma apertada agenda de trabalhador/a de saúde. Nós, que fazíamos parte da turma que interceptada pela pandemia adentrou o ambiente virtual surpreendentemente na pós graduação em Saúde Coletiva, tínhamos muitas dúvidas, e tentávamos de certa forma apoiar um/a ao outra/o... Não havia como ter a escrita, ou os temas das pesquisas incólumes ao nosso dramático

Se sem um vírus letal, nós já estávamos com muitos problemas de comunicação, imergimos numa espécie de torre de babel, com fundo sonoro de painéis, desafinadas, gritadas: “FORAAAA Bolsonaro”!!! O esforço de muita credibilidade ao senso comum perdia para o pavor que tomou conta de ser disseminado, como forma de estagnar a premissa positivista bem situada na cultura brasileira, que aprendeu creditar sua energia, em quase tudo dessa vida para sobreviver. O povo da malandragem, dos bois, dos sambas e forrós, foi convidado a deixar as praias, a fé, a festas e render seus álibis a um algoz invisível, que passou se alimentar de muitos desencontros e uma paralisia instituída por curvas cada vez mais fechadas, traçadas por cientistas de muitas escolas.

Não bastasse o rigor de todas as catastróficas previsões acontecendo em tempo real, o isolamento vertical acentua o sofrimento, convidando principalmente aos idosos a se retirarem. Habitados a se distraírem em suas horas quase todas vagas nos bancos,

estado de mudança de mundo. Para não perder o vínculo, eu trafegava pela/os autores sugeridos, e ainda me/fui incluída em um grupo de pesquisa que estava se organizando. A distância entre a realidade dos textos, e as relações de vida atualizadas do campo no qual estávamos sendo iniciada/os como “pretensos” pesquisadores, causavam reações “a-diversas”, para além de se tentar equalizar “tensões estruturadas” por conhecimentos anteriormente adquiridos. Era preciso “tentar” encontrar uma brecha para viver alguma coerência, e em permanecer. Tento acompanhar um pouco das três áreas que pós-graduação em saúde coletiva me “oferece”, mas no grupo da epidemiologia onde há curvas simples e

indecifráveis, o especialista que estudou por anos, preferiu mudar de assunto e aconselhar quadrinhos com “estórias” científicas aos netos se perguntando o porquê as crianças lerem ainda outros contos, e isso para ele não faz nenhum sentido. Mesmo especialista já pede ajuda para entender as retas, mas desconfia que tudo que não caiba no gráfico seja “pseudo-ciência”, quer seja em relação à morte ou mesmo à vida. Seus jovens cientistas não têm nome; ao se referir a eles não os distinguem, e já devem fazer parte de um duplo cego. Tem que se ter fidelidade na pesquisa, senão o viés estraga o bom desenho final. O outro departamento, aos meus olhos, se mantém pelos processos de disputa como gárgulas, agarrados em suas gargantas.

lotéricas, supermercados, enquanto fazem uma espécie de “*overused*” do corpo em suas peregrinações até que o imobilismo os torne completamente rendidos, pensamento criado no seio da cultura ocidental onde envelhecimento e inutilidade/descarte são sinônimos, tornam-se o alvo mais implicado pelas muitas observações maldosas. Como vamos querer pedir deles, que até outro dia, iam ao encontro de quaisquer distrações, depois de tomar pelo menos uma meia dúzia de pílulas que lhes pareciam capazes de garantir o direito de ir e vir, sem que precisasse cuidar com tanto rigor de alguns deslizes na dieta, e ou tornar a pressão descontrolada, mesmo enquanto não sentia nada?! Uma mudança brusca e radical.

O vulto do que era sombra, cresceu como um monstro dos contos, que vem do mar para levar de volta, o que lhe foi tirado. Desde a revolta da natureza ao controle populacional, muitas teorias e delírios parecem fazer um efeito extraordinário, não bom, mas corrosivos às bases de todas as crenças em uma só possibilidade. Afinal faltam equipamentos de segurança em quase todos os setores mesmos dos “quartéis gerais”, que de antemão já eram preditos e instituídos por ser a salvação dos infectados mais críticos - os Hospitais de Campanha (HCs).

O combate virtual, de quem corre todo tempo da casa para a notícia, já que o foco é sempre outro, enquanto as mudas de roupas mesmo em constantes trocas para evitar uma possível contaminação, não fazem páreo com as trocas dos cargos na política. Já nas humanidades, os cientistas sociais em grupos mais discretos, expõem com cautela e com cuidadoso recato, suas dúvidas. Talvez para não serem julgados pelos pares “mais especializados” sobre como prevenir com consciência ética de ainda ser bom cientista, e não romper com a “negação da evidência” de que o perigo nos une em risco por uma mesma atmosfera científica e sabemos tanto

quanto nada o que fazer a essa hora, para nos livrar a “branca pele científica”... Nesse tempo, onde a coerência já estava precarizada, me perguntava qual o sentido do uso de certos teóricos no campo?! Em dia de muita angústia o que me salva é uma boa conversa da mais científica ciência - A práxis da vida:

Ontem lia um livro, que descreve como se faz uma tese, e ou uma pesquisa científica. Só agora tomo “cons-ciência” doutrinária escrita, de como as monografias, artigos e teses que tive que ler ou me leram em algum momento da vida, ou ainda formou quem também está educando outras pessoas, foram sistematizadas. Trocaria facilmente a leitura por um papo rápido durante o dia, com uma amiga, antropóloga da vida, que me relata sua experiência muito mais educativa, quando esteve exercendo a medicina como

Uma série de editais são lançados e quase todos parecem pedir um infinito número de papéis, comprovações, especializações... Os “HCs” são o alvo principal dos novos “sortudos” por arranjar emprego, afinal, há muito tempo não se abria tantas vagas principalmente na saúde, e que sorte para se desconfiar. Enquanto uma chamada nacional apela para o heroísmo, cadastrando voluntários e estudantes de últimos períodos de graduação em saúde, o cerco aperta, e uma redação no diário oficial faz parecer a obrigatoriedade dos profissionais de saúde, uma convocação irremediável no Diário Oficial da União – Portaria nº 639 de 31 de março de 2020. O texto propunha a criação de um cadastro geral dos profissionais de saúde habilitados para atuar em todo território nacional, um registro consultivo disponibilizado aos gestores de todas as esferas federativas. Muitos profissionais faziam textos nas redes sociais, sobre se manter de prontidão ao chamado, o que, portanto nunca de fato veio acontecer. Ninguém foi convocada/o, além da/os que já eram trabalhadores do SUS, e da/os que se submeteram aos contratos precários propostos pelos HCs. Quem já estava em muitos trabalhos, rotina muito comum entre profissionais de saúde, provou por antecipação do pavor, com os milhares de protocolos e regras que mudavam mais que cotação do dólar na bolsa de valores em um mesmo dia, antes que uma organização mínima produzida pelos sanitaristas/políticos e cientistas (das castas mais específicas é claro) de plantão

cuidado, por um determinado país na África. Com anos de estudos em Saúde coletiva aplicados, por uma prática antropológica de cuidado por tantos povos distintos, me faz em uma conversa via telefone de vinte minutos, saber muito mais do que dois meses investidos em uma extensa leitura teórica. Ela mal sabe o bem que me faz ao achar sentido em nossa amizade, quando com tantas especializações nas ciências da práxis de vida, me dá ouvidos com uma humildade que quase me faz paralisar por tanto afeto. É o efeito do instante, quando a gente quer colocar cada encontro, mesmo remoto, em um quadro de arte, e ele eternizar. (FIGUEIREDO, 2020)

Mas certamente, não teria teias que trouxessem uma dissensão produtiva da qual bell hooks (2017) diz “quando busca força” na obra de Martin Luther king, e

nos convoca à mudança, citando a Epístola aos Romanos. Agora eu estaria absolutamente condenada pela completa falta de ética escrita, citando a citação da citação, e ainda permeando um argumento frágil, de uma palavra testemunhal dita por uma terceira pessoa de outro tempo visitado.

Com medo de perder o apoio dos burgueses conservadores e de afastar-se das Igrejas dos negros, King meditou numa passagem da Epístola aos Romanos, capítulo 12, versículo 2, que o lembrou da necessidade da dissensão, do desafio e da mudança. “Não vos conformeis com este mundo, mas transformeis-vos pela renovação da vossa mente”. (bell hooks , 2017, p.50)

pudessem estabelecer de fato manejos com mais segurança.

O pavor então infecta pessoas, deixando outras sem assistência, por uma falta de ..., ninguém mais sabe nada, afinal são muitas as vertentes possíveis e elas jorram como água, ainda batizada por geosmina¹⁵, no Rio de Janeiro uma forçação para que a companhia estadual de água e esgoto fosse privatizada¹⁶. Mas não há mais tempo do paladar perceber, nesse ponto a alteração de alguns sentidos causada pelo vírus parece “de certa forma positiva”.

Tem medicamento que pode, outros completamente condenados, enquanto a indústria farmacêutica deve sambar todos os sambas tirados dos pés das e dos passistas, transeuntes condenados a reclusão “do-lar”. O retiro que parecia interessante por muitos lados, começa trazer à realidade a falta de pequenos prazeres, que alguns nem tinham se dado conta, quando os partilhavam cotidianamente.

A seguir, me dividiu o sofrimento

Eu que nem lhe disse a tristeza cravada na alma, que me tinha feito há pouco querer recuar certas partilhas, durante o falar com ela, me sinto renovada e grata pela oportunidade em prosseguir. Enquanto lhe incentivo algumas leituras, ela me retorna sobre o Livro de sua Xará Evaristo, e se fia na própria história de quem teve os pais advindos do um quilombo, e me fala:

- Enquanto lia, lembrei-me da África não burocratizada e de toda sua beleza pautada na oratória, em Burkina Faso, um dos países que estive “servindo”; lá não existem documentos como prova de acordos feitos por partes, a palavra dita é o suficiente.

em atender uma mulher com cerca de 40 anos, sem nenhuma história, ou melhor, advinda de uma concepção na rua, e que mesmo tendo sido acolhida pela família da família, em seu último surto por 10 dias sumida e já resgatada, não aceita comida limpa, e espera para vasculhar o lixo depois que todos comem, para aí se alimentar. Conclui, mesmo sem fazer uma ponte consciente eu acho, dizendo que a moça não pronuncia uma sequer palavra... Nessa hora quase me desabo, porque o pouco que falo às vezes me desconfio, e

¹⁵ Os consumidores notaram um odor e sabor da água parecidos com terra. Segundo os pesquisadores, Geosmina é uma substância produzida por algas que altera o sabor e o cheiro da água. Durante a crise que durou meses, a população foi obrigada compara água mineral para o consumo, já que a presença de tal substância sugere esgoto na água..

¹⁶ O que de fato aconteceu posteriormente, praticamente um ano depois em um leilão pouco divulgado no dia 30 de Abril de 2021. Mesmo após um projeto de lei votado um dia anterior pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, o “des-governo” federal comemora o que chama de “*um governo voltado para a liberdade de mercado*”...

6.1.1 O Que Me Trouxe

No meio do fogo cruzado a memória transborda, e parece atingir à distancia outros. O confinamento, a imobilidade, foi em parte um provocador pelo meu interesse de uma proposição mais vivencial, e habitada, na relação com o ensino das ciências da saúde. De fato, meu corpo reagiu até não mais conseguir manter-se imóvel por horas de estudos patológicos, e traçou em escape, como se fosse uma linha auxiliar, para sobreviver às endemias promovidas pela sistematização dura no manejo do aprendizado sobre as doenças. É incrível a forma como sou tomada pelo mesmo sentimento, enquanto tento entender o que fazer como promoção da saúde para combater o efeito sistemático do vírus, qualquer “coincidência uma mera semelhança”. Quem tem o privilégio de ficar em casa, não se vê como “bem-aventurado”, e quer sair, quem precisa sair, aos poucos mergulha na angústia da exposição, e na multiplicação do tempo usado para chegar ao destino por transportes públicos que já

o tento fazê-lo de um melhor jeito. O que eu sei, ou melhor, o que me estou ensinando a aprender, já que desconfio das tantas cercas que nos foram colocadas... São saberes revisitados a cada novo dia, porque a renovação da mente precisa ser constante, até que pelo corpo novos entendimentos sejam derramados. Mesmo a escrita, que pode ser revista e reajustada com o recurso da suavização poética, pode ser mal interpretada, porque também a leitura foi capturada para certo tipo de percepção e entendimento, do que se pode ou não ser a interpretação imposta, uma forma a ela creditada.

6.1.2 Pré - ilúdio – análises e aproximações pueris de um corpo do conhecimento

Enquanto estudante sanitaria em formação durante uma pandemia a qual talvez nunca tenha se visto igual, como ajustar em um novo mundo as formas de quem ditou a partir de uma não experiência uma construção de escrita para o aqui ou agora? Não que seja toda realidade um ponto de cisão, mas já que estamos em outros tempos, um convite à transformação, à mudança, me parece tão objetivo, que os sentidos duros das fronteiras que nos instituiu em “gente”, são convidados também a uma refeição. Tudo que nos restou, mesmo

circulam em muito menos quantidade pela cidade. Embora passionalmente eu me queira oferecer para alguma das muitas propostas que aparece de contratação e também tornar-me “uma heroína” como muita/os amiga/os; estar “empregada” mesmo em contratos precários enquanto o “lobo mau não vem” e poder dizer que combati o maldito vírus. Preciso de um “porquê” para permanecer estudante de pós-graduação, que parece não fazer nenhum sentido.

A tendência a certa confusão mental, uma espécie de força imposta pelo inconsciente coletivo, me coube perfeitamente ajustada por uma máscara gigante. Mas até o delírio me parece vir á partir de pensar numa possibilidade de transformar: - ela, a máscara do meu sonho, tem uma cor azul clara, mais ao centro, uma área transparente para que o sorriso possa ser revelado para além da proteção. Seria muito “inteligente” e “racional”, produzir um pensamento crítico por qualquer escolha do cardápio, pois as opções parecem dividir a opinião pública numa espécie de torcida organizada. Tem paladar para todos os gostos, e um convite insidioso ao abandono de qualquer simbolismo que te faça pensar e ou sentir por vias próprias, afinal a sensação de vulnerabilidade impregna até a alma, e quase seduz e rouba o fundamento onde localizo a minha resistência, o corpo.

temporariamente, tinha a urgência de tentar “diminuir danos” nem que isso significasse só esperar o dia seguinte. As escritas e pedidos de “alguém” que tivesse uma condução mais razoável para o manejo de todo tipo de situação, enchiam os grupos de pedidos urgentes. Aos pares, eu “circulava”, por dois grupos de profissionais de saúde, dois da doulagem, quatro de coletivos e estudos da pós-graduação, e dois da graduação. Esses eram os mais gerais, onde circulam os mais variados assuntos: - Desde confusões políticas, as *fakes News*; pedidos por notícias de familiares

internados em unidades de saúde; manejos de condutas clínicas e possíveis serviços; pedido de doação de alimentos; atendimentos solidários e uma infinidade de assuntos. Porém, as formalidades da escrita por menos especializado que seja o leitor, também cabem em um construto do qual os olhos alheios possam estar viciados, ou melhor doutrinados ao tornar para si a informação da mensagem. Tenho dificuldade de dizer em espaços cibernéticos onde não conheço pessoalmente pelo menos a maioria, temendo uma torção da intenção da fala. Quando “acho” que posso ter algo útil para a partilha coletiva, sou intencional.

6.2 “Foram me Chamar, eu estou aqui o que que há”...

Curiosamente, fui buscada por um grupo de uma pequena comunidade cristã, sobre a possibilidade de “encontros que fizessem o corpo mexer”, na reclusão pandêmica. Eu já havia começado o meu treinamento individual, pensei em só sistematizar e organizar de uma forma a alcançar outros corpos. Mas a origem do convite me traz pistas muito valiosas, afinal por que uma população que tende a uma espécie de abandono ao “corpo matéria”, gerado por uma interpretação livre de deslocamento migratório para um mundo vindouro do qual se terá uma “versão gloriosa”, me convida em uma situação tão adversa?!

Justo agora tornar este corpo tão exposto a uma ameaça invisível pulverizada por um “demônio” oriental, o centro da vida... No dito popular os orientais são tidos como “sinistros”, e neste momento estão mais uma vez à frente: - Os primeiros infectados, e se ainda não, fazem parecer ao mundo que já possuem controle quanto à disseminação e contaminação do vírus letal. A dualidade entre a perspectiva do crescimento da China no mundo que tornou muitos bens consumíveis pelo baixo preço e qualidade a custas de questionáveis sistemas de trabalho, bem como a construção de figuras com super poderes levando os limites do corpo biológico e emocional às últimas consequências, nos dando na arte e nos esportes a ideia de uma espécie rara de

Em uma tentativa de partilha, quando em mim também resvalava a experiência de estar em um mesmo mundo de angústias e acometimento, sugiro um simples recurso fisiológico - a respiração. Sou “cancelada”, termo usado para determinar uma “exclusão” de um grupo, nesse caso só metaforicamente já que a discussão não progrediu. Era um grupo de mulheres, que militam por saúde e seus direitos. Os assuntos e interesses mais comum, são os direitos reprodutivos de mulheres, e a assistência na gestação e parto. É quando resolvo com todo cuidado, dividir um pouco da minha experiência com o cuidado de gestantes, tomando todas as medidas de não orientar, mas dividir como partilha outra forma de pensar um desajuste de pressão arterial, em um dramático momento de pandemia. A ideia que me passa é evitar empurrar essa mulher para rua com tantos perigos já deflagrados, em resposta sobre o relato de uma gestante que em todas suas 27

“super-humanos”, me corroem a curiosidade de o “porquê” um mesmo vírus ora pode ser chamado democrático, e outra comunista?? Uma cepa tão mutante, teria sido originada por um genoma capitalista, que urdiu o mundo para uma espécie de sistema indecifrável comum, financiando a reconstrução de torre de babel?

Dia e noite publicações infestam a rede, com a terceira guerra mundial: - A de informações.

A sensação de imobilidade à qual fui submetida por cinco anos seguidos, enquanto desejava estudar sobre saúde, corpo presente, corpo habitado na universidade, parece tão real, que me fazem quase querer morrer, para permanecer viva em um momento que pela sensação, a morte me parece bem próxima. Nesse tempo, para não adquirir uma calcificação do interesse e manter-me sensível e flexível até que pudesse atender alguém, passei levar uma canga, e usá-la nos gramados da faculdade, como um escape da ditadura que insistia em tolher toda a identidade que me trouxera até ali, e catequizar meu corpo/pensamento dentro do templo da doença. Talvez, uma trilha similar pudesse propor um “con-vide” a refazer o caminho enquanto resisto ao impulso heroico de me tornar uma futura ex - combatente da covid-19.

semanas de gestação, não teve até então nenhum episódio de alteração da pressão arterial. A proposição, era um tipo de respiração onde o tempo da expiração se prolonga, em relação ao de inspiração, uma manutenção por alguns ciclos, e caso a alteração fosse só um acionamento de estressores, era esperado o retorno ao padrão habitual. A reação foi em cascata, sobre não poder se prescrever nada para mulheres gestantes, porque não tinha “evidência científica”. Nessa hora para mim fica muito claro, que mesmo o público “leigo”, com todo respeito eu o digo, aprendeu que nos artigos científicos está toda a verdade sobre a vida.

É fato que este completamente munido de discursos protocolares, pela forma de se comunicar ciência, é constituído entendedor por conta de muitos critérios. Eu que evito usar a combatividade por artigos, onde temos quaisquer tipos por onde á partir de que se queira falar, me enlaço na decepção de até no modo simples de propor um recurso completamente fisiológico precisar subir em uma tribuna. Me calo desanimada da evidência de ter até a simplicidade da vida sido captada, pelo também pensamento da verticalidade produtiva científica. Está aí a “instituição instituída”, mesmo onde não vemos muros, eles estão erguidos

Cedo então aos encontros virtuais, que me desafiam revisitar conceitos dos quais ainda me indigna, tipo - A tendência da ciência em ditar com seu discurso patológico, protocolos para atacar a doença, como verdade única... Não vejo futuro na correção de um corpo nesse momento, já tão subjugado. Seria possível promover alguma saúde sem reproduzir a forma como ela é concebida, para além de “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença”(OMS, 1947) ?

Não há como dissociar a forma de perceber a pandemia enquanto “corpo-política” que me constitui mulher, mãe, esposa, artista, trabalhadora, estudante, muitos papéis, da responsabilidade enquanto profissional de saúde, em meio a uma crise sanitária. O mesmo vale para quem do outro lado, possui uma história, sensações e percepções construídas por muitos saberes e nesse momento rendem a mim uma confiança tão preciosa, que me fazem estremecer de responsabilidade. O exercício de me desviar dos

e nem nos demos conta, ainda.

Discursos como estes, me trazem

novamente para o centro da crítica de que a construção do conhecimento precisa de reforma, uma renovação do corpo como um todo, em todos os níveis da educação.

Mas não fomos treinados a aprender lidar com a diversidade, as contradições, e ou oposições; e a humildade de que a vida é

um constante aprendizado. Esse foi um

poema que escrevi num dia de muitas

angustias, de pesquisadoras e

pesquisadores “apreendentes e

apreensivos”, que em suas “melhores”

intenções, se queriam fazer contra-

hegemônicos e mudar o mundo racista,

sexista, homofóbico da academia, mas não

foram capazes de ao mesmo tempo se

perceberem que precisávamos mudar

simultaneamente a nós própria/os

A- Certidão

Era sexta, sexta de pandemia
Por quase três horas de fase ativa
o parto contínuo que iniciara seus pródomos
no passado
já quase se esmorecia do nascer...

O corpo queria nome para dar as caras,
os interstícios, grudados e instituídos
uivavam, em grito já quase silenciado
uma identidade, que não tivesse a cara de
curra

aos poucos, gastos das palavras elaboradas
nos fomos saindo da sala
alternando o estar das contrações...
o útero coletivo, contrai quase bons minutos
sem relaxar

Ladino Amefricano, põe a cabeça para fora
LÉLIA sorri, sem volta de cordão no
pescoço
a placenta vem escorregando, sem puxo
dirigido
Já é hora de registrar “ essi” menine..

Nome - Laboratório de Estudos
Ladinoamefricanos Lélia Gonzalez – LELIA
Data de nascimento: 26 - 06 - 2020 / Hora :
22:10
Óbito 22-12-2020 / Hora: 7:08

tantos bombardeios e ter algum tipo de opinião própria (e coletiva); o jeito que me faz lidar com tudo à volta e me conecta ao mundo, gritando numa voz rouca por liberdade, também me guiam no desejo engajado de que haja possibilidade às histórias dessa/es outra/os. Corpos que se achegam de muitos lugares e agora dividem o momento de uma percepção temporal, e precisam ter suas próprias organizações sensitivas.

Mesmo “não estando na ponta” (expressão “hiper-referenciado” usada para localizar os profissionais trabalhadores de serviços emergenciais), muitas pessoas acabaram me buscando com dúvidas sobre questões agudas e crônicas, o que deve ter acontecido a muita/os outra/os profissionais de saúde, já que o acesso ao sistema de saúde tanto público quanto privado, foi interrompido. Foram os cursos acessíveis a todas e todos profissionais de saúde produzidos por vários portais, dentre eles uma parceira da UNASUS com Fiocruz e várias Universidades Públicas, as redes de amigos que trocavam orientações e apreensões em quase tempo real nos grupos que participo de profissionais da saúde, que me mantinham também em alerta e orientada para orientar.

Nada de autêntico justifica minha oferta de tornar um canal virtual uma proposta á alguns que se interessariam por encontrar consigo, já que não há outra possibilidade em acessar o exato momento, em que é preciso ter cuidado e saúde para diminuir as

O Laboratório LadinoAmefricano viveu por seis meses, atingido pela reprodução opressora de um sistema de mundo falido desde o princípio, mas que teve durante a pandemia de coronavírus a macroscopia de seus “e-feitos” insidiosos letais.

Implodidos por falência múltipla, organismos instituídos para além da racionalidade discutida no âmbito da colonização, que nos fizeram insuficientemente coerentes para romper com a captura de nossas próprias críticas.

Todos nós, na academia e na cultura como um todo, somos chamados a renovar nossa mente para transformar as instituições educacionais – e a sociedade - de tal modo que nossa maneira de viver, ensinar e trabalhar possa refletir nossa alegria diante da diversidade cultural, nossa paixão pela justiça e nosso amor pela liberdade.
(hooks, 2013, p.50)

Para além da mente, precisamos de um corpo que se dê a possibilidade de renovação no exercício permanente da práxis da vida, integrado às dimensões do sensível onde as esferas do saber também possam trafegar pela ecologia dos sistemas de um mundo em constante transformação, para que não venhamos cristalizar. Afinal:

chances de adoecer. Construo uma forma poética de fazer chamadas para os encontros, sempre quinze minutos antes da hora combinada, acrescentando cada vez novos pedidos à lista de transmissão. Percebo que o adormecimento enreda as pessoas, e a permanência compulsória em suas casas, o faz se perderem da cronologia temporal. Muitas apontam o esquecimento, falta de sono, ou sono perturbado como sendo agora parte de suas rotinas. Enquanto me refaço para permanecer no meu “sujeito pesquisatório”, o corpo vivo e presente, um sujeito pessoalizado....

Sob o título “Cuidando do corpo e da mente”¹⁷, a chamada seguida do material a ser usado no encontro, ou então só mesmo o corpo, começa circular entre o Instagram, o Facebook e por um “boca-a-boca” zapeado, o que mais trazia interessada/os. Esses são dois exemplos enviados no dia 23 de abril de 2020, às 9:45 e o segundo às 19:45:

- Bom dia! Traga um cabo de vassoura e muita esperança, para o nosso encontro...

- Boa noite, tragam seus sentidos para uma melhor ventilação....

Todos nós somos sujeitos da história. Temos de voltar a um estado de presença no corpo para desconstruir o modo como o poder tradicionalmente se orquestrou na sala de aula, negando subjetividade a alguns grupos e facultando-a a outros.(...) É fascinante ver como o mascaramento do corpo se liga ao mascaramento das diferenças de classe e, mais importante, ao mascaramento do papel do ambiente universitário como local de reprodução de uma classe se privilegia de valores, do elitismo.
(hooks, 2013, p.187)

Meu exercício foi atrelar aos conteúdos obrigatórios, as questões que me faziam pertencas, como forma de resistência e experimentação de uma sistematização autonômica de aprendizado, mesmo fazendo um esforço grande para me

desviar das rajadas hegemônicas e mesmo as contra, das juízas e dos juízes de plantão. Para além do conteúdo, sempre comprometido com as autoras marginalizadas, outras linguagens em meio à obrigatoriedade dos papas da ciência sociológica. Também achei na construção das imagens dos trabalhos acadêmicos, uma forma de pessoalizar meu exercício intelectual corpóreo. Tudo para me manter viva, e vigilante até o fim (que nunca será em mim mesma, visto que a vida é uma reciclagem de um sistema em contínua transmutação)

¹⁷ Embora eu não queira fazer a dissociação entre corpo e mente, entendo que era uma forma de comunicar a proposta dos encontros em um idioma acessível.

Ancorei as “aulas” levando em consideração as necessidades de aeróbica; os espaços às vezes muito limitados para movimentos; uma grande variedade de tipos de respiração para experienciar e ou mesmo a mais importante: – A percepção aprendente da observação da própria respiração fisiológica; a flexibilidade e reorganização postural, além de alongamentos e relaxamento. Todos os objetivos centrados em uma percepção própria, muitas vezes provocada pela escolha de uma “víscera” ou estrutura, para focar a atenção durante todo o encontro, que eu ia progressivamente trazendo à memória. Os encontros duravam entre 55 minutos, a uma hora e quinze, quando eu mesma perdia um pouco a medida do tempo. Alguns sentidos foram aguçados por propostas mais arrojadas, como o encontro que conduzi por todo tempo de olhos fechados.

Estamos muito enganadas em dar toda a primazia ao sentido da visão. Ao reconhecer apenas a vista, não chegamos a nos escutar. Temos tão pouca consciência de nosso corpo quanto de nossos ruídos.

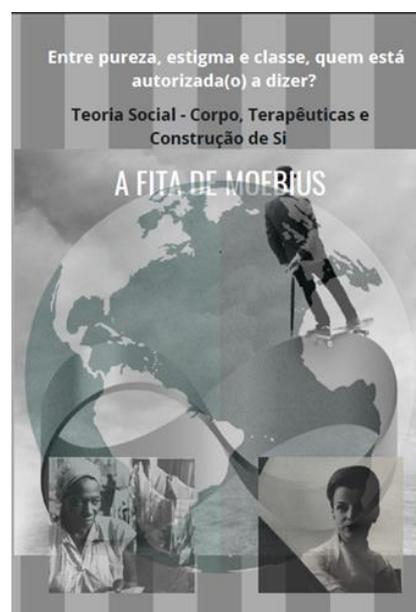
(BERTHERAT, 2001, p.15)

O fato de entrar pelas janelas da alma, habitadas em corpos tão diversos, me levam a não querer ser mais uma a doutriná-los, mas acreditar que mesmo em suas limitações fundamentadas nos encurtamentos produzidos por uma inabilidade em alguma cadeia muscular pudesse pela reconstrução de suas percepções, torná-la/os gestora/es de seus próprios movimentos internos.

Como exemplo, essa foi a ilustração de um dos trabalhos de Teoria Social, que inseri nossa socióloga favelada Carolina Maria de Jesus, e a artista plástica neoconcretista Lygia Clarck, em conversa com os autores “originais” propostos pelos professores da disciplina.

Pensando em uma atividade racional, que para Bourdieu objetifica tanto o pesquisador quanto a pesquisa fazendo um do outro o instrumento, quem poderia “pôr-se-em-causa” tendo em sua própria forma de ser no mundo outros aspectos de continuidade e transformação? Me “re-meti” “ardilosa-mente” trafegar por essas vias não formadas pelo conjunto das

clássicas vigilâncias científicas europeias/ norte americanas, num corpo que ainda luta por sua memória. A uniface contínua de moébius é



Atenta aos impulsos de fazer das proposições uma imposição, busco palavrear considerando também, a áudio-descrição de cada movimento, como forma de tornar a relação de cada um consigo, mais íntima e afastada da necessidade da imagem como um guia. As transições nem sempre são simplistas, lembrando sempre que adaptações eram bem vindas. Tento com sutileza, cuidar de palavras que já percebo não fazer sentido. Expressões como “respiração normal”, então me refiro como “respiração cotidiana”, pressupondo que a palavra “normal” pode não remeter ao seu significado original, afinal tudo é novo... Lidar com a captação da liberdade, produzida por um inimigo invisível, que tem como principal alvo o primeiro sistema a funcionar em dança:

A respiração fica bloqueada porque precisa fixar a rigidez dos músculos das costas, vizinhos e solidários do diafragma. A rigidez se propaga, as zonas bloqueadoras e mortas aumentam. Tudo acontece num romance policial onde os cadáveres vão se acumulando... Trata-se, cada vez, de suprimir uma nova testemunha do “crime” inicial. Trata-se de silenciar, uma a uma, todos os músculos que por meio de suas dores, poderiam testemunhar que as coisas não vão tão bem quanto o sistema nervoso quer fazer crer. Chega o momento em que o drama estoura. Não dá mais para evitar as dores, elas surgem insuportáveis. Pensamos que acabam de chegar; no entanto elas aqui estavam há meses ou anos. Só que agora são oficiais, o nosso psiquismo está informado.

(BERTHERAT, 2001, p.35-36)

explorada pela investigação experimentada, que na proposição de sua artista autora inclui a subjetividade indistinta espectador/obra, como própria, um todo uníssono. Um plasma entre a ação e experiência em um contínuo indiscernível que critica por si mesmo o racionalismo da objetividade quanto o dogmatismo geométrico, que por si só, sem as infindas verborragias escriturárias, incorpora/distingue simultaneamente indivíduo e sociedade.

Nesse sentido proponho a ruptura de um “não” mundo, aproveitando a instabilidade que nos sacudiu nos fundamentos das variáveis virais invisíveis, para me colocar em interesse pela escrita de uma mulher favelada preta e a arte de uma mulher branca, todas duas bem brasileiras, por me ajudar ancorar o pensamento de uma *vigilância científica* que me inclua como estudante/cientista do campo, pensando se é possível uma aproximação de conceitos sociais só por uma relação contemporânea entre esse duo estigmatizado gênero/raça e outros

diversos pontos de vista, e os “rabinos” das ciências sociais: Mary Douglas, Pierre Bourdieu e Erving Goffmann, levando em consideração que todos estavam se produzindo ciência/arte/literatura/vida em uma janela temporal convergente.

(FIGUEIREDO, 2020)

Buscar o sentido da experiência como sendo central à vida, me trouxe a oportunidade de cooperar com o curso preparatório para ao processo seletivo do mestrado/doutorado 2022/1 do Coletivo Negro Makota Valdínea; com a organização e facilitação da disciplina

A câmera que agora capta, em tempo quase real, os movimentos das muitas histórias compartilhando uma sala virtual por falta de opção ou então por ser a única opção, não me dá o direito de regular as imagens. Ainda sem um código de conduta previsto, percebo que para além da invasão da intimidade, a exigência da câmera ligada poderia tornar a liberdade e particularidade de cada corpo, um impedimento para permanecer. Então cada um/a faz conforme deseja, reproduzindo ou não sua imagem na sala. Essa observação se dá, porque simultaneamente percebo que muitos educadores do corpo, iniciam ofertas de aulas virtuais, porém todos que tive a oportunidade de ver o chamado exigem imagem ou como uma “suposta” segurança para regular o movimento, como os instrutores do Yoga, quanto alguns Educadores Somáticos que sugerem a imagem, como forma de “poder olhar” para uma condução da prática mais adequada.

Meu cuidado então com quem se acha livre para manter sua imagem exposta, é não olhar. E o verso central lembrado pela fisiologia, está creditado por um corpo em posições isométricas, lutando pela manutenção da capacidade de VO₂, e pela produção de energia tão escassa em um momento de tanto medo e apreensão. Desafios impostos para além de grupos musculares específicos.

Amefricanidade e Saúde, que trouxe as intelectuais negras brasileiras Lélia Gonzalez e Beatriz do Nascimento com suas categorias amefricanidade, transmigração e quilombismo, uma importante contribuição para o campo da Saúde Coletiva; e ainda em paralelo, estar com 13 estudantes que mobilizados pela falta de discussão sobre desigualdades sociais durante uma pandemia na pós-graduação em Saúde Coletiva, oportunizou uma aproximação histórica dos três departamentos do IMSHC. Corpo desse inconformismo, a disciplina

Desigualdade(s), Interseccionalidade(s) e Pandemia de COVID-19, contou com 54 estudantes inscritos de várias capitais do Brasil e um/a professor/a titular representante de cada departamento. Construída a partir do protagonismo estudantil, pudemos além de definir os temas e trazer a/s convidada/os, mediar os encontros e propor outras formas da construção do saber, fazendo com que o produto final para a avaliação, pudesse também ser construído a partir de outras linguagens, para além da escrita científica. Toda linguagem é epistêmica, e deve

Além de ter um foco na manutenção da massa magra e força muscular, já que muitas pessoas de fato estão confinadas, em casas às vezes muito pequenas e perderam a possibilidade da tecnologia cotidiana da manutenção fisiológica. Junto a eles, a atenção sempre referida ao corpo; ao espaço ocupado; atenção às vísceras e órgãos internos; volume e intensidade das respirações e as pausas em liberdade para acontecer antes mesmo que eu propusesse.

Há nesse aspecto a responsabilidade social, de que ficar seja proteger também o outro, mas esse outro também poder ser certo impostor que mora dentro, e parece ter sido erguido sem que nos déssemos conta por uma rotina construída pelo labor, ou antes, um corpo erigido para ‘maquinar’. A imagem não muito distante de “Tempos Modernos” do genial Chaplin de 1936, ainda me faz refletir, embora muito mais modernas, as máquinas agora conectadas por chips, que nos vigiam dia e noite e dormem dentro da nossa casa. Também é a falta de produção/produktividade que nos assusta porque senão produzimos não comemos, se não comemos morreremos. A morte bate às portas e qual “eu” estará mais frágil à sua sedução? O que aprendeu ficar e ou pode fazê-lo, ou o que sucumbiu aos muitos desvios necessários para sobreviver? Parece que a máscara é o objeto mais viável de quem olha no espelho e não se reconhece mais; onde mesmo o costume de *home office*, tirou da casa todas as suas

contribuir para o entendimento de nossa realidade(ASANTE, apud GONZALEZ, 1988, p.78). O interesse e permanência das e dos estudantes nesses “espaços alternativos” (lê-se para a Saúde Coletiva) ainda que virtuais, me fizeram perceber o quanto os conteúdos incluindo desejos e percepções silenciadas, mobilizam a vontade de estar e ser, mesmo em dias que pareciam capturar da vida, qualquer sentido de aprendizado. As câmeras, que na maioria das outras disciplinas obrigatórias se permaneciam sem rostos,

agora se abriam numa constância maior, em coro com as vozes também bem mais presentes em colocações pontuais nas aulas. Meu corpo transeunte da educação, que guardava em seu imaginário uma relação na pós-graduação bem mais horizontalizada, visto inclusive a premissa coletiva desse campo de estudos, esteve perplexo com as relações de poder introjetadas mesmo nos nossos ideários de libertação. Na disciplina em que os três departamentos estiveram presentes, a condução mediada pelas e pelos estudantes, repetidamente se dava quando

simbologias em abrigar, acolher e a tornou só um lugar de proteger os meios das intempéries e do perigo de contaminação.

Na proposta inicial, busco um horário que pudesse ser acessado de forma mais democrática através de uma enquete. Os horários propostos aparecem extremos, às 10 horas da manhã onde segundo a Medicina Chinesa é governado pelo baço-pâncreas que possuem a função de transformar alimentos em energia para todos os órgãos, e às 20 horas pelo pericárdio, este regido pela membrana serosa que protege mais intimamente o coração, também responsável pela indução do sono. *Mas temos fome o tempo todo*, essa era uma queixa de muitas pessoas. Quem sabe a energia transformada dos alimentos atinja aos menos favorecidos, e nos faça trocar do coração a pertinência do ódio inflado pelos discursos de políticos insanos, e preencha de compaixão pelos que hoje perdem seus entes queridos sem sequer poder velá-los?!...

Aos poucos, uma colcha vai variando de texturas, dentre os que posso reconhecer na “pseudodemocracia” ao acesso. E embora nem todas as bandas suportem certos aplicativos, elas trouxeram para a mesma sala, diversas personagens reais da

após a fala da/o convida/o, era seguida pela frase: “*Vamos ouvir se os professores A, B e C têm alguma consideração a fazer, e daí circulamos a palavra*”... Numa rude observação percebo que n’agente mobilizada com grande esforço em militância por se transformar, ainda encontramos questionamentos sem respostas, mesmo que respondidos pelos próprios escritores escolhidos como inspiração para resistir. E aí vai a questão de estratégia: - a coerência necessita de prática/treino, reescrever inscrevendo-se a si também. Um embate com o impostor que nos habita; um combate constante para que os olhos vejam, e o corpo

responda em tempo real, que há de se repetir o desejo da mudança, quantas vezes for preciso, até o casco destroçar. Pois a construção das instituições não foi arbitrária, passaram em nós e por nós. Para romper o casco, precisamos fender a nós mesma/os, já que somos a única parte da instituição, que através do corpo em constante transformação, pode modificar. Ela está no mundo e em nós, e mesmo fora, fomos também constituídos nelas,

Foi logo depois de uma noite terrível, com o navio jogando de um lado para outro, que a Taiwo começou a se separar de mim. Uma noite de tempestade ou de mar com raiva, quando ficamos ouvindo um rugido fortíssimo martelar o casco do navio. Muitos acharam que era o grande

vida. Da favela Mandela à Calcutá (Índia), do Goiás ao Pará, do Sul, Copacabana à Belford Roxo, ou Irlanda, as linhas costuram instantes de muitas novidades, e planejam um belo patchwork para cobrir o leito, enquanto a vida se ergue desconfiada a cada manhã. De credos, classes econômicas, idades, gêneros e percepções distintas, os encontros progressivamente se estendem por dias. Foram três meses de encontros, onde duas vezes ao dia, de segunda à sexta, me mantinha viva, a fim de fazer as/os outra/os permanecerem também viva/os para si. Quando o período do *lockdown* cessou, continuamos ofertando os encontros, agora só uma vez por dia, e as turmas progressivamente foram se esvaziando enquanto outras rotinas eram possibilitadas também pela chegada da vacinação.

monstro das águas querendo mais sacrifícios de gente viva, por não se contentar com os que já tinham sido atirados.
(GONÇALVES, 2009, p.37).

Poder ser corpo da palavra viva, e tornar bom um naufrágio, é um justo apego ao foco. Que morra o que nos separa, e renasça o que pode nos transformar, em outra/os, por outra/os e em nós. A expressão ambígua que o corpo expressa do humano, é constituída de uma subjetividade que o tem como o centro da experiência, essencial para o estudo humanístico e da aprendizagem experimental. Entendo, porém que jamais seremos corpos neutros, já que a política

de identidade nasce da luta de grupos oprimidos ou explorados para assumir uma posição a partir da qual possam também criticar estruturas dominantes, e se reconhecer em libertação dela.
(SHUSTEMAN, 2011, p.7; hooks, 2013, p.120)

“Ser capaz de recomeçar sempre, de fazer, de reconstruir, de não se entregar, de recusar burocratizar-se mentalmente, de entender e de viver a vida como processo, como vir a ser..”
(FREIRE, 2013, apud bell hooks, s.p.)

6.3.1 Versos inversos, trocas, afetos e poéticas

Dos muitos silêncios, e pessoas que acessaram nesse tempo os encontros, da quase a maioria eu nem soube quem era exatamente, posto que alguns encontros tiveram até 27 pessoas na sala durante a oferta de movimentos e percepções. Reescrevo aqui, a improvisação em “*continuum*¹⁸” como testemunho versejado no chão do WhatsApp. Impressões que misturam a temporalidade, imaginação, e poesia tão rara em dias que nem a perspectiva de vacinação ainda era presente, e a morte levava em atacado, muitos dos nossos entes queridos.

Um dia de contusão do meu músculo quadrado lombar esquerdo, parte de um corpo em pura precariedade dolorida, me tirou por cerca de duas semanas do encontro. Enviei esse texto ao grupo:

Queridos poetas e poetisas

Seguindo conselhos amigos, estarei reorganizando minhas palavras. Elas se mexeram demais por meu papiro, e se condensaram em labor quase doloroso. Vou deixá-las repousar mais languidamente por entre os poros e sentidos, Até que o corpo esteja novamente ávido a versejar... Descanso, por ora, Esperando que nossos poemas em breve se reencontrem para novas rimas e versos declamar. (19/ 05/2020)

6.3.2 A língua do movimento, o texto da língua

Iniciei o desejo de me debruçar sobre a experiência corporal na Saúde Coletiva numa proposta de compartilhamentos e trocas com os saberes vivos compartilhados pelos corpos presentes na mesma jornada. De fato, a

realidade das salas virtuais, nos roubaram muitos intentos, e não posso negar que abriram outras possibilidades. Mas toda vez que tínhamos que falar sobre o nosso “projeto de pesquisa”, uma impressão de que eu estivesse completamente antiquada me faziam ver na reação coletiva, que meu assunto ou era muito explorado e *démodé*, ou ainda muito amplo para quem só

¹⁸ Embora a proposição não seja fiel ao método criado por Emilie Conrad que propõe uma exploração e uma reconexão com o instinto do movimento, que segundo a autora é a essência da nossa identidade biológica, de fato percebi o acionamento da integração do movimento como experiência para um vocabulário sensorial expresso nas descobertas. (CONRAD, Emilie 1997/1998)

Recebi algumas respostas, em oferta ao comunicado:

Resposta 1:

Estou pensando em te escrever a tempos, mas sempre deixo para depois. Mas depois da poesia que você mandou hoje, me comprometi em ligar o computador e escrever.

É bobo, mas me deu vontade de escrever dois pensamentos que me ocorreram nas nossas práticas matinais.

Era habitual, no final das práticas, você falar sobre fazermos o movimento calmamente e tendo um olhar curioso sobre o mesmo, tentando perceber cada desdobramento que aquela intenção teria. Teve uma sexta ensolarada, após uma prática, que o L (seu filho de agora 3 anos) estava brincando com água e ficou muito tempo jogando água em cima da cadeira e percebendo como ela escorria para baixo. Era como se ele tentasse entender como aquilo acontecia. Colocava um pouco de água em cima, e abaixava para ver. Depois repetia. E ficou muito tempo entretido nisso. Enquanto ele fazia isso, fiquei ouvindo sua voz na minha cabeça "faça com curiosidade", e fiquei refletindo quantas vezes, ao virarmos adultos, perdemos características da nossa infância que nos impulsionam a descobrir coisas, experimentar novidades, fazer tentativas e se permitir errar. Às vezes nos engessamos no "já conheço/já sei", e não nos permitimos olhar mais profundo, olhar além. E descobrir que "uau, quando eu levanto meu braço direito, meu tornozelo esquerdo se mexe". E quantas vezes isso ocorre no meu dia, em tantas outras áreas e eu tenho passado despercebida por isso. Enfim, fiquei alguns dias refletindo sobre isso e foi muito bom!!

contava com 24 meses para integrar todas as disciplinas previstas, além da pesquisa.

As perguntas mais pertinentes eram sobre o recorte do objeto, sobre para quem eu escrevia, ou a acusação de que minha escrita era muito difícil...Confesso que esta última foi a que mais me perturbou.

Alguns textos meus, escritos como tarefas de finalização das disciplinas foram referidos como não científicos, ou muito literários ou em estilo jornalístico demais.

De verdade, a sedução de um produto mais adequado/vendável, não foi

suficiente para me roubar, pelo contrário foram nos textos marginalizados, das escritoras da vida que encontrei os corpos das autoras presentes. Passei a distinguir para além de uma *língua do movimento* título dado a um dos capítulos do livro de Debora Bolsanello, *Em Pleno Corpo* (2010), sobre educação movimento e saúde, a língua corporal revelada do texto. Reconhecendo que essa pode também provocar experiências estéticas e sensoriais libertadoras ao corpo da/o leitor/a.

Em outro dia, não sei ao certo qual, eu fiquei pensando também nessa questão de perceber seus movimentos e os reflexos dele. Pensei que essa consciência corporal deve ajudar muito no parto, né? Saber relaxar (eu nem tinha noção que era necessário isso!). Mas realmente, o corpo precisa ser ensinado a relaxar, (eu preciso muito!). E fiquei pensando: antes do próximo parto tenho que mergulhar mais nessa consciência corporal!!! rrsrrs

São duas reflexões que eu tive e não queria deixar pra lá sem partilhar contigo!

Bjos!

Resposta 2:

Deixe estas palavras se assentarem bem, pelo tempo que elas mesmas determinarem, este é o cuidado com seu texto, com este lindo poema que você é e que nós amamos! Você nos ajudou demais reescrever os nossos, a escutarmos cada verso e por isso não ficamos vazios, mais solidários, com a mesma solidariedade que você inscreveu em nós! Se precisar de algo versalize e estaremos prontos a te entregar em prosa, em verso o mesmo afeto que você nos ensinou a escrever. Te amo! Conte mesmo comigo!

Fui entendendo que o convite era uma preparação para que o corpo, tão descreditado, pudesse ser por ele próprio seduzido. Lidar com o corpo, é lidar com um organismo “homeodinâmico”. À medida que as notícias parecem trazer uma proximidade de nós, a invasão rompe o sentido de proteção da casa, e amplia as sensações para a teia que nos liga a uma grande casa, me fazendo revisitar a ordem da qual fui desafiada enquanto

Carolina Maria de Jesus, Lélia Gonzalez, Conceição Evaristo, Paulina Chizianne, Gayatri Chakravorty Spivak, estiveram como estatutos centrais do texto de uma língua que me fez localizar o apagamento da consciência racializada do meu corpo. Ademais, pontualmente quando iniciei as leituras da/os educadora/es somática/os, para além das sistematizações de uma escrita a partir da práxis, a sedução do convite de um corpo presente mesmo durante a apreciação dos textos, me mantiveram em uma atenção

surpreendente. Há uma convocação exigida, por exemplos às vezes tão simplificados, que a consciência crítica permanece ativada numa espécie de liberdade enquanto a leitura te convoca todo tempo ‘pensar’ com o corpo. Se assumirmos que a linguagem é uma atividade encarnada e uma abertura para o mundo, corpo e linguagem não aparecem opostos (ORTEGA, 2008, p.215). Nesta apreciação, devo dizer que havia uma pré-disposição corporal, talvez pelo envolvimento de práticas corporais

resisto em prosseguir mantendo a crença de que a revolução mantém um endereço viável, o campo das sensações e autonomia do corpo. Mas como despertar um estado de presença, habitando em uma casa desconhecida, no meio de uma pandemia, enquanto perdemos a referência de fisiologias sutis como o toque, que ativa mediadores sociais também tão necessários, como a compaixão?!

A mutabilidade de nossa forma é a nossa verdadeira identidade como seres homeodinâmicos, corporificados....,isso implica em uma participação ativa do organismo: sua influência em manter condições que conduzem à vida através de respostas e mudanças.

(BOLSANELLO, 2010, p.199)

A “memória da pele” inscrita na poesia pelo poeta, é definida pela embriologia como pertencente ao mesmo tecido cerebral, agora ativa a lembrança da origem e nos “caosifica” no isolamento. Os toques sutis acionados por receptores especializados da epiderme e que recebem informações do meio externo captando pequenos prazeres refinados por neurotransmissores, ficaram ignorados. Para além da consciência, o poeta perde então a possibilidade da memória.

anteriores que me facilitava esse alfabeto sensorial, ainda quando acionado pela escrita. A história organizada pelos estudiosos do “campo”, trago a definição entre aspas por localizar certo conflito nos conceitos, guardam em seu bojo comum a questão atrelada da/o idealizador do método, a partir de uma necessidade localizada em seu próprio corpo.

Bolsanello (2010, p.402.) acrescenta além dos três períodos históricos do desenvolvimento da Educação Somática apontados por Mangione (1993, apud Fortin, 1999) , um quarto nomeado por ela, como o desejo da/os profissionais brasileira/os de uma definição concertada do que seja a Educação Somática no

território nacional.

Michèle Mangione (1993) distinguiu três períodos no desenvolvimento da educação somática: da virada do século aos anos 30, quando os pioneiros desenvolviam seus métodos, geralmente à partir de uma questão de auto-cura: 1930-1970, período que conheceu uma disseminação dos métodos graças aos estudantes formados por estes pioneiros; e dos anos 70 até hoje onde vemos diferentes aplicações se integrarem às práticas e estudos terapêuticos, psicológicos, educativos e artísticos.
(FORTIN, 1999, p. 41)

No que tange aos princípios que podem fazer uma aproximação melhor localizada, três conceitos de uma cartela grandiosa de propostas corporais, devem estar presentificados no método somático: - O descondicionamento gestual, a autenticidade somática e a tecnologia

Parte da/os muita/os amiga/os se integram à batalha contra morte nos Hospitais, e todos os dias eu recebo imagens de suas falas que parecem alojar no meu corpo, um convite à imobilidade. Mas ter que estar presente com as histórias que tornarão novas sensações para os “encontrantes” que amanhã estarão lutando para novamente se descobrirem presentes, me faz poder dormir e mesmo com a imagem congelada de uma amiga descrita por um áudio com o fundo de uma sinfonia que eu bem conheci enquanto passei uma temporada estagiando na UTI de um hospital:

- Quando virei para o lado e vi todos os respiradores ocupados, subi sobre o homem, por cima de sua maca, sem pensar em qualquer consequência, além de que ela estava morrendo sem conseguir respirar diante de mim. Taquei-lhe o ambú no rosto, e com toda força que me restava depois de um plantão excruciante, bombeei até que vagasse um ventilador mecânico.

A cena de horror, enquanto tentava salvar uma pessoa com ambú, um reanimador manual, e sem equipamento de segurança, na época completamente contraindicado por pulverizar o vírus, só de ouvir quase me sufoca. Outra amiga, que passou quinze dias em isolamento infectada na reclusão, nem consegue descrever o que seus olhos veem quando volta à assistência, e parece não acreditar: - Sua dupla não teve a mesma sorte e luta pela vida ligada às máquinas por uma jornada que ninguém sabe onde vai chegar...

interna (BOLSANELLO, 2010). Nesse sentido teríamos uma estruturação para aproximar da organização que Shusterman (2011), faz quando aponta que o corpo é uma dimensão essencial e valiosa da nossa humanidade, devendo ser reconhecido como um tópico crucial do estudo humanístico.

O autor desenvolveu através de uma sistematização teórica que nomeou SOMAESTÉTICA uma filosofia incorporada. A partir de pesquisas interdisciplinares no campo da literatura, disciplinas do corpo e mente, meditação,

prática zen, uma formação como instrutor do método Feldenkrais, e a uma série de estudos das áreas da dança, e das artes performáticas ao feminismo junto à sua formação em filosofia; defende a prática, cultivo auto-formativo através da concepção de uma filosofia corporificada e somaticamente auto - consciente. Em seu livro Consciência Corporal (2012), se debruça em construir um diálogo com pensadores representantes do que ele chama de correntes mais fortes filosóficas do Ocidente atual: A fenomenologia, a filosofia analítica, o existencialismo, a hermenêutica, o pós-estruturalismo e o

Então volto para os encontros seguintes, articulando o corpo e palavra para manutenção da crença na vida.

Bom dia!

Daqui a pouquinho, nosso encontro de hoje. Traga uma cadeira, para ajustar os sonhos articulados por uma coluna poeta...

Boa noite!

Hoje temos aula noturna.
Deixe seus pés, te guiarem até a sala..

Bom dia!

Hoje é sexta-feira,
Não é último, mas primeiro dia de qualquer novo começo desejado...
Traga sua vontade de ser a/o primeira/o...
E vamos seguindo pelas margens, quando o centro não nos comportar ainda...
Tragam uma cadeira

Bom dia ...

feminismo. Em um caminho progressivamente aprofundado, vai construindo a base do pensamento somático de seis filósofos do século XX e suas teorizações, limites e argumentos influenciados por seus mestres e “ídolos”. Organizando uma divisão estruturada entre Soma-estética pragmática e Soma-estética analítica, o autor define que a soma-estética analítica é o ramo do projeto teórico e descritivo que abarca a pesquisa como parte de uma solução para preocupação das ciências sociais sobre contextos e modalidades da estruturação da experiência somática. Nesse sentido legisla a possibilidade de desconstruir as ideologias casuísticas de dominação e

normas somáticas inscritas como hábitos, normas somáticas encarnadas, dadas como diagnóstico irrefutável pelas teorias de Michel Foucault e Pierre Bourdieu. Já a Somaestética pragmática seria em si o estudo crítico e comparativo dos métodos somáticos, que para além de sua análise aplicada, incluindo também as distinções de orientações da prática, o tipo de condução, a forma da experiência, tece definições comparativas entre os métodos aplicados em si. Dessa face da teoria, o autor vai acrescentar as dimensões das categorias também representativas, como a performance, quando se pode distinguir as disciplinas que se concentrem no desenvolvimento de força, saúde ou de

Nosso encontro da segunda, de muitas terças, quartas, quintas...
 Dias de celebrar a vida, e lembrar ao corpo, de que ele é parte dela...
 Tragam almofada, para ficarem disponíveis, caso necessite alguma
 adaptação.

Boa noite...

Só para dizer que tem encontro de respirações e poesias noturnas as 20h...
 Você vem?

Bom Dia

Vamos iniciar nossa semana com versos flexíveis, que trazem da alma o
 verbo com participios, gerúndios...
 E vamos agregando substantivos, que embelezam as frases. Hoje usaremos
 uma toalha de banho e um cabo de vassoura, para não perder o apreço pelos
 objetos cotidianos, já que o nosso subjetivo anda bem exacerbado....

Querida/os poetas,

Tragam uma toalha de banho,
 Vamos nos banhar de alegria, e frescor

uma habilidade, exteriorizável.
 Ainda para além dos campos anteriores
 descritos, ele vai de fato declarar seu ramo
 de estudo como uma filosofia encarnada:

Assim, para além dos ramos analíticos e
 pragmáticos da Soma-Estética, também
 precisamos do que eu chamo a
 Soma-Estética Prática, que implica
 programas de envolvimento efetivo em
 práticas disciplinadas, refletivas e corporais
 destinadas ao auto-melhoramento somático
 (seja representativo, experiencial ou
 performativo). Esta dimensão, que consiste
 não só em ler ou escrever sobre as
 disciplinas somáticas mas em praticá-las
 sistematicamente, é tristemente
 negligenciada na filosofia contemporânea...
 (SHUSTERMANN, 2011, p.26)

Apoio-me na Somaestética de Shusterman
 como possibilidade pedagógica, de
 partilhar ideais de “reorganizações”
 teleológicas capazes de trazer à realidade
 interativa a transdisciplinaridade de

saberes e práticas, que o campo da Saúde
 Coletiva prevê.

A complexidade porém de um campo de
 hibridismo epistemológicos, nos quais
 coexistem normas advindas de produção
 de conhecimento comum à Medicina
 Social e às políticas de saúde, agregadas
 às “tensões estruturantes” importadas das
 práticas e teorias de disciplinas fundantes,
 desafiam essa coexistência de distintos
 paradigmas na prática da pesquisa:

Nesse novo contexto *epistêmico* (Foucault,
 1966), desponta a produção discursiva
 comunicativa horizontalizada
 (não hierarquizada, em termos
 metodológicos e teóricos) entre os saberes
 disciplinares, através da
 proposta da transdisciplinaridade. A
 produção discursiva tende a ser cooperativa
 entre os distintos saberes,
 que tomam um tema estratégico para a vida
 humana e social como proposta de
 investigação[...] Pode integrar também
 conhecimento gerado a partir da prática
 vivenciada pelas populações ou por usuários

A práxis do cuidado que posso ofertar, é um pingo no oceano de incertezas, e como gostaria de poder gotejar mais... Uns querem dizer o quanto se organizaram, pela rotina das aulas. Outros quietos trazem seu silêncio para construir versos sem palavras, e aos poucos constroem moradas por sinais sutis no ato de retornarem para o dia seguinte. O dia que já não vejo alguém que criou o hábito de estar, me destaca um frio na espinha, mas não era na pele que sentia jorrar a falta? Nada é igual, nada jamais será igual... Então elas e eles, às vezes me retornam com escritas, alguns áudios, e outras, só silêncio:

Aula hoje foi essencial. Acordei tensa e sua aula me salvou.

de serviços (ou pacientes), superando assim a clivagem senso comum × ciência, típica da modernidade.

(LUZ, 2009, p.309)

Tensão estruturante é uma categoria que segundo Octávio Bonet (1999), diz ser adquirida e manifesta na prática do trabalho médico, derivada da filosofia dualista que fundamenta a biomedicina e perpassa o “fazer saúde”. Segundo o autor, essa é uma herança consequente de mudanças de visão de mundo ocorridas nos séculos XVI e XVII, onde a explicação mecanicista do mundo e o conceito dualista do ser humano, gerou uma tensão entre os domínios do saber e do sentir. Entre a localização do saber, o racional e o científico e o sentir, associado ao emocional/psicológico, estaria incorporado o fundamento do aprendizado da biomedicina. E por que não pensar que na formação de cada campo de origem, tenha uma “tensão estruturante própria”

que se enraíza no corpo do conhecimento ampliando a distância entre o saber e o sentir? Localizo-me nesse recorte por também refletir a partir de minha formação em saúde e a relação do corpo como o arcabouço teórico/prático pelo qual toda subjetivação do sujeito enquanto pessoa, estudante, profissional e ou cientista estará presente nas atuações por toda vida. Afinal mesmo na concepção das ementas, e das relações de estruturação das pesquisas, na “árvore dos saberes disciplinares” da Saúde Coletiva há uma descompensação da expressão dos saberes e práticas vivenciadas, nomeadas de subjetividades.

Qualquer questionamento eficaz da opressão deveria portanto incluir um diagnóstico somaestético dos hábitos e sentimentos corporais que expressam a dominação e também das regras e dos métodos institucionais sutis que os inculcam, a fim de que esses possam ser superados junto com as condições sociais opressoras que os geram (SHUSTERMAN, 2012, p.53)

Mas sua aula não é moleza , é dura, exigente, mas muito delicada!!
 Amei !!
 Relógio relaxante , dá um certo nervoso , depois a gente vai entendendo que é uma forma de abstração, vai ensinando a focar no aqui e agora.
 Minha conexão estava muito ruim. Em vários momentos saiu, em outros não ouvia nada do que falava, mas consegui fazer alguns..., especialmente a imagem dos balões e do beija flor... Adorei!
 Cada dia uma tensão em alguma parte do corpo. Hoje era na lombar, mas enfrentei e no decorrer da aula foi saindo a dor, saindo, saindo e estou sem nada agora!! Grata, querida!!

O inusitado também pode acontecer, sincronizado à novidade. Nesse dia, uma participante da aula moradora da rede rural do Rio de Janeiro, conseguiu conexão e durante a aula, sua cabra invadiu a sala e recebo a mensagem de quem estava do outro lado no centro urbano da cidade:

Até cabra tem neste grupo! Adorei
 Mulher eclética. Cê tem canais abertos, uma liberdade de ser..., bonito de ver. É que você vai sendo carregada pelas ondas, pelas energias circulantes..., mas te vejo buscando concretudes..., legal.

O carinho circula, e me carrega também no colo, com palavras doces e singelas:

Obrigada! Saí mais leve! Este trabalho com os olhos também foi muito potente... A gente pouco percebe a amplitude de movimentos dele. Muito bom, querida! Gosto muito do seu trabalho! Mexe com todo o corpo, vai no profundo e no sensível.

Algumas vezes articulei outras linguagens, que desafiassem movimentos inusitados, tanto do campo concreto quanto sua articulação com o imaginário, a meu ver indissociáveis. Sem jamais nomeá-las como essa ou outra técnica, porque surgiam dentro da partilha como um escape do saber embrenhado no meu corpo articulado com a presença coletiva, propondo também a mim, uma condução nova. Poucas vezes entrei na sala premeditando qualquer movimento, a única ideia era construir uma ponte para que todos os grupos e cadeias musculares fossem alcançada/os e colocados em cena, além de tornar presentes estruturas fundamentais para a manutenção da vida. As nomeações que aparecem nos relatos definindo uma ou outra técnica, surgiam espontaneamente da experiência e percepção pontual de quem sentia necessidade em batizá-las/nomeá-las.

Que legal a aula! Desafiadora mesmo, mas me deixou mais centrada!
 Aquela técnica p dor/ansiedade é do-in? Achei show!
 Desafiador. O passo de palhaço foi bem legal. Me vi na Palhaçaria!

As histórias se misturam com a dor coletiva, as perdas e adoecimento de amiga/os e parentes. E a fisiologia entra no radar da percepção, como corpo movido para além de

uma premissa nosológica, tão presente em uma crise sanitária.

Hoje iniciei respirando mal, corpo gelado, precisando de sol, depois fui esquentando e sai solta, com vontade de dançar..., imagens da infância sempre me retornam e me vejo feliz com a natureza, eu e meus irmãos sentindo o verde de uma mata que tinha atrás de casa, onde hoje é a Morada do Sol, um condomínio em Botafogo..., imagens de amor..., Obrigada!

Tem esta pegada de encontro e reapresentação. Durante a aula me veio imagens da infância, quando eu gostava de deitar no chão do meu quarto, vista para o céu azul e eu ficava mexendo meu corpo, minhas mãos, descobrindo movimentos..., algo saudoso, algo longínquo, algo sereno...

Eu estava conversando com a minha filha e falando das mudanças do meu corpo, quando eu comecei, eu não conseguia colocar atrás do meu joelho no chão. Eu sentia muita dor no meu pescoço, ele ficava suspenso, meus ombros armados. Meus bumbuns ficavam retraídos, totalmente retraído dizendo assim: *Não eu não quero deitar nesse chão*, tudo suspenso, tudo, tudo. Hoje eu já percebo a mudança do meu corpo, muito, muito grande. A primeira vez que eu sentei no chão que você falou assim: *vamos cruzar as nossas pernas como de chinês*. Quem disse que eu consegui? A perna não queria ficar cruzada de jeito nenhum. Não sei se era meu corpo que empurrava ela pra abrir, ela ia devagarinho, sabe saindo da posição. E hoje eu sentei, gente a minha perna está querendo ficar cruzadinha. Confesso com você desde a primeira aula, quando olhei para o relógio, e parece que a aula levou umas duas três horas nos dando aula; é algo mágico, é como agente saísse assim da nossa correria e entrasse em um outro mundo. Eu estou precisando tirar da cabeça e trazer para o corpo, obrigada.

Cada frase, e impressão que chega, me instigam conectar mais profundamente ao diálogo somático. São versos que fluem a partir da percepção e movimentos propostos para que cada um se encontre na empatia do próprio corpo:

“Nunca devemos querer dominar o corpo do outro meus caros”. Nosso único orgulho deveria ser o de libertá-lo”.

(MÉZIÈRE, 1976, p.133)

Até as dores e o medo da doença que hora aparecem, não transpõem a beleza da poesia:

Ontem estava péssima...um grande amigo agravou a tosse, me deu medo...
Hoje estou melhor.
No frio desta noite alongando o corpo, me deixando levar por seus exemplos, seu olhar discretamente atento...,divido esta cumplicidade de apoio, de vida, de músculo que vai e mantém, mantém, mantém, mantém...
Hoje morreu de COVID o pai de uma amiga e lembrei de meu pai...
Hoje bateu saco cheio de ficar em casa. “Tava” sem lugar
As imagens solares!
Hoje não fiquei triste, nem com medo ou ansiosa...
Hoje o dia fluiu... Falei com mãe mais de uma vez, me ouvi nos áudios de trabalho que enviei... Calmaria... Na espreita da janela vejo um pedaço de rua cheia... Será que não se importam com a morte?
Eu aqui fugindo dela e eles lá se arriscando a encontrá-la no próximo passo... Monotemática me ajeito no tapete e volto pra mim...

As percepções, não estão isoladas do ser social, aliás a primeira definição cunhada por Thomas Hanna em 1983, localizou a educação somática como a arte e a ciência de um processo relacional interno entre a consciência, o biológico e o meio ambiente. Estes três fatores vistos com o um todo agindo em sinergia (1983, p.07).

Cheiro de terra, alguma escuridão esverdeante e a gente subindo a trilha do Pão de Açúcar, curiosos, excitados com o desafio de chegar, como se estivéssemos na floresta amazônica... Será que tem cobra? Um bicho estranho? Entre o medo e a esperança..., a dúvida e a expectativa..., quase chegando e ainda longe..., eu jovem e alguns dos muitos amigos que se tem nesta idade..., todos descobrindo o mundo..., subindo a trilha..., minha cara rasgando a mata, minha vontade de viver...

Hoje durante sua aula lutei para não dormir..., é que não dormi bem... Acordei mais cedo que o comum, perambulei pela casa escura, esperando os pássaros me chamarem anunciando o dia...

Mais um dia...

Tô aqui bocejando..., fruto do seu trabalho relaxante... obrigada ! Vou deixar na próxima vez...

Boca funda fina frágil forte ossuda boca que fala chora pede mastiga instiga pirraça. Boca sensível cheia de dentes, língua móvel. Inspira. Respira. Boca

Certa resignação, certa nostalgia... Um vigor juvenil dos anos 70, quando eu ainda era criança...

Adorei a aula!!! Foi harmonizada. Comecei com leve indisposição e sai energizada! Bj

Ah q delícia! Vou dormir serena

Amei amada!

Recrutei meu quadríceps como nunca na hora do equilíbrio das pernas. Fiquei suada, coração em pulso... Ah que bom!!! Grata Retomadas continuadas sensibilizadas pelo temor apressado do não passar da hora.

“Nossos corpos são finas camadas de carne que recobrem um poema. Somos poemas encarnados”.
(RUBEM ALVES)

6.4 Corpo enlutado

Os dias avançam epidemia abaixo, a morte já se aproxima de quase, senão de toda/os da sala. Ninguém diz muito, mas o pouco dito é bastante ao desejar boa saúde aos pares. Talvez não se esperasse tanto tempo, e as falas de quem desejou que fossem as aulas infinitas mesmo fora da reclusão, já se calam...

A abordagem tem que ser sempre revisitada, e me cobro não cair na armadilha do automatismo, embora não seja fácil diversificar com segurança, ainda mais com tantos objetivos atrelados, e corpos distintos muitos sem nenhuma aproximação visual da fisioterapeuta que habita em mim, ensinada relacionar terapias particulares, às necessidades singulares. Me trago sempre para a crença de que a oferta de uma condução focada no despertar das “tecnologias internas”, credibiliza ao corpo uma autonomia possível, mesmo aqueles já encurtados pelo dureza da vida, ou ainda desmineralizados pela escassez do sol, e outras boas dádivas do encontro com a própria natureza sistêmica.

O corpo recebe as suas leis da Terra, do Sol, da Lua, de uma remota submissão aos ritmos desses astros e, por mais que se queira ranger os dentes, cerrar os punhos, tapar os ouvidos e o nariz, fechar os olhos, pensar que se está isolado no interior do invólucro que é a nossa pele, nunca se consegue revogar essas leis que fazem que cada um de nós possua, neste mundo cheio de vida, o lugar integral de ser vivo.

(BERTHERAT, 2001, p.8)

Os dias já nos cansam, os mediadores bioquímicos já projetam no corpo a vulnerabilidade; uma grande exposição à luz artificial, pois muitos poucos contam com o privilégio da luz do sol, e mesmo os que a tem, não se dão conta disso racionalmente, porque essa regulação a glândula pineal orquestra com silenciosa maestria...

A inflamação corre pelo corpo quase hostil, lutando enquanto não se sabe o que se pode ou não esperar, e aguardar sentado. A singularidade das imagens que trazem pro meio, principalmente os de comunicação, é uma série como um cabo de força: - Um lado flores negras, em preto e branco por outro, sorrisos felizes e bonitas palavras. Aos mais positivos perdura a tentativa de empurrar certo ânimo na rede social. Porém aqui, discretos os que perdem alguém, ou adoecem e frequentam a sala, estão mudos, e se sabemos das histórias é quase sempre por outros, ou até por uma tímida mensagem *in-box*.

A alforria das fronteiras aquece a aproximação entre as outras mais marginalizadas ciências, já nesse “um tempo” de pandemia. A angústia do afastamento muda o lócus do pavor para o sofrimento da mente, uma estética que começa a encontrar ecos nos pares cientistas. Os debates sobre saúde mental, já versam o fato de que meditação, atenção plena e até a religião, as que não oferecem riscos segundo suas práticas, possam ser incentivados por quem esteja atendendo mesmo via *call center*. Mediante já a desconfiança sobre imunidade de rebanho¹⁹, que aparece menos timidamente nos canais mais olhados, como um ponto de possível fim do isolamento, as pesquisas mostram que alguns locais já passados da fase mais aguda, a população não responde *ipsis litteris* ao percentual de imunidade que se acreditava.

Vivemos fixações, fixações de felicidade. Reconfortamo-nos revivendo lembranças de proteção. Alguma coisa fechada deve guardar deixando-lhes seus valores de imagens. As lembranças do mundo exterior nunca terão a mesma tonalidade das lembranças da casa. Evocando as lembranças da casa, acrescentamos valores de sonho; nunca somos verdadeiros historiadores, somos sempre um pouco poetas e nossa emoção traduz apenas, quem sabe, a poesia perdia.

(BACHELARD, 2008, p.201)

São relatos de quem o corpo não teme mais tanto a morte, mais a solidão de adoecer, e a partida sem os rituais habituais. Os que se vão, tatuam no corpo figuras frias que reconfiguram o tecido cerebral. Meu amigo mais lúcido em arte, fez do luto um Sarau Virtual para prestar homenagem, reunindo parentes e amigos nesse momento todos de longe, e despedir-se do pai que não pode enterrar.

O verso entalhado na lápide virtual produz seu e-“feito” mais que palpável no momento de tanto dor e sofrimento. Os contos sobre o corpo que não pudemos ver descer à cova são falados ao vivo por todos que puderam acompanhar e enviar um recado de consolo a si próprio, pela perda do ente querido. Como os Cristãos costumam dizer sobre a morte, em sendo também ele um, hoje seu pai havia “dormido no Senhor”. E todos do encontro improvisado, que reuniu várias gerações por uma virtualidade que certamente rompeu por muitas outras formas para se tornar inclusiva, confortaram temporariamente os gritos aflitos da alma que já transpõe o lugar de dor,

¹⁹ É uma referência a uma técnica de imunização, que pode ocorrer de duas formas: por meio da vacina, ou ainda naturalmente, quando grande parte da população infectada se torna imune. Assunto que foi amplamente disputado durante principalmente a fase inicial da pandemia, quando o desgoverno Bolsonaro, procurava se apoiar em atitudes negacionistas para justificar a não liberação de recursos para a compra de vacinas para imunizar a população.

para agora sofrimento, ou vice-versa. Suas esperanças se unem na mesma crença que os fazem crer, que todos voltarão para mesma casa, de onde vieram, onde em algum outro tempo poderão se reencontrar.

6.5 Vida sem atalho

Já se vão mais de sessenta dias, e embora eu não tenha na construção desse diálogo o objetivo simplificado de fazer da escrita um registro diário, mas sim me interessam as sensações cotidianas, o tônus já é perturbado por contrações espásticas. É involuntário o sentido que desemboca sobre o “lombo” nossa desarticulação, enquanto o vício maquinário gerado para o discurso intelectual obstruiu a práxis, e o sentido do fazer não encontra mais realidade no dia-a-dia, num corpo que se “in-volva”. O inverno chegou, e as temperaturas, mesmo bem agradáveis de um país tropical, percorrem os guetos de nossos adoecimentos, sem nos deixar tempo de trocar os sintomas, por uma boa dose de prosa, um mergulho no mar, e até uma caminhada na floresta. Aos poucos me dou conta de que as pontes construídas por corpos de encontro, feitas ao longo da vida, me trouxeram para mediar os encontros que chamamos de “cuidando do corpo e da mente”, fazendo uma aproximação coletiva de realidades bastante distintas.

Recebo então diariamente, relatos de quem não tem pra si, ouvido. À minha volta chegam histórias diárias de surtos, ameaças de infarto; pressão arterial descontrolada; desajustes posturais dolorosos; quedas seguidas de operação ortopédica; falta de ar; perda urinária involuntária; infecção por caxumba; dor na penetração; insônia; tentativa de suicídio; zumbidos no ouvido; crises de ansiedade; tonturas, cefaléias...

Mas são as psicoses, alterações indecifráveis em um mundo que parece dentro de interpretações complexas, que não nos dão tempo de acalmar...

O espírito pode chegar a um estado de calma, mas no devaneio poético a alma está de guarda, sem tensão, descansada e ativa. Para fazer um poema completo, bem estruturado, será preciso que o espírito o prefigure em projetos. Mas, para uma simples imagem poética, não há projeto, e não lhe é preciso mais que um movimento da alma. Numa imagem poética a alma acusa sua presença.

(BACHELARD, 2008, p.187)

São surtos cotidianos, que refazem a casa, o lugar de delírio compartilhado,

entre quem parece defender o uso de ivermectina²⁰, como profilaxia para abrandar os sintomas de uma possível contaminação do vírus, e ou quem conversando com o youtube em um canal de árabe, diz ter vendido a fórmula para combater o vírus, e teve seus milhões de dólares roubados por algum estelionatário que acessou sua conta bancária.

As duas histórias merecem palavras mais detalhadas, que dêem a elas corpos, porque o devaneio é uma casa que nos pertence, pelo tempo mais constante dos dias que durarem a pandemia, e ou a própria vida. Ele já nos deu toda a ordem destes vestígios, desde as estruturas governamentais mais poderosas às mais simples conversas mediadas por memes, e se replica com tanta facilidade quanto à mutação do intrigante vírus.

6.5.1 HIS- tória I - Descoberta a fórmula para a cura do *coronga*

Hoje é dia 27 de maio de 2020, estamos vivendo um isolamento por uma pandemia que atingiu o mundo, de covid19, e que chegou ao Brasil de avião, ou de navio, não se sabe qual fronteira foi rompida primeiro, desde janeiro. Ao que se parece, depois de tantos debates, que nada se podia dizer antes do carnaval, seria muito mais difícil declarar uma quarentena, sem que tivéssemos pulado os blocos de rua, e esse ano foi bem animado, e imagina cancelar um investimento tão grande no belo desfile da Sapucaí, ainda alardear aos turistas, que passaram os últimos meses, planejando encontrar no Brasil, além de baratos dias de alegria, nosso mercado mais promissor, o do corpo. A gente sabe que muitos deles são de crianças, mas deixa isso pra lá, porque em tempo de carnaval, não se fala desses assuntos chatos, mesmo porque tem peixe grande envolvido até no “Amazonas”.

O vírus parece ter vindo da China, então ele sabe muito bem, por sua cultura ninja, o que fazer para se tornar invisível, e quando pode abater muitos mortais de uma só vez. A cultura milenar parece formar as cepas com largas habilidades, em driblar os organismos econômicos sociais, e até os meramente individuais humanos. Seu teor ficcional ostenta as muitas séries de habilidade, das mentes mais criativas, e nem

²⁰ Um fármaco usado para tratar parasitas como vermes intestinais em animais e em humanos que foi amplamente difundido por grupos ao que parece, manipulados, como uma substância tanto profilática como tratamento para a infecção por SARS-Cov-2. O incidente gerou uma corrida às farmácias pela população em geral, mudando inclusive as regras para aquisição do produto. As pesquisas científicas nunca comprovaram a eficácia do uso para a infecção da Covid-19.

precisa mais de novelas clássicas, ou telejornais.

Canais independentes da internet se fazem em quaisquer idiomas, há quem queira conversar nas horas, que estão todas quase vagas do trabalho laboral, que era antigo ganho da vida, outra possibilidade de realidade.

Annie, nome fictício, uma amiga que o movimento estudantil me presenteou ao nos aproximar, me manda um recado quase ao meio dia. Ela que tinha corrido pra sua antiga casa, que era também dos seus pais. Impedida nas primeiras semanas da quarentena, ao estar na grande cidade, pagou um bom dinheiro para re-encontrar sua sala da infância. Me diz que acha que o pai está ficando muito tempo só em casa, e que o encontrou conversando com um canal árabe, para quem tinha vendido a fórmula que destruí a estrutura do vírus.

Sua angústia de filha parece estar misturada com o medo da loucura, que não faz graça pra ninguém, mas que em a conhecendo, mesmo sem estar tecnicamente formada para a área, eu já a imaginava estar imune. Dona de uma didática própria para estudar os imensos conteúdos enquanto estudante de fisioterapia, seu método próprio imerso em profunda criatividade, se dividia entre música, jingles, paródias, peças teatrais, poesias. O artista atravessa a fronteira do imaginário, com uma sabedoria treinada à beira da loucura, e para quem já tinha se encontrado com uma meningite bacteriana na infância que lhe levou um ouvido, muito pouco abalo sísmico pode afetar, mesmo a exposição do protetor em uma missão tão importante e singular. Sobreviventes, são “ciborgues” dos mais humanos que já conheci, e ela é uma que driblou a pobreza para estudar. A surdez ela nem notou, porque deu menos trabalho...

Me faço presente, dizendo da minha realidade passada, em situação bem particular e similar, e olha que nem se tratava de uma pandemia.

Seu pai e sua mente incrível só cometeu um deslize, enquanto vendia a fórmula para os árabes, não contava com a desonestidade deles, e está certo que eles lhe pagaram sim o devido. Sem ter muita ideia de que eles podem ter lhe dado um golpe e não pago os milhões exigidos como pagamento justo, do que salvará o mundo nos próximos dias, ele busca seus fraudadores, afinal não é difícil ser roubado por aqui. Em sua investigação rudimentar, que já vazou informação para os vizinhos que fazem piadas dele na rua, pessoas que certamente estão com pouca coisa a fazer por causa da quarentena, ameaça ir à delegacia local, fazer registrar sua queixa.

Porém uma VAN inesperada lhe muda o destino. Cansado de ter passado a tarde

perambulando pela cidade buscando pistas, o transporte que ia passar na porta de sua casa, abre a porta como lhe fizesse um convite. A essa hora, seu encontro com os árabes do Youtube, também não podia atrasar, e ele se vai, antes de achar o delegado. Em mais uns dias de investigação, nem Annie ficou imune às suas suspeitas. Ela que andou “por aí”, levando cuidado e muita arte, porque jamais se deixou quebrar em ou fisioterapeuta e ou artista, e que esteve na Nicarágua antes das questões complexas que tornaram o território impróprio para trabalhadores de outras nacionalidades, se tornou também alvo da investigação já que tem amigos espalhados por vários cantos do mundo.

Sua preocupação está também em não ferir seu protetor, que a faz nas entrelinhas desconfiar por muitos descuidos do passado, e torná-lo ainda mais vulnerável, por conta da sua impaciência. Não é falta de compaixão o que lhe atormenta, mas a possibilidade de ter que entregar seu pai, por mais incorrigível que o tempo tenha tornado algumas de suas afecções, à ciência que maneja drogas das quais ela desconfia. Torná-lo incapaz e dependente, levá-lo ao encontro da assistência especializada, pode custar à sua memória uma marca, que lhe confira um prognóstico de incapacidade, segundo sua crença e percepção, e ela chora.

Ficamos dez dias sem contato, quando tive a sensação que já era tempo de romper o silêncio. Perguntei como estava, e se seu pai já tinha encontrado o caminho, ela me devolve a resposta em um áudio de quase dez minutos. Uma aula de manejo de um sujeito em estado paranoico que devia ganhar um espaço na reforma psiquiátrica. Mesmo com escassez de tempo, me fiz ouvir duas vezes, porque não queria perder nenhum detalhe. Me disse o quanto tentou manejar, cantando, se refugiando em poesias. Intentou pelo discurso, dissociar o adoecimento mental dos outro tipo de adoecimentos, mas sem sucesso.

Annie em sua genialidade pediu sã ao seu pai ajuda. Inverteu a situação dizendo que ela estava precisando de atenção psicológica. Disse que embora fosse adulta, não se sentia bem para ir ao CAPS sozinha, e pediu que ele a levasse, assim como deveria ter feito enquanto ela ainda era pequenina.

Chegou direto na sala da psicóloga, contou que o pai era tão inteligente, que ela como filha, não conseguia entendê-lo. Ele tinha criado uma fórmula, e não entender nada sobre isso estava criando angústia nela que não conseguia se comunicar com ele e isso lhe estava causando muita tristeza. Quando houve uma pausa na fala, ele entrou e

confirmou a situação difícil que a filha estava passando e sua descrença nele, e falou como se fosse mesmo um guardião, levando a cria para ser cuidada. Eu disse à Annie:

Querida, eu já tive acesso á muitas pessoas em estados paranoicos, nunca vi um efeito tão assertivo, sem contenção física e ou química. Jamais desconfiei que você fosse essa pessoa incrível, que transforma tudo por onde passa. Essa psicóloga agora eu tenho certeza, terá outras possibilidades de repensar esses quadros á partir da sua oferta tão bem sucedida, te amo menina!

6.5.2 HIS-tória II - Eu deveria ter tomado Ivermectina...

Ingrid (nome fictício) era já “velha conhecida”; nos encontramos por longos aproximadamente dois anos, para uma proposta de cuidado integral. Sua condição durante esse tempo foi de altos e baixos, um corpo grande querendo se esconder por baixo da cabeleira. ´

Desde o começo da pandemia, me havia enviado uma série de links, com soluções políticas ou, e de ordem técnica, desde curas excepcionais, até atendimentos negligentes em toda rede da saúde.

Eu entendi, que sua mente não a deixava dormir há dias, e seu tempo estava também agora investido na investigação de alguma pista para derrubar, ou melhor “cortar o mal pela raiz”...

Algumas vezes, quando o contato fora feito por áudio e telefone, eu ainda teci algum comentário, fora disso, meu cansaço começa a não dar conta de tantos assuntos.

Assumi minha impotência, mesmo sendo uma profissional de saúde, e resolvi silenciar. Mas ainda não fui suficientemente pedagógica, e volta e meia, o assunto emerge, quando Ingrid não encontra outra coisa para se distrair, ou alguém que ainda possa ouvi-la, ou quem sabe as duas hipóteses?!

Fato é que uma amiga em comum está gestante, e outras suas amigas resolvem fazer uma carreata para não perder o chá de fraldas, um ritual importante que costumamos fazer sempre próximo ao nascimento de um novo bebê.

Tudo atrasa, e fico durante uma hora dentro do carro, na praça erma, ponto de encontro, quando Ingrid não se conforma e de máscara salta para fora do seu carro e vem ao nosso encontro para nos investigar. Suas perguntas soam como quem quisesse inquirir o quanto estávamos informados nesse tempo sobre os “protocolos” que ela achava ter que estar disponível a toda a população.

Por longos vinte minutos diz sobre como driblou o sistema, para conseguir a receita que dava a ela, ao filho, um estudante de medicina, além de sua mãe idosa, o direito de fazer uma profilaxia. Acreditando na garantia de que se ao infectar, caso não fosse possível passar ilesa ao contato com o vírus, pudesse contrair de uma forma mais amena a doença.

Para minha sorte, lembrei ter ido para terras indígenas no MS, há uns dez meses passados e ter tomado Annita, nome comercial de um fármaco que embora de espectro de ação diferente da Ivermectina é também usada para parasitoses intestinais, na volta da viagem. Ufa, ela disse então que eu estava imunizada também já. Sorte a minha de ter tido essa lembrança em tempo, antes que tivesse questionada minha ignorância sanitária, logo eu que até então “parecia” inspirar confiança.

São dias de outra ótica de sanidade, não podemos lidar com os mesmos pré-requisitos de antes, afinal esse estado transitória já dura mais que o esperado e a imagem poética começa a não mais pintar em um devaneio, certo estado de calma...

Esses são alguns “contos” que a sala virtual abriu, para a escuta. Quando os encontros se encerravam no corpo coletivo, algumas histórias eram partilhadas embaixo da lona da vida estendida, integrando corpos de realidades e geografias distintas. Me fizeram revisitar a pluralidade que há no entendimento indissociável sobre saúde, quando no ajuntamento, as pessoas trazem impressas em suas histórias uma relação singular com o cuidado e “nos exigem” cumplicidade...

E, aquele
 Que não morou nunca em seus próprios abismos
 Nem andou em promiscuidade com os seus fantasmas
 Não foi marcado. Não será exposto
 Às fraquezas, ao desalento, ao amor, ao poema.
 (BARROS, 2010, p.82)

6.6 Dias para lembrar...

Numa manutenção seletiva, a vida vai driblando o ânimo, economizando até memórias como o relato de meu:

Último dia de agosto
 Hoje meu corpo acordou preguiçoso
 Os pingos de chuva lá fora, caindo em sinfonia desde a madrugada,
 A “claridão” invadindo o quarto sem timidez avisa que é hora de acordar.

Pensei que ainda fora um sonho, enquanto me toma o corpo num bailado, e a cama parece um chão etéreo, cubro e descubro meu rosto amassado.

Não lembro de nada, dormi justo de estômago vazio, para não ficar tão incomodada como na noite passada. Vai ver que tive um sonho tão bom, que nem me gastou nenhuma memória. Ultimamente ela tem sido mais seletiva querendo um tempo maior para feriar, sem querer ser tão incomodada...

Das coisas que se listam para serem feitas, vou excluindo todas menos importantes, enquanto sobra mais um tempinho para rolar na cama, bem no ritmo da música. Nesse instante para além dos ouvidos, as gotas molhando a pele me fazem querer continuamente dançar.

Levanto com a cama nas costas, como diziam os antigos. Mas hoje ela vem leve e mantém em lembrança nossa pista de dança, enquanto todo amassado do corpo vai encontrando no dia algum jeito de ralantar....

(Nilcéia Figueiredo - 2020)

Não era minha intenção colher relatos, mesmo porque não desejava inquirir em um tempo de tanta intromissão, embora as práticas somáticas para além de uma relação propositiva do relato das impressões parece despertarem o desejo por comungar as experiências. Após as aulas, um ou outro até amanhã, ou boa noite, força e saúde apareciam, e em algumas sessões, uma ou outra referência à impressão da prática. Às vezes eu deixava a proposição de que aqueles que se sentissem desejosos ou com vontade de me fazer um relato, que ficasse à vontade. Algumas pessoas então que se sentiam convidadas, traziam livremente relatos escritos e outras por áudio. A maioria eram histórias quase sempre relacionadas às experiências durante a parte mais introspectiva do encontro.

Eu, que procurava modificar as propostas para intencionalmente embeber os sentidos do corpo em novidade, mantinha o tempo final, para uma condução inspirada na proposição de Feldenkrais - Consciência pelo Movimento (1977). O relato a seguir pertence a uma moradora da baixada fluminense, negra, com cerca de 60 anos, que após sofrer um acidente e quebra do osso rádio, deixou para trás sua principal profissão, a de ser trancista. Abayomi, nome fictício, agora tinha um pequeno comércio ambulante que vendia acarajé. Todavia considerada grupo de risco, se mantinha em casa com ajuda de recursos financeiros da/os filha/os durante os difíceis dias sem vacina e de isolamento físico compulsório. Pensei alguns dias se transcreveria dois de seus longos áudios, que chegaram com um intervalo de dois meses, lembrando que:

A educação somática não é em si uma terapia. Ainda que possa claramente haver benefícios no plano terapêutico, ela não possui nenhuma característica que a identifique ao campo médico. Ela não tem um discurso sobre a patologia, não estabelece diagnóstico, não faz tratamento nem prognóstico

de resultado, seja no plano físico, psicológico ou comportamental[...] Os somatoeducadores respeitam os limites de seu trabalho e não envolvem seus alunos em investigações do tipo medical e terapêuticas.[...] A educação Somática não tem relação alguma com qualquer seita, religião ou prática exotérica. Os somatoeducadores favorecem a autonomia e a responsabilização das pessoas, através de um melhor conhecimento somático de si próprias [...]

(Código de ética do Regroupement pour l'Éducation Somatique- RES, Apud BOLSANELLO, 2013, p.1-2)

Em 31 de julho de 2020, recebo um áudio de Abayomi, relatando detalhadamente uma experiência que teve durante a última parte do encontro, quando fazíamos uma prática somática, inspirada em Consciência pelo Movimento. A prática era em geral sugerida para que o corpo se mantivesse deitado em posição dorsal, em superfície firme. Algumas vezes usamos as posições laterais, e até as ventrais. A fala inicia me aproximando, a Nil como ela se referia carinhosamente, a uma personagem do desenho animado criada por Walt Disney em 1951 nos EUA (Maga Patalógica). Uma espécie de bruxa elegante da Patópolis, a cidade do Tio Patinhas. Sua referência parecia estar atrelada a certa memória da infância, junta a novidade “extraordinária” que a percepção em si mesma, pudesse revelar detalhes do seu corpo, que ela ainda não tinha entrado em contato. Seu testemunho começa com a lembrança da fala de outra participante, que disse sobre o valor “íntimista” que as práticas despertavam.

Abayomi, relata em detalhes as sugestões imagéticas que propus durante a condução da prática: “- *Imagina que seus olhos são como binóculos que ficam no fundo da sua cabeça*”...

Seu relato inicia com uma perda de cabelo crônica, de causa idiopática, embora reafirme que na hora da prática nem estava lembrando e ou preocupada com o fato que para ela poderia ser ter sido produzida pelo “sistema nervoso” ou pelo uso de “química”- produtos para o alisamento do cabelo.

Tendo seu cabelo mais raleado no centro da cabeça, estava à espera de ser chamada para um tratamento em um centro de estudos na santa Casa de Misericórdia. Entregou-se á uma percepção mais profunda e diz ter conseguido ver por dentro da cabeça, principalmente as partes nas quais tinha perdido os cabelos.

O lugar estava cheio de falha, e ela mesmo espantada com o detalhamento de percepção exclama: “Ai Deus, é uma loucura isso!”

Ao olhar profundamente e visualizar os folículos pilosos, pensou automaticamente: “*eu preciso empurrá-los para fora*”. Nesse momento, disse que parou de seguir minha condução, já que eu estava dizendo para e olhar, com os olhos fechados, para o lado direito e esquerdo, e queria só empurrar os folículos para fora imaginariamente, enquanto sua mão ajudava, puxando para fora e ela podia ver o cabelo aparecendo do outro lado.

Quando compartilha isso, percebo o quanto a confiança em si e a percepção sensorial gera atenção para um corpo que está em constante mudança, produz em Abayomi a autonomia proposta por um aprendizado centrado na presença e na experiência. Ela se desloca do lugar de ser guiada, e passa a guiar a si mesma com confiança, dizendo ter empurrado o máximo de fios de cabelos para fora que pôde. Segue o relato, descrevendo a parte da prática, onde eu proponho uma percepção topográfica dos olhos localizados na face, em relação ao nariz e às orelhas. Acrescida da modificação do posicionamento das pernas, primeiro estiradas e amparadas pelo chão, e a seguir fletidas com as plantas dos pés apoiadas no chão. Seu relato é que ao mudar o posicionamento das pernas, percebia uma modificação posicional do olho esquerdo, em relação ao nariz, mesmo esses permanecendo fechados durante toda prática.

Dois meses após esse relato, Abayomi é chamada para a tão esperada consulta com as dermatologistas, da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Ela repete por mais de uma vez, que acha que no dia que teve a percepção sensorial sobre a possibilidade de empurrar os folículos pilosos de dentro da cabeça para fora, era “Deus” que estava mostrando algo para ela, algo para ela acreditar e ela acreditou. Diz que orou pela consulta, chegou bem cedo, e quem veio atendê-la foi a chefe do centro de estudos especialista em tratar de casos como o dela:

“Ela examinou meu couro cabeludo e falou numa linguagem científica que estava vendo um monte de cabelinhos nascendo”...

Abayomi relata que percebe a surpresa da médica, dizendo o quanto era inusitado ter *cabelinho nascendo* naquele lugar. Ela relata que sua cabeça antes chegava brilhar por causa da perda de cabelos no local, e que essa condição é uma inflamação típica e pessoas de sua cor, afrodescendentes. Descreve que iniciou o tratamento com exames e aplicações de injeções locais, mas que achou muito interessante a chefe do setor ficar *impactada em ver novos fios de cabelo em sua cabeça por conta da inflamação*.

Relatos como esse é o que me mantém tentar refazer, e inclusive entender que

não podemos afirmar pelo aprendizado de que o presente na escrita científica só será confiável, quando o futuro já for passado. “Nossos” métodos que separam os dados do diário de campo, de etnografia, ou uma observação participante, ou se é ensaio, ou cartografia, podem ser nossas armadilhas, mesmo enquanto nossa angústia nos conduz empiricamente a romper com os métodos, porque não aguentamos mais. Tendenciados a pensar a partir de um pensamento já descrito, uma eterna referência, por mais desconstruídos que já possamos querer estar.

Insisto por pura falta de tempo e convicta rebeldia, citar por quem já fez o caminho, e me convida pensar junta e também a partir de, e com:

A resistência reside na interação consciente com os discursos e representações dominantes e normativas e na criação ativa de espaços de oposição analíticos e culturais. Evidentemente, uma resistência aleatória e isolada não é tão eficaz quanto aquela mobilizada por meio da prática politizada e sistêmica de ensinar e aprender. Descobrir conhecimentos subjugados e tomar posse deles é um dos meios pelos quais as histórias alternativas podem ser resgatadas. Mas, para transformar radicalmente as instituições educacionais, esses conhecimentos têm de ser compreendidos e definidos pedagogicamente não só como questão acadêmica, mas como questão de estratégia e prática.

(CHANDRA MOHANTY, apud bell hooks, 2013, p.36)

6.7.1 M8 – Eu odeio a palavra “peça”

Em dezembro de 2020 estreou o filme brasileiro, homônimo ao livro M8 – Quando a Morte Socorre a Vida (2020). A história trata de um estudante de medicina negro e pobre que é apresentado em sua primeira aula de anatomia a M8, um corpo negro que servirá para o estudo dele e dos amigos durante o primeiro semestre. Maurício, o protagonista do filme, enfrenta a angústia de desvendar a identidade desse rosto desconhecido, que lhe parece familiar.

O relato angustiante tem um conteúdo parecido à fala de uma jovem de estudante de medicina, negra de 24 anos no encontro virtual em agosto de 2020, que participa de um projeto de extensão e iniciação científica da Faculdade de Medicina de Família e Comunidade da UFRJ. Eu que desde 2015 frequento as nossas quintas, no auditório de uma clínica da família desativada em meados de 2018, por uma política que mortifica também o espaço das pessoas, ouço pela primeira vez o assunto “racismo” circular no encontro brotar no

6.7.2 Anatomia – A disciplina do corpo

Ora, agora é preciso emascular o homem.
[...] – Colocando-o de novo, pela última vez,
na mesa de autópsia para refazer sua
anatomia./ [...] O homem está doente porque
está mal construído.
(ARTAUD, 1974, t. XIII, p. 104).

A exploração anatômica do corpo é controvertida desde a sua fundamentação. Até ela ser naturalizada como recurso pedagógico, o modelo e forma em torná-la moralmente aceitável, foi vigorosamente disputado desde a antiguidade. A hierarquia de ordem utilitarista que pressupunha que a dissecação se justificaria para descobrir segredos do interior do corpo, ou antes para comprovar o que sobre ele já havia sido escrito foi duelada por ordem intelectual

entre a filosofia e a medicina.

A dissecação nasce como prática legítima de pesquisa e na educação anatômica a partir da contribuição de circulação dos textos clássicos gregos e árabes, o desenvolvimento do ensino universitário e a prática da necropsia (Carlino 1999 *apud*, ORTEGA, 2008).

Amiúde o caráter que além da disputa intelectual se dava entre as teorias, era também a supremacia de quem lia/instruía - o acadêmico, que aparece nas figuras renascentistas usando uma indumentária distinta do operário ou operador, sempre com a faca de corte na mão. Temos então dentro da própria medicina o paradigma

de um dos nossos eixos mais visitados, “opressões na universidade”.

A estudante fala sobre sua reprovação no primeiro período, diz da sua estranheza ao chegar no primeiro dia no laboratório anatômico, e só ter o corpo dela e o dos cadáveres, negro. Sua fala embargada se desvia, e reacende ao encontrar sua veterana negra na mesma sala virtual:

“Eu olhei para os lados, nenhum/a professora/o negra/o, nenhum/a aluna/o negra/o. Só nesse momento percebi que meu corpo ali era um estranho. Sai da aula para abraçar minha veterana, que bom ela estar nesse projeto também”. Em fevereiro de 2021, em outro encontro virtual com a turma, a estudante relata espontaneamente estar fazendo novamente a disciplina, agora na modalidade virtual....

É o fim, diz ela, agora coleciono as “fotos” das peças! Com tantas pessoas morrendo preciso ver corpos recortados e chamar de “peças”, odeio essa palavra...

O corpo é a matéria prima essencial do aprendizado nas graduações das ciências da saúde, o primeiro “objeto” de investigação e o meio pelo

entre o médico que cura e o que opera resolvido pelo modelo de Vesalius, que inaugura uma dupla função para a anatomia: - a teórica e a prática.

O modelo clássico ilustrativo de Vesalius, considerado o pai da anatomia moderna, figura o caráter de interesse popular herdado de dois séculos anteriores.

Um decreto oficial ordenado ao Colégio de Médicos Cirurgiões de Veneza, definiu que fosse agendado regularmente pelo mesmo uma vez ao ano, uma dissecação pública. Durante o século XIV e o XV além da Itália, Inglaterra e França seguiram essa modalidade da anatomia entretenimento (Laín Entralgo, 1999, 1954, apud Talomani, 2014, p.34). Sua figura ilustrativa de maior circulação é a dissecação do útero de uma

mulher rodeada por homens.

O caráter social da anatomia acabou corroborando para organização de uma arquitetura apropriada, teatros construídos com especificidades capazes de dar ao público a “visibilidade do espetáculo”. Logo o padrão cultural foi adequado por consumidores que se dividiram; os aristocratas anglo-saxões construíram seus próprios teatros, para se reservarem dos que se ocupavam de suas grotescas interações misturadas ao efusivo período de carnaval, quando ocorriam os teatros anatômicos.

Para Le Breton (1993) a banalização da morte engendrada pelas teatralizadas dissecações públicas exerceu uma forte influência sobre as

qual o indivíduo se debruçará por toda sua carreira profissional. Considerando que o estudo de anatomia seja o primeiro contato da investigação técnico/científica do estudante/pesquisador seja dada a partir de um corpo morto, indigente e majoritariamente negro, quais desdobramentos se dão em face desse encontro?

Certos valores fundamentais para a construção de uma boa relação profissional de saúde/usuário advêm de suas habilidades em lidar, tanto com seus dilemas éticos sociais, quanto dos relativos ao encontro. Uso a palavra usuário por falta de uma menos “coisificada”. Do ponto de vista de pensarmos uma relação mais horizontalizada, até isso deve ser incorporado. Entender que somos pessoas corporais em processo de constante educação pode nos fazer praticantes de outros pontos de vista. A educação somática, por exemplo, é uma forma de aprender corpo pelo corpo. A relação, mesmo que seja de ordem assistencial por alguma queixa de disfunção, é tratada entre condutor e aluno.

bell hooks, ao dizer o quanto alunos que desejam ser vistos como seres humanos integrais, com vidas e experiências complexas e não como meros buscadores de pedacinhos compartimentalizados de conhecimento perturbam professores de

sensibilidades coletivas, sobretudo no que se concernia às questões de vida e morte. É, porém no performado corpo morto, minuciosamente fragmentado que se treina dominar e intervir do que é ainda vivo no corpo. Talvez seja essa forma inconsciente, morta e fragmentada, um espetáculo que nos faz fazer do outro e de nós mesmos, sujeitos indigentes. A faca de Vesalius desconsiderou a fina estrutura que entrelaça por várias camadas em rede, a fásia, que trouxe outra compreensão sobre a unidade que unifica os sistemas e estruturas do corpo. Uma trama que sustenta as interconexões, modulada por uma inteligência topográfica, localizada no

próprio corpo. Foi acompanhando os terapeutas corporais, da educação somática que Myers achou um caminho para provar que ao recortar as partes do corpo, se perdia as finas camadas que os entrelaçam, re-unindo todas as suas partes. Thomas W Myers estudou diretamente com os Drs Ilda Rolf, Moshe Feldenkrais, dois expoentes da Educação Somática criadores dos métodos Integração Estrutural ou Rolfing, e Consciência pelo Movimento e Integração Funcional. Seu trabalho é influenciado por estudos do movimento craniano visceral e intrínseco que desenvolveu

qualquer tendência política (2013, p.27), parece estar falando de uma educação indigente, recortada e em necropsia. A fragmentação prevista pela educação intelectual impõe ao corpo certa objetificação, uma formação anatomicamente construída, onde para que se venha fazer algum sentido, é preciso aprender a suturar tecidos mortos por autólise ou apoptose produzidos como resposta à isquemia colonial.

Alguns artigos, relatam que uma prática de dissecação mais humana, pode ser o caminho para incluir na educação médica boas práticas em sua construção como futuros profissionais (KUMAR, 2019). Em sua revisão sistemática ele chama de currículo oculto, valores que podem ser agregados, por exemplo como aproximar os familiares do doador e organizar homenagens a eles, após a dissecação. Outros são dirigidos às questões éticas da prática e ensino do campo, inclusive discutindo que em termos de treinamento técnico o uso de modelos não humanos parece também ser eficaz, porém a tradicional dissecação, ainda é a predileta (CHYTAS, 2019).

Santos, em uma revisão integrativa de 2017, diz que o currículo oculto é resultado das relações interpessoais desenvolvidas em uma esfera acadêmica, uma espécie de pano de fundo do processo de aprendizagem. Se é a forma ou o resultado

nas escolas europeias de osteopatia. Seu principal produto teórico é o livro trilhos Anatômicos (2001):

... é uma obra de arte em uma metáfora científica. Este livro se antecipa à ciência para propor um ponto de vista, o qual ainda está sendo literalmente desenvolvido e refinado. Assumo com frequência essa tarefa [...] de afirmar de forma categórica minhas hipóteses, utilizando alguns dos adjetivos qualificativos que, embora necessários para o rigor científico, diminuem a força visceral de um argumento.
(MYERS, 2001, p. XII)

Guiado pelo sentido estrutural em que as forças do corpo se integram para mantê-lo inclusive por suas substâncias endógenas e exógenas, moduladas por percepções sensoriais, produziu outra forma da

anatomia topográfica. Sua hipótese pela dissecação minuciosa que preservasse a continuidade do tecido fascial, trilhou a concepção da medicina oriental, que se guia por um sistema de meridianos. Para ele a geografia e a geometria da miofascia, as geodésias da tensegridade móvel do corpo, são os meridianos que o cingem.

Seu primeiro artigo sobre o assunto foi publicado em 1997 no *Journal of Bodywork and Movement Therapies*. Segundo o autor, o corpo pode ser inclusive incorporado ao ensino público através de uma alfabetização cinestésica, um programa preventivo de conscientização estrutural.

dela que garante uma aprendizagem mais humanizada, a única coisa não oculta da dureza dos currículos é que eles são parte do pathos fragmentado e disciplinar da anatomia.

São referências, porém de realidades que não incluem o componente étnico racial, são estudos universais. Um ensaio analisando as Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Medicina (DCNs) à luz dos efeitos perpetuados por indicadores que demonstram piores desfechos relacionados às populações negras brasileiras ao tratamento da síndrome respiratória aguda grave e óbitos por Covid -19 (RAIMONDI et al, 2020), evidencia a urgência de conteúdos que promovam e articulem a compreensão do racismo estrutural na educação médica. Já que o inventário se dá só depois de o sujeito estar morto, precisamos de um invencionário que de outro ponto de vista se faça sujeito ainda vivo. O estatuto globalizado sobre um modelo universal de aprender corpo pela disciplina de anatomia é uma gênese do modelo ao qual até hoje estamos submissos, e não abarca questões fundamentais da diversa constituição social latino americana.

Gonzalez (1988) apresenta uma nova concepção da origem histórico-cultural da América Latina e chama a atenção para sua constituição e sua população Africana e Indígena. Ausente da presença de uma latinidade, a autora cria a categoria Ladino Amefricana, em um exercício contrário ao insistente processo que pretende ocultar as origens da população brasileira evidente na cor, olhares, linguagem e cultura.

(DA SILVA, 2020, p.6)

6.8 PINC – Aprendizagem de ensino

Os projetos de iniciação científica, dentro das graduações de saúde, são uma espécie de complemento curricular e ainda preveem uma aproximação ao estudante do universo da pesquisa. Uma série de equívocos, porém, acontecem, já que esse espaço é muitas vezes usado como moeda de troca de interesse para pretensas carreiras acadêmicas. A obrigatoriedade de horas, para garantir que a/o estudante tenha acessado esse lugar, gera disputa onde as ofertas são legisladas segundo a autoridade da/os pesquisadores responsáveis pelos laboratórios.

Passei dois anos tentando entrar em um desses projetos, e desde os “NÃOS” respondidos pelos e-mails, até as muitas negativas por entrevistas infinitas me fizeram

considerar desistir de algo que parecia ser tão simples, e acessível. O que me fazia inadequada? - Ser mulher, mãe, casada, negra, circense, bem mais velha que a/os outros estudantes, ou possuía alguma debilidade causada por uma educação pública pobre, incorrigível pela universidade... Quais os pré-requisitos para ser uma “aprendiz” de pesquisadora que eu não podia atender?

À procura em diversos cursos, encontrei na faculdade de medicina um curioso projeto que usava metodologias ativas para estudar a Atenção Primária. Por segurança enviei e-mail para quase todos os e-mails dos educadores listados e, fiquei perplexa, ao receber resposta de cada professor/a.

As professoras e os professores pareciam uma espécie de “bando de Robin Hood”, reunidos longe da arquitetura usual dos laboratórios de pesquisa. Tudo que eu sabia era que eram professores ligados ao Departamento da Medicina de Família e Comunidade da UFRJ, e que formaram um Projeto de Iniciação Científica (PINC), para falar de muitas outras coisas veladamente proibidas no contexto formal curricular. Alternando por assuntos diversos, os temas principais circulavam como denúncias pelas opressões na Universidade, além de dispositivos pedagógicos organizados em “formato “ de técnicas de Palhaçaria e Teatro do Oprimido, Narratividade em Saúde, Racionalidades Médicas e Grupos Balints. Numa modelagem bem própria e afetuosa, arrastavam um número considerável de estudantes, e o Laboratório de Estudos em Atenção Primária (LEAP), pelos corredores mais maldosos de quem não considerava as humanidades uma categoria de pesquisa ganhou o artiloso apelido de “O PINC Fraude”.

Foi nesse ambiente, que me pude entender como também “possível pesquisadora”. Sem formulações ditas, percebi que o foco era poder oportunizar vivências através de escuta ativa, criando um espaço seguro onde pudesse ser tratado qualquer assunto, por mais polêmico e difícil que fosse. Suas crenças estavam além da teoria biomédica, e na práxis através da pedagogia da autonomia, me fizeram entender que estudantes só precisam experienciar um ambiente de confiança, para que achem seus melhores caminhos. Eu que mesmo enquanto aluna debatia, porque achava um desperdício e uma não generosidade à comunidade científica a gente não produzir artigos que nos inscrevesse na gênese Paulo Freiriana da educação libertadora, hoje entendo que o pouco tempo que lhes restava para investir voluntariamente ao projeto e também dos alunos, seria “desperdiçado” ao ser dividido entre a vivência e o ‘registro’

científico.

Foi na escrita de Narrativas, eixo mais permanente enquanto aluna onde estive debruçada, que descobri nas palavras a insuficiência do dizer, mesmo aquilo que “podia ser considerado científico”. As proposições corporais, porém em liberdade de expressão, davam corpo às palavras e palavras-corpo às sensações quando um ao outro ameaçavam se descontinuar. A liberdade de uma produção performática, no momento da graduação quando eu estava acessando a prática clínica, foi essencial para nascer em mim o sentido da Saúde Coletiva, antes que discutíssemos qualquer teoria sobre o campo.

O campo da Saúde Coletiva é um dos mais férteis e avançados atualmente na árvore dos saberes disciplinares. Esta fertilidade provém de sua complexidade, tanto em termos discursivos, como em termos de práticas tecnológicas e de “estilos de expressão” dos produtos de seus saberes e práticas. Reduzir essa complexidade a um paradigma monodisciplinar ou a uma forma monolítica de expressão da produção (artigos, por exemplo) é negar a complexidade e decretar, a médio e longo prazos, o empobrecimento e a morte consecutiva do campo da Saúde Coletiva.

(LUZ, 2009, p.310)

Um ano pós-formada, recebi o convite para participar também “do bando”. Os encontros são de uma potência que a escrita não dá conta de relatar. Hoje organizados por um fluxo ainda arbitrário e produtivamente passional, seguimos os alunos em um perto de longe, espaço suficiente para que eles sigam confiantes por suas percepções próprias.

Com a chegada da pandemia, nós que estávamos habituados a ocupar o auditório de uma clínica da família desde 2015, agora desativada, tivemos que nos aventurar pelos encontros virtuais. A premissa da horizontalidade e manutenção de um ambiente protegido, se tornava ainda mais necessário visto a exacerbação de opressões e desigualdades que a pandemia trouxe tanto para nós educandos, trabalhadora/es da saúde, quanto para a/os estudantes da área.

O feliz protagonismo estudantil propôs um cinedebate para o dia 15/04 de 2021, justo quando eu estava imersa no assunto: corpo indigente, morto e preto, uma premissa dos laboratórios de anatomia. Um estudante natural do Togo egresso do LEAP, e um militante das questões étnico-raciais, seriam os mediadores do debate, embora todas/os estudantes soubessem que a palavra circula em liberdade entre nós.

6.9 Cinedebate – M 8, quando a morte socorre a vida

F, que estava no Brasil há dez anos, começa relatar como chegou por aqui. Através de um convênio da UFRJ e seu país de origem, veio fazer um curso de português para estrangeiros na faculdade de letras, quando decidiu fazer medicina. Seu primeiro estranhamento foi as reações de seus colegas de turma.

Já na medicina, quando recebeu a primeira nota de prova, os comentários dos colegas o chamavam atenção:

“Como assim, você tirou a maior nota da turma”.

F disse que nunca tinha se deparado com o racismo até chegar ao Brasil, e que achou muito estranho não ter negros na universidade, com tantos negros no Brasil. Desde a graduação e também na residência, suas notas maiores do que as dos estudantes brancos causavam desconforto tanto neles quanto nos professores. Durante sua reflexão, já que narrava e refletia alternadamente em uma oralidade muito própria, disse:

“Os professores sabiam que eu era africano... Mas será que as pessoas negras do Brasil não podem estar aqui, só da África?!”

Após sua apresentação, os detalhes do filme começam a surgir, desde o fato da guerra na favela, e o professor branco ir com uma kombi pegar corpos para o anatômico. Até a defesa dos ‘tios’ da limpeza, que segundo as/os estudantes fingiam não ver a realidade para de alguma forma se pouparem do sofrimento, já que eles também eram negros.

Enquanto narram as cenas do filme, interrompem com seus próprios testemunhos, como se, suas histórias fizessem parte do roteiro:

“Trocar histórias afetos e carinhos, me ensinaram a caminhar dentro da faculdade” ...

Falam sobre a organização do coletivo negro, NegreX, e que algumas pessoas não queriam participar, *“não naquele momento”*. O que eles achavam ser pelo desgaste de ouvir muitas piadas, principalmente dirigidas por professores quando entregavam para os estudantes negros notas baixas:

“Nossa, tá tão difícil né!...”

Enquanto fala dessa realidade, *F*, em um tempo quase simultâneo, como se fosse uma tradução cuidadosa de quem sabe o quanto custa revisitar realidades hostis, reafirma:

“ nota não define ninguém, a formação médica estudante é algo que temos que cultivar” ...

Sobre os episódios de constrangimento fora da Universidade, *F* conta que assim como

no filme, ele sempre era o único revistado quando estava junto com colegas brancos. Contou que em uma situação que estava só, e foi abordado, quem salvou ele foi seu casaco bordado de estudante de medicina da UFRJ. Quando o policial viu o casaco, *pediu até desculpa...*

O debate segue, e logo os conceitos aparecem atrelados às situações tanto das cenas do filme, quanto as vividas por eles no cotidiano. Racismo estrutural, institucional e a necropolítica, entram e saem da pauta, bailando infelizmente entre o testemunho de vida de cada um. As matizes de cor, e os traços são abordados, assim como o cabelo, um definidor de racismo muito operante no Brasil. **J** que é brasileiro nascido no Sul vai definindo as camadas, fazendo uma leitura a partir de sua própria realidade:

O racismo é muito bem estruturado. Eu sou um homem negro, mas tenho um tom de pele mais clara e traços mais finos. Algumas etnias africanas já tinham esses traços, que não são necessariamente oriundos da origem europeia.

Esse fato fez **J**, ter oportunidades e privilégios ditos por ele mesmo. Nativo de um estado brasileiro majoritariamente branco, uma lei determinou que 5% de representatividade deveria ser de pessoas negras em propagandas na época, o que deu a ele vários trabalhos na área desde criança. Quando chegou a universidade, se algo desse errado a frase era:

Tinha que ser preto. Ao mesmo tempo “em que sua beleza era ‘louvada’ por se parecer com os brancos:

Você tem traços finos, parece um europeu...

J fala também da controvérsia familiar; para uma parte da família ele era considerado muito preto, e para outra, muito *claro* já que a constituição familiar era mista. Sua avó indígena, a mãe, filha de italianos e o pai *negão*. Encerra falando de sua experiência sobre auto-cuidado, auto-escuta e autoconhecimento...

A, foi a estudante que mais se identificou com o filme, a ponto de dizer que pareciam ter feito a própria história dela, no 1º semestre da faculdade de medicina. Sua fala sobre ser o único corpo negro vivo, no laboratório do anatômico é seguida da frase:

“Necropolítica - Mata, aniquila o corpo e também a capacidade de existência” ..

A, conta de seu adoecimento quando entrou na universidade, tendo que ser *acompanhada como criança* pela mãe durante muitos meses. Lembrou que aos doze anos um menino branco na escola pública olhou para ela e disse que se fosse dono do mundo mataria todas as pessoas feias e pretas. Ela então chega à faculdade em um

ambiente “*de sonho*” e vai sendo *mortificada* pelas experiências. Reporta-se ao relacionamento do personagem principal do filme com a mãe como afetuoso, mas sentiu falta de algo mais ‘*afrocentrado*’ na relação entre os dois. Segue dizendo que sempre foi “boa aluna”, até chegar à faculdade e diz que sua “*estima acadêmica*” é a pior que tem... **A** fala do professor, sobre um aluno preto e cotista como condicionante de um baixo rendimento a faz pensar que a qualquer momento o mesmo será dito sobre ela... **L** diz que com ela, na faculdade de fisioterapia nada aconteceu, nem com ela nem com a turma, no máximo tinha uma história parecida muito antiga. Disse ter estranhado sua percepção no anatômico, sem saber relatar, porque *não é a identificação da cor, que me faz querer me tornar amigas das pessoas ,mas quando fiz aula no anatômico, fiquei impactada quando vi o corpo negro*. Disse que teve muita dificuldade de ver o filme porque a fez chorar bastante. Porém o sentimento de um baixo rendimento na faculdade acontece quase em dueto com **A**:

Eu era uma das melhores alunas da turma, mas na faculdade as coisas estagnaram e parece que eu só descia.

F fala sobre as conexões de suas histórias, e que lhe tinha chamado mais atenção em relação ao roteiro do filme. Diz que a realidade vivida no hospital e consultório, e os relatos das pessoas que passaram por racismo nesses espaços, o fez investir no cuidado de pessoas negras.

A necropolítica não só nos matam mais também nos afastam. Quando você chega no consultório e não é acolhido, você não vai querer voltar. Diz que sim, a sua consulta tem cor, e não é racismo reverso; e que a COVID-19 tem uma vítima: *O homem negro, que já morria a cada 23 minutos vítima de violência.*

Muitas questões para além do roteiro do filme surgem, desde as grandes navegações; genocídio de vários povos que desapareceram; a Etiópia um dos lugares mais ricos de recursos naturais virou símbolo da miséria da África e os esquecimentos dos rituais. Um comentário contundente surge no chat:

-Eu estou aqui para dizer que o que o Mauricio (nome do protagonista do filme que se vê no cadáver destinado aos seus estudos e vai buscar os familiares do indigente, querendo dar ao morto o direito de ser enterrado) passou, a gente passa todo o dia...

Uma pergunta é então dirigida a **F**, se as questões racistas se intensificam durante a graduação, ou tendem a se adaptar?

-As questões racistas se intensificam durante a faculdade porque elas acabam não

sendo só por parte dos colegas e professores, mas também de pacientes. Infelizmente é o dia a dia de pessoas negras, profissionais da saúde dentro de hospitais e centros de saúde..

B que até agora tinha se mantido quieta, diz estar grata pela experiência que ela chama de *quase extracorpórea*. Relata que é estudante de medicina, todos em casa são negros inclusive o pai, mais que esse não quer que a irmã use trança no cabelo. *Ele quer que ela alise o cabelo; eu uso aplique para não me sentir desconfortável aqui em casa*. A estudante relata que quando era criança uma pessoa que cuidava dela e da/os irmã/os não os deixava pegar sol, *para agente não ficar mais escuro..*

A, diz que essa coisa de cabelo, faz as pessoas cultivarem um *auto-ódio*. *A pessoa viveu uma vida se auto-machucando porque alguém disse que seu cabelo é ruim*. Para se desviar disso, até os 16 anos passava um “*relaxamento*” no cabelo e ficava com feridas e pus na cabeça. As estudantes falam sobre as piadas dentro da própria casa, sobre as questões dos cabelos, e se identificam com as histórias:

Na minha família acontece isso também.. Mas J quebra o assunto e conta com orgulho: Na minha unidade da Clínica da Família, a equipe é negra.

Os assuntos seguem sobre cuidado diferenciado de cabelo, com condutas e produtos mais adequados e as estudantes falam sobre a responsabilidade de serem as primeiras mulheres a chegar à faculdade. **A**, disse que sentou no colo da mãe como se fosse uma criança quando passou para a medicina chorando muito:

A primeira mulher da minha família a não ter que limpar a casa de outra pessoa, não que isso seja indigno. Nessa hora alguém faz menção à música Redenção do Emicida:

Um sorriso no rosto, um aperto no peito
 Imposto, imperfeito, tipo encosto, estreito
 Banzo, vi tanto por aí
 Pranto, de canto chorando, fazendo os outro rir
 Não esqueci da senhora limpando o chão desses boy cuzão
 Tanta humilhação não é vingança, hoje é redenção.

“As estudantes falam da ausência masculina e sobre famílias administradas ‘só por mulheres’”. **A** diz: *a minha é assim* e voltam várias vezes para o assunto “cabelo”. Sobre esse assunto concluem que muitas referências feitas sobre cabelo desde a infância, *pode ser uma tentativa de proteger as crianças do racismo, mas acaba machucando porque não é explicado...*

Diferente dos relatos da/os brasileira/os, **F** diz que na sua família no Togo, *muitas*

peças têm faculdade, por isso ele ter se formado médico, não foi novidade, *foi estranho não encontrar pessoas negras na faculdade aqui...* Por último, o traço do nariz aparece, já que **L** diz que ouviu uma história que antigamente as pessoas usavam cuspe na ponta dos dedos, para afinar o nariz das crianças, e **B** diz que sofria de rinite e sua avó não a deixava assoar o nariz:

Seu nariz já não é afiladinho, você fazendo isso vai ficar largo e feio...

Assim como fizemos durante o encontro, da conversa circular pelos corpos das e dos estudantes, entendo que a riqueza e liberdade do debate tendo como pano de fundo o roteiro do filme, dispensam análises ou interferências.

Memórias

Era só uma menininha de cabelos crespos
 “encontrada na lata do lixo”..., era piada...
 A negrinha da casa, trocada na maternidade...
 Tudo de brincadeirainha.

Um dia passou tudo, à mesa, era só mais uma garçonete
 Mas o moço branco, dono da festa, rico e francês
 Disse que eu não sabia servir direito;
 A moça pediu para que eu fosse para a desprodução na cozinha,
 Encontrei novamente a menina da lata do lixo.

Mas o eco de seus olhos azuis, não me causaram dor suficiente
 Á essa altura, o treinamento da infância me tinha tornado mais resistente
 Segui, guardando os pratos vazios
 A lua estava lindamente, plantada no céu.

As águas me levaram pela linda noite,
 Suas vozes, piadas, já não faziam mais nenhum sentido
 Hoje?
 Não rego plantações inúteis....

(Nilcéia Figueiredo, agosto de 2019)

6.10 SUSTentando vidas – Um ente sonoro de nossos afetos

Desde quando foi criado o LEAP, porém, circulava no desejo de nossos encontros a vontade de “fazer extensão”, no sentido de furar a bolha do espaço universitário e ainda poder aprender com o território agregando autonomia e gestão da/os estudantes em suas formações. As poucas circulações de conteúdo escrito, “todos incorporados”, foram abordagens feitas em salas de esperas de clínicas da família com técnicas de teatro do oprimido e palhaçaria, ou em congressos e ou jornadas científicas,

essas bem mais ocupadas pelo coletivo nos garantindo, aliás, diversas “menções honrosas”. O conteudismo do currículo das graduações de saúde sempre foi uma barreira. Curiosamente quando o período remoto nos foi imposto pelo estado sindêmico, concorremos a um edital da URFJ para produção de um programa de Rádio e fomos contemplados. O nome do programa é SUStentando vidas – A saúde e o SUS que você não vê na TV. Desde setembro de 2020 bailamos nessa nova dinâmica então, para além dos desafios de aprender fazendo e manter a oferta do lugar de acolhimento em um ambiente virtual, de jovens estudantes da saúde com histórias e esperança precária em dias tão difíceis, seguimos. Com um ano de programetes, nome dado a programas radiofônicos de curta duração, produzindo conteúdos sobre saúde, direito e acesso ao SUS durante a pandemia COVID-19, as e os estudantes relatam o caráter da interdisciplinaridade do aprendizado e autonomia como sendo o maior valor dessa experiência.

Nessa extensão me foi possibilitada a experiência dupla: de ensino - aprendizagem e protagonista - coadjuvante. Aprender e ensinar, reaprendendo. Protagonizar inicialmente, através da narração de uma informação na rádio, e ao término de cada programete me transformar em coadjuvante, transferindo ao ouvinte o protagonismo. Poder desfrutar dos ganhos oriundos de dois papéis: estudante e locutora, literalmente narrando, um processo prazeroso de aprendizagem e pesquisa, reflexionando a realidade, suas problemáticas, tensões, desigualdades e belezas. Tendo como ponto de partida e fio norteador o SUS, a Atenção Primária a Saúde e os princípios fundamentais de equidade, universalidade e integralidade, que nos permitem falar, conscientizar e refletir a cerca de temas múltiplos como violência contra mulher, saúde do homem, racismo, medicalização da vida, pandemia de covid-19, *fake News* e tantos outros temas, e perceber que tudo está diretamente conectado. Falar, ouvir, aprender, informar... sempre nessa relação bilateral. Sempre em processo (Ela, Estudante D).

Dessa vez, mesmo em meio ao desafio de encontros remotos, formato tão distante de nossa práxis usual, conseguimos escrever conteúdo para submeter em revista científica, mas fomos rejeitados por três delas. A última nos acusa de uma escrita muito poética, e o/a parecerista nos “aconselha” escrever um livro..., já estávamos fazendo isso...

Testamos modos de nos ver entre as janelinhas virtuais de nossos computadores. Piruetas no quadrado iluminado, rodopios coloridos, panos de fundo floridos, cenários de palavras, luzes de ações cuidadosas para não machucar. Norte, nordeste, sul, sudeste, centro oeste. Pernas de pau. Corpos abertos. Peitos de beija flores. Foram todos chegando em nós, assim, nos intervalos dos ensaios de coragem que insistíamos não deixar ruir. Refazer nos habituava, tínhamos o tédio de encontrar iguais, então não seria tão difícil reinventar nossas aulas... O difícil era o medo do silêncio, das câmeras fechadas, das faltas, dos lutos, das falas que sabíamos que iríamos ouvir. O medo era de presentificar tantas dores desconhecendo o que fazer com elas sem os abraços em roda coletiva que nos dávamos, quando isto acontecia, no

velho auditório da clínica da família desativada.
(texto feito pelo coletivo, e apresentado no
evento da Primavera Paulo Freire, em setembro
de 2021 na FIOCRUZ)

Seguimos pela pedagogia da experiência, uma pedagogia profana (LARROSA, 2016), aprendendo na transgressão de permanecer presente, (hooks, 2017), ou ainda, na liberdade e na autonomia (FREIRE, 1997) de acreditar que seremos eterna/os estudantes.

Larrosa em seu ensaio Sobre a lição - ou do ensinar e do aprender na amizade e na liberdade em Pedagogia Profana, vai apontar que “o movimento da pluralidade do aprender é dar-se como texto para ser lido por muitos, é oferecer-se como abertura para o múltiplo”(2016, p.142). Para o autor, amizade e liberdade são garantias de que o ensinar e o aprender possa estar em acontecimento, “enfiando-se no texto,..., fazer com que o texto teça, tecer novos fios, emaranhar novamente os signos, produzir novas tramas, escrever de novo ou de novo: escrever”(2016, p.146). A profanação a qual o autor se refere é o contraponto de uma pedagogia sagrada, onde se procura resolver a contradição reduzindo a diferença á unidade, nesse sentido a heterogeneidade do aprender , seria a única maneira de dar espaço à diferença e garantir a manutenção da alteridade (NETO, 2007, p.259).

hooks por sua vez, apoiada em Paulo Freire, quem ela considera como mentor e guia, diz o quanto as narrativas confessionais ligadas ás discussões acadêmicas, precisam ser treinadas por professores, como modo destes estarem totalmente presentes em mente, corpo e espírito (2017, p.36). A autora fala sobre o testemunho de estudantes que temem a carreira acadêmica, por causa das hierarquias coercitivas. A cisão entre o corpo e mente, um lugar só para a objetividade, o lugar temido por muitos alunos, como foi por ela; onde não há espaço para que a vontade de auto atualização possa ser firmada (2017, p.32).

Freire anuncia a solidariedade enquanto compromisso histórico de homens e de mulheres, como uma das formas de promover e instaurar a “ética universal do ser humano”. Para o autor a pedagogia da autonomia, é uma das possibilidades dessa dimensão, que ele chama de utópica (1997, p. 77).

7.0 MESODERMA



7.01 Corpo - território

Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade.

(SPIVAK, 2010, p.67)

Dizem que mulheres tem o “sexto sentido”, fazem várias coisas ao mesmo tempo, tudo parte da sua “natureza”. Se o corpo é território, do ponto de vista analítico, a mulher é a nativa da categoria corpo junta a todos os seus sentidos, não da categoria a nativa.

Um corpo que incorpora o mito da fênix, treina morte e ressurreição desde a concepção, ainda quando lhe cessam os costumeiros sangramentos mensais. Foi no leilão do corpo de mulher e seu útero aberto por Vesalius que o lance dado pela antropologia deslizou, desconsiderando que na cosmologia de povo guarani, a nativa da categoria, também pode falar. Sandra Benites, uma mulher guarani indígena antropóloga toma as rédeas para dizer do seu corpo, por ele próprio:

Não queria ser mais uma mera informante, queria observar, analisar, refletir e criticar as teses e artigos que abordam o meu povo guarani, com os olhos de uma mulher.

(BENITES, 2018, p.2)

7.02 Território do corpo

A produção de desaparecimento de corpos pela infecção de um vírus letal, construiu uma urgência de reformulação tanto da ordem de indivíduo, quanto sociedade enquanto o hospedeiro visível só por lentes muito especializadas nos fazem apreender que ao capturar o ser do outro, somos também acometidos em nossa humanidade. Na perspectiva da cosmologia ameríndia, é a humanidade a referência comum de todos os seres da natureza não o homem/mulher, como afecções (Viveiros de Castro, 1996).

Se para Le Breton (2001) o ciberespaço configurava uma tribuna onde era possível apresentar opiniões e desejos sem que o corpo precisasse se representar, Thompson e Varela (2001) através da teoria do enativismo descrita em um artigo publicado no mesmo ano, afirmam que o sujeito e o mundo estão acoplados.

Até ontem, podíamos escolher usar ou não certas tecnologias. Hoje mediados pela des-proposição de um estado sindêmico, nos resta que as redes suportem uma vida que não “pode/deve”

Era ano de 2019 enquanto me preparava para de-marcas o território acadêmico da saúde coletiva, um convite para compor uma equipe multidisciplinar de saúde e de tecnologia de informação (TI), redimensionou minha identidade territorial. Nossa missão era atualizar protocolos de biossegurança, conteúdo de educação continuada e apoiar uma equipe intercultural de saúde em um hospital de atenção primária, criado há 90 anos para prestar serviços à população indígena de Dourados-MS.

O hospital é um espaço resguardado pelo poderio biomédico. Mas estar constituído no centro de uma comunidade indígena, dos Guaranis Kaiowas e Terenas por quase cem anos, o fazia peculiar. Além de ter à sua arquitetura uma “casa de fogo” a divisão de trabalhos de corpos que “se aprenderam” estar no mundo de ordens muito distintas moldava uma lógica hospitalar um pouco mais flexível. Depois de muitos episódios de incêndios causados pelo fogo aceso dia e noite debaixo das macas nas enfermarias, a direção do hospital resolveu construir uma casa de madeira que abriga a fogo contínuo. Os guaranis tem o hábito de manter um fogo aceso continuamente, centro de seus “encontros de conversa”.

parar. O sujeito do mundo mora no próprio acoplamento, ensimesmando aproximações desviantes que lhe possam garantir um corpo presentificadamente virtual. Nesse sentido driblamos o caráter antropofágico de um vírus mutante, dando ao corpo uma dimensão territorial que acontece na virtualidade.

É no que Rolnik (2019) chama de mundos virtuais engendrados pela fricção e experiências de formas moldadas segundo cartografias socioculturais vigentes, que a pandemia incorpora em um mesmo sistema o imediatismo

necessário de novos tipos de conscientes acoplamentos e sua própria experiência. Na consideração do corpo-território dos povos nativos da cosmologia amazônica, o sujeito é o que acontece em constantes afecções, então podemos considerar que seus corpos se produzem de e em constante consciência de acoplamento. As fragilidades que colocam em xeque a autonomia de sistemas antes com contornos muito definidos, de alguma forma propõem que a subjetividade seja um corpo tangível no re-arranjo do tempo/espço, já que o sujeito social é essencialmente relacional.

Diante de uma realidade que só ouvia falar, meu ventre se estremeceu de muitas percepções. Eu que já vinha debruçada sobre conteúdos corporais que me fizessem mais pertença à terra, estive de carne, osso e *imaginidade*, presentificada.

As américas sangram também pelas veias
dilaceradas dos povos primeiros que aqui
habitavam. O território brasileiro continua
marcando o seu chão com sangue dos
donos primeiros da terra.

(EVARISTO, apud Silva, 2020, p.115)

Meu maior desafio foi doular uma mulher kawioa, que era também trabalhadora do hospital. Foram as duas horas mais intrigantes que já vivi enquanto mulher cuidando de outra mulher. Ao ser a ela apresentada, no intervalo entre as contrações, perguntei se podia estar junta. Moveu sua cabeça e com um sim acompanhado por uma voz quase sussurrada, me deu a honra de lhe oferecer algum conforto para amenizar os incômodos que anunciavam a proximidade do parto. O que para mim era um presente, poder apoiar uma mulher indígena em sua parição, foi também um conflito por acreditar que os modos de trazer filhos ao mundo das mulheres indígenas na tradição original com as parteiras é muito mais coerente do que esse deslocamento para o ambiente hospitalar.

Resta-nos ceder, porque o que seria uma desterritorialização, apontada por Bolsanello (2010) como produto de uma redefinição do corpo por sua realidade extensiva à dependência das máquinas, hoje é a única proposta capaz de manter necessidades essenciais à pertinência da vida, vide o uso da telemedicina. Durante grande parte da pandemia, esse foi o único recurso possível, sendo inclusive autorizada por diversos conselhos profissionais de saúde, como forma de manter o acesso à assistência.

A teoria de habitus de Bourdieu (2014) propõe o corpo como um lócus privilegiado do sujeito social, compõe um espaço elástico, entre indivíduo/subjetividade e sociedade/objetividade. Esse meio circulante, portanto não identifica quem é o estruturante, ou estruturado já que indivíduo e sociedade se constituem em tempo biográfico indivisível, sendo impossível sedimentar o que é de concreto, dessa realidade. Dentro da *hexis* corporal (BOURDIEU, 2014) que seria uma matriz incorporada para além do uso

Ela chegou em avançado trabalho de parto, mais um desencontro entre a data da última menstruação e a idade gestacional definida pela ultrassonografia, tornava incerta a complexidade de seu parto. Fez-se necessário a transferência para um hospital com mais recursos, inclusive porque a maternidade que dava nome ao hospital estava desativada. Doular aquela mulher por duas horas, me fez refletir sobre muitas coisas, inclusive escolher não acompanhá-la quando chegou a ambulância, temendo que ela pudesse sofrer retaliações por causa de minha presença, já que a lei das doulas em MS não é garantida. Sua tristeza incorporada na despedida até hoje ocupa minha memória, e uma pergunta que me atravessa sem resposta: - Quais razões levaram aquela mulher indígena profissional de saúde desejar ter seu quarto filho naquela maternidade, mesmo desativada?!

da linguagem, podemos pensar que os encontros virtuais sejam parte nativa desse sujeito social, em tempo de isolamento físico compulsório.

Ser corpo movido e movente me fez uma espécie de “tábua virtual de proposição”. Algumas pessoas mais próximas me começaram buscar para propor encontros “virtucorpóreos”. Uma modalidade que havia iniciado treinar desde 2018, quando uma gestante brasileira que saiu da Tailândia para os Estados Unidos buscando uma forma mais humanizada de parir sua primeira filha, me acionou por uma “rede social” para ser sua doula e “preparadora corporal para o parto”.

Esse corpo peregrino, andarilho do mundo, está em constante deslocamento, se desviando refugiada em si, buscando

um território sem fronteiras, que o seu também possa ocupar. Um lugar para “parir como um/a bicho/a”, como sempre ouvimos falar. Nosso espetacular mundo primitivo, de onde em nome da modernidade, a nativa, tem tido sua terra grilada.

É nesse pano de fundo virtual que as mulheres do meu corpo território em uma experiência pandêmica se foram refazendo, na medida em que os acoplamentos se faziam tanto necessários, quanto primordiais. São essas vozes que escorrem com sangue e suor em coro com as nativas da categoria corpo, que estou a corpografar. Corpografia é um conceito que se referencia dança e arquitetura (DEBORD, 1997), um entrelaço de escrita, movimento, território e palavra.

Voltei querendo me aproximar do modo de viver das nossas mulheres de origem. Refletir a partir da proposição de povos originários, pode ser um exercício contra-colonial útil para corporificar re-encontros, tornar incipiente o pertencimento de si reconhecendo o fundamento de ser pessoa.

Digo “território” porque o funcionamento do nosso corpo e o nosso jeito de ser mulher são territórios e identidade, têm relação com diferenças e especificidades.

(BENITES, 2018, p. 70)

A perseguição imposta por um vírus letal desafia a nós, refugiadas do território do corpo, buscar nele próprio abrigo e identidade. Se muitas práticas corporais são “idealizadas” como “objeto” de transcendência espiritual, reitero que de fato ao contextualizar a matéria transcendente, o próprio corpo, responde-se um grito da alma e também do espírito, partes do corpo que só podem ser vistas, por sensações primitivas-ativadas.

São essas mulheres que circulam também pelo território do corpo, acostumadas morrerem e viver de muitas maneiras, que mantêm minha plena atenção corporificada.

Dessa circularidade que o ambiente virtual produziu, a/os educadora/es, o campo somático e a somaestética, tem se desenhado como território possível ao

corpo-território possível de meus territórios. “A somática, é uma jovem ciência nomeada a menos de meio século e propõe pela experimentação corporal reunir diferentes formas e áreas do saber, entre prática e teoria, educação e contexto, estética e cura, técnica, criação permitindo um campo conectivo entre micro e macropolíticas em diferentes níveis” (FERNANDES, 2015, p.10). Suas proposições conectivas e includentes ao congregar o aprendizado intelectual do campo das ideias com e no corpo, originaram a somestética, um tipo de filosofia corporificada (SHUSTERMAN, 2012) encurtando a lacuna intelectual acusada como obstáculo de uma escrita pragmática baseada em conceitos teóricos em defesa do corpo integralizado também pelo conhecimento dele advindo.

7.1 Corpo de mulher, um território “ex-patriado”

A pele de minha pequena menina desceu para tomar café da manhã cheia de espinhas. Embaixo do braço, trazia o livro de Cecília, Viagem, e queria saber quem o tinha trazido pra casa: - Um ex-amigo poeta, que não vejo há tempo. As espinhas me olham, ela está há dois dias de completar seus trezes anos, e me lembra sem dizer nada, que fui eu sua casa; última vez que pude me multiplicar em outra mulher pelo útero biológico.

O sol nos chama ao quintal é sábado, e mesmo resistente ao seu calor, aceita agora o convite de lermos uma após outra. Alternamo-nos em recitar os poemas, ajustando nossos corpos ao sol, que se mexia toda hora, insistindo em nos fazer mover da sombra. Cada verso ecoa diferente, nos fazendo às vezes, duetar em harmonia. Sem comentar seguimos, mas quando nossos olhos se encontram enquanto trocamos o livro para a próxima leitura, um silêncio fala de nosso afeto.

Mal sabe ela ou talvez até sinta, já que somos raiz de uma mesma pátria, que minha mente navega, por oceanos e rios cercados de memória de muitas mulheres de agora, que têm a vida em risco. (Rio, 2-05-2020)

Ó paz infinita, poder fazer elos de ligação
numa história fragmentada. África
e América e novamente Europa e África.
Angola. Jagas. E os povos do Benin de
onde veio minha mãe.
Eu sou atlântica.

(NASCIMENTO, 1989, voz do documentário ORI)

A nota 13/2020-COSMU/CGCIVI/DAPES/SAPS/MS, expedida em 5/05/2020 incluiu as gestantes e puérperas no grupo de risco para COVID-19²¹. Até então, todo sentido de risco e agravamentos eram ancorados apenas, pelas percepções empíricas de quem se mantinha no escopo do cuidado dessa população, pois nem a OMS - Organização Mundial da Saúde ou OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde até então haviam se colocado sobre as mulheres gestantes e puérperas, a não ser as que estavam já dentro dos riscos por comorbidades. Curiosamente os pesquisadores iranianos foram os primeiros a relatarem óbito de gestante por COVID-19, a partir da morte de uma jovem gestante de 27 anos, com idade gestacional de 30 semanas e sem comorbidades

²¹ https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/05/SEI_MS-0014644803-Nota-Te%CC%81cnica-5.pdf

(KARAMI, et al, 2020). Redes mobilizadas por associações e coletivos de Doulas, e das Feministas Ginecologistas e Obstetras trabalhando arduamente, já se mobilizavam portanto por aqui, para além de trazer informações, combater aos *fakes news* e dar apoio a nós, essas mulheres...

Um estudo publicado pelo *International Journal of Gynecology* (TAKEMOTO et al, 2020) apontou que, desde a primeira morte em 20/02/2020 até 18/06 de 2020, o Brasil já era responsável por 77% das mortes maternas do mundo. No que tange o aquilombamento²², aprendemos que sempre há algo a fazer, quando entendemos que há uma variedade de sistemas sociais em inter-relação como símbolo de resistência. Beatriz do Nascimento (1986) elucida que o quilombo é um fenômeno que sobrevive no inconsciente dos negros e da inteligência brasileira, como uma simbologia de território ocupado dentro do sistema e espaço de mundo para além do nicho geográfico. Nesse sentido, minha ilha virtual, flutuava como navio negreiro atravessando o Atlântico, as estradas da terra brasillis, ou ainda se fazia amefricanamente irmã das transmigrantes²³, que agora navegavam em busca de terra segura para aportar suas crias.

No ano de 2020, foram 544 óbitos em gestantes e puérperas por Covid-19 no país. Até 26 de maio de 2021, transcorridas 20 semanas epidemiológicas, foram registrados 911 óbitos, com média semanal de 47,9 óbitos (OBSERVATÓRIO COVID19- FIOCRUZ). É certo, que ser mulher “ch’ixi”, Doula, Fisioterapeuta Pélvica e estudante de uma pós graduação em Saúde Coletiva me dão uma aproximação muito objetiva; uma constatação sobre a fragilidade que vivemos enquanto políticas públicas, no que diz respeito às mulheres estarem muito aquém de serem priorizadas em seus processos reprodutivos. Nesse sentido, estar mediante um colapso do sistema de saúde, de vida e de mundo, nos faz apreender que viver o tempo no presente, é um exercício de resiliência, na qual enquanto sociedade, e uma vez que percebemos a alteridade que nos habita, só nos resta acessar o plano coletivo de produção de subjetividade, e suas forças moventes.

²² Em sua pesquisa Beatriz do Nascimento critica o pouco interesse da academia por entender o quilombo para além de interpretações reducionistas. Para a autora o fenômeno do quilombo está para além do tempo e espaço de grupos específicos. Esse processo se constitui fora de territórios permanentes, e se desloca junto a identidade de um corpo negro plural que constrói e qualifica outros espaços-extensões e varias durações nos quais seus integrantes se reconhecem. (RATTS , 2006, p.59)

²³ Termo cunhado pela autora relativo corporeidade negra conectada às experiências de pessoas pela coletividade étnico- racial a qual se sentem pertencente.

7.2 Oceano amniótico, a navegação à deriva

Pareço Cabo-verdiana
 pareço Antilhana
 pareço Martiniquenha
 pareço Jamaicana
 pareço Brasileira
 pareço Capixaba
 pareço Baiana
 pareço Cubana
 pareço Americana
 pareço Senegalesa
 em toda parte
 pareço
 com o mundo inteiro
 de meu povo
 pareço
 sempre o fundo de tudo
 a conga, o tambor
 é o que nos leva adelante
 pareço todos
 porque pareço semelhante

Constatação – Elisa Lucinda (apud RATTIS, 2006, p.71)

Deflagrada a pandemia, nossos sentidos navegavam em um mundo descontínuo, em plena mutação. As gestantes as quais eu acompanhava, faziam parte de aproximações distintas, logo nossos encontros individuais se adaptaram à mediação da tela. Os códigos de ética das profissões que acumulo portanto, não permitem “interações casadas”; embora fora as questões de abordagem tecnológicas “duras”, permitidas só a minha atuação enquanto fisioterapeuta, a premissa de trabalhadora social²⁴ – a doula, acaba estando muito presente nas duas atuações. Esta distinção é sabida pelas gestantes e puérperas que contratam um ou o outro serviço, e ou até os dois. Porém ao ser acionada durante esse tempo me percebi numa simbiose. Symbiose é um conceito cunhado pela parteira tradicional Dna dos Prazeres, quando ao cuidar de uma mulher em seu estado de parição, não se distingue as fronteiras do fazer/saber. Essa parteira pernambucana, protagonista do curta *Simbiose* (2017) propõe o conceito a partir de uma definição do seu fazer enquanto parteira na comunidade:

É uma liderança. É uma conselheira. Ela é advogada, ela é assistente social, ela

²⁴ Os códigos de ética da doulagem expedidos por associações aconselham enquanto doula, às que possuam outras profissões, não exercer manejos técnicos previstos por conduta autorizada pela outra profissão. Merhy (2002), classifica as tecnologias envolvidas no trabalho em saúde no cotidiano do cuidado, para o autor, as “duras” são referidas ao uso de equipamentos tecnológicos, normas e estruturas organizacionais. A fisioterapia é uma profissão que prevê também o uso desse tipo de tecnologia.

tá em todas. É por isso que eu achei por bem dizer o que ela faz só numa palavra: ela faz simbiose”.

(PRAZERES, 2017, voz do filme Simbiose)

Declarada as medidas de isolamento, eu acompanhava uma gestante a termo, duas puérperas, e outras três mulheres com idades gestacionais distintas, uma no primeiro trimestre e duas no segundo. As novas regras de circulação me faziam buscar informações nas mídias, nos grupos de articulação da doulagem, nos de profissionais de saúde, além dos canais oficiais do “des- governo”. Mesmo uma aproximação de colegas gestoras na saúde, não era fonte de informação que pudesse prever imprevistos, já que as medidas transitórias nos protocolos da saúde, nunca foram tão fugazes. Em um mesmo dia a diversidade de informações que circulavam, derrubavam as anteriores em um intervalo de horas...

As possibilidades virtuais acrescentaram pedidos de mulheres de outros estados do Brasil, além das que estavam com seus corpos amefricanos transmigrados, na Europa e nos Estados Unidos. Os desafios impostos a essas mulheres, me parecem estruturados no universalismo construído pela dominação de seus corpos pelo saber biomédico. Nesse sentido, a marca da amefricanidade, para além de ser gestante, ditava opressões e violências trazendo em seus relatos, inquietações sobre abordagens equivocadas que elas jamais imaginavam viver fora do Brasil. Um contraponto, era a gestante paraguaia, ex trabalhadora do SUS, desempregada e abandonada pelo genitor (substantivo usado em nossos encontros como forma de se referir ao sujeito que ela não queria mencionar o nome), que mesmo mediante a pressão dos familiares para retornar ao Paraguai, se manteve por aqui já que as condições de parturição em seu país de origem está muito aquém do Brasil, segundo ela.

A transição de mundo e a pressão crescente me faziam querer “jogar o rebozo²⁵” e dar uma pausa na atuação, tamanhos os desafios que cada mulher trazia, para além dos que seus estados reprodutivos e o enfrentamento dramático que os sistemas nos trazem normalmente.

Enquanto escrevo essas laudas, desde que foi declarada a pandemia até novembro de 2021, foram 15 rotas lançadas ao Atlântico amniótico, onde tanto o temor quanto a possibilidade do naufrágio inferem ao meu corpo simbiótico aprendizados sobre a

²⁵ Rebozo é um acessório milenar mexicano, que foi difundido como acessório usado no parto, pela parteira Naoli Vinaver. É um corte de tecido que lembra o xale mexicano. É usado em manobras biomecânicas para relaxar a mulher durante a gestação, parto e pós parto. Uso a metáfora atrelada ao sentido do dito popular “jogar a toalha” que significa desistir.

cidadania²⁶. A semântica então do corpo feminino propõe me situar no ato do cuidado em resposta aos afetos, única condição que me fez permanecer. As narrativas que elas trazem, nem sempre ditas por palavras, são pistas que me ajudam guiar. Não é nada fácil cuidar, no universo de tanta necessidade, assistindo e apoiando individualmente. Só é possível se nos disponibilizamos renascer para “uma cada mulher nova”, sem desconfiar que mesmo pequenas transformações possam fazer uma diferença para vida, em um cenário de tantas mortes. Uma micropolítica que as necessidades e testemunhos de cada uma nos ensinam manejar.

Cuidanía es la capacidad colectiva de cuidar la vida en todas sus formas.
Nace del Respeto y la Autoestima.
Implica amor y empatía.
Crea relaciones sociales otras.

(CAMACHO, 2012, p. 2)

Das quinze mulheres que tive o privilégio de acompanhar, dez pariram no Rio de Janeiro; uma em Vitória no ES; uma na Bahia; uma na Itália; uma na Irlanda, e uma nos EUA. A seguir, nomearei essas mulheres com nomes de rios brasileiros, com o objetivo de, para além de guardar suas identidades, ressignificar o destino/origem de todas elas: Nós somos todas, “Atlântica”.

Deságues minha vida
Como a percebi e a queria
Como a prometi a mim
Te recordo grande Atlântico
Que me beira
Que me rejeita
Esquecendo nossa aliança inicial:
De ti nasci
A ti quero voltar.

(NASCIMENTO, 2015, p.45)

²⁶ Esta palavra foi proposta por Isabel Aler, como uma recriação da linguagem. Ele quer substituir o termo "cidadania", que propõe aos indivíduos independentes e isolados de seu contexto social. Liberdades individuais com que o sistema patriarcal-capitalista-mercantil nos seduz; eles negam nosso tecido social humano, a necessidade que temos uns dos outros, nosso SER COLETIVO, o nós em lugar do eu. A cidadania é uma proposta não apenas obsoleta, mas também falsa. A cidadania cria laços sociais de cuidado inspirados em uma cultura ao qual homens e mulheres participam de um modo de vida centrado numa cooperação não hierárquica. (tradução livre)(CAMACHO, 2012)

7.2 Serra do Mar – A nascente de Tietê

Tietê me contatou pela mídia social em setembro de 2019. Eu que sempre fui resistente, passei postar algumas linhas sobre cuidado, embora quem chegava, vinha por que tinha conversado com alguém que já tinha passado por nossos encontros. Ela só me disse se eu a podia atendê-la remotamente; eu perguntei onde ela morava, disse que na Tailândia, mas que tinha ido para os EUA, para ter seu bebê.

Minha primeira reação passou pelo código de ética da profissão biomédica, uma distração e a racionalidade da fisioterapeuta, característica da “tensão estruturante” (BONET, 1999) me fez desacreditar que a proposição virtual fosse capaz de acolher uma gestante. A moralidade á essa altura, quase me roubou a possibilidade de transformar. Quando aceitamos cuidar, nos tornamos cúmplice. A Cidadania é um elo a nos lembrar de que temos uma mesma origem, então se abre um útero de possibilidades para expandir o sentindo de gerar.

À primeira vista, todas as impossibilidades se desenharam como painel mais comum. Mas a sorte a nosso favor, estava no relato de uma amiga que tinha estado em casa há quase um mês, me colocando a par de seu trabalho com mulheres captadas por tráfico humano. Não preciso dizer que muitas coisas se passaram por meu universo imaginário. Corri e apaguei o texto em que justificava por uma lista, dar como negativa a proposta de Tietê. A tempo pude corrigir meu impulso, embora suas fotos não parecessem ter a ver com alguém em risco, mas que cara queremos ou podemos mostrar?!. A essa altura eu já estava convencida fazer o (im) possível, para lhe oferecer encontros com a mesma qualidade que eu ofertava presencialmente, já que não sabia se além de mim, havia outra pessoa para ela contar.

Paulistana, mulher auto-declarada parda de 24 anos, disse que estava com o namorado, jogador de futebol na Tailândia, mas não se sentia confortável em parir por lá. Foi então sozinha morar pelo resto da gestação na casa de um primo nos EUA, pensando em ter um parto respeitoso, e ainda dar à sua filha uma cidadania mais justa... Foram oito encontros até que sua bolsa estourasse espontaneamente na semana 37. O que eu não sabia, era que ainda havia muito por vir, eu só estava sendo treinada para outros encontros remotos frequentes, quando o vírus que estava por vir, nos faria ter essa abordagem como a única possível.

Tietê passou por longas horas de privação de alimento, deambulação e líquido.

Disse que o frio a fez não suportar a dor, porque a enfermeira colocou um esparadrapo no botão que regulava a temperatura do ar condicionado, para que não fosse mudado. Desconfiada, dois dias depois do parto me disse ter sofrido muito. Parecia não querer acreditar, que atravessar o mundo não fora suficiente para fugir da opressão e da violência. Desconfiou-se porque pediu anestesia, e nem assim conseguiu trazer a atenção para si. Quando a equipe bateu o martelo para leva-la á uma cirurgia, me descreve emocionada que se desconectou da volta, lembrou-se das respirações que treinamos, e em três puxos, fez nascer a cria. Eu a perguntei sobre ter feito alguma reclamação formal ao hospital, e ela responde que preferia deixar a memória pra trás, agradeceu por eu ter estado tão presente. De volta à Tailândia ela parece feliz nas fotos amentando a cria... Ela não sabia que o corpo feminino contém uma hermenêutica de abuso, atravessada em séculos de reafirmação. Contamos as muitas vezes só com a sorte, porque os sistemas que captaram com teor rigoroso sua maculação são mais poderosos que a própria razão, e transpor continentes parece não fazer mudar a prática hostil. É certo, que a latinidade pode ter agregado uma marca de subalternidade ao seu corpo que mesmo branco, ainda se mantinha inconsciente da identidade “ladinense” exposta aos estadunidenses. Enquanto escrevia sobre Tietê, meus pensamentos não saem de Paraguai...

7.4 Paraguai e Doce

Fazia três dias que ela nada dizia. Dia 1º de maio de 2020, “passou no zap” para me dizer que estava grávida de 12 semanas, e que sua mãe tinha se “deixado morrer”, no Paraguai. Ela é estudada, não tão mais jovem, e um documento não a deixou velar sua “mamá” na terra natal. Está por aqui, morando em algum lugar no Rio de Janeiro, com um sujeito que só deu conta de me dizer, parecer outro, depois de aceita-lo para morar na mesma casa com ela. Com as notícias sobre o aumento de violência contra as mulheres durante o período de isolamento social, uma apreensão toma conta dos meus sentidos, já que ainda não tínhamos combinado os dias dos encontros.

Um vídeo em preto e branco sem som corria pelas redes, com estratégias para denunciar o agressor: *Ele é sem som por segurança, dizendo: -“se você está em casa com seu agressor, lembre-se você não está sozinha... Minha espinha gela, e não sei se devo enviá-lo a Paraguai.. Ela está sensível, e não sei se esta sendo agredida, ou seria uma*

agressão supor, já que ela não me dissera nada tão claramente. Ou ainda, terá seu telefone sido capturado, já que ela sequer visualiza as mensagens?!

Enquanto ela não volta, preciso pensar em Doce, com 26 semanas de gestação, e precisando reverter o descrédito em si. No nosso primeiro encontro, pergunto se teve laceração nos dois outros partos, ela inclina a cabeça como se ficasse um pouco envergonhada e diz que precisou receber um corte em cada parto, mas que está tudo bem, não dói. Há certo convencimento, e parece fazer crescer o ato de descrença no próprio corpo; ela submissa ao fato, deixou marcado com seu reclinado olhar, a tela do meu monitor. Tenho a impressão que agora podem lhe retalhar até a alma, ela não resistirá. O fato de ter 36 anos, a faz ser tabulada pelo Ministério da Saúde como uma gestação de alto risco e a sistemática abordagem vigilante da equipe de pré-natal, fez Doce uma carioca morando no Espírito Santo, desenvolver o que se chama de síndrome do jaleco branco. Toda vez que ia às consultas, uma elevação da pressão arterial lhe rendia ainda mais preocupação. Seu testemunho de que na aferição feita em casa, a pressão arterial permanecia estável, não era considerado pela equipe. Nosso foco é que ela então mantivesse a crença em seu corpo, para além das abordagens dissonantes entre ele e a equipe.

Doce era uma mulher tão focada, que ao ser aconselhada fazer exercícios aeróbicos, para regulação de sua “provável” hipertensão, caminhava dentro do pequeno apartamento por quarenta minutos todos os dias. Nossos encontros eram bem cedo, ao amanhecer, antes que suas crianças tivessem que usar o único computador da casa para acessar o ensino remoto.

7.5 Iriri e Araguaia

Acho que sonhei com Iriri, ela pariu em março de 2020 e lembro que ela queria continuar os encontros no pós-parto, mas a reclusão, a fez, justa ela tão reservada, impotente. Em seu último relato, diz que os pais conheceram o neto, que é o primeiro, no pátio da garagem, o bebê no colo dela, e os avós dois metros distantes. Sua última mensagem me revisita:

“...enfim fiquei arrasada. Ainda está difícil de aceitar que passei por uma cirurgia, todo dia quando vejo essa cicatriz”..., eu lhe respondi:

- *Olhe para ela (a cicatriz) com outro foco, sabendo que você e M lutaram, e a cumplicidade foi tamanha que puderam optar juntos em comum acordo por outra via de parto.*

Às vezes blefamos..., passamos meses criando pontes e elas são derrubadas por fantasmas nem sempre maltrapilhos e ou desatualizados; nesse caso eram do nosso mesmo gênero e foram muito bem remuneradas pelo serviço.

Nosso contrato não previa minha presença no parto, porém a boa fama da equipe que Iriri escolhera, era questionável no circuito da doulagem. Uma equipe “humanizada”, mas que não incentivava as mulheres terem acompanhamento com doulas, é de se desconfiar. Iriri é uma mulher branca de classe média alta, se ressentida de ter sido captada pela equipe que mesmo tão capacitada, não proveu a assistência que ela desejava á nível de atenção e afeto, suscitando dúvida sobre a indicação da cesariana intraparto.

Ah, Araguaia²⁷! Sua previsão de parto era Julho de 2020. Morando na Itália, ela já havia parido nos EUA, e a situação caótica que ela descrevia, estava para além do vírus. Sempre falava sobre um sistema de saúde retrógrado, e do pavor de ter que acessar o serviço para fazer o pré-natal sem o companheiro italiano, por causa das normas de circulação mediante a crise avassaladora que o Sarcovs-2 produziu naquele país.

Remarcou nosso encontro e depois confidenciou que esteve chorando por dois dias seguidos. Seu relato imerso em um sentimento de culpa por não ter se sentido capaz de declinar mediante o sentimento de ser abusada, ao receber um toque vaginal e ser submetida a uma ultrassonografia transvaginal com 24 semanas de gestação. Não sei de onde vem tanta força, em uma só mulher. Outro dia fez 36 anos, curioso, a mesma idade de Doce, mas parece uma menina esperançosa...

Venceu a hiperemese e o terror dos dias mais difíceis da pandemia na Itália. Mãe de uma pequena menina com dois anos e meio, se escondia quando se sentia mal, porque não queria que sua pequena menina atrelasse à gravidez, a sentidos ditos por ela como negativos. Os progressivos episódios de violência organizados em sequência mais elaborada a cada ida ao hospital pareciam prepará-la para o pior. Fizemos acordos sobre focar na sabedoria do seu corpo, que já tinha tido uma experiência exitosa anterior.

Mandou-me recado assim que entrou em trabalho de parto e fomos conversando

²⁷ enquanto fazia a relação classe/raça para a escrita, percebo que dependendo do deslocamento desse corpo, a atualização temporal vai inferir classificações raciais e econômicas fora das previstas pelas regras. Araguaia é um bom exemplo, já que enquanto brasileira na Itália casada com italiano desempregado, não tinha casa própria. Autodeclarada parda, o fato de estar em um país europeu acrescia sobre seu corpo uma camada de aspecto xenofóbico que parecia incorporar em seus encontros nos serviços de saúde, episódios característicos de racismo estrutural, e de violência obstétrica..

até a hora que sentiu de ir para o hospital. No estacionamento sentia a pressão feita pela cabeça do bebê em sua pelve, mas foi obrigada a “subir” em uma cadeira de rodas... Contou-me que ao não conseguir sentar, ficou apoiada pelos joelhos, com as mãos nos braços da cadeira, de frente para o assento. O marido aproveitou a “confusão” e começou empurrar a cadeira hospital adentro. Quando o tentaram impedir de entrar, o médico apareceu e disse ao segurança que não o colocasse para fora. Araguaia me mandou uma foto linda, com seu bebê em contato pele a pele, ainda no hospital, seguida por um pequeno recado:

“Brigadaaaa por todo suporte, estou em êxtase!”.

7.6 Sarapuí, Piabanha e Jequiá

Sarapuí e Piabanha são duas amigas brancas de 33 anos, uma carioca e outra nordestina, chegaram com uma diferença de 4 semanas gestacionais uma da outra, para fazer preparação corporal para o parto em setembro de 2019. Chegamos fazer vários encontros presenciais até março de 2020, e o sonho de Piabanha, era ter sua bebê em um parto domiciliar. Seu sogro médico, porém, fez o marido não “embarcar” na possibilidade e financiou uma equipe bem conhecida, o que a fez se manter confiante mesmo em um parto hospitalar. Como a pandemia chegou para ela no último trimestre, e a circulação nas maternidades estava muito restrita, “autorizando” o descumprimento da lei da doulas à revelia, achamos por bem não fechar o contrato. Sem rede de apoio no Rio, contava com a liberação do tráfego aéreo para sua mãe poder ajuda-la quando a criança chegasse.

Jequiá, carioca de 38 anos, uma mulher branca de classe média baixa, tinha feito uma preparação corporal enquanto era tentante. Após 1 ano, engravidou em outubro de 2019 e deu continuidade ao trabalho corporal. Entrou em uma batalha interna sobre ter seu parto no SUS ou com o plano de saúde, que deliberadamente a conduzia mês após mês para um parto cirúrgico. Engravidou em outubro de 2019 e, trabalhando em casa, reclama dos punhos. Mas nada se compara às longas horas que transitava em um ônibus, sempre de ar condicionado quebrado. Seguiu tentado manter a dieta, e parecendo já desconfiar de algo, me perguntou sobre anestesia e assistência pública, enquanto se arriscou em um exame que não parecia precisar.

Com uma taxa limítrofe de glicose, foi instruída a verificar diariamente a glicemia, embora nunca tenha passado da taxa considerada normal. Aos poucos se

resignou ao fato que seria levada a uma cirurgia justificada pela ativação do herpes genital; conversamos sobre a quebra do contrato, nesse caso muito interessado por ela. Relatou que nem cortar o cordão umbilical a equipe permitiu ao pai da criança no dia da cesariana, feita na semana 39 de gestação. Seu relato enviado logo a seguir, no mesmo dia da cirurgia, é de uma mulher que teve seu plano de parto, um documento que a gestante constrói com os seus desejos enquanto protagonista do seu parto, ignorada. Disse que não pôde estar com o bebê nem por 10 minutos na primeira hora; não teve o contato pele á pele, tão desejado por ela, e que quando pediu para segurar o seu bebê mesmo anestesiada, a médica disse que ela “*não poderia passar os braços de um certo limite para não contaminar*”.

Sarapuí, quando entrou em trabalho de parto me pediu apoio remoto. Em um horário do dia que eu estava fazendo um encontro *on line* de exercícios e práticas respiratórias. Aceitou o convite de acompanhar o encontro, e a turma que não tinha nenhuma gestante, ficou muito mobilizada por estar em um mesmo espaço/tempo com uma mulher em trabalho de parto (TP) ativo. Seu marido foi me deixando inteirada de todo o processo, enquanto o TP progredia já na maternidade. Porém no seu relato dizia ter tido algo que ele não entendeu durante a anestesia que segundo ele, fez o parto durar mais tempo que deveria. Quando a criança nasceu me mandou um áudio curioso dizendo que a neném nasceu roxa com menos dois pontos no APGAR, análise imediata do recém-nascido sobre suas condições clínicas, mas não precisou de nenhum procedimento. E sobre a romantização dos vídeos de parto que eles tinham assistido e que na realidade a cena do parto parecia uma “*carneficina*” por causa do sangue e do nascimento da placenta. Com seis meses o casal fez questão de me trazer a neném para conhecer; para eles era uma questão de prioridade a neném ser conhecida por mim, alias que menininha simpática.

Piabanha entrou na semana 39, na companhia de sua mãe que felizmente pode voar ao seu encontro. Gravei-lhe ofertas de boas palavras, até o dia de entrar em TP; ela dizia que minha voz a fazia acalmar, levou seus estudos e militância até o final. Me ligou para contar sobre o parto e o episódio de anemia, que a fez ter um pequeno apagão no pós-parto imediato, dizendo que mesmo assim se manteve agarrada a cria e não deixou ninguém segurá-la na hora. Terminou o relato dizendo que tudo tinha dado certo e subscreveu a frase: “*o fim das coisas é melhor que o início delas*”...

Tietê me treinou no cuidado remoto, quando o vírus importunava só ainda a China. Disse que pensou em se preparar para o parto, e eu apareci. Graças a ela, hoje eu posso ver com

a voz, sentir com os ouvidos. Porque a vida nos move na direção certa e algumas vezes conseguiremos ludibriar as consequências. Mas é na transformação do ato que se dará a mudança. A seguir, meu primeiro acesso presencial em uma maternidade pública, após declarada a pandemia de COVID-19.

7.7 Dia de nascer - Içá

Rio de Janeiro, 18/03/2020

Sua pele clara, mesmo sendo uma mulher autodeclarada negra de 26 anos suburbana de classe média baixa. O pouco sol já distante, aguardando sua boa hora, tudo que ela queria era parir. Tanto que completas as 38 semanas, me deixou em claro na véspera do meu aniversário de cinquenta.

Que cheiro tem o líquido?

- De desinfetante disse ela, lembrando que tinha lavado o banheiro naquele dia, e nem podia dizer a cor do líquido que se misturava ao ladrilho verde do chão.

Em meio ao carnaval, pela madrugada, nos continuamos falar....

Alarme falso era o que eu bem desconfiara.

Duas semanas após, vias de fato, a bolsa se rompe. A foto não me deixava nenhuma dúvida, e parti ao seu encontro.

Como dissera por antemão, não se assuste que minha trilha sonora será samba, eu adoro! As ruas já estavam vazias, com o medo ainda tímido, mas já presente. A cor mais escura, pedaços de mecônio, nos fez adiantar a ida para a maternidade.

Havia uma mistura de dor e felicidade, seu ultimo parto ainda quase na adolescência, não teve gosto. Foi marcado e cicatrizado, por isso seu desejo agora era pelo menos saber se ia suportar a “dor “ do parto até o fim.

Partimos em bando, em um carro de duas portas, cheio de amigos felizes, e bolsas, e seus gritos ao lado do carona. A patrulhinha nem se importou quando viu o carro, quase dos Flintstones, entrar “chutado”, corredor do BRT adentro, e a gente gritava em coro para os policiais: “ESTÁ NASCENDO”.

Meu coração discretamente acelerado lembrava que estávamos diante do início de um isolamento, ainda na época vertical, e que podia significar maiores desafios nesse momento tão singular.

Chegamos à recepção assustada, da moça atendente, que nem sabia que dia era,

embora já fosse quase meio dia. Aparentemente, só alguns que podiam esperar fora e se distanciar, mantinham-se afastados. Mas não demos conta, a menina precisava se recostar, ela que esperara tanto para ter uma nova chance de se sentir mulher de verdade, como dizia, em doloroso deleite encostou-se a um banco, e se transbordava aminióticamente sem controle. A essa hora, sua vontade já era de xingar, o que começou a fazer por entre os dentes.

A porta nos separava da assistência, e a espera parecia infinita, e cheia de expectadores assustados, embora não se pudesse esperar nada diferente de um lugar pra se nascer. Esperar a cena e o grito, mais não o impedimento; estar fora mais quase dentro, afinal a recepção não é o lugar mais confortável, se é que acharemos um melhor, quando pudermos entrar.

De cara quando se pareceu poder a porta ser aberta, uma pequena cena teatral se organiza, as moças que nos recebem dizem: - somos uma maternidade de portas abertas! Por que você ainda está aí fora com toda essa dor? Acho nessa hora, que elas disfarçam, para o dia não parecer tão duro. Era visível a tensão ligada por um fio de tomada, em muitas regras de nova circulação. Ou então, na melhor das hipóteses, nossas caras de aparente tranquilidade nos poderia conferir algum poder especial, talvez o de transmutar pela porta cerrada de vidro, controlada por um botão dentro do balcão da recepção. Entramos mas ficamos do lado de fora, a desculpa era que a sala dos médicos, era bem pequena, e que nesse caso, com mecônio, eles que precisavam supervisionar. Convidados para fora da porta de vidro estamos de novo quase dentro, eu e seu acompanhante por lei, por ainda mais cerca de 20 minutos, sem nenhuma notícia de “nossa” menina, agora de felicidade mais discreta, porque a dor já doía mais.

Ela passa então já de camisola, sentada em uma cadeira de rodas fria. Chora, já não sei se de dor, ou decepção, ou discreta tristeza, porque disseram só por um pequeno tempo de sonar, que seu bebê já sofre, e vão correr para operar.

Nessa hora, a decisão precisa, que ela não quer tomar: - Ou seu companheiro ou a doula. Tomada de profunda pausa, agarrada em minha mão enquanto espera o intervalo entre uma e outra contração, e de voz embargada, me diz querer dar ao pai, que já não tinha estado presente no parto de seu outro primeiro filho, a oportunidade de ficar, embora ele queira nesse momento correr. Tomo seus pertences e vou discretamente me saindo de cena, dando ao seu companheiro umas poucas últimas instruções, e um incentivo, CORAGEM!

Quando volto à recepção, o bando de amigos me cerca, todos querem notícias

embora eu não tenha nada de novo a lhes relatar. Meu estômago grita, e não há nada pra comer em nenhum lugar, lembrei que já evitando ir ao supermercado, não tinha nada de lanche rápido que sempre carrego na bolsa, por essas longas empreitadas. Engoli a fome, e foquei na vida, enquanto o vento soprava com suavidade a copa das árvores do externo pátio.

Os quase sessenta minutos seguintes, tornam pelos maços de cigarro dos amigos, junto aos outros acompanhantes impedidos, o espaço descoberto da maternidade, uma “fumaderia”. Quase me asfixio, não há distância que eu tome, que o vento não arraste um pouco da fuligem cheia de ansiedade.

Uma mensagem no zap diz: - nasceu, e mais nada. A comadre se desespera, porque não segue nenhuma foto, daquelas típicas dos bebês com a touca de meia, junto da pequena palavra. Eu tento acalmar a todos, dizendo que com tantas novas regras, ou mesmo o nervosismo do pai, possa ser a resposta certa à falta de uma notícia mais precisa e com imagem, mas que estava certamente tudo bem.

De repente o pai pula para o lado de fora com os olhos cheios de lágrimas, todos sem combinar andam em sua direção, a fim de encurtar o tempo de encontro.

Perguntamos quase em uma só voz sobre o que tinha acontecido, e ele disse: - *espirrei porque emocionado tive que chorar. A doutora me pôs pra fora, ninguém mais pode espirrar...*

Corri novamente na recepção para ganhar tempo, nessa hora, existiam duas meninas sós, lá dentro. Eu com a ficha preenchida e um adesivo na blusa, já tinha transitado após a porta de vidro e certamente iria entrar. Não foi tão rápido, teve que haver uma nova abordagem; um lembrete de que tínhamos agora duas mulheres vulneráveis a um acompanhamento por afeto de laços previamente formados, lá dentro a nossa espera.

Entrei e lá estavam elas sós, no corredor burocrático, entre o andar do centro cirúrgico e o da enfermaria sobre uma maca fria a já mãe novamente e sua cria, aguardando um maqueiro que a pudesse empurrar. Ainda sob o efeito da anestesia, parestesiada da cintura pra baixo, não se podia mexer e ou segurar sua bebê. A pequena menina já tinha fome, e buscava o seio farto de sua mãe, sem se dar conta da falta de jeito que era amamentar naquela posição. Perguntei à enfermeira pela placenta, só me disse que estava “muito ruim” e que teve que ser descartada ainda na sala de cirurgia. Muita curiosidade para ver uma “placenta ruim”, embora a essa hora as meninas estivessem uma com a outra tão encantada, que nem faziam mais questão de nada.

Esperamos por longos minutos ainda, enquanto conversávamos com uma moça, no seu terceiro parto. Experiente, parecia não acreditar estar passando por uma indução, já que com 42 semanas *o neném não queria saber de nascer*.

Quando chegamos ao quarto, as meninas já estavam fiscalizadas, o nome da mãe tinha sido escrito errado. A moça rude vem lhe apertar as mamas, e dizer que tem que parar de falar, e que nada de beber água. Todos se entreolham em silêncio, até a já puérpera do leite da frente, que trocada de roupa com seu bebê no colo, parece aliviada esperando a hora de apresentar sua casa pra cria, que chegou junto com tantas outras crianças em um dia tão já difícil de nascer. Ainda abraço as meninas, a regra do contato ainda não era tão clara, e desço antes que a hora da troca de plantão nos falte, afinal a comadre a essa hora já gastou muitas palavras, e quando subir, vai poder deixar todas no quarto descansar.

Nilcéia Figueiredo, diário de Doula, Rio de Janeiro.

7.8 Por um sete de setembro Inter-dependente

As acontecências
 Nem sempre acontecem
 Acontecem como aconteciam
 Em meandros da vida
 As acontecências
 Nem sempre acontecem
 Na gente.

(NASCIMENTO, 2015, p. 52)

Guaporé foi à maternidade, na zona norte do Rio de Janeiro no dia 1º de setembro de 2020 fazer um exame de rotina enquanto aguarda entrar em TP voluntariamente, ela é uma jovem negra de apenas 21 anos oriunda da classe média baixa. A maternidade que a assistia, guardava em sua memória familiar, episódios infelizes nos partos da irmã e da mãe. Quando ela pediu que eu acompanhasse, estava completamente dividida entre a localização próxima da residência e o resíduo de memória das acontecências uterinas familiarizadas pela oralidade. Nosso acordo é acompanhá-la para onde ela queira ir. Uma alteração em sua respiração, ela tinha alguns episódios de asma, fez a equipe interná-la para fazer um teste de COVID.

Dois dias internada e nenhum exame feito, logo ela mesma disse que a dificuldade de

respirar era consequência da ansiedade, em ver os bebês das amigas que tinham engravidado no mesmo período nascerem, e o dela não. Dois dias internadas, nenhum exame, e a ameaça:

“- A médica disse que se eu não entrar em TP vão me prender aqui por mais quatro dias, até completar o prazo previsto para a indução”.

Incomodada por ficar internada, exposta em plena pandemia, Guaporé vai até a sala da/os médica/os decidida sair de alta à revelia. Quando consegue ser avaliada e fazer um exame que desfaz a crença do exame clínico feito no dia anterior, que dizia ter um bebê pélvico. Foi feita uma cardiocografia, exame feito para avaliar a saúde do bebê monitorando os batimentos cardíacos, e mediante a condição prevista foi lhe dada a alta. Voltou pra casa, torcendo para entrar no tão esperado TP nos próximos dias. De *shakes* a exercícios, ela dizia estar fazendo tudo que estava ao alcance. Foram quatro dias de muitas conversas, até que de fato chegasse o dia da indução.

Acordamos então, e fui ao seu encontro, fazer os cuidados da doulagem. Navegamos pelo escalda pés, massagens, alguns exercícios e acupressão, um tipo de terapia que estimula pontos para ativar as funções do corpo. Ela me recebeu com um almoço, era o nosso primeiro contato físico. Logo seu companheiro chegou do trabalho, um casal bem jovem, apaixonado e apreensivo com a proximidade da chegada do bebê. Mostraram-me todos os detalhes e reformas que fizeram na casa, e ainda falaram sobre algumas mudanças de comportamento em preparação para a maternagem. O encontro presencial aconteceu como uma extensão verdadeira dos nossos encontros virtuais que aconteceram por quatro meses. No dia seguinte Guaporé seguiu para a Maternidade que desejava ter seu filho, para uma indução, meio desconfiada que a pudessem transferir para sua maternidade de referência. Seguimos a distância madrugada adentro, aguardando a indução “pegar”, já que só é permitida o acompanhamento de doula às mulheres em TP ativo. Ter que esperar na entrada, por causa da limitação ao acesso faz o casal quase entrar em desespero, mas com a maternidade vazia, ela segue para internar.

Guaporé vai me descrevendo além do seu atendimento, os das outras gestantes, e me diz que:

“-Querida ter meu filho em casa, com parteira, seria muito mais confortável igual antigamente”...

A fila para induzir, a faz ter dúvidas senão era melhor voltar para a maternidade de referência, nessa hora ela me manda uns cinco recados, até decidir de fato ficar. A desconfiança de estar com bolsa rota e pouco líquido, faz Guaporé ficar dividida, entre as

opiniões do médico e da médica, que inclusive diz sobre o risco de induzir o TP, e “dão” para ela a “responsabilidade” da tomada de decisão...

A essa hora, com medo de escolher errado ela é tomada por uma crise de choro, acontece a troca de plantão e o cardiotoco, avaliação dos batimentos do coração do bebê, diz que não há problemas. A indução inicia um novo cardiotoco mantém Guaporé por quatro horas na mesma posição. Incentivo o seu companheiro bancar “o nervoso”, já que não víamos outra saída e ninguém da equipe apareceu para dar continuidade ao procedimento. É quando numa nova avaliação o médico diz que precisam ir para a cesariana, porque encontrou uma secreção purulenta que podia indicar infecção. A essa altura, já raiava o dia, um sete de setembro que Guaporé diz que jamais vai esquecer. Ela que tinha dúvida sobre poder amamentar já que seu mamilo era invertido, com quarenta dias posta um texto em suas redes sociais incentivando às mulheres amamentar suas crias... Alguns encontros duraram meses, outros mais breves, duraram somente duas semanas. Porém nenhum deles deixou de nos trazer profundas reflexões e grandes aprendizados, independentes da distância e do tempo infinito, em que cada um durou.

7.9 Setembro para Doce, um rio dia 25

As contrações começam e a bolsa de Doce, rompe. Na chegada ao hospital sessam as contrações e Doce rejeita a indução, porém uma conversa melhor “conversada” a faz aceitar a proposta e ao final, ainda pôde ter anestesia. Pela primeira vez Doce percebe que não precisa do corte vaginal para o bebê sair, e dito pela enfermeira que *agora é proibido*, me conta cada detalhe do parto. Desde a possibilidade de conversar com a equipe, a liberdade de posicionamentos de seu corpo e ainda alguns instrumentos de apoio ao parto como a bola de pilates e banqueta, são celebrados como fossem “coisa de outro mundo”.

Estava extasiada com a equipe que para ela “*parecia particular*”, em um hospital público em Vitória. O pavor de Doce em ficar longe de um acompanhante, se diluiu, pois foi dado ao companheiro o direito de se manter em sua companhia durante todo parto. Sua bebê teve a “hora de ouro”, quando a criança fica na primeira hora no contato pele a pele com a mãe, coisa que jamais tinha vivido nos seus outros dois partos.

Mesmo tendo laceração, segundo ela provocada pelo tamanho e o mau posicionamento da bebê na passagem, Doce diz ser incomparável sua recuperação em

relação aos outros dois partos nos quais recebeu a “episiotomia”. Mesmo ansiosa, a pressão arterial permaneceu controlada.

Durante os primeiros dias em casa esteve só com a bebê e suas outras duas crianças, já que toda rede de apoio pegou COVID. Nem o fato de ter tido uma trombose leve, o que a fez ficar bastante ansiosa embora tenha sido bem atendida pela equipe e orientada, “desregulou” sua pressão, o que ela falava com muito espanto. A empolgação dos áudios e alegria do relato me faz crer que uma boa experiência na gestação e no parto, podem gerar processos profundos de libertação de memórias adoecidas para mulheres, mesmo em dias de esperança tão escassa.

(parto em 25/09/2020)

7.10.1 A performance como dispositivo de elaboração do “m-eu” luto Coletivo provocado pelas mortes maternas

Cantar/dançar, entrar no ritmo, é como ouvir os batimentos do próprio coração - é sentir a vida sem deixar de nela reinscrever simbolicamente a morte.

(SODRÉ, 1998, p.23)

Em maio de 2021, as notícias de mortes maternas crescem no Brasil²⁸, e resvalavam no meu corpo, sentimentos para além do que eu podia suportar só com a razão. As premissas representacionais, um desenho externo²⁹ da consciência corporal, queria transbordar materializando algum manifesto mesmo que o quintal da casa fosse o único espaço público possível à obra. Já não suportava o corpo da morte de mulheres, atravessando o meu sem uma denúncia concreta. Ao mesmo tempo em que seguia os relatórios, audiências públicas³⁰ sobre o assunto, queria não saber. Vinha acompanhando uma gestante negra carioca de 36 anos classificada como de alto risco por cinco meses, tendo que ajudá-la se desviar de muitas violências e opressões; quanto

7.10.2 Uma improvisação do corpo - casa .

Cansada pelo esforço de me manter legitimada em campos híbridos e me fazer muitas vezes inapropriada aos meus intentos, já que o “sistema metodológico aceito pelo cânon

comunicar, desconecta o tempo da experiência dela própria, e a complexidade documental de narrar para “um fim restrito” muitas vezes dissocia a vida dela mesma, tento ainda me aproximar de “algum tipo” de sistematização. Muller, uma performer-antropóloga parece preferir dar foco ao

²⁸ Além de uma enxurrada de notícias nas mídias sociais, dados do Observatório Obstétrico Brasileiro Covid-19(OOBr Covid-19) apontavam que em maio de 2021, os óbitos maternos tinham superado o número notificado em 2020. De uma média semanal em 2020 de 12,1 a média foi para 47.9 óbitos maternos em 2021. Os estados das regiões Nordeste, Sul e Centro-Oeste tinham um nível \geq de 80% enquanto no a região Sudeste, com exceção do Espírito Santo, todos os outros estados estavam em estado de alerta intermediário entre \geq 60% e 80%. (OBSERVATÓRIO COVID-19/FIOCRUZ, semana 20 e 21)

²⁹ Um espécie de avatar, uma criação de um duplo igual; um espelho de mim.

³⁰ Uma das mais relevantes, foi a da comissão temporária COVID-19 que discutiu o impacto da contaminação do coronavírus pelas gestantes e lactantes ocorrida no dia 21/05/2021 transmitida em tempo real pela TV Senado. A discussão central para além da subnotificação dos casos e as falhas da assistência era um conjunto de medidas para a redução das mortes maternas, desde acesso á uma ampla campanha de informação para esse público; reforço nas consultas; afastamento de funções laborais; renda mínima; máscaras N95,..., além do principal ponto que era a vacinação imediata para todas as puerperas e gestantes, não só as que tinham comorbidades. Acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=75PdS1unXBg>

científico” de organização para se fazer

luta por alguma autonomia do corpo gestante mediante a abordagem biomédica, ainda maior o risco, maior a mais intensificada pela pandemia. Meu desejo naquele momento depois de encerrado o cuidado, era não mais doular durante esse tempo, devido à intensa opressão vivida já por tantos meses. Embora eu soubesse que provavelmente não conseguiria deixar de assistir qualquer mulher, que nunca é uma qualquer, que me buscasse nesse tempo.

Nesse contexto, das muitas mobilizações que me afetavam, fazendo as mais de 500 mil mortes do Brasil notificadas em junho de 2021 se tornarem um luto meu, eram também e inclusive as mortes maternas promovidas pela pandemia Covid – 19 articulando um ensaio performático para o meu corpo, que ameaçado por uma tristeza paralisante, insinuava um desenho imaginário evocado de um tipo de registro antropofágico, que culmina seu sentido a partir do início de seu fim.

Para além de “pretensos” espectadores que o sentido performance engloba, eram meus próprios sentidos que se desejavam entreolhar, sem portanto se tornarem qualquer tipo de entretenimento.

significado do fazer, não ao nome que esse terá.

Nessa experiência, conceitos como representação, imagem, substância vital foram ressignificados na performance corporal que expressa estes conteúdos, os mesmos que constituem as mensagens transmitidas e igualmente ressignificadas através do meio tecnológico de expressão da cultura do pesquisador. (MÜLLER, 2000, p. 193).

As proposições que me chegaram, vieram por caminho que meu corpo percorreu, sem distinguir a relação de importância de justificativa, metodologia, já que sistemicamente uma construção performática é regida tanto de interpretações infinitas quanto

necessariamente uma pergunta ou uma resposta, uma polissemia de “frente e verso”. Uma proposição criada na fronteira entre o controle (razão) e o abandono (desrazão), incluindo os sentidos produzidos pelos olhares externos, que “consumem” o ato ou a imagem ao mesmo tempo em que os modifica.

Se por um lado, a crítica ao campo da antropologia da performance feita por Geertz (1978, p.20) “um manuscrito estranho e desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos”, me parece como uma luva que cobre um dos dedos da questão. De outro modo Turner (1982) evidencia que a antropologia da

uma resposta a sensações sem que haja performance é parte essencial da Era no campo das sensações, que a náusea causada por cada morte de mulher gestante e puérpera, passou tomar meu sistema digestivo e ou límbico numa tentativa incorporada de elaboração junta com a multidão de familiares e filhos órfãos. Talvez pura fantasia, ou essa seja a humanidade fora do corpo que me coloca em uma mesma ecologia sistêmica humana familiar, materializando o que estou chamando de “performance” como ato político de denuncia/memória/manifesto, e talvez e porque não, assumidamente uma elaboração do luto?! Ou ainda uma substância com uma ação colagoga, para facilitar a digestão já precária por um tempo pandêmico tão extenuante, e de tanta improbidade política.

A terra está doente, dizem todas as vozes. Os tocadores de timbila exibem toda a sua perícia nas batucadas dos deuses e as mulheres dançam convulsivamente na invocação das chuvas. Mas a chuva que cai já não basta, dizem. Os espíritos bons recolheram para si a benção e a boa sorte, tudo é triste, diz a mãe. O sol é cada vez mais forte e a pastagem rala. O povo, esse, está muito doente, dizem os velhos. Pode-se curar a doença de um povo? Como?

(CHIZIANE, 2013, p.48)

antropologia da experiência; ele descreve cinco momentos que constituem a experiência vivida (DAWSEY, 2006), dos quais ouso fazer uso face a possibilidade de contar o processo de elaboração, já que se aproxima da minha experiência dessa “des-construção”; vestindo os outros dedos da luva, sem portanto querer ser aliciada para caber, em qualquer que seja o contrato metodológico.

1) algo acontece ao nível da percepção (sendo que a dor ou o prazer podem ser sentidos de forma mais intensa do que comportamentos repetitivos ou de rotina); (TURNER, 1982, p.13)

Os dias nos acordavam com alvorada de boletins e relatos sobre mortes. As maternas já eram indicadas antes da pandemia como produto de graves falhas do sistema de saúde aliadas aos determinantes sociais do processo saúde-doença (SOUZA GFA et al, 2021), apontadas no Brasil como resultado de recursos insuficientes; poucos leitos disponíveis; baixa qualidade de pré-natal; disparidades raciais e violência obstétrica. Para além de toda produção de evidência que parecia mover uma luta contra o tempo das pesquisadoras e pesquisadores, as mídias sociais noticiavam como um memorial de parentes e amiga/os, as

A disruptura, portanto entre corpo, palavra, linguagem, ciência, afeto, é uma tatuagem aprofundada em nossas tessituras de seres “universalizados”. Como se fosse um pressuposto, a palavra é o idioma que “nos permite” então concatenar as ideias e dar a elas conceitos argumentativos que as façam trafegar pela “via crucis” de se fazer importante, e a escrita sua validação. Se para alguns teóricos a narrativa oral é uma força eficaz de trazer humanidade ao tempo, a integração dessa experiência está em extinção.

A experiência de que a arte de narrar está em extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. É cada vez mais frequente que, quando o desejo de ouvir uma história é manifestado, o embaraço se generalize. É como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências.

(BENJAMIN, 2012, p.213)

perdas dessas mulheres. As inumeráveis³¹ eram agora relatadas muitas vezes com a informação central de “não poder ter conhecida/o bebê”.

Flávia, Kammilla, Névele, Lennara, Juliana, Sheila, Lara, Tammy, Schyrley, Dainana, Jade, Patricia, Larissa, Patydan, Carla, Arícia, Fernanda, Regivane, Saionara, Aline, Priscila, nomes que fui anotando fora de qualquer organização sistemática. São algumas das mulheres que morreram de COVID-19, sem ter podido sequer conhecer o bebê que geraram durante a pandemia. De todos os lados os nomes não paravam de preencher as notícias. A dor se fazia advinda não por qualquer comportamento, mas

expressando uma resposta às constantes necroses causadas no tecido social.

2) imagens de experiências do passado são evocadas e delineadas – de forma aguda; (TURNER, 1982, p.13)

Então o diário memorial, um arquivo vivo que acessa memórias das quais nem me dou conta enquanto consciência, iniciou um tatarar uterino como se fossem pétalas fluidas e pálidas a cair no chão do meu corpo. Do ponto de vista formal, a consciência, essa palavra que arrasta sentidos cognitivos localizados na “máquina cerebral” e que, por si está imersa por certo racionalismo impresso no senso comum, não referencia o impulso inato do qual me refiro. Doutra modo sou

³¹ Referência ao projeto criado pelo artista paulistano Edson Pavoni em colaboração com Rogério Oliveira, que tem como objetivo relembrar a história de cada pessoa que não resistiu à pandemia. A página é um memorial dedicado á cada vítima de coronavírus no Brasil e conta com a colaboração de amigos, parentes que perdem entes queridos infectados por COVID-19. Fazendo um breve relato da pessoa e sua ocupação em vida, termina com a frase: “Não é um número”. Essa foi também uma das fontes que usei para buscar as histórias das mulheres gestantes e ou puérperas vítimas da covid-19.

Como descrever a experiência sem subjugá-la a distintos conceitos, e tornar o idioma do impulso, da elaboração de um/a “luta/o coletiva/o”, nos entrelaços corpo/elementos/suspensão do lugar/momento onde a imaginação acontece na concretude da livre “forma” de perpassar as metodologias?

Foi nesse sentido que enquanto o imaginário tomava meu corpo, querendo escrever fora da escrita, tendo, porém a escrita também como processo, que concomitante experienciei essa produção. O desafio era para mim, sobrescritar o processo em tempo real.

Escolhi para isso, uma trilha intersubjetiva, que me foi agregando pistas enquanto a imagem me toma de uma simbologia que não quero nomear, porque nessa fase me ponho em um cabo de guerra, onde o conceito não pode ser o fundamento da obra, e ela, a obra, não deve ser frut(o)a de conceitos, ainda que eles não passem um pelo outro através do meu corpo, despercebidamente. Um dos primeiros nós a

óvulo, nascida do corpo do corpo de mulheres, que já chegam por aqui semeadas e me tornam arquivo de uma memória, antes que eu de fato existisse. Distinguir esses registros que são da ordem de outra consciência, da matéria habitada em si, antes que ela seja forma, constrói uma percepção fluidificada onde nenhum delineamento torna uma relação possível, ou melhor e redundante: muitas possíveis possibilidades.

3) emoções associadas aos eventos do passado são revividas;
(TURNER, 1982, p.14)

que abrigou tantas outras mortes, não catalogadas, porém de registros presentes. Desse lugar não é só a sensibilidade provocada pela razão afirmada do abandono do corpo da mulher enquanto estatuto urgente nas políticas de saúde, mas também a agudização de uma memória que vem sendo negligenciada por uma vida de existência.

4) o passado articula-se ao presente numa “relação musical” (conforme a analogia de Dilthey), tornando possível a descoberta e construção de significado;
(TURNER, 1982, p.14)

A imagem que me salta, porém disparada pelas mortes maternas na pandemia, chega como memória do corpo social. Talvez seja a cronificação de quem a pele se farta de arquivos. Uma habitação de um útero

Do presente, trago alguns treinamentos de linguagem, aos quais fui sendo investida pela experiência que se desenhava viável, ao longo da vida. Nesse sentido, o corpo do conhecimento, é a antropologia da

desfazer, é portanto, assumir a obra permeável que se constitui em uma conexão híbrida, e não quer se filiar a um só caminho, mas co-existir, mesmo imersa em sua própria fragilidade. Nesse exercício, me propus trafegar concomitantemente pela abstração que lampeja figuras, como se fossem *flashes* de imagens que delineiam uma estética onde a memória do meu corpo pode trafegar pelos seus múltiplos aprendizados, sem perder a sensação/intuição como premissa possível para colidir expressão, linguagem “descritível” ou não.

Montei a lira em suspensão, um arco de ferro usado para fazer acrobacias aéreas, dentro de um grande saco plástico, o que impedia o propósito orgânico de seu uso. Me pus dentro, sem saber se conseguiria estar para além de uma rodada da música de fundo, na voz da saudosa Elis Regina, enquanto as imagens noticiados atravessavam o saco plástico, meu próprio e coletivo abrigo poético.

experiência, pela qual narro. Uma “etnovivência” em um ambiente “não, controlado” onde as escavações dos sentidos, devires estéticos, semânticos vão se construindo como teias cinestésicas e delineando alguma forma. O passado e o presente acabam tendo uma referência atemporal, já que os arquivos imergem e submergem acionados como uma dança pra sempre esboçada. Como a vida, uma obra sem fim em si mesma; a imaginação construída, reiterando múltiplos significados.

5) a experiência se completa através de uma nova “expressão”. Performance – termo que deriva do francês antigo *parfournir*, “completar” ou “realizar inteiramente” – refere-se, justamente ao momento da expressão. A performance completa uma experiência. (TUNER, 1982, 14)

O sentido germinativo, temporal buscando a infinitude da superfície, imagem ou palavra, foi sendo a geometria da reflexão de um espaço representativo. O desenho que me vinha à imaginação, propunha um corpo em suspensão, sendo atravessado pelos nomes, pelas histórias dessas mulheres, eclodindo uma experiência sensorial corporal e imagética.

Definitivamente, como Lygia Clark afirmou: “a casa é o corpo”. E vice-versa. (VIEIRA, 2009, p.2)

Há também o sentido presentificado de representação das desigualdades, que para além do corpo gestante, converge na aniquilação de importantes marcadores: renda, acesso e raça. As desigualdades fundamentadas historicamente na invisibilização das

Perdoem a cara amarrada
 Perdoem a falta de um abraço
 Perdoem a falta de um espaço
 Os dias eram assim

Perdoem por tantos perigos
 Perdoem a falta de abrigo
 Perdoem a falta de amigos
 Os dias eram assim

Perdoem a falta de folhas
 Perdoem a falta de ar
 Perdoem a falta de escolha
 Os dias eram assim

E quando passarem a limpo
 E quando cortarem os laços
 E quando soltarem os cintos
 Façam a festa por mim

E quando largarem a mágoa
 E quando...

Aos nossos filhos.

(VITOR MARTINS, 1978)

camadas mais subalternas, ganham durante a pandemia, *status* de um maior horror. Uma análise publicada em um ensaio em julho de 2020 por OLIVEIRA RG et al, ressalta o apagamento forjado pelo Estado, na omissão relativa aos maiores índices de mortalidades estarem em bairros que a maioria residente é a população negra e pobre, junto à uma menor oferta de leitos de UTI, nessas regiões. São pessoas que sequer aparecem nos registros:

No início da epidemia em território nacional, o Ministério da Saúde estruturou um sistema de monitoramento e avaliação, divulgando sistematicamente *Boletins Epidemiológicos* sobre a evolução da doença, mas que não contemplava informações discriminadas por *raça/cor*. Após pressão dos movimentos negros, liderada pelo Instituto Luiz Gama e Defensoria Pública da União, a Justiça

Federal do Rio de Janeiro determinou a obrigatoriedade do registro e publicização dos dados da COVID-19 segundo esse quesito. O Ministério da Saúde passou a publicar esses registros nos *Boletins Epidemiológicos* a partir de 11 de abril. Entretanto, há um alto percentual de informação sobre *raça/cor* ignorada, o que mantém o padrão de subnotificação e, consequentemente, dificulta as análises sobre as disparidades raciais. (OLIVEIRA RG et al, 2020, p.8)

Nesse sentido, imersa em uma realidade de apagamento, muitas dessas mulheres podem ter perdidos suas vidas, em consequência do racismo obstétrico, caracterizado pela disparidade entre a qualidade do atendimento voltado para as mulheres brancas e negras somente pela questão racial, e uma associação às

Vesti-me para elas, dando às suas memórias um valor vivencial que me permitiu continuar pelos rios de encontros, Atlântica para desaguar no mar...

Defendo que a performance oferece a possibilidade de encenar um registro do passado (com base em um arquivo corporificado) ao mesmo tempo em que tem o potencial de produzir efêmeras visões de um futuro de libertação,...., escrever sobre práticas corporificadas,...., pode servir como uma ferramenta frutífera para praticar a posicionalidade feminista.
(GURUDEV, 2021, p.312)

Link do vídeo Corpo/Casa, uma tábua de circunscrição para as histórias de gestantes e puérperas mortas pelo coronavírus. <https://youtu.be/0bAhCOnU8VM>



práticas que configuram a violência obstétrica (LUZ et al., 2019), fui dando corpo a esse rompimento da cerca que isola, borrando o espaço, onde a condição ética e estética pudesse habitar as frestas, e a experiência ordinária advinda não do prazer, ou da ideia de historicizar, ou ainda de que há na produção algum sentido que a tenha que

fazer existir.

A não ser um impulso ordinário de estar na mesma “*layer* temporal”- uma camada das várias superfícies cartográficas do cenário, reunida pela quebra de linearidade da vida de mulheres que estiveram integradas pelo sonho da gestação, e dar ao corpo a obra, um destino de passagem.

7.11 A seca de São Francisco – A Nascente de Diadorim

A noite não adormece
nos olhos das mulheres,
a lua fêmea, semelhante
nossas,
em vigília atenta vigia
a nossa memória.

(EVARISTO, 2017, p.26)

O sertão vai virar mar...
Dá no coração
O medo que algum dia
o mar também vire sertão.
(SÁ & GUARABIRA)

A lente pandêmica ampliou alguns aspectos que já se desenhavam ruidosos antes de tudo acontecer, afinal temos pontos cegos que nunca se tornaram visíveis. Nesse sentido, as dimensões que nos atravessam parecem idiomas intraduzíveis, já que aprendemos relegar do corpo, seus sentidos inapropriados a certas rotinas protocolares criadas para lhe ordenar. Mesmo o estatuto cognitivo corporal tendo repertórios variados, a articulação entre eles pode parecer um contrassenso. Propus-me então uma reflexão que trafega pela aproximação das características dos personagens principais do livro de Guimarães Rosa, *Grandes Sertões Veredas* e seus cenários. Assumindo um universo de distopia atravessado pelo drama de se parir num mundo em plena adaptação pandêmica, enquanto algumas categorias seguem sendo ainda mais fragilizadas pelo mito do sujeito universal. Tanto as personagens quanto os vínculos de suas profissões e a ocupação que se dá destes corpos nas veredas da vida, vão alegoricamente sendo aproximados à ficção poética/romântica do texto literário, sem que necessariamente tenhamos um desfecho resultante elaborado.

A acontecência de um jovem casal branco de classe média com cerca de 30 anos: - ele um recém-médico de família, e ela uma assistente social se especializando em saúde pública, que em meio a uma severa crise sanitária seguem pela vereda hospitalar pública, o mundo do pacto pelo qual tanto lutavam, quanto temiam. Nossos encontros que seguiram as recomendações do afastamento físico, se deram por três meses via remota, e só uma semana antes que o trabalho de parto engrenasse de fato, tivemos um tempo de cuidado com aproximação física. No dia do parto, encontrei curiosamente um livro de Guimarães Rosa – “*Grandes Sertões Veredas*”, na cama do casal. Entre uma contração e outra soube que era o texto que um lia para o outro dormir, quando tudo ainda era mais calmo. Baseada no cenário literário do livro, suas metáforas e na história de que ele fora

adquirido no início da faculdade como um grande incentivo para perpassar as contradições da formação, entrelaço uma narrativa onde o corpo gestante é disputado pelas classes biomédicas das/os Dr(a)s Faustos e Faustas³² durante sua parição, enquanto se pretende instituir a categoria polissêmica de humanização, numa maternidade do SUS construída para o evento “parto humanizado”.

7.11.1 1º ATO - A chegada ao sertão de Agnes num setembro pandêmico

Fruta de um romance intensificado na pandemia, sua travessia se dá fora de casa, da casa que se amava e que se lia. Seus jovens mãe e pai se amam entrelaçados pelas causas da saúde pública, em meio a uma severa crise sanitária. Suas noites regadas pela leitura de Guimarães Rosa apaziguavam o carregume³³ da rotina do recente doutor exposta ao ambiente insalubre da clínica. Para ele que até outro dia levava sua carreira de médico da pessoa³⁴ com o rigor da premissa centrada no “no grande sertão vereda”, era uma questão de sobrevivência lidar com o Dr Fausto³⁵, quem lhe foi tentado impregnar e ou seduzir por toda graduação na medicina. Doutro modo, Octacília que só ganha essa identidade depois que consegue parir sua filha Agnes, mantinha-se até então vestida de Diadorim – um figurino do cangaço construído por anos de aprendizado ao combate e manejos das desigualdades sociais em seu aprendizado disciplinar acadêmico. Suas divergências chegam quase sem corpo, enquanto me encontro com seus olhares mediados pela tela: -uma câmera com pouca resolução e a atenção para além do que se pode ouvir de um áudio que se desconecta querendo não dizer, e ainda os silêncios programados que permanecem como se fora parte das frases. Difícil era separar o tanto de afeto misturado com os latidos de Vicente, seu velhouco³⁶ cão que aguardava tanto quanto Diadorim, a chegada de Riobaldo para esse “descreviver” seu dia. Tinha vezes que Lua e Ganesha, as

³² Uma representação de uma pessoa real, que a literatura porém configurou como o mito moderno do individualismo. Fausto se autoatribui de muitos títulos, e com charlatanices é acusado de ter feito um pacto com o diabo para obter conhecimento. Para WATT o mito fáustico engloba três aspectos:” escolha da vocação individual; alienação acadêmica e danação eterna.(1997, p.44).

³³ Peso, dificuldade

³⁴ Referencia feita à etnografia do antropólogo Octávio Bonet (2014) sobre a formação da especialidade medicina de família no Brasil e na Argentina.

³⁵ Suposta referência do pacto com o diabo referendado pelo mito clássico de fausto aproximado da obra de Guimarães por pontos de confluências: estilo de narrativa, o espaço e o amor.

³⁶ Junção da palavra velho e louco, por Guimarães Rosa.

gatas, desfilavam fazendo ainda mais raiva no cão que ficava fechado por uma portinhola vazada na cozinha, enquanto elas desfrutavam da sala de “estar se preparando para o parto”, com o corpo grávido do casal em posturas e respirações. Diadorim fazia questão que Riobaldo passasse por todo processo que lhe fosse possível, para saber o quanto custava carregar uma criança no bucho...

Poucas vezes tivemos que encontrar nova data, só coisa de rotina mesmo: uma infecção urinária, um desânimo maior, confusões no horário de trabalho/estudos... De fato, a gente estava trabalhando para não sermos pegas/os de surpresa, embora notícias de todo jeito tentavam nos despencar a crença de que um corpo gestante soubesse parir, era tanta gente que tinha sido levada pela emergência para “cesarear”:

Apreciei demais essa continuação inventada. A quanta coisa limpa verdadeira uma pessoa de alta instrução não concebe! Aí podem encher este mundo de outros movimentos, sem os erros e volteios da vida em sua lerteza de sarrafaçar. A vida disfarça?

(ROSA, 1994, p. 60)

Sua chegada à maternidade é rodeada das novas regras de circulação, e Riobaldo é impedido no momento inicial. Ela se sente insegura, olha o hall de entrada vazio, e embora não fosse seu desejo usar o privilégio de ter um companheiro doutor, se sentiu muito só, mediante a possibilidade de já ser internada para a indução. Foi preciso Riobaldo se identificar, coisa que pensou em nunca fazer, ter que colocar seu “fausto” para fora para ser reconhecido como portador de um direito que deveria ser garantido pela lei do acompanhante, sancionada desde 2005 (LEI nº 11.108).

A corda sempre arrebenta do lado mais frágil, e nesse caso Diadorim se ressentiu porque em sua medida de razão disciplinar, fora formada para legislar pelo direito de todas/os e aliviada, mas perplexa, relata o desconforto do uso do privilégio. O direito de estar presente a consulta inferido a Riobaldo, se garantiu por ser uma entidade que poderia livremente circular em instituições de saúde, e não o dela de ser uma mulher gestante em estado de parturição, de estar acompanhada. Nesse instante a combinação da categoria ‘médico na instituição de saúde’ saltam do fundo panorâmico do Sec. XIX onde a obstetrícia era fundada como especialidade nas faculdades de medicina europeias. O evento controlado e circunscrito no espaço hospitalar na segunda metade do sec. XX (MARTINS, 2004, p.61), contrapõe em instante todo o espaço pensado e criado com o pressuposto de ter à mulher gestante garantido acesso e direitos e se desloca no tempo para o Brasil pandêmico, do século XXI. O capital simbólico da autoridade

médico/homem, nem carecia ter fórum privilegiado por uma especialização, nem ainda companheiro, ou pai, ou ainda ser fruto da incorporação do ideal de casal igualitário e grávido iniciados no movimento de humanização do parto na década de 60 (TORNIQUIST, 2003, P.485). Tanto a gestão médica da vida, quanto o dispositivo médico, assume então incorporados para muito além do gênero, suas próprias identidades, instituições que possuem uma carne própria sem necessidade de nenhuma humanidade.

A vida é ingrata no macio de si; mas transtraz a esperança mesmo do meio do fel do desespero. Ao que, este mundo é muito misturado...

(ROSA, 1994, p. 307)

Diadorim termina a saga, resistindo à internação antecipada, ao seu lado ela tem tanto a informação quanto o direito de garantir a “in-formação”, com todo estado de vulnerabilidade que sua condição de pré-parturiente possa lhe inferir. Sua crença é que agora sua travessia já iniciara do meio, e não carecia das tecnologias médicas ainda.

Volta para casa, de onde nem queria sair, mas onde também não se sentia tão segura, descrevendo a saga, sobre os atores e cenários que lhe foram impostos na ida à assistência. Sem partidarismo, suas impressões parecem nesse momento fazer esquecer toda lógica disciplinar de seu aprendizado sobre o ambiente hospitalar. Ouço sua voz como dueto de muitas outras mulheres que me fizeram um relato bem parecido, enquanto vislumbram esse ambiente coabitado de especialidades. Para ela, certa tranquilidade na equipe de enfermagem parecia não encontrar eco nas médicas. Enquanto as enfermeiras se apresentam para ela, as médicas fazem questão de se apresentar para Riobaldo. Em sua leitura resmungo que, por ele ter podido ter acompanhado devido seu ilustre direito dado pela ocupação profissional - o ser médico, ela, a mulher gestante protagonista da cena, é relegada como se fosse a acompanhante. Nesse momento a inversão corrompida lhe encham de um desejo ambíguo:

Mulher é gente tão infeliz... — me disse Diadorim, uma vez, depois que tinha ouvido as estórias.

(ROSA, 1994, p. 120)

Na fala a seguir, ela se refaz, tomando a centralidade para sua condição de gestante a termo em uma maternidade, e seu sentimento corporal implica na empatia com as outras mulheres. Sua especialização em saúde pública, bem como toda construção na

assistência social, cria para si um avatar, deslocando rapidamente o mal estar pela garantia de *direito ilustre do* companheiro médico, se auto-creditando alguma responsabilidade. *Tantas mulheres aguardando sozinhas* no mesmo espaço sem ter seus direitos garantidos e por sua percepção em situação de vulnerabilidade trazem para ela um desconforto grande ao ter “*bancado*” a presença de seu companheiro:

Afirmo ao senhor, do que vivi! O
 mais difícil não é um ser bom e proceder honesto; dificultoso, mesmo, é um
 saber definido o que quer, e ter o poder de ir até no rabo da palavra.
 (ROSA, 1994, p.121)

A seguir, as fases de progressão do parto se misturam com as tensões esperadas e as incorporadas pela estruturação do manejo relativo aos tempos e lugares “pré-vistos” para o acompanhamento hospitalar do parto.

7.11.2 A primeira fase

O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.
 (ROSA, 1994, p.448)

À noite do mesmo dia, o ventre de Diadorim começa aquecer. Meu telefone toca na viração do dia, e me vou ajustando as suas queixas, enquanto me preparo para a longa noite. Quando chego, ela está no quarto, num misto de incômodo, e doce expectativa nua. O quarto está iluminado na penumbra, a cama não lhe oferece conforto para se deitar, e ela se ampara com uma mão na cômoda mais alta e outra no berço que aguardava já por dias, ser ocupado. Mesmo que ela tivesse desejado tanto esse momento e suas pernas parecem querer se mover, os pés enraizados no chão demarcam uma posição menos dolorida. O córtex primitivo vai coreografando uma dança em plena harmonia, e o verso podia bem ter som:

Me airei nela, como a diguice duma música, outra água eu provava. Otacília, ela queria viver ou morrer comigo — que a gente se casasse. Saudade se susteve curta. Desde uns versos!
Buriti, minha palmeira,
lá na vereda de lá:
casinha da banda esquerda,
olhos de onda do mar...

(ROSA, 1994, p.38)

Da colcha aos pacotes de fralda, até a bolsa para ir à maternidade quase toda organizada, meus olhos encontram um livro gasto, que não estava no meio, mais sem dúvida era o centro inanimado da cena. Grande Sertão-Veredas me enche de curiosidade, e aguardo a ainda irregularidade das contrações, para quando dê um maior espaçamento fraternurar³⁷ o assunto:

- Quem está lendo Guimarães?

Diadorim conta que ela, enquanto se mantinha só, à espera de Agnes. Isso lhe distraía, fazia o tempo passar e ainda rememorava o quanto era bom ouvir seu moço ler para ela, no início do namoro. Riobaldo acrescenta que ele tinha adquirido o livro em um sebo, no início da faculdade de médico, e flerta com um olhar de profunda paixão dizendo da saudade de dormir com Diadorim lendo para ele.

As contrações vão ganhando um ritmo mais vigoroso, e o idioma agora usa o corpo como lauda. O papiro vai sendo desenhado de pequenos gemidos e silêncios, enquanto frases soltas se desprendem do romance e parece deixar o quarto mais presente:

Mas, pensar na pessoa que se ama, é como querer ficar à beira d'água, esperando que o riacho, alguma hora, pousoso esbarre de correr.
E o chiim dos grilos ajuntava o campo, aos quadrados.
Som como os sapos sorumbavam.

(ROSA, 1994, p.33 - 51)

Uma água quente e sanguinolenta escorre pelas pernas, e embora fosse esperada, os dois se entreolham enquanto a mão se estica para alcançar um pacote de lenço umedecido, que já esperava para a higiene do bebê quando chegasse. Por ora serve para manter mais próximo de um uso mais adequado. Lua, a gata mais curiosa, surge perambulando pelo quarto como se tivesse alheia e ao mesmo tempo querendo testemunhar o evento tão singular. A essa altura, Vicente, o velhouco cão, já tinha sido despejado na casa da sogra, onde não falta quintal com situações para assuntar...

O jovem médico parece ser tomado por uma expressão de maior responsabilidade, e se ausenta do quarto, nos deixando aquietadas enquanto encontramos posicionamentos mais confortáveis. Nessa hora Diadorim já se conseguia deixar ser amparada pela cama, fazendo pequenos cochilos entre uma e outra contração. Pergunta pelo seu moço e ele vem da cozinha junto com o cheiro de couve refogada que estava produzindo para levar à maternidade, caso não houvesse opção de uma alimentação vegetariana. Ela reclama sua presença, que se na maternidade foi garantida pelo seu direito de ocupação profissional,

³⁷ Ternura de irmãos.

em casa ela estava mais que liberada ainda que cozinhar fosse uma boa justificativa. Tudo que se quer nessa hora é que mesmo no silêncio, ter a presença amor por perto mesmo “sismando” não ser tão querida.

7.11.3 A fase latente

A gente segue pela noite afora, no caso do trabalho de parto nunca é bom se antecipar, é uma produtividade mais Enxadachim³⁸ do que fabril. Vamos levando as indicações do corpo, até que não caiba mais o conforto muito definido, pelos indicativos e tranquilidade da protagonista principal. É claro, que essa construção foi sendo organizada com alicerces, afeto e confiança por meses. Mas já é hora de voltar à maternidade, e até a descida do elevador do prédio fazia quase parecer que ia nascer a criança. Quando chegamos no andar da garagem, ela olha para baixo em direção aos pés, imaginando a cena que viu muitas vezes veicular em suas redes sociais.

Embora quisesse a garantia de não ter a surpresa de ter sua filha escorregando do útero para fora no caminho, Diadorim está convicta que só voltará para casa com sua menina nos braços. Por ela, fazia o caminho ir mais rápido possível, agora era garantido que não voltaria para trás e quer se apressar:

– tudo corre e chega tão ligeiro –; será que se há lume de responsabilidades? Se sonha; já se fez...

(ROSA, 1994, p.27)

Mas seu motorista aprendeu não ceder às pressões, e mesmo que fosse de madrugada, deu um jeito de controlar o risco, mantendo a baixa velocidade e suas meninas presas pelo cinto de segurança. No início pairou certo estranhamento pela colocação do dispositivo que parecia incompatível com um útero em vigorosas contrações, mas ela cede ao olhar determinante de que só haveria transporte se houvesse cumprimento de todas as regras. Nunca aquele caminho parecia ter levado tanto tempo, não sabemos se o controle se dava por nervosismo, ou por auto-regulação. Riobaldo, o jovem médico de família, ainda sonhava em ser também cirurgião um dia. Do campo da medicina, era a segunda coisa que lhe podia fazer também satisfeito na carreira. Manteve-

³⁸ A palavra é formada por enxada e espadachim. Rosa (1994) empregou o termo para designar um trabalhador do campo, que luta para sobreviver.

se metodicamente diligente, com justificativas precisas, agora bem menos poéticas de que em todos os estágios anteriores da progressão³⁹.

Na admissão, Diadorim nem mais pode sentar. Seu corpo tem outras formas de achar forças para permanecer, mais a primeira moça tem que aferir pressão, tomar o pulso, a temperatura, e acha perfeitamente possível fazer os procedimentos com Diadorim sentada. Uma tensão toma o olhar por trás dos óculos, enquanto torce a boca e toma uma respiração mais profunda, e se entorta toda para cumprir a exigência, e senta “de bandinha” na cadeira.

Tudo parece estar lentificado mediante a urgência do corpo. Mais o balcão ocupado pela necessidade da apresentação da identidade, e ainda as faixas de isolamento definindo o fluxo do caminho, precisam cumprir suas funções. O espaço é ocupado por cerca de três mulheres gestantes de corporalidades amistosas, perfeitamente condizente ao esperado, mas elas precisam cumprir todas as fases da circulação. Vencida a primeira etapa, ainda espera por uns longos quarenta minutos, caminhando de um lado para o outro, até ser admitida na triagem e vasculhada com “7” de dilatação. Lá fora, me resta acompanhar pela vidraça, seus passos desolados e por Riobaldo seguidos; uma ou outra escorada na parede, enquanto do lado de fora me desvio dos ângulos que o segurança parece querer bloquear como único vínculo, só visual, que consigo ter de Diadorim até que minha entrada possa também ser autorizada.

7.11.4 A fase ativa

Tudo foi tabulado para um risco habitual, em perfeita ordem. O cardiotoco, exame que avalia o coração do bebê enquanto o útero contrai, está como as evidências certificaram. Ela tem a sorte de até agora, se manter dentro das premissas da Medicina Baseadas em Evidências, práticas baseadas nas melhores evidências científicas e o acesso às tecnologias apropriadas de atenção (CÔRTEZ et al, 2018, p.2). A universalidade de seu corpo, ainda dá conta de se manter tabulada, uma primípara de dar gosto... Diadorim que no início da gestação cogitou parir em casa, com uma equipe domiciliar, aterrissa numa jovem Maternidade Pública, criada no Rio de Janeiro em 2012, como

³⁹ substantivo usado para identificar as fases do trabalho de parto.

referência para o parto humanizado e que se mantém como uma das maiores resistências à evidência pandêmica dos partos cirúrgicos que produz ainda hoje,

No universo maternidade/hospital que provê os cumprimentos dessas diretrizes, estão as especialidades biomédicas que compõem equipes mistas⁴⁰, para garantir que todas essas medidas possam ser mantidas, durante toda gestação, parto e pós-parto. Mas o ápice que é mantido iluminado desenhando a maestria de o que foi orquestrado pela evidência se transforme num sucesso da humanização, é um campo de disputa pelo corpo objetificado como domínio de especialidades. O que assistiremos agora é como o “progresso” do trabalho de parto, vai deslizar a esteira da máquina do tempo previsto pelas evidências, pelas estações das categorias principais da equipe multidisciplinar, idealizadas para a assistência humanizada.

7.11.3 Sala de parto 3

Viver é um descuido prosseguido.
Passarinho que se debruça – o vôo já está pronto!
(ROSA, 1994, p. 11-16)

Chegamos ao destino, lugar que recebe a mulher já quase na hora de parir, com seu acompanhante. Eu já tinha estado ali outras vezes, mais para Diadorim e Riobaldo é uma novidade. Eles entram em um misto de alívio e desconfiança. A moça que há minutos atrás, se rebojava para aguentar o desconforto que lhe pressionava a púbis, tem agora no rosto uma expressão de estranha desesperança, dizendo estar sentindo “menos”. Pede para deitar um pouco, afinal já eram quase quatro da manhã, e tudo tinha começado no final do dia anterior. Aceita um golinho de água, e uma castanha se dizendo cansada e fraca. Riobaldo ainda ajusta as coisas em cada lugar, em sua cabeça parecia rodar um filme, e nas paredes já descascadas da sala três pelo excesso de uso e pouca manutenção, aparece projetada do imaginário a página 25 das diretrizes que ele bem sabia, por sua ocupação profissional:

⁴⁰ O trabalho de parto e parto, antes vivenciados como um momento íntimo, familiar e domiciliar, passaram a ser executados dentro do hospital na presença do médico com práticas intervencionistas que violavam o direito e empoderamento milenar feminino, no que tange à sua maternidade (PONTES et al., 2014), e o acompanhante de escolha da mulher sai de cena, e ela passou a parir apenas na presença da equipe multidisciplinar (VENDRÚSCOLO et al., 2015).

6.5 Assistência no segundo período do parto.

65 Após confirmados os 10 cm de dilatação, não se deve incentivar a gestante a realizar puxos, exceto se tardiamente (sugere-se no mínimo após 1 hora de dilatação total) ou quando a cabeça fetal se tornar visível.

67 Após constatado 10 cm de dilatação, devem ser estabelecidas estratégias para que o nascimento ocorra em até 4 horas, independente da paridade. (BRASIL, 2017, p.20)

Pelos próximos 10 minutos, três enfermeiras negras passam pela sala, e incentivam Diadorim se levantar, porque a dilatação do colo uterino está total. Como Diadorim estivesse deitada, a última a entrar, usa um sonar para conferir o coração do bebê. Depois de uns cinco minutos, a moça branca que ainda era residente, faz uma expressão de intranquilidade, e diz que irá chamar sua chefe. Diadorim pergunta se está tudo bem, e só digo que a menina era residente, uma profissional em formação, portanto sem autonomia, por isso a palavra “chefe” tinha aparecido. As expressões e palavras podem significar muito mais que seu significado; para quem é letrada no idioma da assistência, um pingão i é uma frase inteira.

E o que era para ser. O que é pra ser — são as palavras! Ah, porque. Por que? Juro que!

(ROSA, 1994, p.35)

Diadorim se levanta e vai para o banho, e ao contrário do que imaginava acontecer, é tomada por uma espécie de pavor incapacitante. Pelos próximos segundos diz apavorada: - não sinto nada, não estou sentindo mais nada. Ela se agacha, levanta a cabeça e olha profundamente nos olhos de Riobaldo, como se despedisse daquele pesadelo e ele lhe pudesse garantir algum sentido de realidade. Se esquivando da água, que toma quase todo banheiro, ele fala para ela: - você não quer fazer força?

- *Não*, responde a moça, e pede a toalha...

Caminha do banheiro, coberta por uma aura de decepção e pede seus óculos, sem os quais pouco enxergava, e se deita novamente, cedendo a proposta da “chefe” da enfermagem, a quarta mulher negra que nessas duas horas adentra a sala. O cardiotocógrafo é acoplado em Diadorim para avaliar a evolução dos batimentos fetais. E embora nada seja dito, Riobaldo se indispõe, e autoriza, ou melhor, sugere que ela se levante retirando a tira improvisada feita de atadura que conectava o aparelho ao seu

ventre. A moça pergunta em desespero, e agora:- *e agora??*

Diadorim não sabe, mais lá fora todas/os já sabem que a partir de agora ela se enquadra na página 26, artigo 122:

Para a conduta na falha de progresso do segundo período deve-se considerar a paridade, da seguinte maneira:

1. Nulíparas

- na maioria das mulheres o parto deve ocorrer no prazo de 3 horas após o início da fase ativa do segundo período;
- a confirmação de falha de progresso no segundo período deve ser feita quando este durar mais de 2 horas e a mulher deve ser encaminhada, ou assistência adicional solicitada, a **médico treinado na realização de parto vaginal operatório**, se o nascimento não for iminente.

(BRASIL, 2017, p.26)

A voz mais impostada de Riobaldo pode ser ouvida à distância dizendo:- FORÇA!

FORÇA!

Não há mais como voltar atrás. Ela chora dizendo *eu não consigo, eu não consigo, não quero mais...* As frases se soltavam das páginas do livro que ficou pra trás, lá na casa sob os cuidados de Lua e Ganesha as duas gatas “do lar”:

Diadorim pôs mão em meu braço
Diadorim nos meus braços, beijar, as muitas demais vezes, sempre.
Vendo que só mesmo Diadorim era que podia acertar esse tento, em sua amizade delicadeza.

Diadorim veio me fazer companhia. Eu estava meio dúbido.

(ROSA, 1994, p.50)

As moças da enfermagem não voltam mais. A última deixou a sala, com um ar de fraquejo nos ombros; de agora em diante outra classe assumia “o caso”. Tenho dúvidas que elas não tenham sabido da fama, de que tinha um casal de “doutô”, na sala de partos três. Em seguida nas próximas duas horas, quatro doutores vieram ver Diadorim: - duas mulheres e dois homens, todas/os brancas/os. Eu que já tinha estado nesta e em outras salas da mesma maternidade muitas outras vezes, jamais tinha visto tantas/os médicas/os, em um intervalo de tempo tão pequeno numa mesma sala. As condutas são diversas, mas já com o acesso⁴¹ deixado pela enfermagem, á partir da segunda visita a oferta da ocitocina é distribuída...

⁴¹ Dispositivo utilizado para aplicar medicação intravenosa.

Riobaldo se mantém quase gritando pelas duas próximas horas, e já no minuto quarenta, para o final, um balalhar⁴² atinge de fato o corpo de Diadorim. O doutor “Faustino”, quem eu conhecia só pela fama do manejo bem tecnológico em outras mulheres⁴³, despeja quatro vezes mais a oferta da ocitocina intravenosa - hormônio sintético usado para aumentar as contrações e acelerar o parto- do que já corria há uma hora, bem lentamente. Agora o conheço de ocupar o mesmo espaço/tempo...

Seu corpo a mercê, já não entra nas exigências de ficar nessa ou naquela posição. Enquanto todos desaparecem, Diadorim se desfaz em uma posição não citada nas evidências, e a fisiologia que consegue driblar a previsibilidade orienta no pouco sentido ainda não capturado por tantas tecnologias inferidas pelo progresso humanizado da parturição, e faz Agnes romper a dimensão nasciturna. Com tanta visita especializada, foi num inexato momento, quando o tempo tendeu a parar e um hiato surge dentre tantas intervenções, que Riobaldo lhe segurou as mãos, e eu me mantive torcida na lateral de seu corpo apoiado pela cama, segurando seu pé direito um pouco mais elevado que o joelho, enquanto esse acompanhava o quadril em rotação interna.

Eram quase sete da manhã, quando Octacília vai ganhando forma. Tem sangue, alegria e choro, tudo bem misturado. Doutor Faustino aparece chocado, afinal só tinha ido à sala ao lado segundo ele, e em quarenta minutos tudo tinha já acontecido...

Diadorim se foi, mas romance é coisa trágica mesmo, e agora Riobaldo lê para Agnes e Octacília, cada vez que a saudade lhe aperta o peito:

A beleza dele permanecia,
só permanecia, mais impossivelmente. Mesmo como jazendo assim, nesse pó
de palidez, feito a coisa e máscara, sem gota nenhuma. Os olhos dele ficados
para a gente ver. A cara economizada, a boca secada. Os cabelos com marca de
duráveis... Não escrevo, não falo! – para assim não ser: não foi, não é, não fica
sendo! Diadorim...

(ROSA, 1994, p.860)

7.12 Paraguai no Rio de Janeiro e Juruá na Irlanda – Nascem as crias

A aproximação da idade gestacional, não faz as mulheres terem qualquer

⁴² Explodir ou partir-se pela ação de balas.

⁴³ Guaporé esteve sob suas tecnologias impedida de andar por 4 horas durante uma indução que não progrediu para o parto vaginal.

proximidade da história, e esse talvez seja um grande desafio, mantê-las únicas em seus processos singulares. Juruá, uma mulher branca de 36 anos morando na Irlanda, que já havia gestado no Brasil, desconfiada queria fazer exercícios, sem acreditar muito que após um parto cirúrgico, pudesse ter uma experiência distinta. Veio incentivada por uma amiga, que “mesmo no Brasil”, tinha conseguido ter um parto “normal”.

A experiência de ter tido excesso de líquido amniótico na primeira gravidez, era um fato tendencioso em sua memória, que fazia Juruá acreditar que o desfecho de um parto cirúrgico fosse mais seguro. O tamanho avantajado de sua barriga a fazia revisitar essa crença, embora a polidramnia não seja indicativo absoluto para um parto cirúrgico. Acompanhada pela equipe Irlandesa, como dentro do escopo de uma gestação de risco habitual, comparou com a assistência privada que teve no Brasil dizendo achar diferente o fato de que para cada fase da gestação, uma médica diferente era responsável. Enquanto nada parecia faltar para Juruá, a não ser algumas informações e toda a proposta, por exemplo, a da aromaterapia desconhecida por ela até então, era bem-vinda e sem restrição econômica adquirida. Paraguai, porém, vivendo durante a gestação da caridade, recebia cestas básicas, sem acesso a frutas e legumes, que ela tanto gostava.

No seu aniversário de 38, aproveitei para fazer seus mimos. Além do cuidado previsto pela doulagem, um dia de suas frutas prediletas, *muffin* de cacau e biomassa, e pastéis de couve. Na semana seguinte Paraguai disse que saiu um pouco do tampão, e umas “coliquinhas” estão atrapalhando “suas tarefas”, acha que a temperatura corporal aumentou, mas que não consegue marcar as contrações porque não consegue baixar o aplicativo no celular velho. Embora morasse muito perto de sua maternidade de referência, me disse que só ia para lá porque não tinha dinheiro para pagar o uber. Sua aparente tranquilidade e a sonoridade da voz enquanto respondia minhas perguntas, me diziam que já era hora de ir ao seu encontro.

Ela só contava com dois moradores caninos, a essa hora dizia estarem perturbando e que estava sentindo muito desconforto, mas em nenhuma hora me disse, venha para cá... Anunciei então que estávamos indo, como ela não tinha nenhum acompanhante legal, perguntei se poderia levar uma doula em formação. Encontramos Paraguai “tentando” arrumar a casa entre uma e outra contração, enquanto seus filhos caninos, choravam ao vê-la também chorar. Até colocar tudo na ordem que ela desejava, não deixamos a casa, e ainda todas as recomendações para os cães, que ficariam sós; e a chave da casa em lugar combinado com uma amiga, que viria vê-los enquanto ela estivesse na maternidade.

Era dia 9 de novembro de 2020, quando acesso pela terceira vez uma maternidade durante a pandemia. A mesma em que Diadorim e Guaporé pariram, e que Paraguai também desejava. Eu jamais havia experimentado ser uma acompanhante de uma gestante, fora da função da doula, e junta com uma. Nesse caso eu ocupava as duas funções, porém me apresentei como sua acompanhante legal, enquanto a doula em formação, minha filha primogênita, apresentou sua documentação.

Paraguai recebe as mesmas instruções feitas para Diadorim: sentar para que fosse aferida pressão e temperatura, quando a essa altura do TP já é tão difícil sentar... Diferente dos acompanhantes homens, sou convidada a me retirar, até que Paraguai passasse pela triagem. Como não quis chamar tanta atenção, acreditando tão logo fosse avaliada seria levada à sala de parto e eu então poderia acompanhá-la, fui para trás da porta de vidro. Do lado de fora, através do vidro, percebo a falta de posicionamento e o desconforto de Paraguai que parecia agora querer subir pelas paredes. Um descuido do segurança, foi suficiente para que eu entrasse e a partir daí não saísse mais. Até que a enfermeira sem avaliá-la e por falta de médicas no setor, nos autorizou subir. O medo da enfermeira pareceu ser de que acontecesse o mesmo ocorrido com a gestante anterior, quando durante a longa espera para a avaliação, desmaiou ainda na triagem sem ter quem a segurasse.

Paraguai, primípara, me pediu para jamais ter que imaginar seu menino. Tinha pavor que sua cria fosse a “*cara do genitor*”; o moço a abandonou assim que soube que ela estava grávida. Quando descobri que ele era mulçumano e que as filhas “abandonadas” do moço eram todas mulheres, entendi um pouco dos pavores de Paraguai, que nada falava sobre isso, mas fazia nossos encontros semanais durarem cerca de duas horas e meia. Com o apoio de mulheres que tinham parido meninos recentemente, pudemos organizar um lindo enxoval que chegou com uma cartinha, escrita a próprio punho por cada uma das doadoras, todas puérperas.

Um pedido inusitado quase na hora do período expulsivo, feito ao pé da orelha enquanto ela descansava entre as contrações mais vigorosas, me aquece até hoje a memória: “*Nil, canta pra mim*”. Parecia sem exigência, mas antes que eu começasse, balbucia: *Uma música sem palavras, tah!*

Seu menino veio no raiar do dia, e ela passou o puerpério só, com a cria e dois cachorros. Um mês depois ao ver a foto da criança em uma rede social, o “genitor” envia um recado pelo telefone dizendo ter perdido o contato dela, e parabenizando pela linda criança.

Perguntei, o que você respondeu?

- *nada*.

Em um de nossos últimos contatos estava às voltas, com uma pediatra do postinho que “cismou” que seu filho tem alguma síndrome, por causa de sua face. Uma médica mais experiente pediu para ver as fotos da família, e concluiu que a mistura das etnias tanto dela quanto do pai, um marroquino, era a causa do estranhamento já que o desenvolvimento da criança estava normal.

Juruá entrou em TP dia 13 de novembro, assim que perdeu o tampão mucoso me falou, e como perdeu junto um pouco sangue foi para a assistência. Lá descobriu que a bolsa tinha rompido sem que ela notasse, com uma cesariana anterior ficou em observação, e para o jantar disse que recebeu burrito com batata frita, seguido por um *emotion* sorridente. Falamos-nos, e ela ficou se exercitando enquanto esperava o TP engrenar. Disse que tinha por volta de quinze mulheres em TP, em boxes divididos por cortinas. Um teste feito pela médica de plantão definiu que ela fosse para a cesariana. Ainda tentei que ela falasse com uma das médicas que tinha concordado em induzir o parto durante uma conversa no pré-natal, mas Juruá encerra a conversa dizendo: “*Não tenho o contato dela. Eles não dão. Aqui é bem diferente. Obrigada pelo apoio querida*”.

Juruá passou por um novo parto cirúrgico, embora estivesse feliz de ter vivenciado o início do TP, já que no Brasil tinha sido indicada porque com 41 semanas *o bebê não encaixou e tinha uma cabeça grande*, então o médico “aconselhou” a cirurgia sem também induzir e antes de qualquer sinal fisiológico.

Cada gestante merece ter contatada a sua história, Jupurá uma mulher negra de 36 anos que sobreviveu às desconfianças e o medo de ser confundida, indo todos os dias à maternidade com a mesma roupa e penteado, precisa de um capítulo com muitos detalhes. Seu corpo aderido de muitas tatuagens cirúrgicas, fez dela “um caso interessante” para as e os estudantes da maternidade que ela fez pré-natal, e ainda deu de bandeja ao hospital escola no dia do parto, uma bebê com uma variação anatômica rara *situs inversus totalis*, quando os principais órgãos do tórax e do abdômen situam-se em uma posição reversa ou espelhada em relação à topografia habitual.

Mamoré que deu a luz na Bahia, Solimões que terá sua menina até o fim de novembro de 2021 e ainda Paraná, que segue insegura em New Jersey, depois que foi inquirida sobre aceitar fazer um exame invasivo ainda dentro das duas próximas semanas, já que seria o prazo para um possível “descarte”- o termo usado como referência á descontinuidade da vida do feto, perturba profundamente a gestante. A justificativa do

exame se apoia em uma medida de progressão baseada e uma tabela de medidas universais, mais Paraná é uma típica descendente japonesa. Decidiu que não fará um exame pondo em risco a vida e saúde de sua bebê por uma suposta medida prevista para sua idade gestacional. Mas segue triste e magoada com a forma que foi responsabilizada e ainda sobre ter se descoberto aos 36 anos, uma mulher “velha” para gestar.

São essas as mulheres que circulam no meu corpo e sempre me lembram de onde vim...

7.13 A tempo, e ainda fora dele

Para minha mãe, Dona Jaíra:

Deitei meu corpo sob o meu esquecimento
 Mas ainda lembro-me de seus cantos, em-cantos,
 da força movida entranhas:
 Era do raiar ao por do sol, uma constância em se refazer.
 Não te vi doida,
 de tão lúcida, aprendi a sua renúncia ao descaso.

Em parte sei da dor que ecoou,
 Ver-te arrastada, desacreditada.
 No silêncio refazendo enxovais,
 Esperando filhos sem fim,
 Ouvindo piadas, facadas....

Se me incoformo desta realidade violenta que se tornou o existir,
 Dou-te meu apreço,
 Voz ao que se calou pelas vielas manicomiais,
 Dos amassos, e cortes que te feriram no silêncio
 Dos filhos que esperaste, sem que nascessem.
 E aos que foram enterrados fora dos seus olhos
 E hoje habitam contigo no jardim perfeito.

Se estivesse aqui, verias que eles nasceram de outras barrigas
 Terias orgulho de ver-me continuada de sua luta silenciosa,
 Nunca foi acaso ter-me dado à honra de seu ventre,
 Tornei-me uma filha da mãe, uma mãe para seus outros filhos e filhas
 Que nascem hoje, por esta vida afora.

(Nilcéia Figueiredo, 2018)

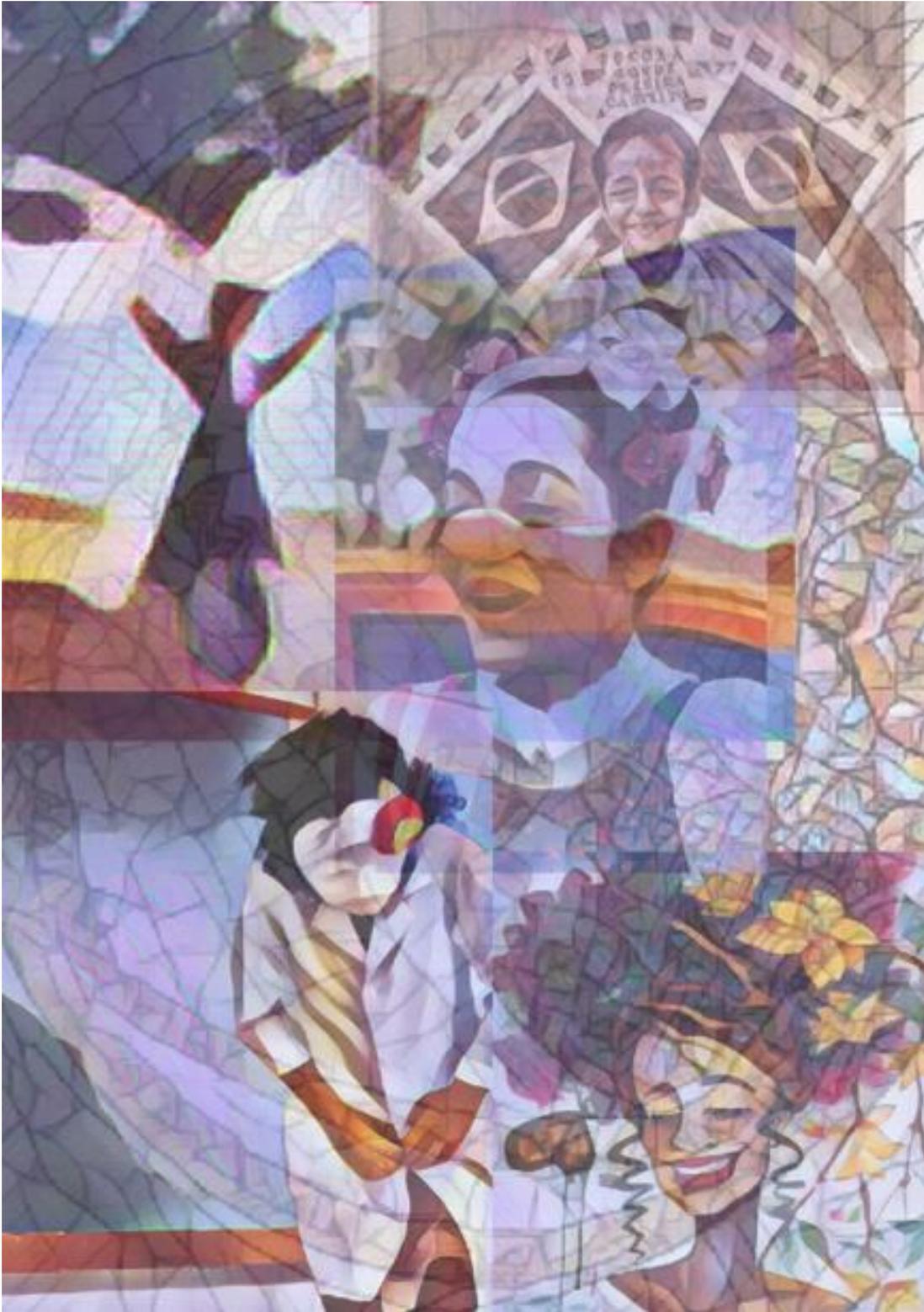
Esse foi o texto central, da performance que apresentei como conclusão do curso de qualificação para ser doula. De todas as formações que estive imersa, além da construção da minha palhaça, um processo de profunda imersão existencial, essa foi a preparação mais dura que estive em contato. Muitas mulheres se tornam doulas como forma de dar às outras, perspectivas e possibilidade de processos menos violentos e mais

leves que os seus. É certo que entramos em contato com as dores que perpassaram o corpo de nossas histórias, que não iniciaram em nós mesmas. Tive uma infância atravessada pelo sistema manicomial, que tirou muitas vezes minha mãe do meu convívio e dos meus irmãos. Sua primeira internação aconteceu em um pós-parto imediato, no nascimento de seu último filho, quando eu tinha 5 anos e ainda tenho essa lembrança.

Hoje entendo que “sua “loucura” foi produzida por uma série de abusos, violências, lutos e maus tratos até que, uma possível” convergência de hormônios circulantes no pós-parto e os sofrimentos da vida fizessem seu corpo que pariu outros sete, não mais suportar tanta pressão. Quando nos mantemos em atenção, os sentidos vão dando corpo até às ocupações que a vida nos propõe. Sem me dar conta, nas duas vezes que doulei na maternidade que nasci, estive acompanhando mulheres com sérias questões psíquicas. Uma em vulnerabilidade social, e outra, que teve um tumor em sua glândula suprarrenal, o que produziu uma grave desregulação hormonal, e conseqüentemente psíquica.

Estou quase pronta, para escrever especificamente dessa ordem, tão profundamente dolorosa. Quero, porém fazê-lo com o cuidado que a memória de minha mãe e família merece, bem como tantas histórias únicas, mas muito próximas nas quais estou completamente, e as que ainda certamente serão “in-corporificadas”.

8.0 ENDODERMA



8.01 Aprendendo a “des-aprender”, driblando o hiato do tempo - O caráter pedagógico, que a pandemia de covid-19 nos propôs.

Para mim escrever é uma maneira de estar no mundo. Eu preciso de meu espaço, é por isso que escrevo. Em primeiro lugar escrevo para existir, eu escrevo para mim. Eu existo no mundo e a minha existência repete-se nas outras pessoas.

(CHIZIANE, 2002, Apud MATOS)

Ah, comigo o mundo vai modificar-se. Não gosto do mundo como ele é.
(JESUS, 1986, p.106)

Escolhi iniciar esse capítulo, resgatando os lugares que essas escritoras negras ocuparam nesse entreato mundano, enquanto me viro em rito de passagem, para dar conta de catar todos os meus papéis. Se para Denise Ferreira (2019) esse mundo ao qual conhecemos deva ser implodido, Krenak (2020) propõe ideias para adiar o fim do mundo. É certo que talvez nunca tenhamos visto na história intelectual do Brasil, tantas produções contra-hegemônicas, muitas infelizmente operadas por “quem sabe escrever” nos moldes oficiais e usa da “ocasião que faz o ladrão”. Em 25 de fevereiro de 2021, porém, a escritora Carolina Maria de Jesus foi reconhecida pela UFRJ como Doutora Honoris Causa, quarenta e quatro anos após sua morte. Já a escritora

8.0.2 Memórias como estratégia de combate à necropolítica⁴⁴ das sensações, na formação em saúde

O entusiasmo no ensino superior era visto como algo que poderia perturbar a atmosfera de seriedade considerada essencial para o processo de aprendizado. Entrar numa sala de aula de faculdade munida da vontade de partilhar o desejo de estimular o entusiasmo era um ato de transgressão.
(hooks, 2013, p. 17)

Cheguei premida com um corpo lambuzado de muitos construtos, afetada

em exacerbada percepção, e a impressão de que o “jeito” de sentir, faz parte do cultivo de afetos, que se dá nos encontros que a vida nos oferece durante a nossa jornada. Havia um entusiasmo, fruto de muitos capítulos de vida vencidos; sem reverenciar “arte da guerra”, reparo que aos poucos aprendi a irreverência pelas instituições e ter chegado mais tarde, me conferiu uma liberdade de reconhecer na atemporalidade um signo protetor de certas “sub-missões”.

⁴⁴ Achille Mbembe chama de necropolítica, as formas contemporâneas que subjugam a vida ao poder da morte, e reconfiguram profundamente as relações entre resistência, sacrifícios e terror. A apropriação que faço portanto está relacionada a exposição anterior à lógica racional do conceito, sua impregnação indelével na instituição do sujeito em formação.

Paulina Chiziane, primeira mulher moçambicana a escrever um romance, foi a vencedora do prêmio Camões de 2021, ainda em vida aos 66 anos de idade...

Iniciei a escrita dessa dissertação com um exercício proposto de resgate da minha memória, já que a premência da vida, frente à infecção letal que arrastava milhares de vidas, me trouxe um sentimento ambíguo. Escrever para não me esquecer e aprender quem eu era de fato, reconhecendo que só poderia transformar alguma coisa e também a mim, se pudesse ter alguma coerência de alguém que se propõe aprender/desaprendendo e ensinar/aprendendo. As várias pontas de fios, que se desenhavam como matéria prima para urdir algum sentido que o exercício cognitivo não desencarnassem da práxis, foi sendo tecida na tela da “aprendência” e da “ensinagem”⁴⁵.

Olhei a sala repleta de corpos taciturnos, e um à frente, quase sem olhos um á frente, quase sem olhos, “só-mente”. Pensei que no próximo período, seria tudo diferente, eu poderia fazer uma *grade* horária mais trans-inter-*disciplinar*, substantivos da melhor imagem que imputa sentido à cena. De todos os anos, que passei, e foram quatro na faculdade pública e dois anteriores possíveis por uma bolsa de 50% na faculdade privada, só consegui cursar uma matéria optativa de outro curso, não havia brecha para aprender, havia *grade/cerca* para aprisionar.

Descobri que “o processo” de coerção aberto lá no ensino médio anos atrás, tinha dado frutos, e criado bons filhos e filhas, e agora eu ouvia um coro cantando a marcha fúnebre. Mais fortalecida, não

estava disposta a assumir os “nãos”, e fui escolhendo as lutas que lutar, para seguir adiante. Já não tinha “orientação educacional” que me pudesse desviar do caminho, embora a melodia cantada agora á capela por um coral, me fizesse desconfiar de mim, quase todo dia. Meus olhos percorriam o porão da saúde, afinal o prédio ainda tinha uma trajetória histórica de construção arquitetônica, para ser um esconderijo fazia bem seu papel. Em 2009, completados 40 anos de existência, a Diretora de Extensão do Centro de Ciência e Saúde da UFRJ, CCS, em nota disse que:

O Centro foi constituído a partir de uma polêmica reforma na universidade, imposta pela ditadura, uma questão que nunca foi discutida durante esses 40 anos.
(Profª Diana Maul, 2009)

⁴⁵ A expressão ensinagem foi inicialmente explicitada no texto de ANASTASIOU, L. G. C., resultante da pesquisa de doutorado: Metodologia do Ensino Superior: da prática docente a uma possível teoria pedagógica.

Enquanto estava sendo uma estudante de pós-graduação em saúde coletiva, simultaneamente ocupava três projetos junta a estudantes de graduações em saúde; mundo que me exigia lidar com as críticas e me motivava permanecer no ambiente acadêmico para propor mudanças, e ainda me fazia descrever dessa possibilidade. Foquei nas leituras do que para mim faziam sentido, claro sem deixar que as “obrigatórias” me escapassem. Mas foram as escritoras negras/ ch'ixi / indígenas que me deram suas mãos, enquanto eu reconhecia nossos pontos comuns.

Quantas vezes não vacilamos por causa das falas do mundo?
Quando sentires medo, respira fundo e recobra a coragem
Desce para dentro de ti e procura as razões da tua luta
Deixa a liberdade guiar o teu espírito até o coração do infinito.
(CHIZIANE, 2017, p.109)

Nesse contexto resgato as páginas que tinha jogado fora, porque enquanto não entendemos o quanto a história de nós, precisa de registros para que tenhamos uma verdadeira revolução, precisamos exercitar reconstruir nossos pedaços, a partir das falas do mundo. Como GONZALES (1988) nos ensina, toda linguagem é epistêmica e deve

Não sei, porém se o convite a essa reflexão se dava ao fato de como palestrante da mesma celebração, Antonio Paes de Carvalho ter frisado em sua palestra ser o CCS:

Fruto de uma reforma imposta durante a ditadura militar, que transformou a estrutura das universidades no Brasil. Tornou-se obrigatória a organização em centros e os cursos de graduação precisavam ter ciclo básico de disciplinas. Com a medida, houve uma quebra da hierarquia dentro da universidade. Jovens professores adjuntos revolucionaram o planejamento da reforma.
(UFRJ, 2009)

Ou se a lenda de que o prédio tenha sido construído estrategicamente como um quartel general da ditadura militar, faça um melhor sentido já que de fato, a

arquitetura do CCS possui um incrível disfarce aos acessos das salas do subsolo, além de um espaço interno para que um carro trafegue por; largos corredores e feitos por paredes bem grossas. Ou quem sabe, todas as respostas anteriores.

Nosso início simbólico de aprendizado sobre saúde, estava no subsolo, junto ao anatômico, cheio de corpos indigentes, e outros laboratórios com todo tipo de ex-vidas congeladas. Nós flutuávamos sob o denso cheiro de formol, e a semi-escuridão nos guiava pelos vários corredores infinitos, que no final, convergia todos os caminhos em um mesmo lugar, “você está na Melhor do Brasil”, é o lema que parece nos responsabilizar por qualquer coisa que

contribuir para o entendimento de nossa realidade, o fato de estar “tão dentro” me fez reconhecer que infelizmente as opressões não fazem parte do passado. Os manejos de sujeitos que querem surfar na onda, e que ainda se acham doutores porque leram um ou outro texto sobre letramento racial, longe da práxis e ou ter na memória da pele algum registro, nos fazem recorrer à vigilância:

Oração I

[16.10.1986]

Deus a ti me dirijo
Como em infância
Por ti socorrido
Nas doces agruras
Das fantasias

A ti recorro em hora engana
Como as são todas tuas
Que não apagues da memória
As promessas que a mim

Não a mim
Que por tua mão fui
Conduzido entre coqueiros
Mas ao balido do cordeiro
Que em lobo denuncia

A derrocada da “ordem”
Por ti estabelecida
Por teus permanentemente cultivada
Muitas vezes sucumbida

Premia o esforço de vida
De quem por si quer te achar
Nas redes do Universo
No equívoco que absorve o ar

(NASCIMENTO, 2015, P.25)

pareça estar errada.
Nos primeiros dias tive vislumbre do fazer de sentido, que certamente boa parte de quase todos os profissionais de saúde que eu tinha tido acesso até então, provavelmente teria sido formado naquele prédio. Sabiam bem nunca nos olhar nos olhos, a atmosfera era translúcida e embaçada. Seus sentidos, e agora os meus também, estavam sendo constantemente fundamentados para saber o outro a partir do sub-solo, a masmorra gélida do construto incipiente de suas(nossas) profissões futuras, o núcleo do centro de ciência da saúde, vulgo CCS. O único professor negro, que tive aula, dividiu

comigo sua impressão que após o ENEM e o acesso pela política de cotas, o ensino na Universidade teria caído de qualidade. Lembrei que jamais tive acesso a um/a médico/a e outro profissional da saúde negra/negro durante toda minha vida até me tornar adulta, á não ser umas poucas técnicas de enfermagem dos postinhos.

Deslizando as fâscias

Neste corpo que de-coapta em estabilidades inversas percorrem impulsos da razão. Em um trajeto neural já demovido, Mobilizo processos sem sentido, Aderidos e inativos, lhes faltam compreensão...

(Nilcéia Figueiredo 7 /05/ 2015.
Escrita durante uma aula)

Meus pontos de abandono, porém, relatos que pareciam ter brotado na escrita só como subterfúgio da memória para a libertação de marcas de um tempo passado, surgem como voz coletiva tanto do jovem estudante que chora durante uma dinâmica de Teatro do Oprimido que tinha como objetivo abordar o racismo, quanto da maturidade de profissionais, meus colegas de pós-graduação, que retornavam empacados em escrever o que lhes pudesse atribuir sentido, paralisados sob as opressões das quais foram constituídos no saber. O castelo que se começou demolir pelo exercício da memória, onde “Um defeito de Cor”(GONÇALVES, 2009), parecia fazer parte de um passado em fase de superação, reverberava na ficção criada pelo jogo teatral onde aos prantos, mesmo sem projeção de vídeo, o estudante relatava que sentia estar sempre um passo atrás dos outros; além de não ter domínio de outra língua, muitas vezes lhe faltara dois reais para comer no bandeirão da Universidade Pública. Em silêncio, as/os professores do coletivo pareciam não acreditar em um relato tão distante de suas realidades. Eu que nesse dia era só relatora, desaguava em choro, pois meu corpo sabia exatamente mapear essa dor.

Naufragam fragmentos
de mim
sob o poente
mas,
vou me recompondo
com o Sol
nascente,

Tem
Pe
Da
Ços

(RIBEIRO, 1988, p.65)

A história de entrada que Kilomba conta em Memórias da Plantação (2008), quando encontra todo recurso de dificuldade para sua “legalização” enquanto estudante em um programa de pós-graduação, fora de seu país de origem, narra sem melindres, que as regras dos “editais”, são livremente impostas/interpretadas pelos “a-gentes”, que detém o poder de operá-las. Sem me comparar, mas reconhecendo as semelhanças, espero discorrer por alguns

“sintomas” que me afetaram de forma recorrente, durante os quatro anos de formação pública, em meu próprio país. Escolhi escrever por exemplos de ocupações pontuais de cargos, porque necessitamos de uma epistemologia que inclua o pessoal e o subjetivo como parte do discurso acadêmico, pois todas/os nós falamos de um tempo e lugar específicos, de uma história e uma realidade específica – não há discurso neutro, segundo Grada Kilomba.

8.1 O passado do presente - Um pretérito imperfeito em eterna reforma

“Diante das histórias que incomodam, a escrevivência quer justamente provocar essa fala, provocar essa escrita e provocar essa denúncia”.
(EVARISTO, 2020, em entrevista para o Itaú cultural)

As primeiras memórias que por ora me surgem de uma constituição corpórea, são tecidas junto a uma máquina de costura, onde minha mãe complementava as andanças mal remuneradas pelas estradas de um pai caminhoneiro. Uma lembrança, mantida pela oralidade, de que eu teria mamado até os dois anos e meio de idade, me adaptando no colo entre corpo operário de uma mulher suburbana, e sua máquina de costuras. As marcas funcionais são o retrato mais nítido que tenho de toda família. Minha genealogia entrecruzava duas realidades: meu pai, filho de imigrantes italianos “meeiros”, e minha mãe, filha de pequenos produtores rurais, agricultores subsistentes. Minha vó materna, acometida pela tuberculose, deixa então o interior do Rio de Janeiro com suas e seus, nove filha/os; e meu pai fugindo da exploração trabalhista na lavoura vêm tentar aprender uma profissão fora da zona rural. Já no perímetro urbano meu pai e

A polissemia de termos frequentemente usados no reduto acadêmico, me transfere a sensação, de que nossos modelos foram corrompidos desde as bases. Uma frase de exemplo: *“A **grade** do curso é montada por **disciplinas**, e o coeficiente de **rendimento** de cada estudante é calculado pela média de notas das provas, testes e trabalhos aplicados pelos professores.”*

Grade/- cadeia - prisão

Disciplinas/ - chicotes usados para flagelação

Rendimento/ - ato ou efeito de se render, lucro...

Essas palavras internalizam valores que nos fazem conviver com naturalidade, significados antagônicos ao que se define por educação. Deveríamos estranhá-las e combater-las, pois não há ingenuidade que lhes impute o direito de permanecer como meras significâncias organizativas de nosso ambiente que tem por pressuposto lugar de aquisição e ou produção de conhecimento. Somos doutrinados em dizer por uma escrita em “terceira” pessoa. Isso está de forma tão incrustado em nossa escrita que enquanto resisto esse formato, preciso me vigiar todo o tempo. Essa impessoalidade me parece um transtorno que objetifica o discurso e coisifica pessoas, como se fosse possível a neutralidade na pesquisa.

minha mãe se conhecem e se casam. Das sete gravidezes da minha mãe, só quatro “vingaram”, sendo eu a terceira filha de dois irmãos e uma irmã.

Mesmo a herança europeia, italiana sem “pedigree”, trouxe farpas da diferença racial. Por ela tive em casa o primeiro contato com o racismo, já que eu era a “filha preta”, e recebia o “carinhoso” apelido de “Ceinha Nêga”. Minha mãe dizia que eu, a “negrinha” como meu pai me chamava, tinha puxado sua avó Lindoca que era negra; eu não a conheci, porém os tios da minha mãe negavam veementemente que tiveram uma mãe negra. Uma feliz herança, porque me deu uma incrível energia, de deixar meu tio “doido”, quando ia para sua casa e como uma “macaca” subir até o telhado. A pureza infantil nem dava conta de tantas piadas maldosas que fui ouvindo da própria família; chorei algumas vezes, mas o consolo da minha mãe sempre bastou. Eu preferia me apegar às suas explicações, fazia muito mais sentido que os deboches alheios. O déjà-vú é um lampejo que dá panos pra mangas, de muitas camisas teóricas.

... a academia não é um espaço neutro nem tampouco simplesmente um espaço de conhecimento e sabedoria, de ciências e erudição, é também um espaço de v-i-o-l-ê-n-c-i-a. (KILOMBA, 2019, p. 51)

Para Spivak, a tarefa do intelectual pós-colonial deve ser a de criar espaços por meio dos quais o sujeito subalterno possa falar, para que, quando ele ou ela o faça, possa ser ouvido/a (2010, p.14). Ainda tomada de grande expectativa, mas em uma temporalidade fora da realidade da maioria dos alunos que chegou no segundo semestre do ano de 2013, trouxe comigo também quatro períodos de uma outra universidade.

Em minhas persistentes idas à coordenação, para validar as ementas, as falas, em sua maioria feitas de costas para mim, me custaram além do tempo investido, uma exposição me tornando mais vulnerável. Nas vezes que chegava à pequena sala, amontoada por pastas de documentos, meu nome nunca era pronunciado. Tornei-me identificada pelo codinome, “a menina do processo”, um estigma usado para inclusive não validar créditos por diferença de duas horas em carga horária, sob a ameaça de que era uma matéria que reprovava boa parte da/os aluna/os. Essas falas eram feitas com certo “sorriso” no canto dos lábios, alternada por um tom mais ríspido. Por muitos momentos minha capacidade intelectual era visivelmente posta à prova,

Até a simbologia precisa de liberdade para des-habitar os sentidos colonizados pela cultura capitalista desenfreada. Não há tempo para sensações, o corpo é mutilado de dentro pra fora, para que ao transbordar, seja higienizado e formatado às redes de aprendizado. Hoje me dou conta que as marcas das iniquidades em saúde, já estavam presentes nas minhas percepções ainda na infância. A carência de certos alimentos em nossa mesa, a ausência de nossos provedores por um maior tempo, atrelados a notícia do aumento da inflação e o sapato comprado sempre dois números maiores para não serem perdidos enquanto crescíamos, nos fizeram aprender que a experiência da vida são verdadeiras escolas sobre as desigualdades planejadas, e não as fictícias e criteriosas histórias contadas nos livros didáticos sobre políticas, mudanças de governos e crises mundiais.

Das marcas mais contundentes, era o traço de anemia a mais poderosa. Parecia roubar as forças; as horas da manhã; as mais gostosas de serem dormidas, porque as filas que distribuía senhas se formavam cedo nos postos de saúde. O sulfato ferroso, um dos gostos mais temidos da infância, tornavam o paladar ruim, e a pouca vontade de ir ao banheiro, um desconforto eterno.

um discurso hostil dito pelos subtextos, nas entrelinhas corporais.

A sala da coordenação, ocupava um pequeno espaço no quinto andar do hospital universitário, em um corredor que antecipava a famosa ‘perna seca’. Uma coluna desabilitada por anos, de uma estrutura arquitetônica semi-demolida, que habitou o prédio por todo período que eu lá estudei, estando lá ainda bem antes que eu tivesse chegado. As disputas políticas por espaços no prédio maltratado nos faziam aviltados em salas indignas de se aprender. As diferenças entre os cursos de saúde eram tão patentes, que no mesmo andar, uma sala bem melhor que a

da coordenação do curso de Fisioterapia abrigava o Centro Acadêmico dos alunos da Medicina, que tinha salas em outros prédios da Universidade.

Os banheiros, quase todos interditados, nos diziam também que todo excremento, precisava ser reordenado e reconhecer rotas de fuga, caso a fisiologia natural do nosso corpo, quisesse funcionar “fora de hora”. Sem fazer ajustes “às causas” da opressão, me pergunto se aquelas pessoas foram naturalizadas por situações tão adversas, e ou se tudo aquilo não pudesse transformá-las em “mais gentes”, mediante a necessidade da/os estudantes, e ou da/os usuários que viravam nossos “objetos” de pesquisa, nos períodos mais avançados.

Em cada tempo, pertencíamos a outro posto de assistência, os nomes, siglas da saúde que não fazíamos ideia dos significados, bem como os uniformes escolares que mudavam o símbolo, embora continuássemos por todos os anos do ensino fundamental na mesma unidade. Resvalava em nós a inconstância do mundo, que não nos dava tempo de reparar se mudara para melhor ou pra pior.

A cara antipática do médico, quando via minha magreza, e olhava para minha mãe, com um ar de profunda reprovação, quase me fazia querer fugir para outro lugar. A consulta terminava com uma e lista de alimentos “de gostos ruins”, que em casa, a gente quase nem conhecia. Nos primeiros anos de vida, minha mãe dizia que foi por causa “Legião Brasileira de Assistência” que dava uma farinha vitaminada para os pobres, que me foi garantida a vida.

Até seus últimos dias, minha mãe se gabava de colocar suas mãos no chão, enquanto fletia á frente seu tronco. Tenho minhas quase certezas, de que era o simbólico de uma mulher que se dobrava mais não se rendia; suas dores localizadas na coluna eram também da alma, enquanto tentava nomear tantas dificuldades que passou em suas

Os diversos episódios, embora tenham acontecido em uma ampla janela de tempo cronológico, rodiziavam em várias instâncias dos moldes burocráticos, quer nos pedidos por segundas chamadas de prova com justificativa, ou na interação coordenação/aluna ou professor/aluna.

A severidade com qual eram tratados assuntos de ordem pessoais, disponibilizavam aditivos que ofereciam recursos de crueldade, ainda que fossem organizados por departamentos muitas vezes independentes entre si, já que cada parte do ciclo e mesmo especialidades, eram regulados por gestores próprios.

Isso me fez transcorrer por todos os anos da formação, por exemplo, sem poder usar o direito à segunda chamada de prova, pois não havia um regimento claro. Estando à mercê do poder exercido pelas camadas responsáveis em nos “domar”, um sentimento legítimo de que pessoas “embrutecidas” devem reverenciar aos senhores responsáveis por averbar saberes, fui colocada muitas vezes à margem da confiança, pois nem meu testemunho, ou ainda documentação me fazia digna de pleitear direitos inquestionáveis. Incluindo ter minha área restrita do sistema interno da faculdade, invadida e modificada, aletoriamente.

triplas jornadas, pois além de nós, conseguia ajudar cuidar da/os filha/os de outras famílias. Que eu me lembre, pelo menos duas eram certas, a família da Dona Maria de Glória, que tinha sete filha/os, e da Dona Zilda, com nove.

As alergias respiratórias, que a faziam espirrar todas as manhãs, nem eram consideradas, porque os remédios para alergia davam sono, e se ela dormisse, não costurava.

Costurava os retalhos que sobravam da produção formal nas horas extras, para além de nos vestir, doar roupas aos pobres da pequena comunidade cristã, na favela que congregávamos. Sua energia era o combustível movente de um corpo compaixonado, que encontrava motivo no cuidado do próximo, desfocando a atenção de sua dor.

Era curiosa a forma como a comida era dividida. Tinha dia que dava para repetir, mas não eram todos. Não faltava, mas não sobrava, e a qualidade, essa era regulada de acordo com o que estava na oferta. Quando a grana era alargada, tínhamos acesso à frutas da estação, aos peixes da temporada, tudo adquirido na “hora da xêpa”, de uma feira que era montada às quartas, quase na porta de casa.

Muitas vezes vi minha mãe colocar comida em nossos pratos, e correr de volta para máquina com o seu. Dava uma colherada, e uma costurada. Eu achava interessante estar

Foi em um momento de muita fragilidade, dividia meu tempo entre cuidar das filhas, casa, e revezar o acompanhamento no hospital de meu pai á morte, que tive uma disciplina cancelada. Nenhuma justificativa me foi dada, cheguei para assistir a aula e fui comunicada pela professora que estava P-R-O-I-B-I-D-A de entrar. Era meado do semestre com notas da avaliação dos dois primeiros meses, e número de presença prevista, cumpridas. A coordenadora, era outra do início da graduação, disse ter feito o melhor pra mim. Justificou-se pelo fato que eu estivesse fazendo simultaneamente duas disciplinas que eram pré-requisito

entre si. Eu argumentei que, além do próprio sistema ter me permitido a inscrição, eu já tinha visto muita/os estudantes cursarem essas disciplinas simultaneamente, e nunca havia visto nenhum deles impedido. Sua resposta foi que ela “resolveu” me olhar...
Fora a humilhação de ser proibida publicamente de frequentar uma classe; o adiamento da formatura por mais um semestre; o descarte de notas das duas avaliações prestadas pelo mérito de um esforço sobre-humano, já naquele momento eu me dividia entre os resumos cedidos por amigos lidos na tela do celular, e a hostilidade da enfermaria ortopédica de um

junto dela, então trazia minha pequena bacia de comida, e sentava ao lado, me deliciando ao som do motor..., nessa época ela já tinha comprado uma máquina mais moderna e não usava mais o pedal. Quando me dava uma saudade, eu entrava entre ela e a máquina, lhe arrancava bons carinhos. Embora não tenha lembrança dela costurando comigo no colo, eu a tenho em uma cena com meu irmão mais novo cinco anos, então provavelmente eu também tenha usufruído do mesmo bem estar.

Esses momentos me fizeram aprender costurar muito cedo. Primeiro comecei juntar os pequenos retalhos na mão com uma agulha, e depois já sabia manejar a máquina, construindo roupas para vender às bonecas das amigas, já que eu não as tinha. Os trocados que eu conseguia, eram sempre investidos na compra de “coisas gostosas”, lê-se todo tipo de doce; eu era viciada em jujubas, pingos de leite, doce de amendoim, de abóbora, de batata. Logo, eu já era sua ajudante, cuidava do chuleado, uma espécie de arrematamento para o tecido não desfiar. Nessa época, ela já não só costurava sob medida, mas trabalhava para uma pequena fábrica de uniformes escolares, e depois roupas profissionais. Ganhava centavos por peça, então tinha que produzir muita

hospital municipal, sem recursos mínimos para uma assistência humana cuidando do meu pai. Quando por agravamento das complicações meu pai faleceu, fui fazer prova de outro departamento no dia seguinte, pois ao enviar e-mail com cópia do atestado de óbito, não recebi nenhuma resposta, então não havia garantia, de que me fosse dada outra oportunidade. Ao entregar a prova, me dirigi à professora, que era também coordenadora da disciplina, e ela só disse: - Ahh, foi você que enviou o e-mail, sim professora respondi, aqui está minha prova...

Se pra Kilomba (2019), era fato por suas percepções uma exclusão racial lhe fazia ter que inclusive passar por uma prova de

uma língua estrangeira não prevista no edital de admissão à pós-graduação na Alemanha, para mim nunca houve entendimento do porquê ser foco desse tipo de violência, no meu próprio país e dentro de uma Universidade que tem como premissa formar em saúde, pessoas com competências para atuar no SUS.

Para nos comprometer com a tarefa de transformar a academia num lugar onde a diversidade cultural informe cada aspecto do nosso conhecimento, tempos de abraçar a luta e o sacrifício.
(hooks, 2013, p. 51)

quantidade. Ficava triste quando a peça era mais elaborada, e o Sr Antônio, pagava o mesmo valor por uma de “feito” mais simples: - *Ele é um explorador*, dizia ela, mas fazer o que?!

O dinheiro da costura era para comprar uns “luxos” para comer, como frango, ovos, legumes, bifês de fígado, já que o grosso, a compra de mês, as horas rodadas na estrada pelo caminhão do “Seu” Otto, patrocinava. Era um perigo olhar para o lado, porque podíamos ficar sem o pedaço de frango, o ovo no prato... O tom era amistoso, mas o perigo era real, ainda mais com a fome do irmão mais velho e seu jeito bagunceiro de ser. Mas teve uma época, que os trabalhos para casa ficaram escassos, ou muito desvalorizados, então ela se foi para a rotina fabril. Ficávamos nos revezando entre brincadeiras e desentendimentos, e quando a mãe chegava, ainda para fazer comida para a marmita dela e do meu pai, contávamos todas as estórias do dia. Cada um com sua versão é claro.

Foi assim que aprendi sobre gestão de tempo, economia doméstica, “boa” alimentação, e a forma mais rudimentar do hoje dito “*home-office*”. E ainda sobre a culpa que as mães carregam, caso algo errado aconteça com suas crias. A equipe de

8.2 Dando LIGA ao saber da casa grande

Era agosto de 2014, a permanência na nova casa, já por dois semestres, me fez entender que precisava encontrar os caminhos até seus quintais. Os quartos não me queriam dentro, eu que precisava me alojar em algum, por pelo menos dois semestres até o final da graduação, decidi habitar no quintal, até que alguma porta mais íntima me fosse aberta. Passei encontrar dois grupos simultâneos. Um que no intervalo curto de almoço das quintas feiras, trocava prosas e orações que nos conferia um direito espiritual de

pertencer àquele lugar, e outro que mobilizado pela necessidade da mudança sobre as estruturas de ensino, pesquisa e extensão que o curso precisava divisar como princípio universitário, nos conferia o direito político de ocupar. Nossas pautas, carregavam sempre um pensamento, e ou frase que quebrasse a dureza de assuntos complexos que teríamos que abordar. Diferente da grande Medicina, que possuía na época mais de vinte Ligas Acadêmicas Estudantis, nosso curso, novo na instituição, na época cerca de vinte anos, ainda assim sem justificativa, não tinha até então debutado esse tipo de organização.

saúde do posto estava sempre ameaçando minha mãe, como ela fosse a culpada pela alergia a insetos que maltratava minhas pernas, a recorrente amigdalite e ainda a incorrigível anemia atrelada a magreza do meu corpo.

8.3 Do ensino médio, á graduação – no intervalo, a informalidade da arte.

Incentivada por bell hooks a uma pedagogia engajada que identifica como prática de liberdade uma formação que leva em consideração, a integralidade entre mente, corpo e espírito e Grada Kilomba, por sua pesquisa autocentrada, descrita por suas memórias em desvendar o mundo da academia, me afeto por “re-contar’ também minha história. bell, que traz a descrição de suas lutas desde o ensino médio, e depois sua militância por vinte anos na universidade, tanto na graduação quanto na pós graduação, nos Estados Unidos me convida *transgredir fronteiras*. Já Grada na Europa, relata o desgastante processo burocrático á ela imposto para acessar o direito de estudar seu doutorado após receber bolsa fora de seu país de origem, me responsabiliza por sua denúncia, à não manter em silêncio, fatos que poderão suscitar uma elaboração de tantas histórias escondidas. E o estudante brasileiro negro de saúde que chora em pleno ano de 2021, quando se reconhece fora dos privilégios que o acesso a uma educação de melhor

A primeira liga acadêmica no Brasil surgiu em 1920, na Faculdade de Medicina da USP – São Paulo, intitulada “Liga de Combate à Sífilis e outras Doenças Sexualmente Transmissíveis” (HAMAMOTO et al, 2011; COSTA et al, 2009; FILHO, 2011; PÊGO et al, 2011).

Parte da história das Ligas acadêmicas carregam, portanto a marca de resistência ao período da ditadura militar, quando enquanto associações estudantis, se mantinham questionando o ensino universitário e sua aplicabilidade frente as intensas transformações sociais que o país passava. A partir da década e 90, mais

acentuadamente no início do sec XXI, muitas Ligas foram criadas em todo o Brasil, coincidindo com os períodos de reforma curricular e intenso debate acadêmico e político a respeito do perfil médico a ser formado. (VIEIRA et al, 2004; TORRES et al, 2008; HAMAMOTO FILHO et al, 2010; FILHO, 2011). Nossa reunião não nos conferia créditos, isenções ou qualquer outro tipo de ganho burocrático em nosso registro de estudante, mas a possibilidade de refazer história na casa. O prazer de alternar a natureza do uso dos cômodos nos tornou protagonistas de

qualidade, o pudesse poupar de tanto esforço para se manter na faculdade, fruto de uma dinâmica proposta no dia 30 de setembro de 2021, após um jogo de Teatro do Oprimido adaptado para o encontro remoto, que teve as palavras UFRJ, branquitude e negritude como eixo central. O professor facilitador propôs que a/os estudantes negros presentes, participassem de uma narrativa coletiva contando uma história que não fosse sua, mais fosse continuada por cada um que tomasse a palavra.

Grada e hooks me dizem em dueto, que nesse pequeno mundo de grandes dimensões, as histórias se repetem, e precisam “de-anunciar” novos começos.

Nesses vinte anos de experiência de ensino, percebi que os professores (qualquer que seja sua tendência política) dão graves sinais de perturbação quando os alunos querem ser vistos como seres humanos integrais, com vidas e experiências complexas, e não como meros buscadores de pedacinhos compartimentalizados de conhecimento.

(hooks, 2013, p. 27)

Vivi uns vinte anos, entre a adolescência e a fase adulta, fora da educação formal. O salto entre os dias da infância em uma escola municipal da periferia, ao Centro Federal de Educação Tecnológica - CEFET foi demais para minha crença em que as valas deixadas pela falta de acesso a tantos complementos educacionais, e ou mesmo benefícios financeiros, me deixariam prosseguir. Eu tinha exatos 14 anos quando me aventurei por conta própria em me inscrever e prestar exame por uma vaga, que os pré-adolescentes se preparavam em cursinhos bem caros para passar. Meu nome no penúltimo lugar da lista me fazia sentir uma vencedora olímpica, achei que fosse pura sorte ou mesmo respostas às orações da minha mãe, mesmo sabendo que ela sequer conhecia o Instituto.

escritas próprias, autenticadas pelos grandes pensadores da educação libertadora.

Texto inicial da pauta de reunião do dia 24 de outubro de 2014:

Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas

falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes.
(FREIRE, 2000, p.33)

Foram seis meses, que corremos pelos porões, descobrindo se a casa nos podia incluir em seu inventário, quando não estivéssemos mais ali. Defender nosso não lugar nômade de arquitetura, instalado em um tempo improvisado, foi um exercício de resistência que nos conferiu pauta na “poderosa” congregação da Medicina, no

No dia da matrícula, precisei implorar meu pai para ir, pois não fazia sentido para ele, ter que perder um dia de trabalho, já que recebia pagamentos em formas de “diárias” por serviço prestado com um caminhão. Minha tia mais nova, que tinha uma pouco mais de estudo, era técnica em enfermagem, teve que lhe falar sobre o grande feito que eu tinha conseguido conquistar, em passar em uma prova tão concorrida, e que não podia perder a oportunidade de estudar. Minha mãe estava em alguma viagem, nessa época sua saúde mental já não a permitia estar todo tempo conosco.

Além de todas as complexibilidades naturais de uma adolescente, nessa época também passei disfarçar o corpo, com medo dos abusos que as mulheres eram constantemente submetidas nos transportes públicos. As camisas grandes do meu irmão mais velho, captadas sem autorização enquanto ele servia no quartel, vestiam como um abadá meu corpo magro; sempre de calças jeans não importasse o calor e tênis, calçado ideal para as prediletas aulas de educação física. Eu que antes estudava perto de casa, em uma escola municipal e alcançava por uns trezentos passos da casa a sala de aula, precisava agora ainda menina, lidar com tantas novas dimensões, e enfrentar o

dia 12 de março de 2015, quando passou existir a LAFISIO, primeira Liga estudantil, do curso de Fisioterapia da UFRJ. Muitos projetos não encontraram pares para prosseguir, até porque durante a aula inaugural, dia mundial da saúde, 7 de abril de 2015, nosso então chefe de departamento, no auditório do anatômico, cheio de estudantes, além de professores e professoras que eram simpatizantes da causa tomou seu tempo de fala que lhe conferimos por pura educação, para dizer que não sabia o “porquê” de existir uma Liga Estudantil. A crueldade de seu dito nos rotulou pela sua posição política

desfavorável, como uma possível ameaça. Seu dito foi essencial para que na eleição seguinte, ele tenha podido perder o cargo. Quando damos voz para o opressor se colocar publicamente, seus intentos ganham fama, e ele se torna seu próprio delator.

Aprenda que o outro é o teu lar. É o teu corpo, o teu nome, o teu rosto. É o verso do reverso de tuas entranhas. É o espelho de tua irrenunciável humanidade.
(PIÑON, 2019, p.18)

A casa se tornou mais humana, ocupando as salas de esperas com atuações artísticas; o piano do hall de entrada do Hospital Universitário Clementino Fraga, deixou de ser só objeto de decoração. Palestrantes de outras casas vinham nos lembrar de quem

mundo para estudar. Era no mínimo muito cansativo, mas minha respiração acelerava, quando mostrava minha carteira de aluna, orgulhosamente na entrada do CEFET. Mas aquelas salas, não me caberiam por muito tempo, a primeira aula de física foi uma espécie de anúncio á tragédia por vir. O professor já nos recebeu com sua estatística: - 70% dos alunos “se reprovavam” dizia ele, e eu nem faço esforço! Lembro-me do pavor que tomou conta de mim em sua primeira prova, enquanto distribuía nosso certificado de incompetência, como ele dizia, com trilha sonora. Assoviava a melodia da marcha fúnebre, e ria nos intervalos para tomar o ar de volta. Talvez seja essa inconsciente lembrança que até hoje, me despertou episódios de apagões em provas que fiz pela vida.

Quando fui buscada pela orientação educacional, sabia que não havia mais o que fazer. Só nos buscavam quando estávamos em uma situação de quase total incapacidade e os problemas remetidos ás nossas dificuldades de manter a “nota” em um nível aceitável, que justificasse o jubilamento (odeio essa palavra). Ainda lembro o rosto da moça branca “boazinha” de voz mansa, e o tremor que me causou ter sido chamada para

queríamos nos tornar, quando fosse nossa hora de atuar. Descobrimos que com um papel carimbado previamente pela gestão do prédio mais moderno do centro de estudos da saúde, podíamos receber as/os estudantes na melhor sala, realidade que nos fazia ter uma organização incrível, um fluxo dividido por pessoas que aprenderam que na utopia também se promove práticas coerentes com a vida. Saraus, aulas vivenciais, idas a congressos, além de notas públicas apoiando ou não certas posturas políticas, nos faziam poderosa/os, mas não violenta/os; temida/os, mas inofensiva/os. Nossa única ofensa era dar ao opressor/a espelho para admirar sua própria des-humanidade.

Sendo só parte do todo, meu nome, meu rosto, meu verso, vivia na pauta. E uma perseguição pública, me tornou alvo do delator; e eu tinha o azar de ser aluna dele, por todo semestre seguinte à existência inicial da Liga. Minhas notas eram as menores de toda a turma, mesmo sendo cinesioterapia a minha *disciplina* predileta, e eu já a havia cursado em outra faculdade. Mais por sorte, naquele semestre outra professora chegou para dividir o conteúdo. E embora a regra fosse fazer a prova final, quem não obtivesse o grau 7.0 de aproveitamento durante os seis meses de aula, fui obrigada fazer a prova final com o grau 7.2. A justificativa foi que eu deveria ter 7.0 na parte da matéria dele, e

conversar com ela por duas vezes. Sua fala pausada alternava seu olhar em uma ficha, que borrada por notas vermelhas nas ciências exatas, pareciam merecer mais atenção do que qualquer relato que eu pusesse fazer, caso ela me perguntasse algo. O monólogo ditava possíveis estatutos que se eu cumprisse, poderia me recuperar das minhas “drogas” de notas. Assim eu me sentia, uma delinquente, porque ela bem fazia seu papel de me culpar por ocupar uma vaga, que fazia um outro “alguém”, manter-se de fora do renomado instituto que ela trabalhava.

Eu cursava edificações, amava esboçar plantas baixas e as aulas de desenho. Cheguei fazer a planta de reforma da casa de um tio, como pagamento e incentivo, ele me deu uma prancheta e um banco alto então para eu conseguir fazer meus croquis. Mas fui então convencida de que aquele não era meu lugar. Cheguei fazer aulas de reforço com amigos de outros cursos, mas me apavorava a ideia de ser jubilada, então antes que isso acontecesse, busquei outro colégio, e frequentei os dois simultaneamente por seis meses, para ter certeza de não me arrepender. Uma jornada de nove horas de estudos por dia, fora o tempo de transporte, que eu contava com ajuda de custo de

7.0 na parte da professora. Como 7.2 foi alcançado pela média das duas partes da matéria, mesmo sendo ela lançada como uma só, tive que fazer uma prova final com um extenso conteúdo que abrangia tudo dado no semestre pelos dois.

A única resposta que dei enquanto fui arguida por outros professores, que sabiam da situação dramática, sobre o que eu faria, foi: - *Na minha crença, aprendemos orar pelos que nos perseguem*, e que bom ter sido treinada para esse momento.

Passei por toda graduação sem fazer uma mesma *disciplina*, por mais de

uma vez. Não porque tivesse qualquer privilégio ou uma boa “reserva cognitiva” para isso. Talvez sim, pelo mergulho numa liturgia revisitada que me fez acreditar na minha precária existência humana.

Mergulha, sim, na liturgia do amor e renuncia à tua descabida ira. O amor é e será sempre teu melhor gesto na terra. O único capaz de projetar luz sobre esta precária existência humana.
(PIÑON, 2019, p.19)

familiares para poder pagar. Achei que nunca fosse dizer sobre esses episódios, pois por anos sonhei com um certificado que não consegui pegar. Uma lacuna, que me assombrou por muitos anos. Havia uma mistura com o “delírio” que minha mãe tinha de cursar a quinta série ginásial. Ela que tinha cursado só até o quarto ano colegial, por anos dizia, que ia agora se matricular para ir ao ginásio, ouvi isso por quase todos os anos de sua vida.

Me formei, casei, trabalhei na indústria têxtil, e pude fazer um curso na época de tecnóloga. Enquanto estive fora do serviço fabril me “especializando” em estilismo, o governo Collor quebrou o país, abrindo as exportações sem uma política para as indústrias internas. A têxtil que funcionava com muitos teares com tecnologias advindos da época da revolução industrial, não suportou, então nunca mais tive salário que tinha enquanto técnica, e jamais consegui um outro emprego com registro e garantias trabalhistas.

Foi aí que veio a maternidade e ainda exerci a duras penas, duplas jornadas sem nenhuma garantia trabalhista, até decidir ficar por um tempo em dedicação integral à cria.

Passaram-se vinte anos então, eu não vi, porque além da maternidade, dedicação para

8.4 O início do fim, estágio - O único *obligare* que desejamos desde o início

Quem diz que se recupera tecido todo desfeito
Em tramas que, já sem jeito, afirma ser aqui o lugar?
Será preciso cerzideira, sábia e bordadeira
Difícil de encontrar o ponto final da teia
A trajetória ao contrário do que foi despedaçado
Em horas de desespero
Horas em que desespero de sorte afinal, tão comum. [07-09-87]
(NASCIMENTO, 2015, p.64)

Uma mistura de sentimentos remodelava os ditos de quem ansiava pela proximidade á colação de grau, porém

antes disso, experimentávamos por um ano uma rotina do chamado “estágio obrigatório”. O vínculo entre os estudantes, que em geral são feitos por proximidade geográfica já que grande tempo da graduação de quem circula por uma “cidade universitária” em uma ilha se dá no transporte coletivo, agora começa se reorganizar de acordo com o interesse pelo campo de estágio.

As notícias que recebemos, são dos nossos irmãos e irmãs, que podem ter escolhido exagerar os feitos vividos, valorizando seus atos heroicos, para que a “mamãe Minerva”, não perca o místico glamour

nós mulheres mesmo integral nunca é única, além de vários trabalhos para complementar a renda de casa, dei asas para o meu corpo da arte, voar. Que bom, elas, as asas, fizeram um bom trabalho ao remodelar meus sentidos e expectativas; não fora isso, talvez eu tivesse novamente sucumbido, diante da “necropolítica das sensações” ao qual eu jamais sonharia reencontrar na universidade. A arte esteve como vacina, como vitamina, como conforto, como nutriente extraído de um mundo paralelo que me faria “capaz” de não evadir.

Enquanto estive me curando da luta em reaver a estima para retomar aos estudos formais, me surgiu o desejo de prestar junto com a filha, o ENEM. Entrei na cidade universitária, com os olhos marejados, sem acreditar, a primeira pessoa da família a pisar em uma universidade pública, aos 43 anos de idade. Eu já até tinha esquecido o sonho em cursar uma faculdade. Com a rede de apoio toda comprometida, me restou levar a filha menor, com a marmita e uniforme no ônibus, porque só assim, eu podia assistir às aulas da manhã, e ela chegar a tempo em sua escola. Baldeamos por um semestre inteiro, e ela detestava o cheiro, a escuridão, e as aulas da sala de bioquímica.

de sua sabedoria e bravura.

Os olhos de quem ainda precisa dormir nos quartos escuros, seguem com curiosidade os nossos veteranos, que agora circulam, com roupas “mais arrumadinhas”. O jaleco que vivia na mochila, agora aparece apoiado no ombro, como uma parte discreta exposta da extensão heroica de quem conseguiu chegar ao quase fim, do início da carreira. Eles eram a ponte que existia entre a porta de nossa casa, e o mundo de fora, que não era tão fora, porque nos unia em vínculos definidos por uma preceptoria - termo que enquanto buscava o dicionário, além de estar relacionado a alguém que se

responsabiliza pela educação de uma criança e ou adolescente, também corresponde a um substantivo feminino, que em sua versão antiga está relacionado à *condição de superior ou comendador de ordem militar ou uma prebenda concedida a lentes ou a magistrados.*

Ainda era cedo para nos declarar conscientes de nossos saberes, aplicá-los em seres, às vezes “quase humanos”, que frente à cibernética tecnologia biomédica, em muitos casos, nos fazia deparar com cenários idílicos, quase nos fazendo crer na irrealidade.

A premissa da graduação, por ser um nome composto, “Fisioterapia Hospitalar”,

8.5 O corpo das sensações, uma escrita á margem do aprendizado

Mas o corpo não é só uma dimensão essencial da nossa humanidade, é também o instrumento básico de toda a performance humana, o utensílio dos utensílios, uma necessidade para toda a nossa percepção, ação e mesmo para o pensamento.

(SHUSTERMAN, 2010, pag. 2)

O empobrecimento da construção de aprendizado pelas possibilidades infinitas do corpo, em sua plena integralidade, me fazia buscar em livros e artigos outros saberes. Logo percebi que teria que acessar algum refúgio viável, que me fizesse querer continuar creditando à interdisciplinaridade, o valor de todo conhecimento encarnado em dimensões que o cuidado fosse se revelar a cada necessidade. Como não podia ler tudo, e por ter que dividir o tempo sem querer perder a referência na vida do aprendizado experimental, passei a encontrar nos “educadores somáticos” uma voz calada, que dialogava muito mais com a prática da reabilitação, do que a própria

focava bem mais nas “tecnologias duras⁴⁶”, que tornavam o manejo das máquinas, bem como os cálculos da aplicação de certas terapias, cenário mais próximo de um aprendizado avaliado por provas.

Lembro-me do pavor que tomou conta de uma companheira, a “segunda melhor colocada” aluna da turma, quando no primeiro dia de estágio, deveria dirigir-se a uma pessoa consciente, para avaliar.

Apavorada ela repetia em *looping*: “*o que vou falar? O que vou falar?....*”

Um fato muito distinto foi perceber que em sua maior parte, mesmo profissionais

já formados há anos neste tipo de ensino, reproduzem um discurso muito comum, que é a preferência por cuidar de pessoas inconscientes. Talvez seja a incapacidade de dizer, treinada e pactuada por um silenciamento formalizado nas condutas aprendidas sistematicamente durante toda formação.

Nossos campos de estágios eram regulados para atender alguns Hospitais Federais e ou Estaduais do SUS, até um equívoco acontecido no ano de 2015, quando em uma reunião a portas fechadas dentro da coordenação, pude como representação estudantil da Liga Acadêmica Estudantil,

⁴⁶Classificação feita por Merhy (2005), sobre tipo de assistência que envolve equipamentos tecnológicos e insumos de normas e naturezas diferentes.

‘Fisioterapia Baseada em Evidências’. E ainda nas férias, mergulhava pelos interiores da vida, encarnando o circo-teatro como a salvação de um corpo sacrificado e punido, por semestres inteiros de mortificação.

O estágio, porém, me faria enclausurar por dois semestres seguidos sem intervalo. Então até ele chegar, me muni de experimentação em mim mesma de aulas vivenciais. Iluminei meu entendimento de esperança e lendo biografias de educadores somáticos⁴⁷, campo que ganhou expressão no pós-guerra, tendo por seus maiores precursores, intelectuais interdisciplinares. Imergia em seus livros, mergulhando em todo o texto descoberto, e ou artigos publicados muito mais no campo das artes e filosofias, do que da própria saúde. Eu não queria me perder do que trouxera até aqui, então devia estar pronta para resistir toda e qualquer ‘torturante’ evidência, forjada para tornar pessoas seres inconscientes, objetos classificáveis. Eu, um “utensílio de utensílios”, premissa básica para que a liberdade de pensamento pudesse acessar o cuidado para uma melhor performance da humanidade do outro, me vigiava para não me “maquinificar”.

LAFISIO, discordar sobre a Universidade Federal do Rio de Janeiro, fornecer estagiários para uma rede privada, sendo voto vencido.

Na época, um episódio de racismo vivido por uma estudante negra, em um dos campos de estágio, gerou o descredenciamento de um importante hospital. O silenciamento do caso, porém nunca deu à esfera pública, qualquer possibilidade de processo administrativo, já que o caso ocorreu por uma funcionária do SUS.

Eu que sonhava desde sempre com a

Atenção Primária tive que me agarrar a única oportunidade de estagiar em um campo de estágio da atenção terciária, dividindo o período entre cuidado ambulatorial e hospitalar, um Hospital Federal Militar. Um desafio para quem queria viver a experiência de também manejar as “tecnologias leves”(MERHY, 2005).

⁴⁷ A Educação Somática é um campo teórico-prático composto de diferentes métodos cujo eixo de atuação é o movimento do corpo como via de prevenção ou de transformação de desequilíbrios de uma pessoa. Os métodos mais antigos foram se estruturando desde o início do século XX na Europa e na América do Norte(BOLSANELLO, 2010, p.19)

Os cenários foram bem delineados, segundo o manejo organizado por Merhy, sobre as tecnologias em saúde, a UTI, as mais duras tecnologias inferidas são as mais utilizadas, passando pela internação, as leves-duras. Á não ser no ambulatório que fugia a regra das leves tecnologias, pela permanência dos pacientes cronicizados, que carregavam para suas sobrevivências, a marca da tecnologia “leve-e-dura” para casa, como se continuamente permanecem ligados aos fios da UTI. Seus desejos pelo direito de uma saúde mais humana os fizeram dos papiros mais preciosos, que pude reinscrever, lhes dando o melhor conhecimento teórico, e experiencial, que pude conjugar até aqueles dias.

As escritas, deram á eles uma memória que carrego do pleno aprendizado em saúde, e me fazem eco da cronicidade mais desejada: - as narrativas de vidas - reconstrução permitida principalmente pela artesanania somática de uma cirurgia “neo-plástica” itinerante, modificando cada marca de violência deixada em meu corpo-aprendiz.

8.6 A UTI, o primeiro sub-solo

A primeira grande dor foi fazer uma higiene brônquica em uma mulher, que já tinha passado pelo mesmo procedimento, em um pequeno intervalo de tempo. Eu, recém-chegada, ainda não possuía expertise de avaliar todas as escalas para saber o grau de gravidade e ainda perceber as infusões de medicamentos. Só percebi com a saída de sangue que não havia secreção que justificasse o procedimento. Reclamei com o preceptor por ter-me feito violar aquela senhora, ele deu um pequeno sorriso por trás da máscara dizendo que era assim mesmo no primeiro dia.

Fiz dupla com outra estagiária, para que nos amparássemos em direito de melhor

cuidar das pessoas, que estavam ali. Muitas, nunca pudemos sequer ouvir a voz e olhar nos olhos. Criamos estórias ficcionais para todas elas, pois nunca tínhamos acesso às suas famílias; então o que podíamos saber, estava registrado em um prontuário frio, cheios de siglas e procedimentos repetidos. Uma das mais curiosas histórias criadas foi de Dona Ed.

Enclausurada em um corpo dormente por pelo menos três meses inconsciente, era alvo de piadas maldosas e manejos desrespeitosos, que nos alarmava o espírito. A fim de lhe prestar um melhor cuidado, eu e Nic, atendíamos todos os pacientes a nós delegados, e cuidávamos juntas da nossa professora de ballet, identidade que Nic jurava imaginar ter sido Dna Ed, antes que seu corpo se desviasse

Desvelamento iniciado enquanto ainda substância ainda informe, eu era tecida no seio mais profundo da terra⁴⁸.

Para viver sem angústia, é preciso viver distraído de si mesmo e do mundo; é preciso reconstruir em torno de si odores e os ruídos da infância, que são os únicos econômicos, pois pedem apenas gestos e atitudes mentais espontâneas.

(MEMMI, 2007, p.62)

Acesso, portanto, algumas narrativas, que me dizem agora de um tempo não muito distante, que registrar foi a melhor oportunidade que pude dar além da memória impressa em meu corpo *utensílio*, ao ato de apreender - a palavra. Parte do esforço cognitivo que expressa um signo identitário, da ficção de vida, que transcorre também na noite dos tempos, sem que nos percamos de nossa mais singela percepção.

para o descontrole da obesidade mórbida.

Assistimos diversos episódios de indiferença e palavras maldosas, debruçados sobre sua condição de inconsciência, mantida por meses de coma induzido. Quando sua sedação foi permitida pela estabilidade ser diminuída, ela foi acordando, mantinha, porém seus olhos sempre fechados.

Aprendemos ler, descobrir pruridos em áreas do corpo, e aliviá-los com óleo, um creme, um cuidado banal, porém implicado em uma completa impossibilidade, visto o distanciamento preconizado nesse cenário.

Precisamos de pensar cuidadosamente através do corpo de modo a nos cultivarmos e a edificar os nossos estudantes, porque a verdadeira humanidade não é um dado genético mas uma realização educacional

na qual o corpo, a mente e a cultura devem estar completamente integrados.
(SHUSTERMAN, 2010, p.22)

Nossa terapia deveria ser registrada detalhadamente na ficha de evolução de cada “corpo”, relatando todo procedimento, que nesse caso, pela gravidade manejava o suporte ventilatório; terapia para evolução de desmame, reposicionamento no leito, higiene brônquica e fisioterapia motora.

Porém éramos alvo de estranhezas, porque nosso cuidado ganhava o ‘rótulo’ de ser particular⁴⁹. Como havíamos construído um laço de afeto enquanto alunas ainda na universidade, pudemos não sucumbir ao sistema hostil de ensino para a (des) integralidade.

⁴⁸ Referência ao Salmo de Davi, de número 139.

⁴⁹ Definição feita pela distinção entre serviço público e privado, como se todas as pessoas não merecessem ser tratadas como pelos menos humanas, ainda que em uma instituição pública.

Rio de Janeiro, Agosto de 2016

Atrás da porta

É dia primeiro, agosto de quem?

Chegamos únicos de curiosidade e expectativa, afinal antes que estivéssemos definidos, recebemos a notícia do setor em que cada um/a trabalharia. Figurino branco, e um ‘susto’, já fui participada do destino: o CTI- Centro de Terapia Intensiva.

Descemos os corredores das rampas silenciosas, tudo parecia se tornar menos colorido, Corri da memória e logo percebi que chegara a hora de atuar do outro lado:- As ilustrações dos livros, os sermões dos mestres, os anos sentados na cadeira da ciência deveriam servir para algo, afinal, último destino da formação: - O estágio...

Diante de nós os doutores, andavam de um lado para o outro fazendo a “passagem do plantão” falando quase em códigos. Das muitas siglas, entendíamos uma ou duas naquele cortejo seguido atentamente pelos nossos ouvidos, às vezes quase inapropriado à arquitetura justa, ocupada por macas e máquinas desafiando a regra de ocupação dos espaços, que Newton tanto reafirmou.

Os leitos, repletos de corpos quase sem almas, alguns só em números identificados, outros com nomes, e poucos, até a família era citada, enquanto circulava quase sem interrupção, infusões com reposição nas bombas contidas de “vidas” em soluções intravenosas.

Descobrimos que Dna Ed, se mantinha de olho fechado, para não ver além de seus sentidos que seu corpo invadido, não se podia defender. Foi depois de um banho manipulado por novos profissionais da enfermagem que estavam em treinamento, todos homens, que a encontramos com seus olhos transbordando. Como era de costume, relatávamos antecipadamente, pedindo permissão para tocar cada um/a, mesmo inconsciente. Neste dia entendemos que o único poder de Dna Ed, que já estava consciente, mas que ainda não podia falar, era o de fechar seus olhos, para não ver tanta “des-humanidade”. Perguntamos se ela chorava pelo banho, ela sacudiu a cabeça

positivamente, seguimos ainda: - Pela dor ou pela vergonha? – Vergonha.

Choramos todas juntas nesse dia, eu, Nic e Dna Ed, porque sentimos em nós a exposição dolorosa de “nossos corpos de mulheres” invadidos, abusados, integrados por uma precária vida.

Sobre o uso das tecnologias que Merhy⁵⁰, classifica como leve, leve-dura e dura, eu proporia agregar a *tecnologia somática*, como um modo de pensar pelo corpo, que nos pode capacitar de maneira integral, para que ao manejar as interlocuções do cuidado, tenhamos habilidade em transitar entre o saber, recursos e relações sem que algum desses itens fiquem em dívida com a nossa humanidade.

⁵⁰ Sendo a leve, fundamentada no campo das relações, as leves-duras pertencem ao saber estruturado, e as duras, as dos recursos materiais.

Aos poucos, aquela sinfonia que habitava meus sonhos, desligou-se e permaneceu só ao vivo. Nas manhãs dos meses definidos, já ousávamos circular tentando alívio para cada sofrimento. Buscávamos atrás dos tubos, as histórias de cada um, talvez porque isso nos fizesse tentar intervir em seus destinos, e onde não encontrávamos pistas, criávamos o nosso próprio conto, afinal de onde vinham suas razões? Por onde andaram seus sonhos e a que destino eles pertenciam? Foram muitos sustos, algumas altas, e uns óbitos. Afinal nem sempre nos é dado o poder de reabilitar a vida, mas a cura hoje eu penso, em muitos casos, está na qualidade da despedida...

8.7 A Internação, o segundo sub-solo

A internação era uma espécie de extensão da UTI, onde os pacientes mais estáveis transitavam entre a alta hospitalar, ou a saída para outra unidade. Isso nos fazia bem “íntimos” de alguns. Fato que nos tornava parte da “razão evolutiva” por muitas terapias também por nós, mesmo como estagiários, propostas e manejadas. Vovó, era um desses casos, acompanhei sua chegada e por todos os dias que estive em um leito, que pela localização espacial, sabíamos ter sido ocupado pelo seu “mal prognóstico”. Já tinha, portanto um certo “estigma” de levar mais tempo, do que a maioria das outras condutas, o que me fez muitas vezes, impedir o médico por ela responsável, de atendê-la no tempo dele. Quando “dividimos” o cuidado em ambientes que trabalham muitos profissionais de saúde, certa ordem acaba

tomando a rotina do tempo, sem uma combinação estruturada. Na rotina o respeito vai sendo construído, até pela boa evolução da/o “paciente”, dado a acertada terapia transdisciplinar.

Eu quase ‘objetifiquei’ por amor, *Vovó* como sendo minha, de tanto querer lhe devolver o direito de retornar à sua casa, ainda que fosse para seus últimos dias. Nunca pude ouvir sua voz, mas descobri suas preferências musicais. Enquanto cantava para ela, lhe perguntava se gostava, e se uma espécie de serenidade tomasse conta de seu corpo, eu sabia a resposta. Durante cada conduta, mais dura que fosse, desde a intubação, traqueostomia e o desmame, estive presente segurando-lhe a mão quando não era a profissional responsável. E, enquanto conduzia a responsabilidade pela fisioterapia, lhe dizia ao ouvido, confortáveis palavras.

...um contato mais meticuloso e sensível com a nossa “percepção do que o corpo está sentindo” ”-....- é uma frente de vital

Rio de Janeiro, 20 de Agosto de 2016

Por Um Fio

Em leitos de histórias
A vida perplexa se
acomoda,
Infusões variadas
Ventilações
acopladas..

Instável,
comatoso,
vigil ou toporoso
Glasgow,
Hamsay,
Tobin,
Anasárcico,
Séptico

Alcalose ou acidose?

Compensando a homeostase,
Os olhos atentos e
responsáveis
De quem oportuniza o milagre

Grata Dna Maria,
Um reflexo glabellar
O esboço de seus ombros
débeis
Sua fala silenciosa, discreta,
Sem uma só palavra
Disse muito profundamente:
Cuidar, mesmo mediante à
morte,
vale à pena..

importância para travar a batalha por
uma atuação mais humana dos seres
humanos, e por uma melhor integração
com o mundo que nos rodeia.
(MYERS, 2014, p. XI)

Tomei um tempo para dedicar essas
páginas aos registros de uma prática
supervisionada, sem ter a prepotência ou
vontade de quaisquer ato de heroísmo,
mas por querer refletir sobre o fato que
me mantém perplexa: - Existem tantas
outras formas de ensino e aprendizado
sobre corpo disponíveis, e ainda hoje
ignoradas. Talvez pelo fato de não ter
uma premissa pedagógica diretiva à

Um outro “domínio *disciplinar*”, nos
fazendo empobrecidos por uma
fragmentação a meu ver, interessada.
Terá a visão mecanicista tradicional⁵¹ da
anatomia despersonalizado nossas
relações com o nosso interior, ecoando
em des-humanidade, ou será que a
necessidade do entendimento do todo por
uma fragmentação facilitária, nos fez
pessoas incapazes de apreciar o corpo
como um meio uníssono de recursos
inesgotáveis, pondo à prova os sistemas
mais amplos do mundo que nos cerca?

⁵¹ Em seu livro “Trilhos Anatômicos”- Dra Thomas W. Myers, que data sua primeira edição de 2001, nos faz um convite “humilde” de quem se dedicou pensar a anatomia do corpo, por outras vias, levando em consideração educadores somáticos, anatomistas, filósofos. Uma extensa obra debruçada aos detalhes de uma anatomia, levando em consideração os meridianos miofaciais - Uma rede de sobreposições de tecido conjuntivo, que une o corpo em sua incrível indissociabilidade, um TODO imanente.

Rio de Janeiro, 1 de Novembro de 2016

Despedida – A Valsa

Ela chegou quieta, sedada, vestida de um corpo frágil e ternura, que transbordava além-leito... Quase não nos vimos, tínhamos prioridades mais graves em outros boxes, mas a rotina dos dias seguintes nos aproximou. “Tomei-a como fosse minha”, diante de suas fâcies e hipotonias, nos encontrávamos, mesmo mediante a sedação, o torpor. Passamos juntas o momento da ventilação, do desmame..., disputamos o tempo da hemodiálise, sem trocarmos uma palavra sequer. Em seu segredo, mexia cada espaço possível do movimento. Seu engrama corpóreo, suas reações esboçadas com discrição, refletiam sobre sua lida. Sua história, era quase uma ficção lutando pela vida, em um corpo que, entregue aos vários profissionais, me pertencia parte do dia. Nossa parceria cresceu. Á minha voz, o esboço do sorriso tornou-se ávido já nos correspondíamos, uma fusão de corpo, de realidade, de sentimentos.

8.8 Ambulatório, o térreo

Foi no mundo paralelo, de livros que pareciam contos, que encontrava a viabilidade dos estudos acadêmicos. O Caso Nora⁵² foi um desses *livretos*, que me salvou da ignorância, e de ter que aplicar “terapia placebo”, em muitos casos considerados perdidos. Mesmo as etapas pós-cirúrgicas, cercadas de protocolos, emergem de pessoalidade, quando se aprende manejá-las pelos sinais que o corpo transborda. Nenhum adoecimento é igual, a recuperação de intervenções catalogada para certas patologias, deveria tornar a “mesma abordagem” sempre em

outra, pois nada se repete de um indivíduo.

Há muitos tipos e modos de aprendizagem. Há alguns analfabetos que aprenderam mais e melhor do que eu e você. Há a aprendizagem de uma habilidade; há o tipo de aprendizagem no qual aumentam nosso conhecimento ou a nossa compreensão daquilo que já sabemos. E há o tipo mais importante de aprendizagem que acontece ao longo do crescimento físico. Por “crescimento físico” quero dizer aquela aprendizagem na qual a quantidade cresce e se transforma numa nova qualidade e não no mero acúmulo de informações, apesar de toda sua virtual utilidade. Frequentemente não enxergamos de maneira alguma tal modalidade de aprendizagem; pode estar acontecendo no decorrer de espaços de tempo mais ou menos extensos, sem objetivos aparentes e, então, surge uma nova forma de ação, como se vinda do nada. (FELDENKRAIS, 1977, p.15)

⁵² Livro de Moshé Feldenkrais publicado em 1977, sobre o caso de uma mulher de sessenta e poucos anos, que sofreu uma lesão no lado esquerdo do cérebro enquanto dormia. O autor descreve sua prática de reabilitação, intervindo por duas técnicas por ele criadas: - Integração Funcional e Consciência pelo Movimento, que ele chama de um ponto entre a intuição e o futuro evangelho científico.

Mesmo o que era invasivo, se instaurou fluidamente com docilidade, e nossos marcadores já logo admitiam a homeostase que só a mágica da vida pode admitir em meio a dor da falência, da desaceleração

Cada novo saber permeado de crença, reafirmava o dia, as horas, até a alta... Encontrei-a no último dia do confinamento abatida em seus sentidos, até me notar, e com seu modo articulado e minucioso já descoberto como nosso vínculo de comunicação, relatou-me “que ia descer”. Em uma expressão de grande expectativa, curiosidade e medo..., parecia uma criança quase me pedindo que a defendesse.

Tornamo-nos próximas novamente, eu mudara de setor junto com ela; parecia que estar era uma prioridade dos nossos destinos. Fui ao primeiro dia, e sua agitação e ansiedade por “descer” não a deixou dormir a noite. Antes mesmo que ela balbuciasse, entendi que “descer” tinha um significado para além de mudar o local de tratamento no hospital. Sua memória estava em casa, embora eu não fizesse ideia da dimensão geográfica, seu corpo me dizia que não queria mais aquele espaço. Conversamos um pouco, o conforto do toque, do olhar, e as tensões afundaram o colchão. Não pudemos reabilitar os movimentos, naquele momento o maior tratamento funcional, era treinar a esperança, e ela adormeceu...

Nenhuma citação desses autores, foi feita nos seis anos que estive em formação, na Universidade. Que bom que os encontrei à margem: - Mézière, Thérèse Bertherat, Ida Rolf, Moshè Feldenkrais, Thomas Myers, pedaços essenciais à construção de um quebra cabeças, que me fez não descrever do aprendizado em saúde.

Entre ciência e arte, a Educação Somática é um campo teórico-prático composto de diferentes métodos cujo eixo de atuação é o movimento do corpo como via de transformação de desequilíbrios mecânico, fisiológico, neurológico, cognitivo e/ou afetivo de uma pessoa. Os métodos que compõem o campo foram fundados há mais de um século na Europa e na América do Norte: Técnica de Alexander, Feldenkrais, Antiginástica, Eutonia, Ginstica Holística, Continuum, Body Mind Centering, Cadeias Musculares e Articulares, G.D.S., Somarritmo e certas linhas do método Pilates. (BOLSANELLO, 2011, p.307)

Das muitas narrativas de cuidado que registrei enquanto estava no

Ambulatório, escolhi o caso Mari, já que foi o único que tratei integralmente com todos os dispositivos que pude retirar dos livros, e artigos sobre o mestre Feldenkrais. O fato de ter que em cada setor produzir uma apresentação para toda a turma além dos preceptores, me fizeram debruçar pelas quase oitocentas páginas do prontuário. Ela que sofrera seu primeiro acidente vascular cerebral aos catorze anos, quando foi descoberta acometida pela síndrome de Hughes, carregava em seu corpo, uma série de comorbidades, que nos fazia quase descrever da compatibilidade com a vida. A fim de resumir em um só registro criei uma linha do tempo que pudesse condensar o que eu jamais conseguiria colocar em poucas palavras.

Foram três dias seguidos de interrupções, da hemodiálise, a troca da cânula, mas nos vimos, e ainda que os olhos se fechassem, parecendo querer ignorar o sofrimento, sua mão buscava a minha, quando lhe balbuciava “vovó” e seu nome à seguir.

Hoje, coloquei-a na prioridade, á principio ao ler o prontuário, não quis entender que estava quase claro que ela seria transferida para outra unidade, em outro bairro. Em sua ficha constava ‘DEMÊNCIA’, não pude concordar..., ao chegar a seu quarto, seu braço contido se agitava, sua voz calada pela traqueostomia parecia gritar com toda potência. Mais uma vez me dizia com seu corpo frágil que não queria isso.

Tudo era corrido, pois logo a ambulância chegaria: O banho, as malas prontas... Como protesto, após o banho, arrancou um “tufo” de cabelo. Sua acompanhante apavorada me relatava o ocorrido, sem parecer entender o que tinha acontecido.

Corri para ver todos os outros, que não menos importantes, me confiavam involuntariamente seus corpos, suas histórias. Eu queria vê-la, tornar toda terapia útil não possível de ser realizada nos dias anteriores.

Retornei, e todos sumiram, éramos só nós duas; conversei longamente, perguntei-lhe se podíamos sentar, ela disse que sim. Revestiu-se de um esforço com o álibi de quem já vencera muitas batalhas, e a cada comando, caprichava o movimento com a perfeição possível, amparada pelos meus braços debruçados já em saudade. Pedi que colocasse o seu braço de viável movimento em meus ombros, balbuciei uma valsa e dançamos...

Eu, apenas uma estagiária, juntei todos os pontos do quebra cabeça, e apresentei o caso, com artigos, que respaldavam toda a conduta que eu aplicava, e ainda comunicavam interações que provavelmente teriam agravado muitos registros que hoje congelavam o corpo de Mari, ossificando importantes articulações.

A dor que me cortava o peito, era a crença em uma infeliz certeza, de que mesmo seu corpo construindo um novo e promissor caminho, não seria suficiente para que houvesse uma continuidade desbravadora. Quando eu fosse embora, ela tornaria ser cuidada com terapias completamente contra-indicadas à peculiaridade de seu caso.

Como não foi suficiente a apresentação sob o espanto dos olhos do preceptor, fui pessoalmente à Coronel responsável pelos casos de acometimentos neurológicos, ela que tinha mais de trinta anos de prática na profissão, me disse que eu era muito “hippie”.

É preciso aprender enxergar o “crescimento físico”, que Feldenkrais (1981) define como uma quantidade que cresce e é transformada em uma nova qualidade, nos deixando de ser um mero acúmulo de informações, senão jamais poderemos provocá-lo no outro.

Quinze dias depois, de ter concluído o estágio, retornei para buscar a documentação comprobatória, e passei no ambulatório. Lá estava Mari, sendo

Seus olhos se fecharam, como quem quisesse permanecer naquele prazer, em seu rosto a face de brandura que eu bem conhecia de quando alcançava um descanso....

Ela cansou, já era hora da ambulância chegar, disse que eu a amava, e seus lábios calma e articuladamente disseram o mesmo. Saí para o local dos prontuários, o seu já havia sido removido. Sem segredos da minha dor, pedi para fraquejar em braços amigos, chorei, rapidamente para não causar tanta estranheza, e segui para as outras enfermarias, obstinada a não me perder de mim mesma, mesmo que para isso, eu encontrasse com a dor da/o outra/o...

...”um contato mais metucioso e sensível com a nossa “percepção do que o corpo está sentindo”-....- é uma frente de vital importância para travar a batalha por uma atuação mais humana dos seres humanos, e por uma melhor integração com um mundo que nos rodeia”.

(MYERS, 2014, p. 11)

sendo manipulada, como uma boneca sem alma, pelos doutores que não foram capazes de reconhecer uma proposta diversa de suas práxis fundamentada em protocolos acumulados só de informações. Mesmo em artigos do cânon científico, encontrei contraindicação em atividade passiva Um aceno à distância e um olhar comprido lateral de seus olhos amendoados, ainda me cravam a pele de saudade pela anunciação que o corpo de Mari me afetava de múltiplas possibilidades, em cada um de nossos encontros.

O analfabetismo do soma nos faz embrutecidos, uma incapacidade cognitiva que mutila a possibilidade de um corpo social mais humanizado.

"A Informalística"

Entre propedêuticas e compêndios reumatológicos
Rastreo a vida em palavras,
Ela , a poesia, que me salve
Das patológicas e perversas "algias"
que enrijecem não o corpo, mas sim, a alma...

(Nilcéia Figueiredo, 2016)

8.9 O Caso Mariana

Rio de Janeiro, 3 de maio de 2017

A Menina dos cílios longos...

Ela chegou assustada, com as pernas abduzidas em ângulo que não podia deixar as coxas livres da compressão dos braços da cadeira de rodas. No pescoço, um orifício metálico desobstruído, não calava os ruídos de sua dor. Uma dose alta de corticoides, não era suficiente pra conter a estenose que a impedia de decanular, mas isso, em meio á todo panorama, não era o mais grave, aliás, classificar o item de maior relevância para iniciar a conduta, era tão desafiador que pude ver nos olhos dos profissionais, estagiários e até pacientes que estavam presentes no setor, um misto de pavor, misericórdia e descrença...

A cena era realmente apavorante; diante de nós, a morena de profundo olhar, chegava dentro de um corpo de dezenove anos, empurrado por uma senhora que parecia manter a calma e esperança com sua tez dividida entre dois sentimentos: - De um lado o olho bem aberto parecia atento e disposto a reagir a quaisquer que fossem as ações, do outro porém, a pálpebra relaxada parecia imersa em paz e confiança, ou talvez já cansada de lutar. Preferi me conter um uma posição mais contemplativa, enquanto o preceptor interpelava, e eu buscava a maca ortostática, como se fora possível uma intervenção suportável, já que sua face enrijecida, nos indicava um “prócero” característico de dor absurda.

A transferência foi um gemido profundo e soprado ao final. Tive a impressão que o ambulatório ficou paralisado junto ao som inexprimível extensivo à anti-sala que se abalou e congelou em um silêncio profundo. Toda discrição era impossível de manter-se, afinal M sofria de uma síndrome auto imune que intervia na coagulação sanguínea, e suas articulações do quadril começaram à ossificar. Ninguém tinha ideia do “porquê” - Nem sempre a ciência tem respostas cabíveis que nos podem conduzir para algum norte, mas abandonar, para mim não fazia nenhum sentido, porém foi quase sugestivo por nossa absoluta falta de recurso científico.

Tomamo-la com todo cuidado, insuficiente para os desconfortos que temíamos causar. Nenhuma terapia foi feita, então sem o que dizer exatamente, a culpa recaiu sobre a falta de analgesia, como se fosse esse o único problema. Queríamos ganhar tempo, nem sabíamos pra que, já que nenhuma proposta se desenhava diante da gravidade, afinal a ultima cirurgia feita para diminuir o acúmulo ósseo da articulação coxo-femural não tinha dado em nada, portanto o lado esquerdo da coxa permanecia imóvel, fixado em rotação externa e abdução, e o lado direito já demonstrava indícios de ossificação também.

Debrucei minhas horas sobre pesquisas, que não me mostraram nenhuma relação entre as síndromes. As noites tornaram meus pensamentos imóveis de como faria nosso próximo encontro ser produtivo. Tive medo da segunda de manhã, mas vesti-me de esperança e bom olhar, não queria que ela me encontrasse desanimada, meus olhos, minhas mãos, minhas voz precisavam trazê-la para a esperança da flexibilidade da vida. Ela chega então com uma dose de analgésico, porém com uma dor referida contralateral na região do TFL(músculo tensor da fáscia lata). Recebi a ordem de uma corrente aussie, um recurso eletroterapêutico usado para estimulação nervosa e sensorial com objetivo de analgesia, sem nenhuma indicação lógica aparente, usada neste momento conscientemente como placebo. Revesti-me de coragem e comeci dar comando verbal de micromovimentos. Á essa altura eu estava correndo atrás de tudo que pudesse fazer diferença, e consciência através do movimento me parecia razoável, diante das faltas de opções. Após nossa hora de atendimento, depois de negociar a permanência da mãe durante a terapia, à olhos nus, podia ver uma discreta rotação medial com adução da

perna direita, condição celebrada e percebida no todo pela mãe; só quem permanece expectador e participante do sofrimento por vinte e quatro horas de um dia tem olhos bem treinados pra celebrar as pequenas conquistas. Fiquei surpresa, tal foi o reconhecimento esperançoso verbalizado e, sem entender direito, sabia estar partindo em uma direção. Fizemos pequenos acordos, ousados para a condição aparente, porém dividia com ela a responsabilidade de gerar novos caminhos, embora tenha deixado quase claro que trilharíamos um caminho desconhecido, porém permaneceríamos juntas para o que desse e visse...

Ampliei os nossos encontros, agora com a expectativa de encontrá-la mais de uma vez por semana. Não pude deixá-la de incluir em minhas preces, sonhos...e aos poucos cada potencialidade de cura, circundava minha memória de seu corpo, fundindo aos poucos com meus desejos de movimentos. No fundo eu sabia que podíamos ser parte de uma mesma esperança.

Seu lado direito parecia dormir enquanto sua atenção não se tornava completamente lembrada para o fato. Relatou-me várias vezes não se lembrar daquela mão, portanto ousei introduzir um pouco da memória impressa pela arte, que me cedeu parte da paixão pelo movimento: “O em cena.

Era por volta do nosso quarto atendimento, quando sua mãe me disse que já estava ousando dar uns passinhos. Sua expressão era de uma criança tentando esconder a novidade, fui discreta o suficiente para tornar nossa terapia crescente à ponto de culminar em nossa primeira marcha. Quando chegou a hora, anunciei: agora vamos andar um pouco!

Seu olhar foi de pavor, misturado com a doçura de algo que já havia sido conquistado. Não era um sentimento claro, aliás, cada nuance de relato, ainda que fosse corpóreo, aparecia recheado de novos sentidos; aos poucos meus olhos a viam se redescobrir, como renascer para uma nova realidade, fosse seu movimento. Andamos, com seus braços estendidos sobre os ombros da mãe, que a amparava orgulhosa, e eu seguia os passos, tentando coordenar seu lado direito, amparando com minha perna coberta pelo branco do uniforme.

Em, 15-05-2017

As estratégias nasciam de muita pesquisa e experimentação, foi assim que Feldenkrais se tornou um mestre pra mim. Relia seus livros, buscando de alguma forma me apropriar de seu raciocínio. Mas aprendi me orientar pelo olhar, e a pouca fala de M e sua mãe, que sugeriu que ela ficasse um pouco comigo à sós. Foi então que a menina me contou de sua decisão acatada pela mãe de não mais fazer nenhuma cirurgia: “eles filmaram minha cirurgia pra estudo, eu não quero ver, sou eu né, é estranho”... Percebi o quanto ele se sentira invadida, e eu precisando relatar o caso dela em minha apresentação final do estágio, me contive em pedir á ela qualquer registro...

Foi no final de semana das mães, que consegui terminar de ler o artigo traduzido, que falava de um experimento com uma intervenção criada pelo mestre, chamada “‘ piso falso’”. Olhei várias vezes a conduta, imprimir a folha com os locais e ordem que devia tocar na sola do pé, e me revesti de uma de uma coragem para enfrentar a estranheza de um ambulatório inteiro...

Falei a ela que precisávamos fazer mais uma das estranhas coisas que eu propunha, e ela sem pestanejar concordou. Era o que eu precisava, e ainda avisei que iríamos nos levantar e andar várias vezes, coisa que até agora ousávamos fazer somente ao final do atendimento. A primeira vez que levantou, não queria nenhuma ajuda, mas foi preciso que a apoiássemos. Porém das outras vezes, levantou-se com uma desenvoltura que eu nunca tinha visto. Perguntei sobre a sensação de deambular, e sua fala conferia com a descrição do artigo que eu lera. Quando caminhávamos para o término da conduta, dirigindo-se para a cadeira que, propositalmente ficava estacionada

já na reta da saída da sala, uma alegria de quem não dá conta de relatar só com palavras, tomou-lhe o corpo, ela colocou-se a dançar, com os pés fixados ao chão, deslizava o tronco em um movimento latero-lateral, cheio de esperança no futuro.

Por seis meses, as estratégias conjuntas foram reorganizando possibilidades para além do que esperávamos. Já sem medicação nenhuma para dor, Mari ousava dar uns passinhos, se levantava só de sua cadeira e até ensaiava uma dancinha, movendo seu corpo látero-lateralmente. Foi assim que tanto Feldenkrais quanto Mari se tornaram mestres para mim. Eu lia e relia tanto seus livros, quanto o corpo de Mari, e os trilhos das novas estratégias incorporadas por infinitos aprendizados nos fizeram crescer mesmo em um corpo não previsto pelas regras da normatividade.

CONSIDERAÇÕES INCONCLUSIVAS

Quando iniciei o registro das “acontecências” já imaginava que a grafia não daria conta do fim. Como poderia concluir a teia que tentei “dissecar” simbolicamente, desfazendo em tantas camadas do tecido fascial, sem querer portanto separá-las dos ossos, juntas e medulas em continuidade com o mundo?

Imagino essa estrutura fibrosa bem flexível que mantém o corpo do encontro, em unidade para além dele, tendo na ecologia sistêmica do mundo, infinitas formações de corpos em acontecimento constantes á todo instante, estruturas indefiníveis.

Nunca tinha estado tão nua. À medida que escrevia, despia esse corpo que não é só m-eu, e que tem na transcendência das relações vozes coletivas afinadas em ritmos distintos, muito além do que eu possa querer definir e ou categorizar, foi se de-formando diante dos meus sentidos atento ao sensível, muitas vezes quase insuportável.

Resgato, porém nesse corpo nosso forjado antes desse tempo, nesse tempo e para o tempo vindouro, algumas categorias que me permitiram guiar o registro, que gostaria de grifar como forma de arremate, uma “bainha de mielina memorial”.

A primeira delas foi a possibilidade de coexistência de uma realidade em paralelo de diferenças culturais étnico-raciais em um mesmo corpo, sem que essas precisem se fundir, podendo se antagonizar, ou mesmo complementar, proposta por Cusicanqui (2010), pela “teoria ch’ixi”. E que mesmo numa temporalidade deslocada, inferindo profundas diferenças sócio-políticas, não invalidam a reinvenção de novos territórios corporais como forma de relação contenciosa sem fronteiras definidas, uma proposta teórica-prática para o exercício de descolonização. Partindo desta categoria, foi possível uma conversa com todos os outros autores e autoras, distintas formas de produção de conhecimento que articulo no texto, inclusive conseguir transferir do meu corpo-conhecimento transdisciplinar, o registro para essa dissertação.

Outra definição importante, foi o chamado para encontrar nas escritoras marginalizadas, a maioria negras, um corpo coerente, presente na escrita. Por isso essas mulheres que me ajudaram aos cinquenta anos, ter um letramento racial fortalecido forjando minha identidade enquanto pessoa, mulher ch’ixi, são vozes centrais desse texto. Elas que me convenceram de que é preciso denunciar, para além da dor que a exclusão possa tentar

expropriar de nós quem somos. Ainda estou em aprendizado para lidar com os episódios de racismo. O mais recente, em março de 2022, me fez subir para o 11º andar do consultório que trabalho há 7 meses, “escoltada” discretamente a mando do porteiro, que ao não me reconhecer, ainda que estivesse com meu jaleco branco dependurado no braço direito, perguntou se eu ia limpar o consultório.

E por último, e não menos importante, a sabedoria das minhas parceiras e mesmo os parceiros, estudantes, mestres, amigas e amigos de caminhada que deram corpo ao encontro, fazendo possível a prática da política e dos nossos povos originários Guaranis: *nhomongueta*, *ogwota porã rã*, possível mesmo quando discordamos. Esse é o significado dessa política, dialogar, caminhar junta/os sem que ao somar conhecimento signifique *oguerova joeko* - modificar o mundo do outro. Se nos modificamos é porque em afeto achamos sentido para isso, não porque fomos convencidos ou tivemos que fazer adaptações para estar.

PÓS-FÁSCIA-PELE

Quis voar como criança
 Peguei carona na descendência
 Hoje ela está mais lúcida
 mais viva, e mais leve que minha memória.

Meu vínculo uterino
 menina destino
 onde me vejo presente/ausente

Seu corpo me diz intenso e percepto
 Que a vida é um fluxo de trocas
 encontros,
 conexões
 Afecções

Imperfeições e alentos

Me vou convosco

conosco

conexa

enumerando perplexos

em outros corpos dismorfos

as vezes só cibernéticos

canto – a criança

o útero

a esperança

um sendo mundo

complexo.

Nilcéia Figueiredo 3/09/2020

REFERÊNCIAS

ALVES, A et al. Política de humanização da assistência ao parto como base à implementação rede cegonha: revisão integrativa. Revista de Enfermagem da UFPE, Recife, v.11, n.2, p.691-702, 2017.

ANASTASIOU, L. et al. Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. Joinville-SC, Editora Univille, 2015.

ARENDT, H . Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARTAUD, A. Escritos de Antonin Artaud. Tradução, notas e prefácio de Claudio Willer. Porto Alegre: L&PM, 1983.

BARROS, M. Poesia completa / Manoel de Barros – São Paulo: Leya, 2010.

BAUM, C, & K. Enação: conceitos introdutórios e contribuições Contemporâneas. Revista Polis e Psique, 8(2), 207-236.2018.

BECKER , S. H. Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais, Tradução Marco Estevão, 4ª edição – Editora Hucitec, São Paulo, 1999.

BENITES, S. **Nhe'ẽ, reko porã rã: nhemboea oexakarẽ**: Fundamento da pessoa guarani, nosso bem-estar futuro (educação tradicional): o olhar distorcido da escola. TCC (Graduação)-Curso de Pedagogia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

_____ **Viver na língua guarani nhandewa** (mulher falando). Dissertação (Mestrado em Antropologia Social- Museu Nacional). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2018.

BENJAMIN, W.O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov (1936). In: Obras escolhidas, ensaios sobre literatura e história da cultura. V. 1. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012b, p. 213-241

BERTEHERAT, T. As estações do corpo. Trad. Estela dos Santos Abreu, Ed Martins Fontes, 6ª edição, São Paulo, SP. Brasil. 2001

BÍBLIA. Português. In: A Bíblia sagrada: antigo e novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BOLSANELLO, D. P. Em Pleno Corpo, Educação Somática, Movimento e Saúde, 2ª edição, Juruá Editora, Curitiba, 2010.

BONDIA, J. L. *Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas*. Tradução de Alfredo Veiga-Neto. 5 ed; 3.reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

BONET, O. Os médicos da pessoa: Um olhar antropológico sobre a medicina de família no Brasil e na Argentina. 1 ed. - Rio de Janeiro: 7 letras, 2014.

_____ Saber e sentir. Uma etnografia da aprendizagem da biomedicina. *PHYSIS: Ver, Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 9(1) 123-150, 1999.

BRASIL, Lei Nº 11.108. Os serviços de saúde do Sistema Único de Saúde - SUS, da rede própria ou conveniada, ficam obrigados a permitir a presença, junto à parturiente, de 1 (um) acompanhante durante todo o período de trabalho de parto, parto e pós-parto imediato. Brasília, 7 de abril de 2005; 184º da Independência e 117º da República.

BRASIL. Ministério da Saúde. Diretrizes Nacionais de Assistência ao Parto Normal. Brasília: MS, 2017.

_____ Nota técnica n 13/20/COSMU/CGCIV/DAPES/SAPS/MS. Secretaria de Atenção Primária à saúde. Departamento de ações Programáticas

Estratégicas. Coordenação-Geral de Ciclos da Vida. Coordenação de Saúde das Mulheres.

BRASIL, G et al. Parto no Brasil: intervenção médica ou protagonismo da mulher? *Scire Salutis*, v.8, n.2, p.9-23, 2018.

BOURDIEAU, P. Notas provisórias sobre a percepção social do corpo. Tradução Ana Maria F. Almeida Pro-Posições | v. 25, n. 1 (73) | P. 247-256 | jan./abr. 2014.

CAMACHO, V. Recuperando el espacio sagrado del parto: Exposición de Vivian Camacho en las Jornadas Internacionales “Nacer sonriendo” San Martín de los Andes, Patagonia rebelde, en mayo 2012.

CHIZIANE, P. **O canto dos Escravos**. Maputo: Matiko e Arte, Lda, 2017 .

_____. Entrevista. Maputo, 10 de abril, 2002. <https://www.geledes.org.br/paulina-chiziane-por-uma-nova-visao-mundo/> acesso, 28/12/2021.

CHYTAS, D. Outcomes of the use of plastination in anatomy education: current evidence. *Surg Radiol Anat* 41, 1181–1186, 2019.

COHEN, B. B. Sentir Perceber e Agir, Educação somática pelo método Body - Mind Centering. Tradução: Denise Maria Bolanho. Edições SESC, São Paulo, 2015.

CONRAD, E. Continuum. In Johnson, Don Halon. (Ed.), *Groundworks*.. Berkeley: North Atlantic Press. 1997.

_____. *Life on Land*. Santa Monica: Continuum Publications. 1998.

CÔRTEZ, CT; Oliveira, SMJV; Santos, RCS; Francisco, AA; Riesco, MLG; Shimoda, GT. Implementation of evidence-based practices in normal delivery care. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*. 2018;

CUNSIKANQUI, S. Ch'ixinakax utxiwa : una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores - 1a ed. - Buenos Aires : Tinta Limón, 2010.

DA SILVA, JP. Comunicação de retalhos: O diálogo contracolonial na costura participativa dos usuários do SUS. Projeto de qualificação de dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). 2021.

DALGALARRONDO, L. 1990 – D157a, Anatomia imaginada : imaginação na construção do corpo nas artes da cena, Campinas, SP : [s.n.], 2019.

DAVIS, A. Universa uol, entrevista

<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/02/01/lelia-gonzalez.htm>

DAWSEY, John. Turner, Benjamin e Antropologia da Performance: O lugar olhado (e ouvido) das coisas. Campos - Revista de Antropologia, [S.l.], p. 17-25, dez. 2006.

▬

DEBORD, G. 1997. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.

DE JEFERSON. M8 quando a morte socorre a vida, filme 2020.

DELEUZE, G. *Lógica do Sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2003. (Trabalho originalmente publicado em 1969).

DIAS, C. *Da corpografia: ensaio sobre a língua/escrita na materialidade digital*. Série Cogitare. Vol. 8. Santa Maria: PPGL-Letras, 2008.

ECO, U. *Como se Faz uma Tese*. Trad. Gilson Cesar Cardoso de Souza. 24. ed. São Paulo: Perspectiva, 2012.

EVARISTO, C. *Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita*. In: Alexandre, Marcos A. (org.) *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Mazza Edições, Belo Horizonte, 2007.

_____ Escrevivência: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Org Constância Lima, Isabella Rosado, 1ed, Rio de Janeiro, Mina Comunicação e Arte, 2020.

_____ A escrevivência serve também para as pessoas pensarem. Entrevista em novembro de 2020. Por Tayrine Santana, Itaú Social.

FAVERE, J., MENDES, Geovana Mendonça Lunardi. Resenha do livro “Tremores: escritos sobre experiência”. Revista Linhas. Florianópolis, v. 17, n. 35, p. 416-421, set./dez. 2016.

FELDENKRAIS, M. The elusive obvious. Cupertino, Meta Publications, 1981.

_____ O caso nora - consciência corporal como fator terapêutico. Trad.Maria Silvia mourão Netto, São Paulo:Summus,1979.

FERNANDES, C. Quando o Todo é mais que a Soma das Partes: somática como campo epistemológico contemporâneo. Rev. Bras. Estud. Presença, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 9-38, jan./abr. 2015.

FERREIRA, D. Dossiê vibrações inaudíveis. Entrevista <https://revistadr.com.br/posts/um-fim-para-este-mundo-entrevista-de-denise-ferreira-da-silva-na-revista-texte-zur-kunst/> Acesso 22/01/2022

FILHO, P. T. H. Ligas Acadêmicas: motivações e críticas a propósito de um repensar necessário. Rev. bras. educ. med.,v. 35,n. 4, Rio de Janeiro,2011.

FIOCRUZ - OBSERVATÓRIO COVID-19 .

<https://portal.fiocruz.br/noticia/observatorio-covid-19-destaca-alta-mortalidade-materna#:~:text=No%20ano%20de%202020%2C%20foram,45%20semanas%20epidemiol%C3%B3gicas%20nesse%20ano.> Acesso 8/06/2021

FORTIN, S. Educação Somática: novo ingrediente da formação prática em dança. Cadernos do GIPE-CIT. Grupo Interdisciplinar de Pesquisas e Extensão em Contemporaneidade, Imaginação e Teatralidade, n. 2, p. 40-55, 1999.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.

_____. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUIMARÃES R. J. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

GURUDEV, S. Performance as Methodology: Embodied Archives and Fabulation. *Feminist Anthropology*, 2021, 2: 312-324

GONÇALVES, A. M. *Um defeito de cor*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

GONZALEZ, L. "A categoria político-cultural de amefricanidade". *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988a.

_____. *Racismo e sexismo na cultura brasileira*. In: SILVA, Luiz Antonio Machado (org.) *Movimentos sociais e urbanos, minorias étnicas e outros estudos*. Brasília: ANPOCS, 1983.

HAMAMOTO F et al. *Ligas Acadêmicas: motivações e críticas a propósito de um repensar necessário*. *Revista Brasileira de Educação Médica [online]*. 2011, v. 35, n. 4 [Acessado 27 Março 2022]

hooks, b. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

JESUS, C. M. *Quarto de despejo – diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

_____. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nove Fronteira, 1986.

KENNE, P. O dilema do sociólogo segundo Pierre Bourdieu, Resenha ISSN: 2358-3541, UFRGS, *Revista Contraponto*, 2020.

KILOMBA, G. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KUMAR, G. S, Kumar A. Building Professionalism in Human Dissection Room as a Component of Hidden Curriculum Delivery: A Systematic Review of Good Practices. *Anat Sci Educ*. 2019 Mar;12(2):210-221.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LARROSA, J. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Porto Alegre: Contrabando, 1998.

LE BRETON, D. *La chair à vif. Usages médicaux et mondains du corps humain*. Paris: Éditions A, M. Métalié, 1993.

_____, O corpo é rascunho. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 mar., p.21.

LIMA, N. Boletim Observatório Covid-19. FIOCRUZ. 2021

<https://portal.fiocruz.br/documento/boletim-do-observatorio-covid-19-semanas-epidemiologicas-20-e-21-de-2021>. Acesso maio de 2021.

LUZ et al. As diversas faces da violência obstétrica no âmbito hospitalar. *Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde*, 1 (3).2019

LUZ, M. Complexidade do campo da saúde coletiva: multidisciplinaridade, interdisciplinaridade, e transdisciplinaridade de saberes e práticas – análise sócio-histórica de uma trajetória paradigmática. *Saúde e Sociedade*. 2009; 18 (2): 304-311

M8 – Quando a Morte Socorre a Vida; Direção: Jeferson Dê. Produção Carolina Castro. Local: Rio de Janeiro. Distribuição: Downtown Films/ Paris Filmes, 2019.

MALYSSE, S. R. Le Breton, David. *L'adieu au corps*, Paris, Editions Métailié, 1999, 230 pp. *Revista de Antropologia*, [S. l.], v. 43, n. 2, p. 271-278, 2000.

MARTINEZ, A. Neuroanatomia essencial. 1ª edição, Rio de Janeiro, Guanabara Kooogan, 2014

MARTINS, A.P. Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.

MARTINS, V. Aos nossos filhos in REGINA Elis. *Saudade do Brasil*, Rio de Janeiro, WEA, 1980.

MBEMBE A. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: n-1 edições, 2018

MATOS, A. Paulina Chiziane: por uma nova visão do mundo. Portal Gelédes. 2014
<https://www.geledes.org.br/paulina-chiziane-por-uma-nova-visao-mundo/> acesso, 28/12/2021.

MAUL, D. Centro de Ciências e Saúde. UFRJ 40 anos dedicados à saúde. .
<https://ufrj.br/noticia/2015/10/22/40-anos-dedicados-sa-u-de>. Acesso 31/10/2021.

MEMMI, A. Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2007

MERHY, EE. *Saúde: a cartografia do trabalho vivo*. 2ª ed. São Paulo: Hucitec; 2005.

MÉZIÈRE, F. citada por BERTHERAT, T. - O Corpo tem suas Razões - São Paulo: Martins Fontes - 1ª Ed. p. 133. 1976

MINISTÉRIO DA SAÚDE, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Gestão e Incorporação de Tecnologias em Saúde. – Brasília : Ministério da Saúde, 2017.

MOL, A. The body multiple: ontology in medical practice. Londres: Duke University Press; 2002.

MYERS, T.W. Trilhos Anatômicos - Meridianos Miofasciais para Terapeutas Manuais e do Movimento. Tradução - Maria Idalina Ferreira Lopes, 3ª edição, Barueri, Editora Manole, 2014.

MÜLLER, R. P. Corpo e imagem em movimento: há uma alma neste corpo. In: Revista de Antropologia, vol.43 n.2. São Paulo, 2000, 165-193.

NASCIMENTO, B. Todas (as) distâncias: poemas, aforismos e ensaios de Beatriz . Organizado por Alex Ratts e Bethânia Gomes. Salvador: Editora Ogum's Toque Negros, 2015.

_____ Textos e narração do filme Ori. Transcrição mimeo, 1989.

NETO, V. As duas faces da moeda: heterotopias e *emplazamientos* curriculares. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 45. p. 249-264. jun. 2007

NIVOLONI, K. corporeografias: Princípios da educação somática como estratégia de investigação criativa em dança. Salvador, 2008.

OLIVEIRA, R. G. et al. Desigualdades raciais e a morte como horizonte: considerações sobre a COVID-19 e o racismo estrutural. Cadernos de Saúde Pública [online]. 2020, v. 36, n. 9 [Acessado 25 Maio 2020]

ORTEGA, F. O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea, Rio de Janeiro, Garamond, 2008, pp. 90.

PARISA KARAMI, et al., Mortality of a pregnant patient diagnosed with COVID-19: A case report with clinical, radiological, and histopathological findings. Travel Medicine and Infectious Disease, 2020.

PAVONI, E. Edson Pavoni: “A função do Inumeráveis é não deixar nenhuma dessas histórias virar número”. [Entrevista concedida a] Rafael Duarte. Saiba Mais, Natal, 21 jun. 2020. Disponível em: <https://www.saibamais.jor.br/edson-pavoni-a-funcao-doinumeraveis-e-nao-deixar-nenhuma-dessas-historias-virar-numero/>. Acesso em: 26 jun. 2020

PÊGO, F. et al. O ensino médico além da graduação: ligas acadêmicas. *Diagn.Tratamento*, v. 16, n. 2, p. 50-1, 201

PIÑON, N. *Uma furtiva lágrima*, 2ª ed. Rio de Janeiro, Record, 2019.

PETERS, G. *Sociologias. A ciência como sublimação: o desafio da objetividade na sociologia reflexiva de Pierre Bourdieu*. n. 45, Porto Alegre: UFRGS, 2017.

PONTES, M. et al. Parto nosso de cada dia: um olhar sobre as transformações e perspectivas da assistência. *Ciência da Saúde Nova Esperança, João Pessoa*, v.12, n.1, p.69-78,2014.

QUEIROZ, A. *Corporema - por uma geografia bailarina*, 1ª edição, e-book, Vitória-ES, 2018
ISBN: 978-85-924688-0-4

RARAMI, P., et al. Mortality of a pregnant patient diagnosed with COVID-19: A case report with clinical, radiological, and histopathological findings, *Travel Medicine and Infectious Disease*, 2020

RATTS, A. *Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.

RIBEIRO, E. *Malungos e milongas*. São Paulo: Edição da Autora. 1988

ROLNIK, S. *Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. n-1 edições. 2ª edição, junho 2019.

RAIMONDI, G. et al. Análise Crítica das DCN à Luz das Diversidades: Educação Médica e Pandemia da Covid-19. *Revista Brasileira de Educação Médica [online]*. 2020, v. 44, n. Suppl 01 [Acessado 10 Julho 2021] .

ROSEMBERG, F. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.29, n.1, p. 125-146, jan./jun. 2003

SANTOS, A. M. S. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. *PLURAL*, Revista do Programa de Pós Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.24.1, 2017, p.214-241.

SENADO, F. Comissão temporária de Covid-19. Brasília, TV Senado. 3ª Sessão Legislativa, 56ª Legislatura, 23ª reunião pública. Transmitida em 21 de maio de 2021. Acesso em tempo real. <https://www.youtube.com/watch?v=75PdS1unXBg>

SEMINARIO Internacional Erradicação do Racismo na Educação Superior: Modos de contestar e Ocupar. Transmitido ao vivo em 5 de outubro de 2020.

<https://www.youtube.com/watch?v=kKrOfzk3c1A&t=5310s>

SIMBIOSE *Documentário*. Direção: Júlia Morim. Roteiro: Júlia Morim, Pernambuco, 2017.

SILVA e S. *EscreVivência: itinerário de vidas e palavras. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Org Constância Lima, Isabella Rosado, 1ed, Rio de Janeiro, Mina Comunicação e Arte, 2020.

SHUSTERMAN, R. *Consciência Corporal*. Tradução - Pedro Sette - Câmara. 1ª edição, São Paulo, Realizações Editora, 2012.

_____ *Pensar através do corpo, Educara para as Humanidades: Um apelo para a Soma-estética*. Rev. *Mal-estar na Cultura, IFHC-UFRGS*. Rio Grande do Sul, 2010.

SINGER M, C. S. Syndemics and public health: reconceptualizing disease in bio-social context. *Med Anthropol Q*. 2003;17(4):423-41.

SOARES, V. L. “Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social Psicologia Política. vol. 17. nº 39. pp. 203-219. mai. – ago. 2017.

SODRÉ M. *Samba, o dono do corpo*. Rio de Janeiro: Mauad, 2008.

SOUZA GFA et al. Mortalidade materna pela COVID-19 no Brasil. Rev. Bras. Saúde Matern. Infant., Recife, 21 (Supl. 1): S257-S261, fev., 2021.

SOUZA ,M.P. Simbiose. Museu da Parteira . Documentário dirigido por Júlia Amorim .
<https://www.youtube.com/watch?v=85KrdGJpQSI>

_____. Saberes e resistência, uma conversa sobre o partejar com Dona Prazeres | 2015
<https://www.youtube.com/watch?v=A3eF6cecAps>

SPIVAK, G. C. Pode o subalterno falar? Trad. Sandra Regina G. Almeida e Marcos P. Feitosandré Feitosa. Belo Horizonte – MG: UFMG, 2014.

STENGERS, I. Rev. Antropol. São Paulo, Online, 59(2): 155-186 [agosto/2016].

TALAMONI, ACB. Anatomia, ensino e entretenimento. In: Os nervos e os ossos do ofício: uma análise etnológica da aula de Anatomia [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2014, pp. 23-37. ISBN 978-85-68334-43-0. Available from SciELO Books.

TAKEMOTO, MLS et al, A tragédia do COVID-19 no Brasil: 124 mortes maternas e contando . Int J Gynecol Obstet, 151: 154-156, 2020.

THOMPSON, E., & Varela, F. J. (2001). Radical embodiment: neural dynamics and consciousness. *Trends in cognitive sciences*, 5(10), 418-425.

TORNQUIST, C. S. Paradoxos da humanização em uma maternidade no Brasil. Cadernos de Saúde Pública, 19, supl. 2: S419-S427, 2003.

TORRES et al. Academic Leagues and medical education: contributions and challenges. Interface - Comunic, Saúde, Educ 2008;12(27)713-20

TURNER, V. “Introduction”. In V. Turner. *From Ritual to Theatre: the human seriousness of play*. New York: PAJ Publications, 1982.

_____, V..Turner, Benjamin

VIEIRA et al. Practical skills are the most popular elective choice. Med Educ. 2004; 38:1015-

VENDRÚSCOLO, C. et al. A história do parto: do domicílio ao hospital; das parteiras ao médico; de sujeito a objeto. *Disciplinarum Scientia*, Santa Maria, v.16, n.1, p.95- 07, 2015

VELOSO, C. A língua,1984.

VIEIRA, V.D. A projeção do corpo no contexto da obra- uma reflexão a partir da instalação “a casa é o corpo” de Lygia Clark. *Revista de poesia e crítica literária*. Sibila, 2009.

<http://sibila.com.br/novos-e-criticos/a-projecao-do-corpo/2269>. Acessado em 25 maio de maio de 2021.

VIVEIROS, C.E. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana*, 2 (2), 115-144. 1996.

WATT, I. De Jorge Faust ao Faustbuch. In: WATT, Ian. *Mitos do individualismo moderno: Fausto, Dom Quixote, Dom Juan, Robinson Crusoe*. Trad. Mário Pontes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997, p. 19-40.